

Um novo Tempo da História

Parte 3 **História A** 10.º ano



10

Célia Pinto do Couto

*Maria Antónia
Monterroso Rosas*

Revisão científica
Elvira Cunha de Azevedo Mea

Professora catedrática
da Faculdade de Letras da
Universidade do Porto (ap.º)

Membro da Academia
Portuguesa de História

Membro do Conselho
Científico de várias revistas
científicas

Este livro respeita a nova ortografia, considerando a calendarização definida pela Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DCIDC) para a aplicação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, tendo-se mantido a ortografia anterior quando os critérios pedagógicos assim o exigiram.



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

 **Porto
Editora**



Tendo em vista a reutilização deste manual, sugere-se que as atividades e exercícios sejam realizados no caderno diário.

APRESENTAÇÃO

Renovado e enriquecido, *Um Novo Tempo da História* pretende, mais uma vez, marcar a diferença no ensino da nossa disciplina. Conscientes dos desafios que se colocam a professores e alunos, procedemos a uma revisão meticulosa do manual, que orientamos segundo dois vetores principais:

- preservar o espírito e características que sempre marcaram *O Tempo da História* e lhe granjearam a preferência dos professores;
- adaptar o seu conteúdo às exigências do ensino obrigatório e do exame final que, agora, incidirá sobre os três anos do ciclo.

Com estes fins em vista, redeseenhámos o grafismo, investimos, uma vez mais, na riqueza e adequação do dossiê documental, simplificámos o texto informativo. Introduzimos, também, rubricas novas que esperamos constituam uma mais-valia, tanto no espaço-aula, como é o caso dos Dossiês temáticos, como na consolidação dos conhecimentos dos alunos, que disporão, agora, de uma síntese ordenadora das Ideias Fundamentais de cada unidade.

Agradecendo, desde já, as sugestões que entendam endereçar-nos, fazemos votos de que este novo manual corresponda à ambição, por todos partilhada, de fazer da História uma disciplina de sucesso.

As Autoras

Estrutura organizativa de “Um Novo Tempo da História”

Abertura do Módulo

3

Abertura europeia ao Mundo
– mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI

Grandes viagens dos Descobridores nos séculos XV e XVI

Localização no espaço

Localização no tempo

Sumário

1. A geografia cultural europeia de Quatrocentos e Quinhentos
2. O alargamento do conhecimento do Mundo
3. A produção cultural
4. A renovação da espiritualidade e religiosidade
5. As novas representações da Humanidade

ÉPOCA MODERNA

Magalhães e
Tútem: 1519-22
1517-22

Ata de
Supremacia
1513-14

Reforma
Protestante

Abertura da Unidade Didática

1

A geografia cultural europeia de Quatrocentos e Quinhentos

Subunidades

Aprendizagens

Friso cronológico

Conteúdos

1.1 Principais centros culturais de produção e difusão de ideias e inovações

1.2 O desenvolvimento das cidades europeias – importância de Lisboa e Senebra

Aprendizagens

- Compreender a Modernidade como um fenómeno global que se manifesta nas ideias e nos comportamentos e encontra nos centros urbanos mais dinâmicos da Europa um espaço privilegiado de criação e de inovação
- Distinuir os principais centros culturais da Europa do Renascimento
- Reconhecer o papel inspirador da Itália

Documentos e texto informativo



À direita, o texto define proposta e pergunta norteadoras e lista cinco tipos de perguntas, as Três Grandes (Objetivo, Responsabilidade, Solução) e duas outras.

Legenda
explicativa



1. **Introduction**
 2. **Background**
 3. **Methodology**
 4. **Results**
 5. **Discussion**
 6. **Conclusion**
 7. **References**
 8. **Appendix**
 9. **Index**
 10. **Table of Contents**
 11. **Figure**
 12. **Table**
 13. **Figure**
 14. **Table**
 15. **Figure**
 16. **Table**
 17. **Figure**
 18. **Table**
 19. **Figure**
 20. **Table**
 21. **Figure**
 22. **Table**
 23. **Figure**
 24. **Table**
 25. **Figure**
 26. **Table**
 27. **Figure**
 28. **Table**
 29. **Figure**
 30. **Table**
 31. **Figure**
 32. **Table**
 33. **Figure**
 34. **Table**
 35. **Figure**
 36. **Table**
 37. **Figure**
 38. **Table**
 39. **Figure**
 40. **Table**
 41. **Figure**
 42. **Table**
 43. **Figure**
 44. **Table**
 45. **Figure**
 46. **Table**
 47. **Figure**
 48. **Table**
 49. **Figure**
 50. **Table**
 51. **Figure**
 52. **Table**
 53. **Figure**
 54. **Table**
 55. **Figure**
 56. **Table**
 57. **Figure**
 58. **Table**
 59. **Figure**
 60. **Table**
 61. **Figure**
 62. **Table**
 63. **Figure**
 64. **Table**
 65. **Figure**
 66. **Table**
 67. **Figure**
 68. **Table**
 69. **Figure**
 70. **Table**
 71. **Figure**
 72. **Table**
 73. **Figure**
 74. **Table**
 75. **Figure**
 76. **Table**
 77. **Figure**
 78. **Table**
 79. **Figure**
 80. **Table**
 81. **Figure**
 82. **Table**
 83. **Figure**
 84. **Table**
 85. **Figure**
 86. **Table**
 87. **Figure**
 88. **Table**
 89. **Figure**
 90. **Table**
 91. **Figure**
 92. **Table**
 93. **Figure**
 94. **Table**
 95. **Figure**
 96. **Table**
 97. **Figure**
 98. **Table**
 99. **Figure**
 100. **Table**

3.2 A relevância das formas artísticas - literatura e superação das condições de desigualdade

A par de fornecimento de produtos básicos, proporcionando pelo menos uma alimentação, o fornecimento de água e um abrigo adequado é essencial.

[illegible]

© 2004 Blackwell Publishing Ltd, *Journal of Internal Medicine* 255: 105–112

Keywords: children's literature; gender equity; social justice

Gravitation: - Force which pulls all the objects towards the centre of the earth.

100

100

[illegible]

It is especially important, says one expert, to focus on a specific area of the system, such as the way officials are selected, or on a specific institution, such as the justice system, and not on the entire system. That approach, a graduate of the Institute for Development Studies at the University of Cambridge, told a panel of practitioners gathered for the meeting, is essential for any change to be sustainable in the long run.



What's New: Includes new, in-depth, 100% of the...
 It's a new, 100% of the...
 It's a new, 100% of the...

Question

1. *Escherichia coli* O157:H7
2. *Salmonella enteritidis* (SE)
3. *Salmonella typhimurium* (ST)
4. *Salmonella enteritidis* (SE)
5. *Salmonella enteritidis* (SE)

[illegible]

100

[illegible]

5.5.3 A picture

Un'altra delle dimensioni a grande dimensione coinvolte in questo primo dibattito, sul tema delle grandi opere infrastrutturali di grande formato, è la funzione dei nuovi strumenti - istituzioni del territorio (Stato e le grandi opere) -, come dei nuovi religiosi, incarnazioni del Sacro e dei Sacri Spazi sacrali. Come vuole, a prima vista, l'ordine, e l'ordine che ha fatto del territorio un territorio, e che ha fatto del territorio un territorio di grande formato.

- Remissão para as questões dos documentos

Conceitos

Questões

Dossiê

questão 1

6. **Representação (Imagem/Iconografia)**

Imagem 1 (Detalhe)

- 1. Representação de São João
- 2. Representação de São Pedro

Imagem 2 (Detalhe)

- 3. Representação de São João
- 4. Representação de São Pedro

Imagem 3 (Detalhe)

- 5. Representação de São João
- 6. Representação de São Pedro

Imagem 4 (Detalhe)

- 7. Representação de São João
- 8. Representação de São Pedro

Imagem 5 (Detalhe)

- 9. Representação de São João
- 10. Representação de São Pedro

QUESTÃO 2 - Interpretação

1. A obra "Santo Antônio" do pintor Francisco de Holanda (c. 1575) apresenta um caráter de idealização.
2. O São Francisco encontra o Cristo no interior de São Francisco.
3. O São Francisco encontra o Cristo no interior de São Francisco.
4. O São Francisco encontra o Cristo no interior de São Francisco.

Resposta correta: 1. A obra "Santo Antônio" do pintor Francisco de Holanda (c. 1575) apresenta um caráter de idealização.

ANÁLISE DAS RESPOSTAS

1. A obra "Santo Antônio" do pintor Francisco de Holanda (c. 1575) apresenta um caráter de idealização.
2. O São Francisco encontra o Cristo no interior de São Francisco.
3. O São Francisco encontra o Cristo no interior de São Francisco.
4. O São Francisco encontra o Cristo no interior de São Francisco.

46

Análise de documentos

Sintese

Ideias Fundamentais

[illegible]

Síntese
por tópicos

Síntese esquemática

ÍNDICE

3

Módulo

A abertura europeia ao Mundo – mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI

8

1. A geografia cultural europeia de Quatrocentos e Quinhentos	10
1.1 Principais centros culturais de produção e difusão de sínteses e inovações	12
1.1.1 As condições da expansão cultural	
1.1.2 O Renascimento – eclosão e difusão	12
1.2 O cosmopolitismo das cidades hispânicas – importância de Lisboa e Sevilha	16
1.2.1 Lisboa	16
1.2.2 Sevilha	18
Dossiê	20
Ideias Fundamentais	23
2. O alargamento do conhecimento do Mundo	24
2.1 O contributo português	26
2.1.1 Inovação técnica	26
2.1.2 Observação e descrição da Natureza	30
2.2 O conhecimento científico da Natureza	32
2.2.1 A matematização do real	32
2.2.2 A revolução das concepções cosmológicas	33
Dossiê	36
Ideias Fundamentais	39



3. A produção cultural

3.1 Distinção social e mecenato

3.1.1 A ostentação das elites
cortesãs e burguesas

3.1.2 O estatuto de prestígio dos intelectuais
e artistas

3.1.3 Portugal: o ambiente cultural
da corte régia

3.2 Os caminhos abertos pelos humanistas

3.2.1 Valorização da Antiguidade Clássica

3.2.2 Afirmção das línguas nacionais e
consciência da modernidade

3.2.3 Individualismo, racionalidade, espírito
crítico e utopia

Dossiê

3.3 A reinvenção das formas artísticas – imitação e superação dos modelos da Antiguidade

3.3.1 A pintura

3.3.2 A escultura

3.3.3 A arquitetura

Dossiê

3.3.4 A arte em Portugal: o gótico-manuelino
e a afirmação das novas tendências
renascentistas

Dossiê

Ideias Fundamentais

40

42

42

44

45

47

47

49

50

52

56

57

66

68

76

80

86

89

4. A renovação da espiritualidade e da religiosidade

92

4.1 A Reforma protestante

94

4.1.1 Individualismo religioso e críticas à Igreja
Católica

94

4.1.2 A rutura teológica

96

4.1.3 As igrejas reformadas

100

Dossiê

106

4.2 Contrarreforma e Reforma católica

110

4.2.1 Reafirmação do dogma e do culto
tradicional. A reforma disciplinar

110

4.2.2 O combate ideológico

113

4.2.3 O impacto da Reforma católica
na sociedade portuguesa

116

Dossiê

120

Ideias Fundamentais

122

5. As novas representações da Humanidade

124

5.1 O encontro de culturas e as dificuldades de aceitação do princípio da unidade do gênero humano

126

5.1.1 A escravização. Os antecedentes da
defesa dos direitos humanos

128

Dossiê

132

5.1.2 O esforço de enraizamento da presença
branca: missionação e miscigenação

136

Ideias Fundamentais

140

Bibliografia

141

3

Grandes viagens dos Europeus nos séculos XV e XVI



Sumário

1. A geografia cultural europeia de Quatrocentos e Quinhentos
2. O alargamento do conhecimento do Mundo
3. A produção cultural
4. A renovação da espiritualidade e religiosidade
5. As novas representações da Humanidade

ÉPOCA MEDIEVAL

Caracteres móveis de Gutenberg (1440)

Queda de Constantinopla (1453)

Marcílio Ficino: tradução de Diálogos de Platão (1469)

Leonardo da Vinci: A Virgem dos Rochedos (1483)

Pico della Mirandola: Do Dignidade do Homem (1486)

Cristóvão Colombo nas Antilhas (1492)

Renascimento

1450



Módulo

A abertura europeia ao Mundo – mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI



ÉPOCA MODERNA

Vasco da Gama na Índia (1498)	Pedro Álvares Cabral no Brasil (1500)	Leonardo da Vinci: Giocondo (1503)	Miguel Ângelo: David (1504)	Erasmio: Elógio da Loucura (1511)	Maquiavel: O Príncipe; Thomas More: Utopia (1516)	Lutero: 95 Teses (1517)	Magalhães e Elcano: viagem de circun-navegação (1519-22)	Ato de Supremacia na Inglaterra (1534)	Calvino em Genebra (1541)	Portugueses no Japão; Sistema de Copérnico (1543)	Abertura do Concílio de Trento (1545)	Miguel Ângelo: São Pedro do Vaticano (1547)	Índex Nascimento de Galileu (1564)	Camões: Lusíadas (1572)
-------------------------------	---------------------------------------	------------------------------------	-----------------------------	-----------------------------------	---	-------------------------	--	--	---------------------------	---	---------------------------------------	---	------------------------------------	-------------------------

Reforma Protestante

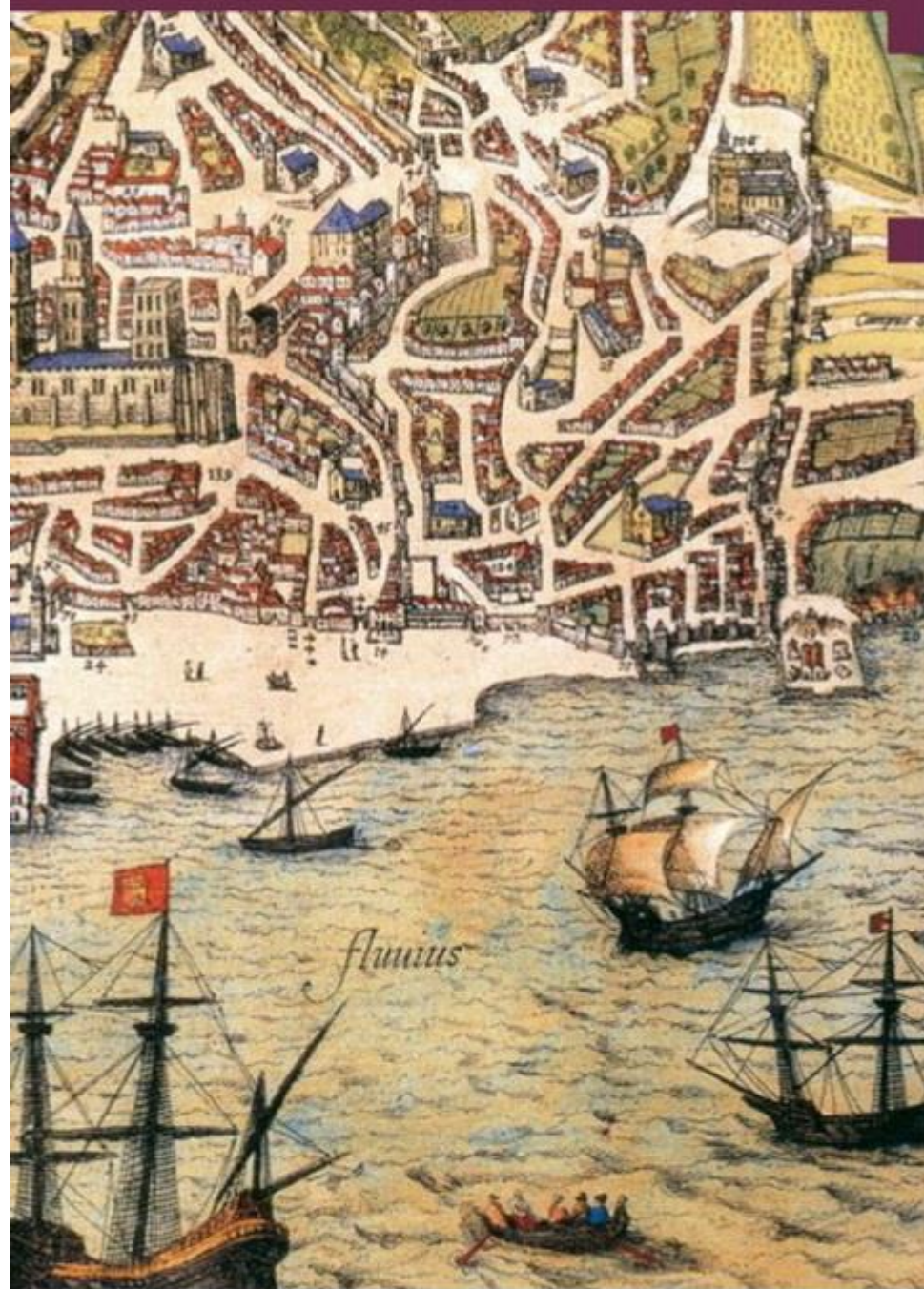
Reforma Católica

1500

1550

Unidade

A geografia cultural europeia de Quatrocentos e Quinhentos



Conteúdos

- 1.1 Principais centros culturais de produção e difusão de sínteses e inovações
- 1.2 O cosmopolitismo das cidades hispânicas – importância de Lisboa e Sevilha

Aprendizagens

- Compreender a Modernidade como um fenómeno global que se manifesta nas ideias e nos comportamentos e encontra nos centros urbanos mais dinâmicos da Europa um espaço privilegiado de criação e de irradiação*
- Distinguir os principais centros culturais da Europa do Renascimento
- Reconhecer o papel inspirador da Itália
- Destacar a especificidade do contributo cultural ibérico para o Renascimento
- Explicar o cosmopolitismo de Lisboa e Sevilha

* Aprendizagem estruturante

Início das obras do Mosteiro dos Jerónimos (1502)

Bramante, Miguel Ângelo e Rafael na Roma dos Papas (1503)

Universidade de Alcalá de Henares (Espanha) (1508)

Esau de Rotterdam, professor em Cambridge (1511)

Veneza, centro artístico de Itália (1527)

Colégio de França em Paris (1530)

Colégio das Artes em Coimbra (1547)



Questões pág. 15

1.1 Principais centros culturais de produção e difusão de sínteses e inovações

1.1.1 As condições da expansão cultural

A **Época Moderna** inicia-se por volta de 1450 e coincide com um notável dinamismo civilizacional do Ocidente.

Praticamente recuperadas da fome, da peste e da guerra, as cidades europeias reanimam-se e, nelas, elites burguesas e aristocráticas fazem fortunas. As curvas demográficas elevam-se e o Velho Continente volta a ser um "mundo cheio".

A cargo dos povos ibéricos, a abertura ao Mundo concretiza-se com a descoberta das rotas do Cabo e das Américas (Mapa da p. 9). Uma pluralidade de mares, terras e gentes oferece-se ao olhar curioso dos Europeus.

Revolucionam-se as técnicas e os conhecimentos (Doc. 1). A **náutica** e a **cartografia** sofrem transformações de vulto, acompanhando o domínio do espaço planetário. A **pólvora** e as **armas de fogo** ditam a supremacia do Ocidente no mar e em terra. A **imprensa** – melhor dizendo, os caracteres metálicos e a prensa de impressão inventados pelo alemão Gutenberg (1394-1468) – espalha-se pela Europa e pelo Mundo. Permite a expansão cultural, o intercâmbio de ideias e a difusão de notícias.

1.1.2 O Renascimento – eclosão e difusão

É no contexto atrás descrito que o **Renascimento** eclode e se expande. Das letras às artes e às ciências esteve-se perante uma renovação cultural que, invocando o legado greco-latino, marcou a história da Europa nos séculos XV e XVI (Doc. 1).

Conceitos

Época Moderna – Período cronológico da História da Humanidade que se situa entre meados do século XV e finais do século XVIII. Nele decorreram as descobertas marítimas e o encontro de povos, o triunfo do capitalismo comercial e a ascensão burguesa, o absolutismo régio, o Renascimento, a Reforma, a afirmação do espírito científico. A periodização tradicional inicia a Época Moderna em 1453, data da conquista de Bizâncio pelos Turcos Otomanos.

Renascimento* – Termo criado pelo pintor e escultor italiano Giorgio Vasari (1511-1574) para designar, a partir do século XV, um ressurgimento da literatura e das artes baseado nas obras e nos autores da Antiguidade.

* Estruturante



Oficinas de imprensa, como a da gravura, imprimiam uma média de 180 folhas por hora, enquanto um monge-copista levava um dia para redigir 200 linhas. Em ①, os tipógrafos compõem a placa de impressão com os caracteres móveis, que, de seguida, receberiam a tinta contida em ②. Em ③, outro operário aplica a prensa sobre a folha de papel que cobre a placa de impressão. Em ④, encontram-se afixadas, a secar, as folhas acabadas de imprimir. O êxito da imprensa foi facilitado pela utilização do papel, descoberta chinesa dada a conhecer no século XII. Primava pela leveza e por uma superfície bem mais lisa do que o pergaminho, que era também mais caro. Basta dizer que um manuscrito de 200 páginas em pergaminho consumia a pele de 80 ovelhas.

Questões pág. 15

MC 3 Florença



Vista de Florença em finais do século XV (pormenor).

A **Catedral de Santa Maria das Flores** ① representa a sede do poder religioso, enquanto o **Palácio Vecchio** ② simboliza o poder político, já que nele se acolhia o governo da cidade.

Em finais do século XV, Florença, com os seus cerca de 70 mil habitantes, era a terceira cidade mais povoada de Itália, depois de Veneza e Milão. Entre 1434 e 1737, com alguns intervalos, a cidade teve a dirigi-la a família Médicis, poderosos mercadores-banqueiros que a engrandeceram culturalmente através do mecenato.

Questões pág. 15

A Itália

O **berço do Renascimento** localizou-se nas prósperas cidades da Itália. Governada pela família Médicis, grande protetora das letras e das artes, **Florença** assumiu-se, na segunda metade de Quatrocentos, como o "farol" da nova cultura renascentista (Doc. 3). Entre as geniais figuras que albergou, contam-se os humanistas Marsílio Ficino e Pico della Mirandola, o arquiteto Brunelleschi, os escultores Donatello e Miguel Ângelo, os pintores Botticelli e Leonardo da Vinci.

Em inícios do século XVI, **Roma** emergiu como um grande centro cultural renascentista. Deveu-o, sem dúvida, ao mecenato dos papas Júlio II e Leão X, que contrataram prestigiados artistas (como Rafael e Miguel Ângelo) e a nada se furtaram para dar beleza e monumentalidade à capital da Cristandade.

Também a **República de Veneza** se afirmou no panorama cultural renascentista. O seu brilho derivou tanto da pintura colorida e exuberante dos irmãos Bellini, de Giorgione, Tintoretto, Veronese ou Ticiano, como das famosas oficinas tipográficas que imprimiram grandes obras do Renascimento.

O resto da Europa

O **Renascimento italiano contagiou a Europa**. Estudantes-bolseiros, intelectuais e artistas, que procuravam a Itália em busca de novidades, regressaram aos seus reinos e cidades com outros saberes literários, filosófico-morais e artísticos. Deram-nos a conhecer nas universidades, nas cortes régias e principescas, nos círculos aristocráticos e burgueses. Assim germinou e se desenvolveu o Renascimento europeu, que fundiu a lição italiana com as tradições locais, dando origem a curiosas sínteses e reinterpretções.

4 O dinamismo cultural dos Países Baixos

Nestas regiões [Países Baixos] há uma variedade de pintores superior à dos outros locais [...]. Entre os pintores de maior nomeada que deixaram o número dos vivos nos últimos tempos, cita-se Jan Van Eyck, que foi o inventor, cerca de 1410, da pintura a óleo, facto muito importante e digno, porque conserva eternamente a cor e, que se saiba, este processo nunca foi utilizado pelos antigos. [...]

Quase todos os pintores estiveram na Itália, uns para aprender, outros para ver obras antigas e conhecer os mestres da sua profissão e outros ainda em busca de fama e, na maior parte dos casos, depois de alcançado o seu desejo, regressam à terra natal com experiência, saber e honra, e desta regiões partem mestres para Inglaterra, Alemanha e especialmente para a Dinamarca, Suécia, Noruega, Polónia e outros países setentrionais até Moscovo, sem falar daqueles que vão para França, Espanha e Portugal, na maior parte chamados pelos príncipes, repúblicas e outros potentados, a troco de grandes recompensas e honras.

Louis Guichardin - *Descrição dos Países Baixos*, 1567

Questões pág. 15



Os esposos Arnolfini, 1434, de Jan Van Eyck. O flamengo Jan Van Eyck inaugura, neste quadro, o retrato moderno, ao fixar para a posteridade o momento preciso em que o mercador italiano Giovanni Arnolfini, que vivia em Bruges, pronuncia os votos solenes de matrimónio.

No Norte da Europa, os Países Baixos cedo rivalizaram com a Itália (Doc. 4). No século XV, quando governados pelos duques da Borgonha (então os mais ricos soberanos da Europa), viram a pintura atingir um elevado grau de aperfeiçoamento técnico. Os flamengos Van Eyck, Van der Weiden, Van der Goes, entre outros, notabilizaram-se pelo segredo de uma pintura a óleo de grande riqueza cromática e pormenor descritivo, em temáticas religiosas, burguesas ou populares.

Natural dos Países Baixos, o holandês Erasmo de Roterdão é considerado o melhor representante do ideal humanista. Notável filósofo e moralista, serviu-se do seu domínio do latim e do grego para revelar a pureza original dos textos bíblicos. O seu conselho foi disputado por soberanos e o seu saber fez-se ouvir nas universidades de Paris, Cambridge, Basileia e no Colégio de Lovaina, onde ensinou.

É sob o mecenato de Francisco I que a França brilha no panorama cultural renascentista. Aquele monarca não só impulsionou os estudos humanistas ao fundar, em 1530, o Colégio de França, em Paris, como favoreceu, nos castelos que levantou, a aplicação de uma decoração classicizante (Docs. 5 e 6).

Lyon foi outro centro francês que atraiu humanistas. Tal ficou a dever-se ao dinamismo que o livro impresso aí registou.

Em centros de imprensa, como Colónia e Basileia, ou em universidades como as de Heidelberg, Erfurt ou Nuremberga, o Humanismo e o saber do Renascimento floresceram no Império Germânico. Nuremberga tornou-se um importante polo de estudos matemáticos, astronómicos e cartográficos.

5 Francisco I de França, retratado por Jean Clouet



Francisco I (1494-1547) reinou em França desde 1515. Apaixonado pelo Renascimento italiano, aproveitou o seu envolvimento nas guerras de Itália para de lá trazer pinturas e esculturas dos maiores mestres. Patrocinou a vinda de artistas italianos para França, como foi o caso de Leonardo da Vinci, e reuniu grandes obras dos humanistas do tempo.

Questões pág. 15



Vista geral do Castelo de Chambord, o maior dos castelos do Vale de Loire, mandado edificar pelo rei Francisco I de França, entre 1519 e 1537.

A fundação do Colégio de França

Estamos persuadidos que os bons estudos produzirão no nosso reino teólogos que ensinarão as sãs doutrinas da religião, magistrados que exercerão a justiça, não com paixão, mas com um sentido de equidade pública; enfim, hábeis administradores [...] que saberão sacrificar o seu interesse privado ao amor do bem público. Eis o motivo porque contratamos distintos sábios para ensinarem à juventude as línguas e as ciências, e para a formar na prática não menos preciosa dos bons costumes.

Lei de Francisco I de França, março de 1530

Questões pág. 15

Questões

- 1 Porque foi a imprensa uma inovação técnica importante (DOC. 2)?
- 2 A que deveu Florença o seu protagonismo na Itália renascentista (DOC. 3)?
- 3 Em que consistiu o dinamismo cultural dos Países Baixos (DOC. 4)?
- 4 Como se fez sentir o espírito renascentista na França (DOCS. 5 e 6)?
- 5 Esquematize numa tabela:
– os nomes de dez centros culturais do Renascimento (DOC. 1);
– os respetivos contributos culturais.

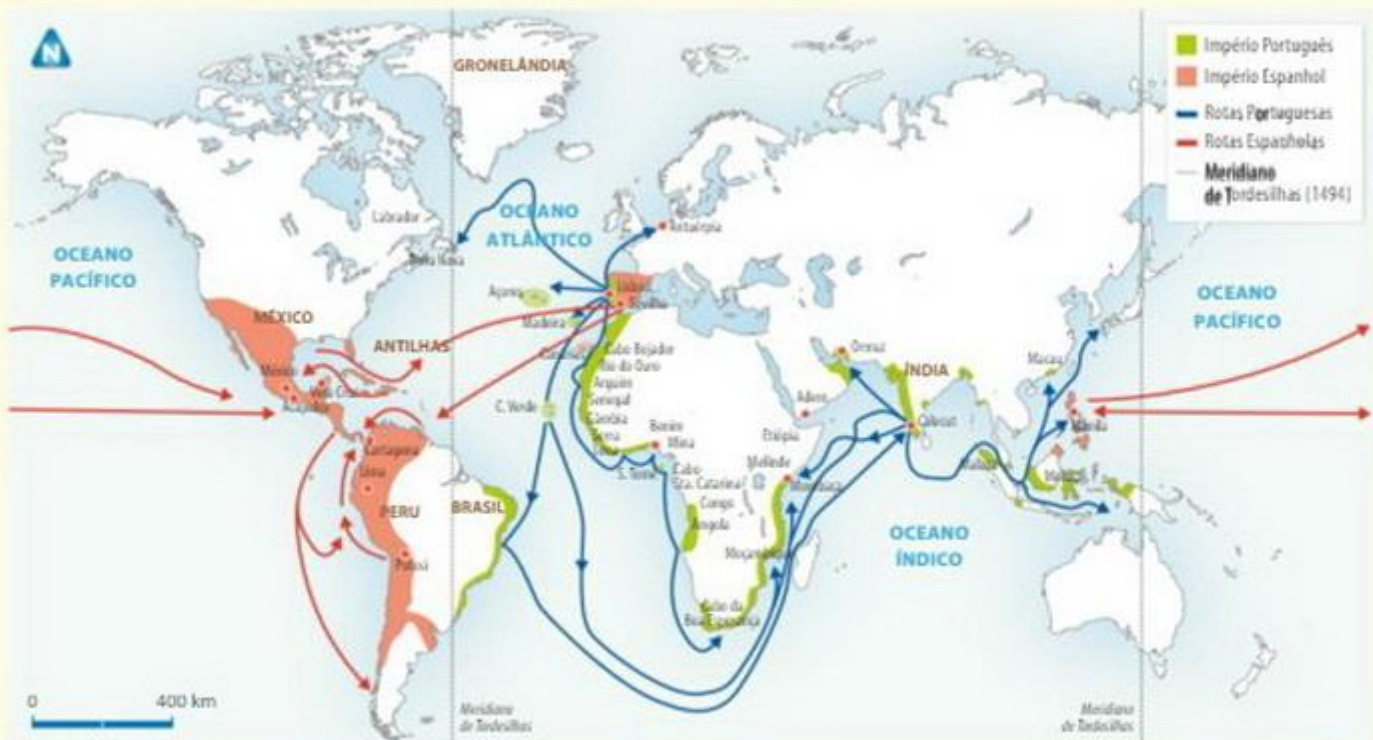
Da Alemanha provieram os pintores Dürer e Holbein, cujos retratos combinam o pormenor descritivo e a perceção psicológica de tradição nórdica com a técnica italiana.

Holbein mereceu a proteção de Henrique VIII de Inglaterra, a cuja corte Erasmo chamou, em princípios do século XVI, “assento e cidadela dos estudos humanistas”. O humanismo inglês celebrizou-se, também, pelas figuras de John Colet e Thomas More, bem como pelo ensino das universidades de Oxford e Cambridge.

No Ocidente da Europa, a Península Ibérica partilhou, igualmente, do movimento de recuperação dos clássicos. A Universidade de Alcalá de Henares¹, fundada em 1508 pelo cardeal Cisneros, ou o Colégio das Artes e Humanidades, criado em Coimbra, em 1547, pelo nosso D. João III, foram importantes focos do Humanismo.

E damos por terminado este périplo cultural da Europa nos séculos XV e XVI com uma breve passagem pelas cortes de Matias Corvino, da Hungria, e de Casimiro IV, da Polónia. Em fins do século XV, ambos os monarcas já se tinham deixado seduzir pelos meios intelectuais italianos. Ao mecenato do primeiro se deve a Biblioteca Corviniana, com mais de 3 mil volumes. Por sua vez, na Polónia, a Universidade de Cracóvia desempenhou um papel primordial na irradiação das novas ideias. Nela, Nicolau Copérnico iniciou os seus estudos que tanto deram que falar...

¹ Nela se produziu, entre 1514-17, a primeira Bíblia poliglota: o Antigo Testamento em arameu, hebreu, latim e grego; o Novo Testamento em grego e latim.



Questões pág. 17

1.2 O cosmopolitismo das cidades hispânicas – importância de Lisboa e Sevilha

A participação da Península Ibérica na Europa do Renascimento revestiu-se de características bem específicas. Foi pelo afluxo das mercadorias ultramarinas, pelos conhecimentos geográficos e pelo saber técnico forjado na experiência dos mares que os reinos ibéricos se projetaram na Europa do tempo.

Para Lisboa e Sevilha, cabeças dos dois primeiros impérios coloniais da Europa moderna (Doc. 7), se voltaram as atenções dos coevos. Cidades cosmopolitas, uma e outra fascinavam pelas riquezas que acolhiam e pelas muitas e variadas gentes que as procuravam.

1.2.1 Lisboa¹

Mercê das navegações portuguesas para os arquipélagos atlânticos, a África, a Índia e o Brasil, Lisboa transformou-se, nos primeiros anos de Quinhentos, na metrópole comercial do Mundo.

Qual placa giratória na comunicação entre a Europa, a África, a Ásia (via rota do Cabo) e a recém-descoberta América, o porto de Lisboa espantava pela concentração de navios que o visitavam (Doc. 9). Nele se cruzavam as tripulações das armadas, os soldados, missionários, mercadores e aventureiros que partiam ou chegavam do Império; os funcionários da Alfândega, da Casa da Guiné e Índia; os mercadores e banqueiros europeus; os humildes carregadores, tantos deles escravos negros.

¹ Consultar Dossier (pp. 20-22).

8 D. Manuel I, o rei que engrandeceu Lisboa



Durante o seu reinado (1495-1521) D. Manuel não se poupou a esforços – e despesas – para que Lisboa tivesse uma imagem condizente à da capital de um império, do qual o monarca orgulhosamente se intitulava “Rei de Portugal e dos Algarves d’Aquém e d’Além-Mar em África, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia”.

As figuras acima apresentadas pertencem a um quadro de Garcia Fernandes, que retrata a cerimônia do terceiro casamento de D. Manuel com a princesa castelhana D. Leonor, em 1518.

Questões pág. 17

A

A partir do século XV, com o início do processo de expansão ultramarina portuguesa, Lisboa começou a experimentar um maior ritmo de crescimento, ao mesmo tempo que se começaram a dar algumas das transformações que a tornaram uma das maiores e mais animadas cidades da Europa na centúria de Quinhentos.

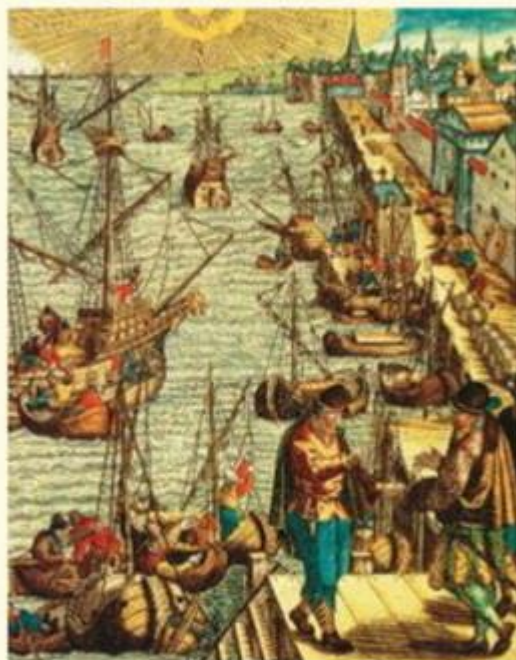
Foi no século XVI que Lisboa viveu o seu período de maior glória, com uma permanente expansão do espaço urbano, o aumento da sua população e um forte incremento do volume de mercadorias em trânsito pelo seu porto. A generalidade das panorâmicas de Lisboa neste período mostra o Tejo repleto de embarcações dos mais diversos tipos, dimensões e proveniências. [...]

No reinado de D. Manuel começa a grande renovação urbana de Lisboa, com um assinalável conjunto de obras públicas em que avultam diversos edifícios de dimensões monumentais destinados a apoiar as atividades dependentes do comércio colonial. Estas obras vão sublinhar bastante a ligação da cidade ao rio e a sua expansão para a faixa ribeirinha.

Rodrigo Banha da Silva e Paulo Guinote

O Quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos, Lisboa, G.T.M.E.C.D.P., 1998

B – O porto de Lisboa, segundo gravura alemã em cobre (1592)



Questões pág. 17

10 Convento da Madre de Deus



Portal manuelino da igreja do Convento da Madre de Deus, em Xabregas, na zona oriental de Lisboa. O convento data de inícios do século XVI e foi uma das obras emblemáticas do reinado de D. Manuel I, ficando a dever-se à iniciativa da rainha D. Leonor, viúva de D. João II (pormenor de um painel do *Retábulo de Santa Auita*, c. de 1522, de autor desconhecido, que documenta a chegada das relíquias de Santa Auita ao Convento).

Questões

- 1 Que riquezas coloniais afluíam a Lisboa e Sevilha no século XVI (DOC. 7)?
- 2 Porque se empenhou o rei D. Manuel I no engrandecimento de Lisboa (DOC. 8)?
- 3 Dê quatro exemplos de transformações verificadas em Lisboa no século XVI (DOCS. 9 e 10).
- 4 Analise o dossiê "A Lisboa de Quinhentos vista pelos coevos" (pp. 20-22) e responda às questões.

Bem próximo, nos grandes estaleiros da Ribeira das Naus, vigorosos calafates construía e reparavam muitos dos navios portugueses que percorriam os mares do Globo.

Certamente pairava no ar o cheiro da canela e da pimenta. As especiarias exerciam, com efeito, um fascínio nos mercadores e curiosos que visitavam Lisboa. Mas não nos esqueçamos que os **bazares da Rua Nova dos Mercadores** ou os armazéns da Coroa à beira-rio, que eram a já referida **Casa da Guiné e Índia**, abarrotavam, também, de marfim e ouro africanos; de sedas, porcelanas, tapetes, âmbar, pérolas, rubis e diamantes orientais; de madeiras exóticas, açúcar e plantas tintureiras do Brasil; de prata e cobre da Alemanha; de tecidos da Itália, Flandres ou Inglaterra; de trigo dos Açores e da Europa Oriental.

Metrópole comercial e porta aberta para o Mundo, Lisboa assumia, desde o século XV, o lugar de **metrópole política**. Nela se instalara a alta administração do Reino e do Ultramar e permaneciam, por períodos cada vez mais longos, o rei e o seu séquito. Rei **Venturoso** e **Mercador**, D. Manuel I (1469-1521) (DOC. 8) não conseguiu conter-se no seu paço medieval situado no castelo. Na faixa ribeirinha, mandou erguer uma nova morada, o **Paço da Ribeira**, bem junto do qual se encontravam os armazéns da Casa da Guiné e Índia. Como convinha, naturalmente, a um monarca de poder forte e centralizado, que organizava os tráficos ultramarinos pela via do monopólio régio.

D. Manuel deixou memória do fausto do seu reinado na **reconstrução urbanística** de Lisboa. Além do Paço da Ribeira, o Armazém do Trigo, a Alfândega Nova, a Casa dos Bicos, o Arsenal, o Hospital de Todos os Santos, a Igreja da Misericórdia, o Mosteiro dos Jerónimos, o Convento da Madre de Deus e a Torre de Belém atestam a época áurea dos Descobrimentos portugueses.



Sevilha, uma das maiores cidades da Europa (comparável a Lisboa e Veneza), deveu a sua importância ao monopólio espanhol do comércio com as Américas, que fez da cidade andaluza o único lugar de partida e de chegada da Carreira das Índias.

A imagem mostra-nos, em primeiro plano, o populoso bairro da Triana, na margem direita do Guadalquivir. Era habitado por marinheiros, calafates e carpinteiros navais. Transpondo uma ponte das barcas, acedia-se ao casco da cidade, onde avistamos o porto fluvial do Arenal e a catedral, com a emblemática Giralda (vestígio do minarete da antiga mesquita).

Questões pág. 19

1.2.2 Sevilha

Em lugar de chegar à Índia, conforme prometera aos Reis Católicos, **Cristóvão Colombo** conduziu a Espanha, em fins do século XV, à glória da descoberta de um continente por todos ignorado – a **América** (Doc. 12). Com tal proeza, Colombo não deu à Espanha as cobiçadas especiarias mas pôs-lhe aos pés torrentes inimagináveis de ouro e prata. Foi, pois, na América que a Espanha concentrou os seus projetos coloniais. Apoiada nos **Conquistadores**, ergueu, no século XVI, um imenso império territorial.

A articulação entre a Espanha e os territórios americanos efetuou-se pela Carreira das Índias, com início e fim na cidade andaluza de Sevilha (Doc. 11). A Sevilha coube o papel de capital económica da Espanha, no século XVI, disputando, juntamente com Lisboa, o domínio mundial das rotas oceânicas.

Duas vezes por ano largava de Sevilha a **Carreira das Índias**. Em abril/maio, o destino era **Vera Cruz**, no México. Em agosto, a frota dirigia-se para **Cartagena das Índias**, na Colômbia. Eram estes dois portos que recebiam as riquezas da América Central e do Sul: o **ouro** e a **prata**, o **açúcar**, os **couros**, as **plantas tintureiras**. A Vera Cruz afluíam, ainda, carregamentos de **pérolas** e **especiarias** das Filipinas; transportados, de barco, de Manila para Aca pulco, seguiam desta, por terra, para Vera Cruz (Doc. 7).

Tal como Lisboa, **Sevilha** acolheu os representantes das grandes firmas comerciais estrangeiras: genoveses, flamengos, franceses e portugueses.

12 Cristóvão Colombo (1451-1506)



A união das coroas de Aragão e Castela e a conquista do Reino de Granada, em 1492, estiveram na origem da unificação de Espanha. Só então os **Reis Católicos** acederam a financiar o ambicioso projeto que o genovês Colombo lhes apresentara – o de atingir a Índia navegando para ocidente.

Nas quatro viagens que realizou (1492-1504), Colombo jamais se apercebeu do real significado das suas descobertas. Teimava em ter chegado à Ásia, mas dela não trazia as ansiadas especiarias, não convencendo os monarcas espanhóis nem as figuras da corte. Por isso, morreu humilhado e esquecido. Coube a **Américo Vesputício**, navegador italiano que viajara com Colombo, provar que as terras descobertas pertenciam a um continente de todos ignorado, o qual, em sua honra, recebeu o nome de **América**.

Questões pág. 19

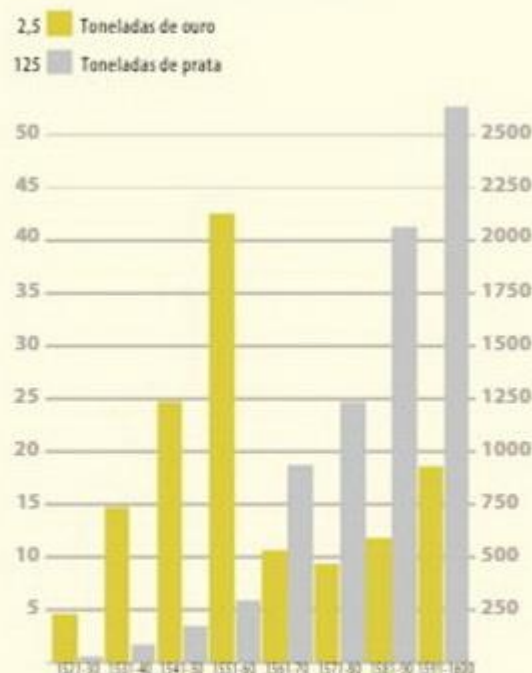
DOC. 13 O porto de Sevilha

Não se pode cifrar a importância e o alcance do movimento portuário sevilhano unicamente através do tráfego diretamente ligado à rota das Índias. Os galeões só em parte acostavam aos seus molhes e apenas em certas épocas do ano. A afluência contínua dos barcos, que conferia à margem o aspeto de uma floresta de gáveas, mastros, traquetes e antenas, e ao Arenal o de uma feira permanente, devia-se ao intenso tráfego internacional; um tráfego que, evidentemente, progrediu de modo notório quando o Guadalquivir se transformou em rio americano, mas que se baseava também num sistema de trocas já praticado na Idade Média. As mercadorias que entravam e se reexpediam eram muito variadas e de origens diversas. Ponto de convergência, tanto do tráfego nacional como do comércio internacional, europeu e do Magrebe, Sevilha servia de traço de união entre as cidades comerciais italianas e a Flandres, a Inglaterra, a Bretanha e o Norte da Europa. Canalizando o comércio de além-mar, Sevilha recebia e exportava, além disso, os produtos americanos.

[...] Haveria que acrescentar ao papel mercantil do porto sevilhano o seu estatuto, muitas vezes desconhecido, de base naval da armada castelhana, encarregada de abastecer em material e homens a marinha de guerra e todas as expedições marítimas.

Marina Alfonso Mola – *O pequeno mundo de Guadalquivir*, em "Sevilha, Século XVI", dir. de Carlos Araújo, Lisboa, Ed. Terramar, 1993

DOC. 14 Metais preciosos importados pela Espanha (totais por décadas)



Dados retirados de Pierre Vilar, 1974 – *Or e Monnaie dans l'Histoire*, Paris, Ed. Flammarion.

Questões pág. 19

Questões

- 1 Indique o nome dos locais que comerciavam com Sevilha (DOC. 13).
- 2 Cite uma frase do texto (DOC. 13) que é confirmada pela gravura (DOC. 11).
- 3 Distinga outras funções do porto de Sevilha, para além de destino comercial (DOC. 13).
- 4 Que impacto teve, para Espanha e Sevilha, a descoberta da América (DOCS. 7, 11, 12, 13 e 14)?

Todos eles, naturalmente, aguardavam com ansiedade a chegada dos galeões, cujos carregamentos de **ouro** e **prata**, depois de impulsionarem o desenvolvimento de Sevilha, da Andaluzia e da Espanha, insuflavam nova vida ao **capitalismo comercial** europeu (DOC. 14).

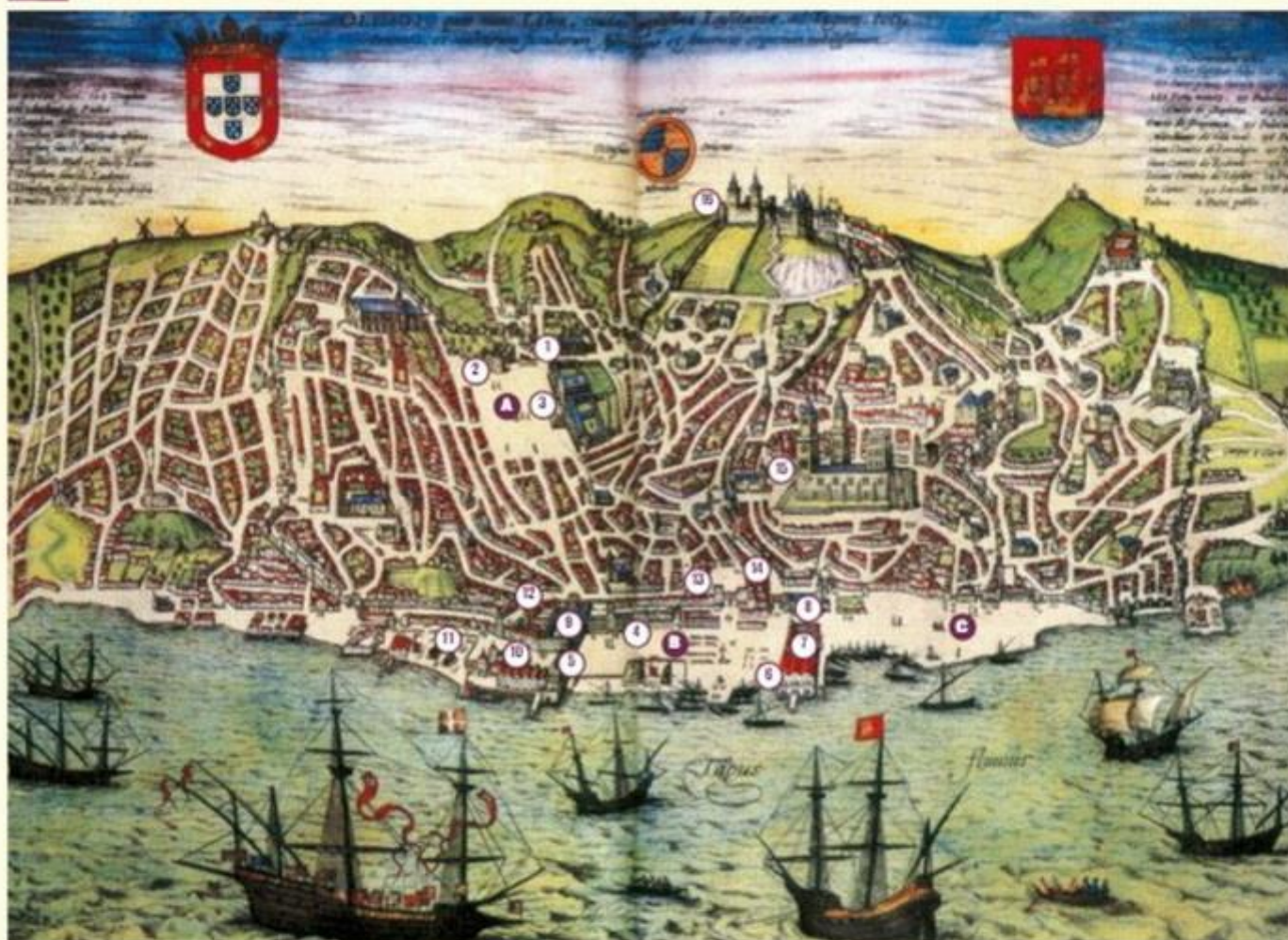
Como as demais metrópoles da Europa, **Sevilha** era uma **cidade de contrastes**, de **grandezas** e **misérias**. Fascinava pela beleza e frescura dos pomares e jardins que pontuavam o terreno urbano; pela riqueza arquitetónica dos seus edifícios góticos, mouriscos e renascentistas (a catedral, o alcázar, os vários palácios); pelos seus nobres e abastados burgueses cuidadosamente trajados; pelos escritores, pintores e músicos que nela se inspiraram (entre eles, Castiglione e Cervantes); pelas suas festas sumptuosas, como as procissões da Paixão de Cristo e do Corpo de Deus, as visitas reais ou o próprio casamento do imperador Carlos V (Carlos I de Espanha) com Isabel de Portugal, em 1526.

Mas Sevilha assustava, igualmente, pelas lixeiras infetas; pela fragilidade da sua ponte das barcas sujeita a acidentes; pelas fomes, cheias do rio e terremotos que a assolaram; pelas alterações de marinheiros no bairro de Triana; pelos mendigos, delinquentes e prostitutas que enxameavam o seu porto; pela crueldade dos seus autos de fé. Nada, porém, que impedisse de em Sevilha "pulsar o coração do Mundo", como reconheceu o historiador Fernand Braudel.

A Lisboa de Quinhentos vista pelos coevos

No século XVI, a cidade de Lisboa crescia a olhos vistos, em edifícios e variadas gentes, voltada para o Tejo e o mar, que a ligava ao Império Português. Na Europa era, também, das maiores e mais populosas urbes. Como a viam os homens desse tempo?

Lisboa no século XVI



Gravura de Georg Braun e Franz Hogenberg, em *Civitates Orbis Terrarum*, vol. V, 1598.

- | | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> Ⓐ Rossio ⓑ Ribeira ou Terreiro do Paço ⓒ Ribeira Velha ⓓ Mosteiro de S. Domingos ⓔ Palácio de Estaus (sede da Inquisição) ⓕ Hospital de Todos os Santos ⓖ Paço da Ribeira ⓗ Pórtico ocidental do Paço da Ribeira ⓓ Alfândega Nova ⓙ Terreiro do Trigo | <ul style="list-style-type: none"> ⓖ Igreja da Misericórdia (atual Igreja da Conceição Velha) ⓗ Casa da Índia Velha ⓓ Casa da Índia Nova ⓙ Ribeira das Naus ⓔ Arsenal Régio ⓕ Rua Nova dos Mercadores ⓖ Largo do Pelourinho Velho ⓗ Sé ⓙ Paço da Alcáçova |
|--|--|

B O porto de Lisboa

Há nesta cidade um porto que é o melhor que há em toda a costa do mar descoberto, onde acorrem e entram, em cada ano, mil e quinhentas naus e caravelas de todas as partes da Cristandade [...].

Tratado da Majestade, Grandeza e Abastança da Cidade de Lisboa, Códice de 1552

C As obras da Ribeira Nova

[D. Manuel] mandou fazer o terreiro que está diante dos paços da Ribeira de Lisboa que era tudo praia [...]. Depois que começou a conquistar a Índia, mandou de novo fazer os magníficos e sumptuosos Paços da Ribeira de Lisboa para onde se foi dos da Alcáçova, sem mais tornar a viver neles. Fez de novo as casa dos armazéns de Lisboa e no das armas [o Arsenal] pôs em depósito uma grande quantidade de armaduras de peões e duas mil e quinhentas de cavaleiros e oitocentas de acobertados e muitos corpos de couraças e outras armas e muitas peças de artilharia grossa e miúda, arcabuzes, espingardas, piques, lanças e bestas tudo em muita quantidade. Fez de novo a casa da contratação da Guiné e Índia, debaixo do aposento destes paços da Ribeira [...].

Damião de Góis - Crónica de el-Rei D. Manuel, 1.ª ed. 1556

D A Casa da Índia

Próximo do arsenal está a Casa da Índia, em que se guardam as mercadorias e especiarias que de todo o Oriente trazem a Portugal as naus da carreira da Índia, e que, sendo levadas e vendidas na Bélgica, em França, na Alemanha, e noutras partes da Europa, enriquecem de sobejo o real tesouro [...].

Padre Duarte de Sande - Diário, 1584

E A Ribeira das Naus

Ocupa a Ribeira das Naus um espaço vastíssimo [...]. Constrói-se ali todo o género de navios e especialmente essas grandes naus e galeões que abriram a navegação da Índia, e a conservam ainda [...].

Padre Duarte de Sande, ob. cit.

F As Ruas Novas

Passamos pela *Rua Nova d'El-Rei*, repleta de gravadores, joalheiros, lapidários, ourives de prata, ourives de ouro, douradores, cambiadores; e, cortando sempre à esquerda, chega-se a uma outra rua, também chamada nova, a *Rua Nova dos Mercadores*, muito mais ampla que as outras

ruas, ornada de ambos os lados com belíssimos edifícios. Aqui se juntam, à compita¹, todos os dias, comerciantes de quase todas as partes e povos do mundo, com extraordinária concorrência de gente, por causa das facilidades que o comércio e o porto oferecem. [...]

Damião de Góis - Descrição da cidade de Lisboa, 1.ª ed. 1554

¹ À disputa.

G População aproximada de algumas cidades europeias do século XVI (em milhares de habitantes)

	1500	1550	1600
Roma	50	45	110
Veneza	115	160	150
Leipzig	—	7	15
Paris	+100	—	300
Amsterdão	15	35	100
Londres	70	80	170
Sevilha	45	100	150
Lisboa	50	100	150
Nápoles	125	—	275

Elementos retirados de C. M. Cipolla, 1984 - *História Económica da Europa Pré-Industrial*, Edições 70

H Os Függer, famosa família de mercadores-banqueiros

Gravura de 1520, Museu Herzog Anton Ulrich, Braunschweig, Alemanha. Vestido de negro, o **banqueiro alemão Jacob Függer** dirige os seus negócios a partir de Augsburg. Nas gavetas da estante, veem-se os nomes de cidades com quem a poderosa família alemã tem negócios. Lisboa é uma delas.

Doc. I Os escravos

Os escravos pululam por toda a parte. Todo o serviço é feito por negros e mouros cativos. Portugal está a abarrotar com essa raça de gente. Estou em crer que em Lisboa os escravos e as escravas são mais que os portugueses livres de condição¹. Dificilmente se encontrará uma casa onde não haja pelo menos uma escrava destas. É ela que vai ao mercado comprar as coisas necessárias, que lava a roupa, varre a casa. Acarreta a água e faz os despejos à hora conveniente: numa palavra, é uma escrava, não se distinguindo duma besta de carga senão na figura.

Nicolau Clenardo - *Carta a Látomo*, 1535

¹ Evidente exagero de Clenardo: em 1551, Lisboa contaria com 100 000 habitantes, que incluíam 9950 escravos.

Doc. J Receios de Sá de Miranda

Não me temo de Castela,
aonde inda guerra não soa;
mas temo-me de Lisboa,
que, ao cheiro desta canela,
o reino nos despovoa.
Faz no começo a pobreza
vencer os ventos e o mar,
vencer quase a natureza;
medo hei de novo à riqueza,
que nos venha cativar. [...]

Sá de Miranda (1481-1558) - *Carta a António Pereira, senhor de Basto*

Doc. L Cena do quotidiano na Lisboa quinhentista

Portmanteau de uma iluminura do *Livro de Horas de D. Manuel*, c. 1517 - c. 1538.

Doc. M A demografia em Portugal, dos séculos XV a XVII (comparada com a de outros países europeus)

Datas aproximadas	Portugal	Espanha	Franga	Inglaterra	Europa
1415	1 000 000				50 000 000
1530	1 400 000	7 000 000	14 000 000	3 000 000	65 000 000
1640	2 000 000				103 000 000
1700	2 100 000	8 000 000	19 000 000	6 000 000	120 000 000

A partir de diversa bibliografia

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. Explique o movimento do porto de Lisboa no século XVI (Docs. A e B).
2. Situe, na gravura [Doc. A], os espaços/edifícios referenciados nos Docs. C a F. Indique as respetivas funções.
3. Identifique atividades económicas e ofícios praticados na Lisboa quinhentista (Docs. B a F).
4. Em que locais de Lisboa seria possível encontrar os funcionários dos Fúggers [Doc. H]? O que procuravam eles em Lisboa?
5. Que ocupações tinham os escravos em Lisboa (Docs. I e L)?

6. Como caracteriza o olhar de Clenardo [Doc. I] sobre a escravatura – benevolente ou crítico? Justifique.
7. Que receios expressa Sá de Miranda [Doc. J]? O Doc. M confirma ou nega um desses receios? Porquê?

SÍNTESE

8. Redija, com base nos Docs. A a M, um texto subordinado ao título:

“O cosmopolitismo de Lisboa no século XVI”

Tenha presentes:

- as transformações económicas e sociais ocorridas;
- o papel da realeza nas transformações urbanísticas.

Unidade

A geografia cultural europeia de Quatrocentos e Quinhentos

1

Principais centros culturais

- Nos séculos XV e XVI, vive-se um dinamismo civilizacional notável numa Europa que se abre ao mundo e ultrapassa as crises dos finais da Idade Média.
- É o tempo do Renascimento, movimento cultural iniciado em Itália. Baseado na Antiguidade Clássica, faz do Homem o centro do conhecimento, da cultura e da beleza artística.
- Embora a Itália, pela sua herança e contactos, sirva de matriz inspiradora ao ressurgimento greco-latino, toda a Europa participa da renovação cultural: da Península Ibérica à Polónia e Hungria, da França e Inglaterra à Alemanha e Países Baixos. Por toda a parte se fundem as novidades italianas com as descobertas e tradições locais.

A importância de Lisboa e Sevilha

- No Ocidente da Europa, Lisboa e Sevilha são portas abertas para o mundo, como ponto de partida e chegada das rotas transoceânicas que interligam para sempre a Europa, a África, a América e a Ásia.
- Pelo conhecimento (de experiência feito) de novas terras, novos mares, novos povos, os países ibéricos contribuem para a vivência universalista da cultura do Renascimento.

Síntese esquemática





Planisfério anónimo de 1502, dito de Cantino

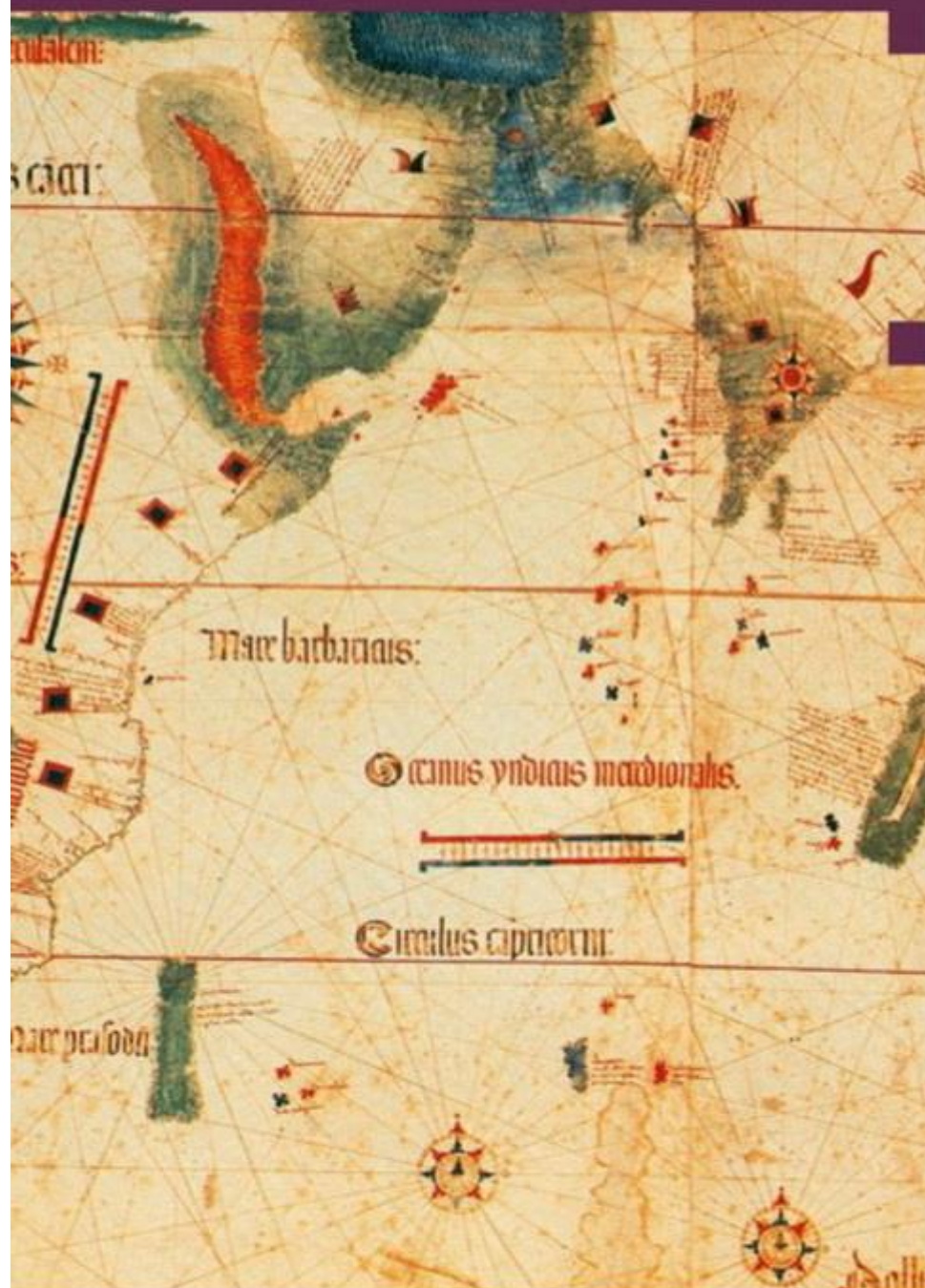
Reino de Portugal	D. João I	D. Duarte	Regência D. Pedro	D. Afonso V	D. João II
	Conquista de Ceuta (1415) Introdução da bússola em Portugal (c. 1420)	Utilização da caravela (c. 1440)		Navegação astronómica (1475)	Mapa-múndi de Henricus Martellus (1489) Primeiras tábuas solares conhecidas em Portugal (1493-96)

1400

1450

Unidade

O alargamento do conhecimento do Mundo



Conteúdos

- 2.1 O contributo português: inovação técnica; observação e descrição da Natureza*
- 2.2 O conhecimento científico da Natureza: a matematização do real; a revolução das conceções cosmológicas*

* Conteúdos de aprofundamento

Aprendizagens

- Reconhecer o papel de vanguarda dos Portugueses na abertura europeia ao mundo, verificada nos séculos XV e XVI com a Expansão marítima*
- Identificar o contributo português para o conhecimento do Mundo, nos domínios da Náutica, da Cartografia, da Geografia física e humana, da Botânica, da Zoologia e da Cosmografia*
- Evidenciar o carácter descritivo e experiencialista dos novos saberes
- Relacionar os progressos da matematização e da mentalidade quantitativa com o aparecimento da ciência moderna
- Reconhecer na revolução cosmológica de Copérnico uma manifestação da ciência moderna

* Aprendizagens estruturantes

D. Manuel I

Utilização da rosa
(1497-99)

Planisfério de Cantino
(1502)

Primeira carta com
escala de
latitudes
(c. 1504)

Diarte Pacheco
Pereira:
Esmensado
de Situ Orbis
(1508)

Guia Náutico
de Évora
(c. 1516)

D. João III

Pedro Nunes:
Tratado da
Esfera
(c. 1537)

D. João de Castro:
Roteiro
do Mar Roxo
(c. 1541)

Copérnico:
De Revolutionibus
Orbium Coelestium
Vesalius: De Humani
Corporis Fabrica
(1543)

Regência Cardinal D. Henrique

Garcia de Orta:
Colóquios dos
Simples, e Drogas e
Cobias Medicinais da
Índia (1563)

Atlas de
Fernão Vaz
Dourado
(1568)

1500

1550

A



Bússola ou agulha de marear do século XVI.

Importada da China pelos Árabes, a bússola foi de uso corrente na navegação desde finais do século XII. É constituída por uma rosa dos ventos dividida em 32 quartas (cada uma valendo $11^{\circ} 15'$), que correspondem a outros tantos rumos ou ventos. A rosa orienta-se para o norte magnético (próximo do Polo Norte) por ação de ferros magnetizados sobre os quais assenta.

Crê-se que a bússola foi introduzida em Portugal por Mestre Jácome de Maiorca, cartógrafo judeu, c. 1420.

B

Ora manifesto é que estes descobrimentos de costas, ilhas e terras firmes não se fizeram indo a acertar, mas partiam os nossos mareantes mui ensinados e providos de instrumentos e regras de astrologia e geometria [...]. Levavam cartas muito particularmente rumadas e não já as que os Antigos usavam, que não tinham mais figurados que doze ventos e navegavam sem agulha.

Pedro Nunes (matemático e cosmógrafo) - *Tratado de Defensão da Carta de Marear*, 1537

C



Astrolábio da nau *Madre de Deus* (afundada frente a Nagasaki em 1610). O astrolábio e o quadrante náuticos destinavam-se a estabelecer a posição dos navios no alto mar, através da medição da altura dos astros: o Sol durante o dia e, à noite, a Estrela Polar (no hemisfério norte) e o Cruzeiro do Sul (no hemisfério sul). Considera-se que os marinheiros portugueses foram os iniciadores da navegação astronómica, em virtude de se terem servido do astrolábio e do quadrante para o cálculo das latitudes em pleno oceano.

NUTILIO DA OBSERVATÓRIA

2.1 O contributo português



Nos séculos XV e XVI, os Descobrimentos marítimos proporcionaram a Portugal avultados saberes técnicos e científicos. Ora, foi pela inovação na náutica e na cartografia, bem como pela observação e descrição da Natureza, que Portugal contribuiu para o alargamento do conhecimento do Mundo e para o progresso da civilização renascentista.

2.1.1 Inovação técnica

A náutica

Quando os Portugueses iniciaram a sua empresa expansionista, beneficiavam já de uma herança de invenções nas técnicas de navegação.

Na verdade, o pioneirismo português não foi fruto do acaso. Teve, nas suas origens, os conhecimentos divulgados por Árabes e Judeus e testados, na bacia mediterrânea, por Venezianos, Genoveses, Catalães e Maiorquinos (Doc. 1A, B, C).

Mercê dos avanços da **navegação portuguesa no Atlântico**, as **técnicas náuticas evoluíram** desde meados do século XV. Nas viagens de regresso da Guiné, os marinheiros defrontavam-se com os ventos alísios, que sopravam para sudoeste, e com as correntes de norte e nordeste, que dificultavam a navegação costeira (Doc. 2). Para vencerem os ventos contrários, faziam sucessivas inclinações oblíquas de velas, numa espécie de ziguezague, a que se chama **navegação à bolina**.

D



Medição da altura do Sol com a balestilha, pormenor de uma carta portuguesa do século XVI.

Questões pág. 27

2 Viagens à costa da Guiné e Mina



Questões pág. 27

DOC. 3 A construção naval

A



Caravela portuguesa do século XV, num mapa do flamengo Ortelius.

B



Naus portuguesas do século XVI, numa pintura atribuída a Cornelius Anthoniszoon.

Questões pág. 27

DOC. 4 A navegação astronómica

A

No tempo que o infante D. Henrique começou o descobrimento de Guiné, toda a navegação dos mareantes era ao longo da costa, levando-a sempre por rumo [...]. Depois que eles quiseram navegar o descoberto, perdendo a vista da costa e engolfando-se no mar, conheceram quantos enganos recebiam na estimativa e juízo das singraduras¹ por razão das correntes como doutros segredos que o mar tem [...] Como a necessidade é mestra de todas as artes, em tempo del-rei D. João o Segundo [...] mestre Rodrigo e mestre Josepe Judeu, ambos seus médicos, e um Martim de Boémia [...] acharam esta maneira de navegar per altura do sol, de que fizeram suas tabuadas para declinação dele, como se ora usa entre os navegantes.

João de Barros - Ásia, Década I, 1552

¹ Percursos no mar.

B



Tábua quadrienal de dedinação solar do Livro de Marinharia de André Pires, século XVII. Expressa os valores da altura do Sol e do ângulo que ele forma com o Equador (declinação solar), ao meio-dia de todos os dias de um quadriênio.

Questões pág. 27

Conceitos

Navegação astronómica — Técnica de navegação marítima que recorre à observação da altura dos astros e ao cálculo da latitude (e da longitude desde o século XVIII) para a orientação dos marinheiros.

Questões

- 1 Identifique quatro ensinamentos/instrumentos / regras de que os marinheiros portugueses dispunham (DOC. 1).
- 2 Indique três diferenças entre a caravela e a nau (DOC. 3A e B).
- 3 Identifique dois tipos de navegação no DOC. 4A.
- 4 Estabeleça uma relação entre os DOCS. 2, 3A e 4.

A necessidade de navegar à bolina motivou mudanças estruturais na construção naval (DOC. 3). Surgiram as **caravelas**, com dois e depois três mastros dotados de velas triangulares ou latinas, mais manobráveis, permitindo tirar partido de todas as variações de direção do vento. A caravela revelou-se um navio veloz, com as suas formas adelgaçadas, cerca de 15 metros de quilha e um porte raramente superior a 150 toneladas.

Mais tarde, as longas viagens em direção ao Oriente e à América levaram à construção de navios mais resistentes e de maior porte, suscetíveis de receber uma carga mais avultada. Foram a **nau** e o **galeão**, que à vela latina associavam a vela redonda (também chamada quadrangular), de 20 a 70 metros de quilha e de 500 a 700 toneladas de porte. Providos de artilharia, estes navios dominaram os oceanos, forçando os contactos com outras civilizações.

A navegação com ventos contrários esteve ainda na origem de outra grande mudança na arte de navegar. Abandonando a navegação costeira, os marinheiros portugueses praticavam, no regresso da Guiné e da Mina, a chamada volta pelo largo, ou *volta da Guiné e Mina*, que os levava ao mar dos Açores. Era uma navegação no mar alto, por um período que podia atingir os dois meses, sem qualquer referência terrestre. **Navegar por rumo e estima**, como até então se fazia, com o apoio da bússola e dos seus rumos e o cálculo por estimativa das distâncias percorridas, **revelava-se insuficiente**.

Para responder ao desafio da navegação no mar alto, os Portugueses ensaiaram, na segunda metade do século XV, um conjunto de práticas náuticas, dando origem à chamada **navegação astronómica** (DOC. 4). Começaram por simplificar o **astrolábio** e o **quadrante** e inventaram a **balestilha** (DOC. 10): com eles mediam a altura dos astros. Numa primeira fase, comparavam essas

5 A evolução cartográfica

A – Planisfério de Ptolomeu, editado no século XV



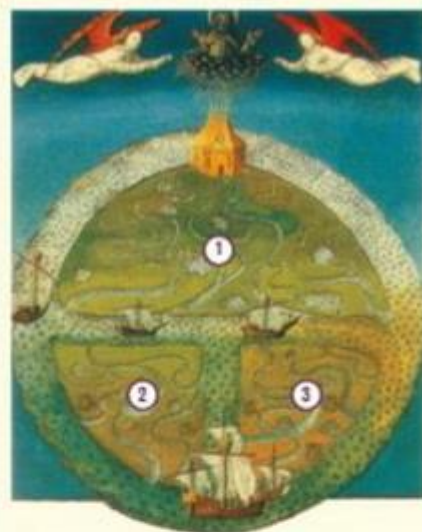
Ptolomeu foi um notável geógrafo, matemático e astrónomo grego, que viveu no século II sob o reinado do imperador Marco Aurélio. A sua representação cartográfica da Terra teve uma especial projeção no Império Bizantino, que a preservou, e no mundo árabe, que a divulgou à cristandade ocidental.

Impressa em Roma, em 1478, a *Geografia* de Ptolomeu deu a conhecer a hipótese de esfericidade da Terra. Nela se baseou Cristóvão Colombo quando apresentou o projeto de atingir a Ásia navegando para Ocidente.

B – Mapa-múndi de Henricus Martellus, c. 1489



C – Planisfério T-O, século XV



① Ásia ② Europa ③ África

alturas com aquelas que o mesmo astro atingia, por exemplo, em Lisboa. Mais tarde, socorreram-se de **tábuas solares** (Doc. 48) e de **regimentos dos astros**, elaborados por matemáticos e astrónomos, e introduziram correções (aditivas ou subtrativas) na medição das alturas entretanto efetuadas. A **latitude** estava finalmente encontrada.

A cartografia

A **cartografia** medieval mostrou-se primitiva e simplista, com raras exceções. Por exemplo, nos chamados **planisférios T-O** (Doc. 56), a Terra apresentava-se como um disco plano, constituído por três continentes e rodeado de oceano. Um outro planisfério corrente no século XV decompunha a Terra em **zonas**, considerando como inabitáveis as zonas equatorial e polares. Assinale-se que estas representações eram puramente simbólicas, não existindo critérios científicos nas formas, nas dimensões ou na disposição relativa das terras, dos mares e dos rios.

Outras **conceções** de representação cartográfica, em voga no século XV, derivavam da obra do geógrafo grego Ptolomeu (século II) e, entre várias incorreções, não admitiam a comunicabilidade entre os oceanos Atlântico e Índico (Doc. 5A).

Fruto da expansão marítima dos séculos XV e XVI, a **cartografia europeia** registou um **aperfeiçoamento** notável. Em primeiro lugar foram revistas as **conceções** medievais, dando-se a conhecer, com razoável exatidão, muitas regiões da Terra até então ignoradas ou mal conhecidas na Europa. Simultaneamente, contornos de mares e terras adquiriam um traçado mais rigoroso e as distâncias tornaram-se mais próximas da realidade.

Conceitos

Cartografia – Ciência da representação plana, parcial ou total, da Terra, segundo uma escala numericamente definida e determinadas convenções. Em virtude das viagens marítimas ibéricas dos séculos XV e XVI, a cartografia registou notáveis progressos, que puseram em causa as convicções antigas e medievais. A mais antiga carta, com inserção de escala de latitudes, é portuguesa e deve-se a Pedro Reinel (1504).

[...] Achada maneira de pôr cada uma das terras e mares deste mundo em seu certíssimo lugar, ficaram muito fáceis todas as navegações antigas, descobriram-se muitos mares e terras de novo, facilitaram-se todos os comércios, descobriu-se outro mundo novo, e fica agora tão fácil dar uma volta a todo o mundo como era antigamente navegar de Itália para África; e, finalmente, com muita facilidade agora se comunica com todo o mundo e se navega. E esta é a verdadeira e perfeita Geografia, a qual principalmente consiste em demarcar as terras pela correspondência que tem cada uma ao céu, com a devida largura e lonjura¹; e desta maneira se pode pôr em uma breve carta e pintura todo o mundo, e qualquer parte, província, reino ou comarca dele com muita certeza [...].

D. João de Castro – *Da Geografia por modo de diálogo*, c. 1538

1 Distância.

E – Carta atlântica de Sebastião Lopes, 1558



Eis uma carta belissimamente iluminada e assinada pelo seu autor, onde os rumos das várias rosas dos ventos e os pormenores costeiros à maneira das velhas cartas-portulano se conjugam com a inserção das **escalas de latitudes** (uma no hemisfério norte ①, outra no sul ②). Repare-se, também, nos **troncos de léguas** ③ que permitiam determinar as reais dimensões da Terra.

Questões pág. 29

Questões

- 1 Dos mapas relativos ao século XV (DOC. 5A, B e C), diga qual é o mais rudimentar e o mais perfeito. Justifique.
- 2 Explique a abundância de informação escrita registada na costa ocidental africana no mapa de H. Martellus (DOC. 5B).
- 3 Segundo D. João de Castro (DOC. 5D), que vantagens resultam da nova cartografia que põe “cada uma das terras e mares deste mundo em seu certíssimo lugar”?
- 4 Que técnicas náuticas permitiram os progressos cartográficos referidos em 5D e observados em 5E?

Em 1489, o cartógrafo alemão Henricus Martellus, fazendo eco da viagem de Bartolomeu Dias (1487-88), produziu um curioso planisfério onde, pela primeira vez, se representou o cabo da Boa Esperança (Doc. 5B).

Outro exemplo da constante atualização e revisão da cartografia é-nos fornecido pelo chamado **planisfério de Cantino** (1502)¹, um dos mais famosos mapas da coleção de cartas portuguesas de Quinhentos. Representa a África com bastante exatidão e é a mais antiga carta a esboçar um largo trecho do litoral brasileiro, desvendado dois anos antes. Apesar dos seus erros na representação da Indochina, serviu de modelo a vários cartógrafos europeus da primeira metade do século XVI.

Os **cartógrafos portugueses** eram, na verdade, os **mais aptos** para traduzir com rigor o mundo conhecido: introduziram troncos de léguas e escalas de latitudes; ilustraram os mapas com belas iluminuras, que nos fornecem úteis informações sobre povos, plantas e animais.

Pedro e Jorge Reinel, Lopo e Diogo Homem, Sebastião Lopes, Bartolomeu Velho, Fernão Vaz Dourado e Luís Teixeira foram alguns dos cartógrafos mais representativos do século XVI, a época dourada da cartografia portuguesa (Doc. 5E). A sua fama atravessou fronteiras: Jorge Reinel trabalhou em Sevilha, Diogo Homem na Inglaterra e Bartolomeu Velho na França.

Por toda a **Europa**, aliás, a cartografia progredia, associando a ciência à arte. Cartógrafos de nomeada foram o espanhol Juan de la Cosa, os flamengos Abraham Ortelius e Gerard Mercator, o genovês Battista Agnese, o francês Pierre Desceliers, o holandês Hondius e os alemães Henricus Martellus e Martin Waldseemüller.

1 O nome deve-se a Alberto Cantino, o emissário do duque de Ferrara que, em missão secreta, o adquiriu em Lisboa por 12 ducados de ouro. Pode ver este mapa na abertura da unidade 2 (pp. 24 e 25).



D. João de Castro (1500-1548).

Notável homem de ciência, D. João de Castro distinguiu-se, igualmente, pelos feitos militares no Oriente, onde foi governador e vice-rei da Índia. Em 1546, enfrentou com valentia o cerco que os Turcos efetuaram à praça de Diu. Salvou a praça, mas perdeu, na batalha, o seu filho mais novo.

B

O modo que tive para alcançar este segredo [das águas do mar Roxo] foi surgir muitas vezes em cima das restingas onde o mar me parecia vermelho, e mandar mergulhadores que me trouxessem as pedras que jaziam no fundo. [...] Todas ou a maior parte das pedras que arrancavam era do coral vermelho, e outras de coral coberto de musgo alaranjado. E a mesma prática tinha onde que o mar parecia verde, e achava pedra coral branca coberta de limo verde. E no mar branco achava areia muito alva sem outra mistura alguma.

D. João de Castro
Roteiro do Mar Roxo, 1541

C



Página do *Roteiro do Mar Roxo*, de D. João de Castro (1541).

Os *Roteiros* de D. João de Castro foram de tal modo rigorosos que muita da informação neles contida mereceu a confiança dos navegadores durante séculos.

Questões pág. 31

2.1.2 Observação e descrição da Natureza

A expansão marítima dos séculos XV e XVI proporcionou aos Portugueses uma atenta observação da Natureza, que pôs em causa muitas das conclusões dos Antigos.

Adquiriu-se uma mais correta perceção dos continentes e mares. Expliou-se o funcionamento dos ventos e das correntes marítimas, tal como se calculou distâncias e latitudes. Provou-se que as zonas equatoriais são habitáveis, que a Terra é esférica e que existem antípodas (pontos diametralmente opostos na superfície da Terra). Alargou-se o leque de conhecimentos étnicos, botânicos, zoológicos e cosmográficos.

Em obras sobre geografia física, humana e económica, os Portugueses descreveram com objetividade as **informações da realidade observada**. Foi o caso de D. João de Castro, cujos *Roteiros* contêm observações rigorosas sobre a hidrografia de baías e portos, a determinação de latitudes, o magnetismo terrestre (Doc. 6B).

A mesma análise realista e pormenorizada evidencia-se nas descrições de **faunas e floras** de África, Oriente e Brasil, que seduziram os Europeus. Pela primeira vez, foram dados ao seu conhecimento animais como a girafa, o elefante e o rinoceronte, frutos, alimentos e plantas como o ananás, a manga, o milho ou as drogas da Índia (Doc. 7).

A Tomé Pires, Amato Lusitano, Garcia de Orta e Cristóvão da Costa devemos precisas informações sobre a botânica e a farmacopeia orientais. Os *Colóquios*, de Garcia de Orta, escritos sob a forma de diálogo entre o autor e o seu discípulo Ruano, constituem um magnífico exemplo de exercício do espírito

7 Novas floras e faunas



Primeira representação de uma espiga de milho (gravura do século XVI).



Folha e pau de canela (ilustrações do século XVII).



Elefante (iluminação do século XVI).

Questões pág. 31

A

A experiência nos faz viver sem engano dos abusos e fábulas que alguns dos antigos cosmógrafos escreveram acerca da descrição da terra e do mar, os quais disseram que toda a terra que jaz debaixo do círculo da equinocial¹ era inabitável, pela grande quentura do sol. E isto achamos falso e pelo contrário [...].

Ptolomeu (século II) escreve, na pintura de suas antigas tábuas de cosmografia, o mar Índico ser assim como uma alagoa, afastado, por muito espaço, do nosso mar oceano ocidental² que pela Etiópia meridional passa; e que entre estes dois mares ia uma ourela de terra, por impedimento da qual, para dentro, para aquele gólfão Índico, per nenhum modo, nenhuma nau podia passar. Outros disseram que este caminho era de tamanha quantidade que, por sua longura, se não podia navegar, e que nele havia muitas sereias e outros grandes peixes e animais nocivos, pelo qual esta navegação se não podia fazer.

Pompónio Mela (século II), no princípio do seu segundo livro e assim no meio do terceiro *De Situ Orbis*, e Mestre João de Sacrobosco (século XIII), inglês, excelente autor, na arte da astronomia, no fim do terceiro capítulo do seu *Tratado da Esfera*, cada um destes em seu lugar, ambos disseram que as partes da equinocial eram inabitáveis pela muito grande quentura do Sol [...]; o que tudo isto é falso [...]. E como quer que a experiência é madre das cousas, por ela soubemos radicalmente a verdade [...].

Duarte Pacheco Pereira – *Esmeraldo de Situ Orbis*, 1505-1508 (adaptado)

1 Equador. 2 Oceano Atlântico.

B



Duarte Pacheco Pereira (c. 1460-1533) é uma das figuras preeminentes da expansão marítima portuguesa, distinguindo-se como militar, navegador e cosmógrafo. Participou em viagens à Guiné, foi governador da feitoria de S. Jorge da Mina e combateu em Cochim. Interveio, também, nas negociações que conduziram à celebração do Tratado de Tordesilhas e D. João II elevou-o à categoria de cavaleiro. A obra *Esmeraldo De Situ Orbis* é considerada um dos expoentes da ciência náutica portuguesa.

Questões pág. 31

Conceitos

Experiencialismo* – Forma de sabedoria que se identifica com a vivência das coisas, mais próxima da constatação empírica dos sentidos e do bom senso que da reflexão científica.

* Estruturante

Questões

- 1 Que segredo desvendou D. João de Castro (DOC. 6B)? Como o conseguiu?
- 2 Identifique quatro incorreções geográficas dos antigos cosmógrafos (DOC. 8A).
- 3 Tendo em conta os acontecimentos da época, esclareça o significado da observação de D. P. Pereira, "... a experiência é madre das cousas, per ela soubemos radicalmente a verdade..." (DOC. 8A).
- 4 Como se explicam as representações inseridas no DOC. 7?

crítico renascentista. Frequentemente, Orta endereça censuras aos autores clássicos de farmacopeias, sobrepondo-lhes as suas opiniões baseadas na observação direta e na experiência, únicas formas de se atingir a verdade.

Ao negar ou corrigir os Antigos, os Portugueses ajudaram a construir um **novo saber**, um *saber de experiência feito*, que tem o nome de **experiencialismo**. Evidenciando a superioridade dos Modernos que, apoiados na observação da Natureza, abateram mitos dos sábios antigos, o navegador e cosmógrafo Duarte Pacheco Pereira pôde concluir que "a experiência nos faz viver sem engano dos abusos e fábulas" (Doc. 8A).

Todavia, os **novos conhecimentos** derivados do experiencialismo resumiram-se, na maior parte dos casos, a **observações e descrições empíricas da Natureza** e não a resultados de experiências propositadamente praticadas para a verificação de hipóteses. Só neste último caso se podem elaborar leis e princípios universalmente válidos.

Mas se o **saber português** dos séculos XV e XVI ainda não foi ciência na verdadeira aceção da palavra, a verdade é que ele **contribuiu**, de modo irreversível, **para o exercício do espírito crítico** que se encontra nas raízes do pensamento moderno. Pela Europa fora, as verdades indiscutíveis dos Antigos foram revistas, ao mesmo tempo que alastrou o sentido da curiosidade pelo mundo terrestre, pela fisiologia do ser humano¹, pelo movimento dos astros, pelo conhecimento do Universo.

¹ Também a Medicina registou progressos notáveis, em virtude das observações e experiências em cadáveres, efetuadas por sábios como Vesálio e Miguel Servet.

A – Na Arte



Retrato do matemático Frei Luca Pacioli, 1495.

Luca Pacioli (1445-1517) foi um monge franciscano apaixonado pela Antiguidade. Inspirou-se na geometria do grego Euclides para elaborar notáveis trabalhos sobre perspetiva e proporções, que ajudaram a revolucionar a representação do espaço na arte.

2.2 O conhecimento científico da Natureza

2.2.1 A matematização do real

O verdadeiro conhecimento científico apenas surgiu no século XVII, quando as observações e descrições da Natureza desencadearam hipóteses que vieram a ser demonstradas matematicamente. Tal se ficou a dever a um conjunto de notáveis **progressos matemáticos**, nos campos da álgebra e da geometria, em que se distinguiram sábios como **Frei Luca Pacioli** (Doc. 9A), **Tartaglia** (1510-1537), **Cardan**, **Stevin** e o português **Pedro Nunes** (Doc. 9B), entre outros.

Desde o Renascimento que a Matemática influenciou a vivência humana da realidade. O Homem renascentista revelou uma **mentalidade quantitativa** ao recorrer à utilização dos números (indo-árabes e não já romanos) com uma frequência que não era habitual. Como navegador, geógrafo e astrónomo, calculava distâncias, durações, latitudes, funduras, proporções. Como mercador e financeiro, procedia ao câmbio de moedas, calculava pesos e preços, avaliava lucros e prejuízos. Como funcionário do Estado, determinava rendas, impostos, receitas das alfândegas; recenseava famílias ou arrolava homens para a guerra. Sem o número já não era possível passar.

B – Na Cosmografia

Há dez anos que vós, Rei mui liberal [D. João III], me mandastes ensinar-lhe [ao infante D. Henrique, irmão de D. João III] as ciências matemáticas [...]. Nos últimos dias teve a curiosidade de saber a extensão dos crepúsculos¹ nos diferentes climas. Houve logo quem tentasse resolver o caso e asseverasse ter encontrado cabal solução [...].

Vendo eu, entretanto, que apenas se respondia com coisas muito sabidas e gastas e por ninguém, que eu saiba, até agora demonstradas, seduziu-me o intento de explicar claramente este assunto mediante os princípios certíssimos e evidentíssimos da Matemática. Nesta ordem de ideias, meditando e investigando, descobri coisas que não li em parte alguma e não mereceriam crédito se não fossem demonstradas.

Pedro Nunes – *De Crepusculis Liber Unus* (dedicatória a D. João III), 1542

¹ Duração do anoitecer e do amanhecer.



Pedro Nunes (escultura inserida no monumento a Camões, em Lisboa).

Cosmógrafo-mor do reino e professor na Universidade de Lisboa e de Coimbra, Pedro Nunes (1502-1578) é autor de uma obra científica que lhe dá lugar cimeiro entre os matemáticos do seu tempo.



C – No método científico

Por um lado, as matemáticas tornaram-se a linguagem comum a todas as disciplinas físicas: todo o fenómeno, celeste ou terrestre, artificial ou natural, é, de futuro, descrito pelas equações matemáticas, sem o recurso à tradicional argumentação filosófica.

Por outro lado, a experimentação coloca-se no centro da prática científica, como inspiradora do raciocínio e, simultaneamente, como comprovativo final da certeza desse raciocínio.

A utilização das abstrações matemáticas em articulação com a experiência constitui o célebre “método científico”. Mesmo que, posteriormente, a ciência tenha sofrido transformações radicais, a verdade é que o lugar central nela ocupado pelas matemáticas e pela experimentação foi delineado pelos sábios do Renascimento. [...].

Neste processo de matematização e de mecanização dos fenómenos físicos, os valores numéricos desempenham um grande papel.

Román Ikonnikoff, 2012 – *La naissance de la méthode scientifique*, em “Le Génie de la Renaissance”, Cahiers Science & Vie



Gravura extraída de *Margarita Philosophica* (1504).

Ao centro, a figura da **Aritmética** observa duas personagens, uma que faz cálculos com numeração árabe e pena (à esquerda da gravura) e outra que usa o ábaco tradicional.

Questões pág. 35

Conceitos

Mentalidade quantitativa – Atitude que leva a compreender todas as facetas da vida em termos de números e de quantidades. Nos séculos XV e XVI, foi especialmente notória no ramo dos negócios. Mas também na técnica, na ciência, na arte, na organização política e nas relações quotidianas, o número foi uma referência indispensável.

2.2.2 A revolução das concepções cosmológicas

O entendimento que o Homem tinha do Cosmos sofreu grandes alterações nos séculos XVI e XVII. Combinando o cálculo matemático com a observação e o saber experimental, sucedeu a chamada **revolução das concepções cosmológicas** que está na génese da ciência moderna.

Tudo começou com Copérnico, que se atreveu a contrariar a **teoria geocêntrica de Ptolomeu**, respeitada desde o século II. De acordo com as ideias ptolemaicas (que reforçavam, aliás, as de Aristóteles), a Terra, completamente imóvel e formada por terra, ar, fogo e água, ocupava o centro do universo finito (ver. 11). À sua volta, moviam-se os corpos celestes, de formas imaculadas e incorruptíveis, num movimento perfeito, na medida em que descreviam órbitas circulares uniformes.

De modo algum se admitia movimento na Terra. Argumentava-se que, se tal acontecesse, os objetos lançados ao ar nunca cairiam junto daquele que os lançava, mas um pouco mais atrás; ou então que, se a Terra se movesse, cairia para o centro do Mundo, em virtude do seu peso. Para a Igreja, por sua vez, soava a blasfémia dizer que a Terra se movia e não o Sol, pois, segundo uma passagem da Bíblia, Deus “parara” o Sol a pedido de Josué.

A

Cláudio Ptolomeu (c. 150 d. C.), no seu *Almagesto*¹, alicerçou o conhecimento aristotélico. Justificara assim a imobilidade da Terra: se esta se movesse do lugar que ocupa, ela própria cairia para o centro do mundo e, por ser de grande massa, o faria mais depressa do que os corpos à superfície, deixando-os a flutuar no espaço. Ora, isso nunca se viu! A Terra está imóvel! Ptolomeu também descreveu com precisão o movimento dos planetas [...]. O planeta descreve uma órbita circular (*epiciclo*) em torno de um ponto, que descreve também uma órbita circular (*deferente*) em torno da Terra. Jogando com o tamanho relativo e velocidade das duas órbitas, e deslocando a Terra para uma posição não central ao deferente (*ponto equanto*), Ptolomeu conseguia reproduzir os movimentos retrógrados² e as mudanças de velocidade dos planetas, tal como observado pelos gregos Apolônio e Hiparco (250 a 100 a. C.). O mundo estava bem entendido e matematizado. Nem as culturas árabes e chinesas o mudaram e a Humanidade viveu a intangibilidade do Cosmos durante séculos.

Rui Jorge Agostinho - *Desde a Terra plana à conquista do Cosmos*. "Notícias do Milénio", edição dos jornais do Grupo Lusomundo, 1999

¹ Nome dado pelos árabes ao *Tratado de Astronomia* de Ptolomeu.

² Assim chamados por os astros parecerem ficar para trás.

B



Representação simplificada do universo geocêntrico de Ptolomeu.

Questões pág. 35

Como atrás dissemos, Copérnico negou Ptolomeu. O sábio polaco criou uma nova teoria que expôs na obra *De Revolutionibus Orbium Coelestium*¹, publicada em 1543. A **revolução copernicana** estava em marcha.

Segundo Copérnico, a Terra não é o centro do Universo, mas o Sol (**teoria heliocêntrica**). Todas as esferas celestes, incluindo a Terra, giram em volta do Sol, num movimento chamado *translação*, tal como giram em torno do próprio centro, num movimento de *rotação*.

Apenas a Lua gira em volta da Terra. Aos movimentos de rotação e de translação da Terra se deve a sucessão dos dias e das noites e das estações do ano. Quanto ao movimento do Sol, que a visão humana parece confirmar, Copérnico explicou-o como sendo o resultado da projeção na abóbada celeste do movimento da Terra.

As repercussões culturais das conclusões de Copérnico não foram, de imediato, sentidas. A publicação da obra, com uma dedicatória ao Papa Paulo III, deu-se nas vésperas da morte de Copérnico e fez-se acompanhar de um prefácio abusivo, da parte de um teólogo protestante, que a apresentou

Conceitos

Revolução copernicana – Nova conceção de Universo, devida a Copérnico, que faz do Sol o centro do Mundo (heliocentrismo). Resultou, a médio prazo (graças às descobertas de Tycho Brahe, Kepler e Galileu), nas seguintes consequências:

- fim do geocentrismo ptolemaico;
- substituição do Universo fechado aristotélico pelo mundo infinito;
- descrença na superioridade do conhecimento científico dos Antigos;
- esmorecimento de convicções religiosas.

¹ Traduz-se por *As Revoluções dos Orbes Celestes*, que significa o movimento dos astros.

Depois de longas investigações, convenci-me, enfim, de que:

O Sol é uma estrela fixa, rodeada de planetas que giram à sua volta e dos quais ele é o centro e o foco.

Além dos planetas principais há ainda outros, de segunda ordem, que giram primeiro como satélites à volta dos seus principais e com estes à volta do Sol.

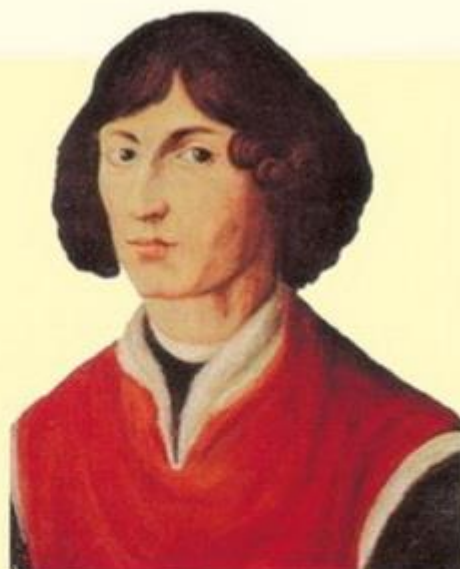
A Terra é um planeta principal, sujeito a um triplice movimento.

Todos os fenómenos dos movimentos diurno e anual, a sucessão periódica das estações, todas as vicissitudes da luz e da temperatura da atmosfera que os acompanham são resultantes da rotação da Terra à volta do seu eixo e do seu movimento periódico à volta do Sol. O movimento aparente das estrelas é uma ilusão de ótica, produzida pelo movimento real da Terra e pelas oscilações do seu eixo.

Enfim, o movimento de todos os planetas dá lugar a uma dupla ordem de fenómenos que é essencial distinguir, dos quais uns derivam do movimento da Terra, outros da revolução destes planetas à volta do Sol.

Não duvido de que os matemáticos sejam da minha opinião se quiserem dar-se ao trabalho de conhecer, não superficialmente, mas de uma maneira profunda, as demonstrações que darei nesta obra.

Se alguns homens superficiais e ignorantes quiserem atacar-me, sobre algumas passagens da Escritura, às quais deformam o sentido, eu desprezo os seus ataques: as verdades matemáticas só devem ser julgadas por matemáticos.



Nicolau Copérnico (1473-1543). Natural da Polónia, o famoso astrónomo era cônego de profissão. Além do Direito Canónico, estudou Medicina e Astronomia em Cracóvia, Bolonha, Pádua e Ferrara.

Copérnico - *De Revolutionibus Orbium Coelestium*, 1543

Questões pág. 35

Questões

- 1 Refira a utilidade atribuída à Matemática nos DOC. 9A, B e C.
- 2 Identifique a frase do DOC. 9C que melhor explicita o significado de "matematização do real".
- 3 Qual dos métodos de cálculo parece a figura da Aritmética preferir (DOC. 10)? Que vantagens trazia esse método?
- 4 Indique três características do universo de Ptolomeu (DOC. 11). Como justificava o sábio o geocentrismo?
- 5 Identifique três diferenças que o universo de Copérnico apresenta relativamente ao de Ptolomeu (DOC. 12).
- 6 Explique o último parágrafo do texto de Copérnico (DOC. 12).

como uma hipótese e não como uma realidade científica propriamente dita. Na verdade, Copérnico foi mais matemático do que astrónomo, fez mais cálculos do que observações: a sua teoria necessitava de bases experimentais mais profundas e escrupulosas.

Mas se o astrónomo polaco não convenceu os contemporâneos, a inquietude instalou-se. **Outros sábios**, com as suas teorias explicativas e os seus dados experimentais, **prosseguiram o caminho iniciado por Copérnico**, abalando, de forma irreversível, o universo geocêntrico de Ptolomeu e a doutrina da Igreja. No espaço de um século, **a revolução das conceções cosmológicas recebeu um grande impulso** da parte de sábios como Giordano Bruno, Ticho Brahe, Johannes Kepler e Galileu Galilei. Da importância deste último falaremos no Módulo 4 (matéria do 11.º ano).

Leonardo da Vinci, um técnico e homem de ciência no Renascimento

O nome de Leonardo da Vinci ficou indissociavelmente ligado à pintura renascentista e, em especial, ao famoso retrato *Mona Lisa*. Mas, para além da arte da pintura, Leonardo distinguiu-se ainda como arquiteto, mecânico, engenheiro, matemático, astrônomo, anatomista, botânico, geólogo. Leonardo é bem o protótipo do sábio renascentista, como curioso insaciável, experimentador e genial inventor.

NASCIMENTO: 15 de Abril de 1452

DOC. A Vida e obra de Leonardo

1452	Nascimento em Vinci, perto de Florença
1469	Aprendizagem no ateliê do pintor Verrochio, em Florença. Pinta <i>Anunciação</i> (1475-78)
1482-99	Engenheiro e "organizador de festas" na corte de Ludovico Sforza, o Moura, duque de Milão. Pinta <i>A Última Ceia</i> (1495-98)
1500-06	Engenheiro militar em Mantua, Veneza e Romanha, onde serviu César Bórgia. Pinta <i>Mona Lisa</i> (c. 1503)
1506-13	Arquiteto em Milão. Estadia em Florença. Pinta <i>A Virgem, o Menino e Santa Ana</i> (c. 1508)
1513-16	Engenheiro naval em Roma, ao serviço de Julião de Médicis, irmão do Papa Leão X.
1516-19	"Primeiro pintor, arquiteto e engenheiro" do rei Francisco I de França, na corte do Castelo de Amboise, onde vem a falecer aos 67 anos



Leonardo da Vinci, *Autorretrato*, sanguinea, 1512-15.

DOC. B Leonardo visto por Vasari

Verdadeiramente admirável e celeste foi Leonardo, filho de Ser Piero da Vinci [...] dedicou-se alguns meses à aritmética e fez tantos progressos que, muitas vezes, abalou o professor levantando problemas. Cultivou um pouco a música [...]. Cantava divinamente [...], não deixou de desenhar e esculpir, porque era o que melhor convinha à sua imaginação. [...]. O seu raciocínio era de grande vigor; exprimia tão bem o seu pensamento que dominava, pela argumentação, as mais vigorosas inteligências.

Inventava, sem cessar, projetos e modelos para aplanar facilmente as montanhas, para abrir uma passagem de uma planície a outra, para erguer alavancas, cabrestantes e engrenagens de pesos enormes, processos para consertar os portos, bombas para aspirar água. O seu cérebro nunca parava de destilar invenções subtis: ideias e trabalhos cujos desenhos estão espalhados [...].

Giorgio Vasari - *Vida dos mais excelentes pintores, escultores e arquitetos*, 1550

DOC. C Leonardo arquiteto



Desenho de igrejas, c. 1490.

ML D Leonardo pintor



Mona Lisa, óleo sobre madeira, c. 1503, é talvez a obra mais carismática da pintura europeia. O retrato de Mona Lisa, encomendado ao pintor pelo marido, Francesco del Giocondo (daí que Mona Lisa seja também a Gioconda), mereceu permanentes retoques e aperfeiçoamentos da parte de Leonardo, que dele nunca se separou até à morte, em França.

ML E Leonardo engenheiro

Muito ilustre Senhor,

1. Conheço um modelo de pontes muito ligeiras e sólidas – fáceis de transportar, para perseguir ou inversamente, fugir do inimigo [...].
3. Item, [...] no decurso de um cerco a uma praça, possuo os meios de destruir qualquer forte ou fortaleza [...].
6. Item, fabricarei carros cobertos e inatacáveis que entrarão nas ilhas inimigas [...].
7. Item, [...] fabricarei canhões, morteiros, peças ligeiras de formas muito belas.
8. Para onde o bombardeamento não chegar, inventarei catapultas, manganelas, trabucos e outras máquinas de uma eficácia maravilhosa [...].

10. Em tempo de paz creio poder dar toda a satisfação em arquitetura, na construção de edifícios públicos e privados e em conduções de água.

Declaro-me pronto a realizar a experiência no vosso parque ou em qualquer lugar que agradar a Vossa Excelência, a quem me recomendo humildemente.

Carta de Leonardo da Vinci a Ludovico Sforza, o Mourto (1482), em *Materiais de Apoio aos Novos Programas*, 11.º ano, D.C.E.B.S., 1991-92

ML F Os Cadernos de Leonardo (1508-1519) ou o testemunho de um inventor



Maquete do carro blindado, a partir do desenho de Leonardo.

Desenhos dos Cadernos de Leonardo, com os projetos de um paraquedas (1), de um mecanismo de relógio (2) e de um carro blindado (3). A maior parte dos registos foi escrita com a mão esquerda e no sentido da direita para a esquerda, pelo que só podem ser lidos ao espelho.

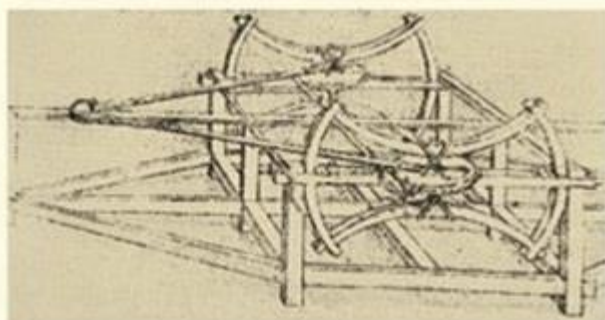
Os *Cadernos* de Leonardo, preenchidos com apontamentos, notas e esboços, dão-nos conta do seu gosto e talento na construção de engrenagens. Entre as suas **invenções** cita-se a máquina voadora, o paraquedas, o carro blindado, o submarino, o relógio-despertador. Guloso incorrigível, Leonardo aplicou muita da sua criatividade à **culinária**. Foi assim que, para a cozinha do Castelo Sforza em Milão, onde inventava as mais exóticas iguarias, concebeu também a máquina de lavar loiça (que causou uma tremenda inundação!), o moinho de pimenta, o grelhador automático, o exaustor de "cheiros e pestilências", o cortador de ovos em rodelas e de lasanha em *spaghetti*, além de um dispositivo que eliminava as rãs da água potável. Verdadeiramente incomodado com a falta de maneiras à mesa do seu amo e convidados, que limpavam as mãos às toalhas e às vestes uns dos outros, Leonardo inventou os guardanapos e, logo de seguida, o respetivo secador rotativo.

2



Montagem de um canhão.

3



Máquina para lançar bombas.

Doc. G Experiência e ciência

Para adquirir um conhecimento justo e completo, dissequei mais de dez cadáveres, retirando até às mais pequenas partículas a carne que rodeava as veias, apenas fazendo sangrar, e de modo imperceptível, as veias capilares. Um só cadáver não teria demorado muito tempo; mas foi necessário trabalhar com vários, por etapas, para chegar a um conhecimento completo [...].

Apesar de todo o teu amor pelas pesquisas, podes delas afastar-te devido às náuseas; ou por causa do medo de passar as horas da noite na companhia de cadáveres decepados, esfolados e horríveis. E se isto não te afastar, talvez não tenhas talento para a representação figurada. E se o tiveres, pode ser que não saibas aplicar a perspetiva. E, caso saibas, podes não dominar a exposição matemática e o método para calcular as forças e a energia muscular; ou talvez te falte a paciência [...].

Leonardo da Vinci, *Tratado da Pintura - sobre a anatomia*, c. 1490

Doc. H Leonardo anatomista



Estudo de anatomia. Para melhor representar os corpos, com as devidas musculaturas e ossaturas, Leonardo dedicou-se ao estudo da anatomia. Contornando as proibições da Igreja, praticou dissecações em cadáveres.

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. Identifique os mecenas de Leonardo [Doc. A].
2. Explique porque se considera Leonardo uma personalidade multifacetada [Doc. B].
3. Onde trabalhava Leonardo quando projetou igrejas e pintou a Mona Lisa [Docs. A, C, D]?
4. Faça uma listagem das obras que Leonardo se propôs realizar para o duque de Milão [Doc. E].
5. Em que tipo de trabalhos insistia Leonardo de um modo particular [Doc. E]?
6. Qual ou quais das imagens do Doc. F se identifica(m) com os propósitos de Leonardo na carta ao duque de Milão?
7. Que faceta do génio de Leonardo sobressai no Doc. F?
8. Identifique a frase do texto de Vasari [Doc. B] que documenta essa faceta.
9. Identifique, nos Docs. G e H, outro talento de Leonardo.

SÍNTESE

10. Mostre, com base no Doc. G e na restante documentação, que Leonardo da Vinci contribuiu para o conhecimento científico da Natureza. Tenha presente:
 - a diversidade dos talentos de Leonardo;
 - as suas pesquisas experimentais;
 - as suas preocupações matemáticas.

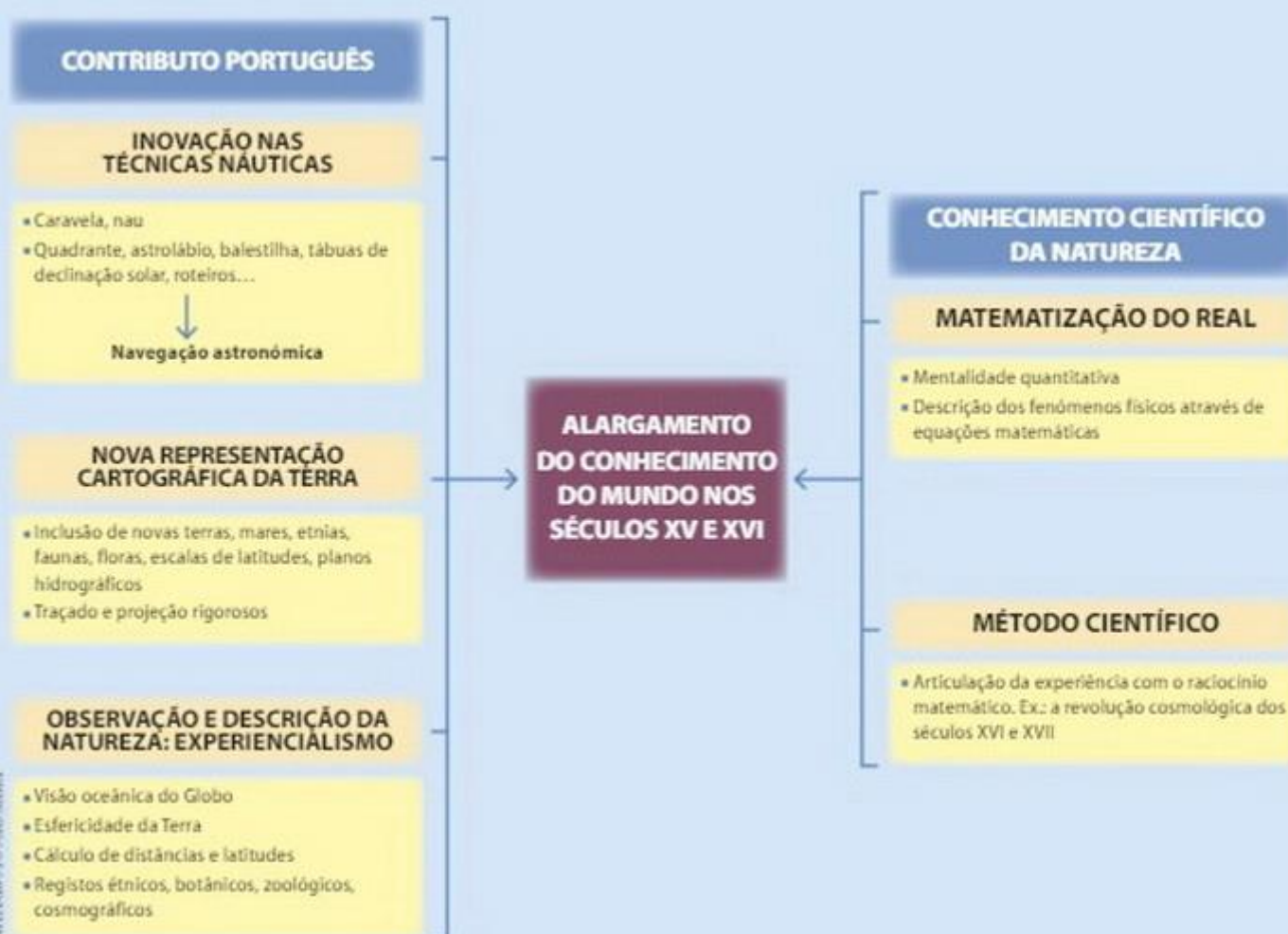
O alargamento do conhecimento do Mundo

2

O contributo português e o conhecimento científico da Natureza

- Nos séculos XV e XVI, as viagens transoceânicas dos Portugueses alargam o conhecimento do Mundo:
 - desvendam novas terras, novos mares, novas gentes, novos astros;
 - revelam floras e faunas desconhecidas;
 - conduzem ao aperfeiçoamento das técnicas náuticas;
 - contribuem para uma nova representação cartográfica da Terra.
- Baseados na observação e no contacto direto com as realidades, que descrevem rigorosa e pormenorizadamente, os novos conhecimentos da Natureza e do Mundo desacreditam as opiniões dos Antigos. A experiência, *madre das cousas*, eleva-se a autoridade e fonte do saber.
- O *experientialismo*, nome dado a esse novo saber, não é, porém, ainda ciência. Quando a reflexão matemática o completar, o método científico define-se. Um exemplo da sua aplicação ocorre na astronomia, conduzindo à *revolução das conceções cosmológicas*.

Síntese esquemática





Rafael, *O Parnaso* (pormenor), fresco no Palácio do Vaticano, c. 1511

Traduções de
Aristóteles e Platão
por Leonardo Bruni
(1417-21)

Brunelleschi:
Capela dos Pazzi
(1430-44)

Jan Van Eyck:
Condeito Místico
(1431)

Nuno Gonçalves: Políptico
de S. Vicente
(1450)

Bíblia de Gutenberg
(Magiânica)
(1455)

M. Ficino:
tradução dos
Diálogos de Platão
(1469)

Leonardo
da Vinci:
A Virgem dos
Rochedos
(1483)

Unidade

A produção cultural

Conteúdos

- 3.1 Distinção social e mecenato
- 3.2 Os caminhos abertos pelos humanistas
- 3.3 A reinvenção das formas artísticas*

* Conteúdo de aprofundamento

Aprendizagens

- Mostrar como se faz sentir a ostentação das elites cortesãs e burguesas
- Reconhecer o prestígio da Coroa portuguesa na Época Moderna
- Explicar as características antropocéntricas do Humanismo
- Exemplificar a valorização da Antiguidade pelo Humanismo
- Relacionar o espírito crítico humanista com o exercício da crítica social e a produção de utopias
- Identificar no urbanismo, na arquitetura e na pintura a expressão de uma nova conceção de espaço, de carácter antropocéntrico*
- Mostrar a superação do legado antigo na pintura renascentista
- Identificar as características da nova estrutura arquitetónica e da respetiva gramática decorativa
- Relacionar o estilo manuelino com a persistência e renovação do Gótico
- Caracterizar a pintura e a escultura portuguesas do Renascimento

* Aprendizagem estruturante



P. della Mirandola:
Discurso sobre a Dignidade do Homem
(1486)

Início das
obras do
Mosteiro das
Jerónimas
(1502)

M. Angelo:
David
(1504)

Início das
obras de
São Pedro do
Vaticano
(1506)

Erasmio:
Elogio da Loucura
(1511)

Embaixada de
D. Manuel ao
Papa Leão X
(1514)

Maquiavel: *O Príncipe*
Thomas More: *Utopia*
(1516)

B. Castiglione: *O Cortesão*
(1528)

Grão-Vasco:
São Pedro
(1530-35)

Tidiano:
Vênus de Urbino
(1538)

Colégio das
Artes e
Humanidades
em Portugal
(1547)

Camões:
Os Lusíadas
(1572)

Shakespeare:
Romeu e Julieta
(1597)

A

Este duque [Federico de Montefeltro], entre muitas coisas louváveis, edificou um palácio no agreste e temível lugar de Urbino, o mais belo de toda a Itália, no dizer dos conhecedores. Dotou-o tão bem de tudo que não parecia um palácio, mas uma cidade em forma de palácio. Encheu-o não só daquelas coisas que se usam habitualmente, tal como vasos de prata, ricas tapeçarias de ouro e de seda e outros mobiliários de interior semelhantes, mas ainda de uma faustosa decoração. Juntou-lhes uma infinidade de estátuas antigas de mármore e de bronze, as pinturas mais célebres e uma infinidade de instrumentos de música. Para lá ele não queria nada que não fosse raro e excelente. Em seguida, com grandes despesas, reuniu um grande número de excelentes livros, os mais raros, gregos, latinos e hebreus: mandou-os revestir todos de ouro e de prata, considerando que aí residia a mais inestimável pérola do seu vasto palácio.

Baltasar Castiglione - *O Cortesão*, 1528

B



Pedro Berruguete, *Retrato de Federico de Montefeltro, duque de Urbino, e do seu filho Guidobaldo*, óleo sobre madeira, c. 1476.

A vida e a obra de F. de Montefeltro são um exemplo de vitória do mérito pessoal, tão apreciado na Itália renascentista. O duque de Urbino não deveu a sua nobreza ao nascimento, mas a uma carreira política conquistada pela força das armas, o mesmo é dizer fruto do seu esforço e sagacidade. Homem esclarecido e apaixonado pelos clássicos, sobressaiu como mecenas das artes e benfeitor dos súditos, o que lhe valeu ser chamado de «luz da Itália». Sob o governo de Guidobaldo, a corte de Urbino continuou a brilhar. Castiglione imortalizou-a em *O Cortesão*, considerando-a um modelo de civilidade.

Questões pág. 43

3.1 Distinção social e mecenato



A prosperidade material e o progresso do conhecimento durante o Renascimento fizeram-se acompanhar de curiosas **atitudes socioculturais** que testemunham a crença na superioridade do Homem e no poder do indivíduo. Salientemos a ostentação das elites cortesãs e burguesas, a prática do mecenato e o estatuto de prestígio dos intelectuais e artistas.

3.1.1 A ostentação das elites cortesãs e burguesas

O tempo do Renascimento viu nascer uma atitude otimista de exaltação da vida, pouco habitual na Idade Média. A alegria pela existência foi naturalmente mais vincada naqueles a quem a sorte sorria: as **elites sociais**, também apelidadas de **cortesãs**, onde se misturavam nobres e burgueses em busca de ascensão. Trata-se de uma situação particularmente notória na Itália, mercê da próspera situação económica das suas cidades-estado e da sua bem-sucedida burguesia de negócios.

Rodeadas de **luxo, conforto, beleza e sabedoria**, as elites ostentavam vestes sumptuosas, ricos palácios e solares, consumiam requintadas iguarias, investiam na aquisição de obras de arte e no reforço das suas bibliotecas. Às elites se deveu a criação de famosas cortes, como a dos Médicis em

2 Como estar à mesa na casa de um senhor

- Não falar em voz demasiado alta.
- Não tirar o melhor pedaço da travessa comum.
- Não dar estalidos com a língua.
- Não palitar os dentes durante as refeições.
- Não limpar a boca à toalha.
- Não fazer ruídos inoportunos.

Em Eugénio Garin - *O Homem Renascentista*, Lisboa, Ed. Presença, 1991

Questões pág. 43

A

Que o cortesão seja, além de nobre, homem de bem, isto é, prudente, bom, corajoso, confiante, belo e elegante. Que a sua principal e autêntica profissão seja a das armas, que saiba todos os exercícios que convêm a um militar. Que o perfeito homem de corte seja alegre, saiba jogar e dançar, que se mostre homem de espírito e seja discreto.

As letras que Deus revelou aos homens são úteis e necessárias à vida e à dignidade do homem. Que o cortesão conheça não só o latim, mas também o grego por causa das numerosas e diversas coisas que estão escritas divinamente nesta língua. [...] que ele saiba escrever em verso e em prosa, particularmente a nossa língua. Louvá-lo-ei também por saber várias línguas estrangeiras, principalmente espanhol e francês que estão muito divulgadas em Itália. A sua cultura parecer-me-á insuficiente se não tiver conhecimentos de música e não basta que saiba ler a partitura, deve ainda tocar vários instrumentos. [...] Há ainda um aspeto que julgo de grande importância: trata-se da arte do desenho e da pintura. [...] que o nosso homem de corte seja um perfeito cavaleiro de toda a sela: nos torneios, nos duelos, nas corridas, no lançamento do dardo e da lança. [...] Convém também que saiba saltar, correr e nadar.

Baltasar Castiglione - *O Cortesão*, 1528

B – Um homem da corte



Jean de Dinteville, embaixador do rei de França na corte de Henrique VIII de Inglaterra (pormenor do quadro de Holbein, *Os Embaixadores*, 1533).

Questions p.43 

Conceitos

Civilidade – Conjunto de formalidades que pautam a vida cotidiana e a convivência social. Identificam-se com a etiqueta e as boas maneiras.

Questões

- 1 Dê quatro exemplos de ostentação por parte do duque de Urbino (DOC. 1A).
- 2 Identifique quatro competências exigidas a um cortesão (DOC. 3A).
- 3 Com que imagem quis o duque de Urbino ser representado na gravura (DOC. 1B)? Porquê?
- 4 Porque são os DOCS. 2 e 3B representativos da civilidade renascentista?

Florença ou a dos duques de Urbino, que rivalizaram com as cortes de reis e papas (Docs. 1 e 4).

A corte ou, melhor, as **cortes** constituíram um **círculo privilegiado da cultura e da sociabilidade renascentistas**. Fomentaram a erudição humanista e os talentos artísticos, pelo que se converteram em focos de poderoso **mecenato**. Foram palco de animadas festas e tertúlias. Nelas se destacou a figura do cortesão, considerado a imagem perfeita e ideal do homem do Renascimento (Duc. 3).

Descrito pelo escritor Baltasar Castiglione (1478-1529) na obra homônima, o **cortesão** apresentava-se como modelo de talentos físicos e intelectuais, de qualidades morais e boas maneiras. Deveria ser imediatamente reconhecível pelo seu porte e pela linguagem do seu corpo, revelados no modo como cavalgava, andava, gesticulava e dançava. A sua figura, em suma, aproximar-se-ia de uma autêntica obra de arte.

A vida quotidiana das elites cortesãs, ou de quem aspirava a elas pertencer, estava fortemente condicionada por exigentes regras de comportamento social. Conhecidas por **civilidade**, essas regras instruíam sobre o modo como se deveria comer, vestir, cumprimentar, falar, estar e, inclusive, sobre preceitos de higiene pessoal (Box. 2). A par do esclarecimento intelectual, da superioridade moral e, se possível, da beleza da figura, damas e cavalheiros procuravam sobressair pela delicadeza das maneiras. A sociabilidade renascentista tornou-se bem mais polida e contida que nos tempos medievais.

A



Lourenço [de Médicis], o Magnífico, pormenor do fresco de Benozzo Gozzoli, *O Cortejo dos Magos*, 1459.

B

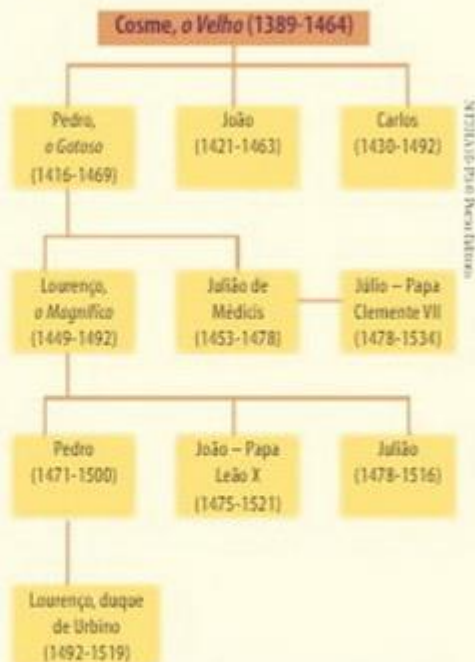
Lourenço [o Magnífico] estimava todos aqueles que eram excelentes nas artes; protegia os letrados. [...]

Lourenço deliciava-se, sobretudo, com a música, a arquitetura e a poesia. Existem vários poemas que ele compôs ou que enriqueceu com comentários.

A fim de que a juventude de Florença se pudesse entregar às belas letras abriu, em Pisa [cidade sob o domínio de Florença], um *Studio* [Academia] para onde chamou os homens mais instruídos que se encontravam na Itália.

Maquiavel (1469-1527) - *Histórias florentinas*, Livro VIII

C



A família Médicis, uma dinastia de mercadores-banqueiros.

A família Médicis deveu a sua fortuna aos negócios bancários e à indústria e comércio da lã e da seda. De 1434 a 1494 e, mais tarde, de 1512 a 1609, os Médicis governaram Florença, patrocinando o embelezamento da cidade através da construção de igrejas, palácios, estátuas, jardins e equipamentos culturais.

Questão pág. 45

3.1.2 O estatuto de prestígio dos intelectuais e artistas

Falamos há pouco do papel das cortes na promoção do **mecenato**. Distintos nobres e burgueses, eclesiásticos, monarcas e papas notabilizaram-se, durante o Renascimento, pelas encomendas que fizeram a intelectuais e artistas, que acolhiam com generosidade. Solicitavam aos intelectuais manuscritos antigos, originais ou copiados, e obras literárias que exibiam nas suas bibliotecas. Encarregavam os artistas de grandiosos projetos de arquitetura, de estátuas, túmulos, retratos. Eram mecenas na verdadeira aceção da palavra, procurando, com as obras que patrocinavam, deixar o seu nome imortalizado (Doc. 4).

Mas não só a vaidade pessoal movia os mecenas. Ao disputarem nas suas residências e cortes a presença de letrados, pintores, escultores e arquitetos, os mecenas expressavam, igualmente, o **prestígio** e a **consideração** que o Renascimento sentia pelos seus **intelectuais** e **artistas**.

Porque símbolo da força criadora do Homem que se eleva à perfeição divina pelas obras do espírito, intelectuais e artistas mereceram dignidades e posições cimeiras. Alguns receberam elogios sem fim, como Erasmo, cognominado de "príncipe das letras", ou Leonardo da Vinci, qualificado de "admirável e celeste", ou ainda Miguel Ângelo, alvo de um verdadeiro culto após a morte (Doc. 58).

Conceitos

Intelectual – Indivíduo que se dedica às coisas do espírito: produção literária, reflexão filosófica. No Renascimento, os intelectuais por excelência foram os humanistas.

A

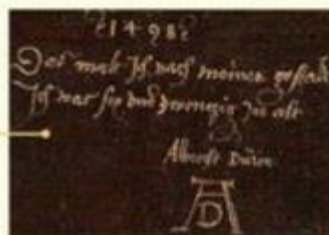


Albrecht Dürer, *Autorretrato*, óleo sobre madeira, 1498. Dürer, o maior dos pintores alemães do Renascimento, foi o primeiro artista da arte europeia a autorrepresentar-se ao longo da vida. Os seus retratos impressionam-nos pelo realismo fisionómico, pela captação da alma e da personalidade. Neste autorretrato, pode ler-se à direita: «Em 1498, pintei este retrato, a partir da minha própria imagem. Tinha 26 anos. Albrecht Dürer».

B

A glória dos artistas ultrapassou a dos homens de letras. [...] Leonardo foi o primeiro artista a gozar, na Europa do Renascimento, de tão esplendoroso prestígio. Mas bem depressa outros astros se elevaram com brilho ainda mais intenso. Rafael, principalmente a partir de 1515, passou em Roma e no resto da Península por uma espécie de herói, um semideus. Miguel Ângelo foi o primeiro artista a quem foi dedicada uma biografia em vida; o primeiro a receber, depois de morto, uma espécie de culto; o primeiro a ter a honra de funerais oficiais.

Jean Delumeau - *A Civilização do Renascimento*, vol. II, Ed. Estampa, 1984



Questões pág. 45

Questões

- 1 Faça uma breve pesquisa sobre a figura de Lourenço, o Magnífico. Que imagem nos transmite Lourenço no fresco de B. Gozzoli (DOC. 4A)?
- 2 Identifique, no DOC. 4B, três exemplos de mecenato por parte de Lourenço, o Magnífico.
- 3 Esclareça o título do DOC. 5 (*A glória dos artistas*), tendo presente os DOCS. 4B, 5A e B.

O estatuto do artista, como ser criador que, orgulhosamente, assina as suas obras, é, aliás, uma invenção renascentista, já que, na Idade Média, pintores, arquitetos e escultores não se distinguiam de um qualquer e anónimo artífice habilidoso (Doc. 5A).

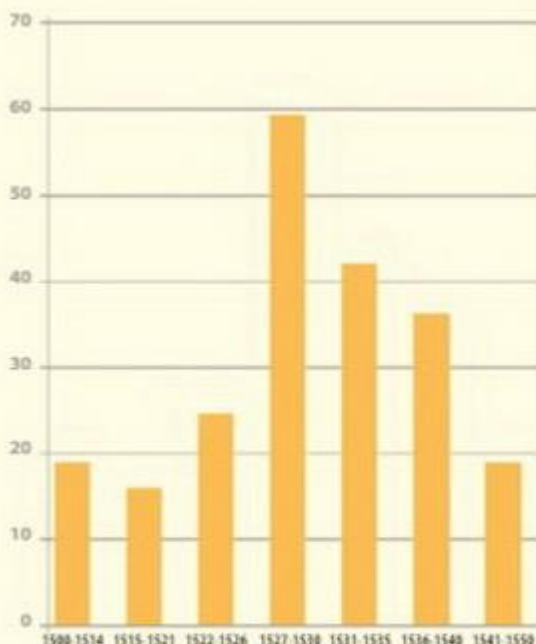
3.1.3 Portugal: o ambiente cultural da corte régia

Não tão magnífico, porventura, quanto as cortes dos famosos Médicis, em Florença, as dos papas Júlio II e Leão X, em Roma, ou a do rei Francisco I de França, nem por isso a **corte régia portuguesa** deixou de sobressair no panorama da sociabilidade e da cultura renascentistas. Provam-no o mecenato dos monarcas ou as sumptuosas festas realizadas por ocasião de casamentos reais ou de embaixadas.

No que se refere ao **mecenato**, quer D. João II, D. Manuel I ou o seu filho D. João III não se pouparam a despesas para acolher humanistas estrangeiros, assim como para custear bolsas a estudantes portugueses na Itália, na França e nos Países Baixos (Doc. 6A). A D. João III se deveu a fundação do *Colégio das Artes*, em Coimbra, que se celebrizou pelos seus métodos atualizados, pela qualidade do seu corpo docente e dos seus manuais, chegando a ser exigida a sua frequência para o posterior ingresso na Universidade.

Mecenato na corte régia portuguesa

A – Bolseiros da Coroa portuguesa em colégios de Paris



A partir de: J. da Silva Dias, 1969 – *A Política Cultural da Época de D. João III*, vol. I

B – Contratação de artistas



António Moro, *Retrato de D. Catarina de Áustria*, óleo sobre tábua, 1522.



Ordem de pagamento de D. Catarina de Áustria a favor de António Moro.

Habituada a contratar humanistas e artistas da Flandres, a corte régia portuguesa acolhe, em 1552, o flamengo António Moro, a quem incumbe de retratar vários membros da família real, como D. Catarina de Áustria, o seu marido D. João III e o príncipe herdeiro D. João, prematuramente falecido.

Questões pág. 46

Também ao patrocinarem grandes obras arquitetónicas, levadas a cabo nos mosteiros da Batalha e dos Jerónimos, na Torre de Belém ou no Convento de Cristo em Tomar, ou contratando artistas estrangeiros para a corte, contribuíram aqueles monarcas para a elevação da arte e a glória dos seus reinados (Doc. 6B).

Quanto às festas realizadas, ficou famosa a boda celebrada em Évora, em 1490, do príncipe D. Afonso, filho de D. João II, com a princesa D. Isabel, filha dos *Reis Católicos*. Teve uma grandiosidade sem paralelo na história do reino. O testemunho dos cronistas elucida-nos das atividades desportivas dos cortesãos; dos tecidos caros exibidos; dos touros inteiros que se mandaram assar para o banquete popular; das estruturas cenográficas montadas, como uma nau e nove batéis movidos por mecanismos ocultos.

Outro espetáculo deslumbrante foi a embaixada de D. Manuel I ao Papa Leão X, em 1514. Pelas ruas de Roma desfilaram fidalgos e as ofertas ao Sumo Pontífice: o cavalo persa, a onça caçadora, o elefante indiano, as aves exóticas. Moedas de ouro eram, entretanto, lançadas ao povo a lembrar a riqueza e o poderio do soberano português.

A festa renascentista constituiu, com efeito, um momento alto de encenação do poder.

Questões

- 1 Que objetivo tinha a Coroa portuguesa ao atribuir bolsas em colégios de Paris (DOC. 6A)?
- 2 Porque eram contratados artistas estrangeiros (DOC. 6B)?
- 3 Redija um pequeno texto (10 linhas) em que exemplifique formas de mecenato nas cortes renascentistas.
- 4 Destaque três extratos do DOC. 7A nos quais se considera o Homem como um ser livre.
- 5 Identifique, no texto:
 - uma consequência positiva da liberdade do Homem;
 - uma consequência negativa dessa liberdade.
- 6 Explique o conceito de *antropocentrismo* a partir das palavras do humanista Pico della Mirandola.

A

O Sumo Pai, Deus arquiteto, tinha construído este lugar do mundo [...] e pensou por último criar o homem, [...], colocando-o no meio do mundo, falou-lhe deste modo:

«Nós não te demos nem lugar preciso, nem forma que te seja própria, nem função particular, ó Adão, para que, segundo os teus desejos e discernimento, possas tomar o lugar, a forma e as funções que desejares [...]. Tu decidirás dos próprios limites da tua natureza. Colocámos-te no centro do mundo para que daí possas observar facilmente as coisas. Não te fizemos nem celeste, nem terreno, nem imortal, nem mortal, para que, por teu livre arbítrio, como se fosses o criador do teu próprio modelo, tu possas escolher e modelar-te da forma que preferires. Poderás degenerar até aos seres que são as bestas, poderás regenerar-te até às realidades superiores que são divinas, por decisão do teu ânimo.»

Ó suma liberalidade de Deus pai, ó suma e admirável felicidade do homem! Ao qual é concedido obter o que deseja, ser aquilo que quer.

G. Pico della Mirandola – *Discurso sobre a Dignidade do Homem* (1486)

B



Pico della Mirandola (1463-1494). Este humanista italiano distinguiu-se como jurista, filósofo e linguista. Chamaram-lhe “príncipe dos eruditos”, pela sua imensa sabedoria e espírito de tolerância, tendo beneficiado da proteção de Lourenço, o Magnífico.

Questões pág. 46

Conceitos

Humanista* – Em sentido estrito, é o letrado profissional, geralmente eclesiástico e/ou universitário, que, nos séculos XV e XVI, se esforça por ressuscitar as línguas e as letras (poesia, teatro, história, filosofia, retórica) da Antiguidade Clássica, procurando harmonizar o legado greco-romano com os valores morais do cristianismo, de modo a formar homens cultos e virtuosos.

Antropocentrismo* – Conceção segundo a qual o Homem está no centro do Universo, sendo uma espécie de microcosmo, onde se fundem harmoniosamente o material orgânico e o celestial. Como o ser mais perfeito da Criação, o Homem define-se pelo seu poder ilimitado de descoberta e de transformação.

* Conceito estruturante

3.2 Os caminhos abertos pelos humanistas

Conhecidos pelo nome de **humanistas**, os intelectuais do Renascimento sobressaíram em diferentes ramos da produção literária, como a poesia, a história, o teatro, a sátira, a filosofia e a retórica. Em todos eles defenderam a excelência do ser humano, que consideravam um ser bom e responsável, inclinado para o bem e para a perfeição. Transmitiram, portanto, o ideal do **antropocentrismo**, tão em voga no Renascimento.

Ao humanista florentino Pico della Mirandola coube a redação de uma das mais belas páginas sobre a dignidade do Homem (Doc. 7A). Porque o único ser da criação dotado de Razão, o Homem era, para Pico, também o único completamente livre, já que possuía capacidade de construir o seu destino e de escolher a sua missão. O livre-arbítrio superiorizava o Homem.

3.2.1 Valorização da Antiguidade Clássica

Os humanistas alimentaram uma notável **paixão pela Antiguidade** (Doc. 8). Admiraram os seus autores como Homero, Platão, Tucídides, Heródoto, Demóstenes, Virgílio, Horácio, Cícero, Séneca ou Tito Lívio, em cujas obras consideravam estarem contidas as verdadeiras sabedoria e beleza.



Rafael, *O Parnaso* (pormenor), fresco no Palácio do Vaticano, *Stanza della Segnatura*, c. 1511. Trata-se de uma celebração da Poesia, atividade nobre para os humanistas, porque capaz de elevar o Homem ao cume da perfeição. Pode ver-se, entre os Antigos, Homero ① e Virgílio ② convivendo harmoniosamente com os pré-renascentistas Dante ③ e Petrarca ④.

Questões pág. 51

Acreditando que os copistas medievais tinham adulterado os textos e o pensamento dos clássicos, os humanistas **procuraram** com avidez **manuscritos antigos** em bibliotecas e mosteiros. Para devidamente os compreenderem e traduzirem, **estudaram o grego** – esquecido há séculos – e **aperfeiçoaram a língua latina**. Os humanistas foram grandes cultores do latim. Nele se correspondiam, elogiando-se mutuamente e expressando a sua confiança na dignidade do ser humano (Doc. 9).

Ao mesmo tempo que divulgaram os clássicos, os humanistas recuperaram as **Sagradas Escrituras**. Os conhecimentos de grego permitiram-lhes ler o *Novo Testamento*, do qual a Idade Média fizera uma tradução latina (a *Vulgata*) não isenta de erros. Para conhecerem o *Antigo Testamento* os humanistas aprenderam a língua hebraica.

A vontade de mergulhar nas fontes clássicas e nas Sagradas Escrituras mostra-nos os humanistas como homens de grande rigor linguístico e exigência ética. Com os humanistas, efetivamente, **as letras antigas renasceram**, tal como os valores antropocêntricos perfilhados pelos clássicos e a pureza da mensagem bíblica.

Lembramos que a *descoberta da imprensa* e a *ação dos mecenas* forneceram um particular impulso à expansão da cultura antiga. As edições de autores clássicos multiplicaram-se, efetivamente. Com elas se preencheram estantes de famosas bibliotecas, como as de Florença e do Vaticano, fundadas por Lourenço de Médicis e pelo Papa Nicolau V, respetivamente (Doc. 10).

O ensino, de igual modo, fomentou o conhecimento da Antiguidade (Doc. 11). Colégio que se prezasse, deveria incluir, no seu currículo, o estudo

9 Humanistas italianos



Da esquerda para a direita vê-se Marsílio Ficino, Cristóforo Landino e Poliziano (pormenor de um fresco de Ghirlandaio, 1485-90).

A

Uma grossa soma de dinheiro, que representava o “dinheiro de S. Pedro”, foi enviada à sede apostólica, graças ao que o Papa Nicolau V [pontífice de 1447 a 1455] começou a construção de edifícios e se pôs à procura de livros latinos e gregos, sem nunca olhar ao preço. Reuniu muitos dos melhores copistas e pô-los a trabalhar permanentemente. Reuniu um grande número de eruditos e fez-lhes escrever novos livros e traduzir outros que não havia nas bibliotecas, oferecendo-lhes largas recompensas [...]. Gastou muito dinheiro a sustentar homens de letras e, quando morreu, o inventário mostrou que, depois de Ptolomeu, jamais se tinha juntado uma tal quantidade de livros.

Vespasiano da Bisticci (1421-1498) - *Vida dos Homens Ilustres do Século XV*

B



O Papa Sisto IV investe o humanista Bartolomeu Platina (à esquerda e num plano inferior) como bibliotecário do Vaticano (pormenor de um fresco de Melozzo da Forlì, 1477). Protetor de humanistas e de artistas, a Sisto IV se deve a iniciativa da construção da famosa Capela Sistina, no Vaticano.

Questões pág. 51

11 Um professor do Renascimento



Vittorino da Feltre, acompanhado de um dos filhos do marquês Ludovico Gonzaga, senhor de Mântua (pormenor de um fresco de A. Mantegna, c. 1470).

V. de Feltre distinguia-se pelas suas conceções revolucionárias: conciliava a prática dos exercícios físicos com os estudos humanistas, concretizando o ideal clássico de uma “mente sã em corpo sã”.

Questões pág. 51

do Latim, do Grego, do Hebraico, da Literatura em prosa e em verso, da História e da Filosofia antigas. Considerava-se serem estas áreas de estudo fundamentais para a formação moral de um ser humano digno deste nome. Receberam, por isso, o nome de *studia humanitatis* ou “humanidades”, designação por que ainda hoje são conhecidas.

3.2.2 Afirmção das línguas nacionais e consciência da modernidade

Para além da pesquisa, tradução e divulgação dos textos clássicos, os humanistas criaram obras onde imitavam os autores greco-latinos. Deixaram-se influenciar pelo seu estilo, praticaram os mesmos géneros literários (como a ode, a elegia, a epístola, a sátira, a epopeia, a tragédia, a história), seguiram temáticas afins, recorreram à mitologia.

Em Portugal, por exemplo, Luís de Camões cantou, em *Os Lusíadas*, a glória dos feitos heroicos portugueses (10.º, 12), tal como, quinze séculos antes, Virgílio fizera, na *Eneida*, com o povo romano. Já António Ferreira, na *Castro*, reviveu o espírito e a forma da tragédia clássica.

Nas obras produzidas, Camões e Ferreira cultivaram de forma exímia a língua portuguesa, cuja dignidade defenderam. Pela Europa fora, verificou-se um movimento de afirmação das línguas nacionais, que adquiriram regras gramaticais mais precisas, uniformidade ortográfica e um vocabulário mais rico e elegante.



Luís de Camões (c. 1525-1580) representa bem o ideal renascentista, cujo saber se construiu no estudo e no contacto com o mundo. Os seus talentos e erudição, no que toca à cultura greco-latina, permitiram-lhe o acesso à corte régia. Desempenhou cargos no Império Português, onde levou uma vida aventurosa que lhe forneceu uma vasta mundividência. Para além da poesia épica, que o celebrou em *Os Lusíadas*, Luís de Camões cultivou a poesia lírica e o teatro.

Questões pág. 51

Rabelais e Montaigne, na França, Maquiavel na Itália, Luís de Camões em Portugal, Cervantes na Espanha, ou Shakespeare na Inglaterra, são alguns dos humanistas que promoveram a glória das línguas e literaturas nacionais durante o Renascimento.

Os humanistas tiveram, aliás, consciência do seu valor literário e da inovação civilizacional dos séculos XV e XVI. Orgulharam-se e elogiaram as personalidades talentosas do seu tempo presente (Doc. 13). Esta **consciência da modernidade** levou os humanistas a entenderem o estudo dos clássicos não como um fim, mas antes como um instrumento formativo que possibilita ao indivíduo o desenvolvimento das suas capacidades intelectuais e morais e o auxilia a conhecer-se a si próprio e ao mundo.

3.2.3 Individualismo, racionalidade, espírito crítico e utopia

Valorizadores da excelência do ser humano (antropocentrismo), os humanistas consideravam que o **indivíduo** se distinguia e afirmava no mundo pelo uso da Razão. A **racionalidade** deveria ser logo exercitada nos jovens pelos respetivos professores. Como afirma Montaigne, o mestre ideal seria aquele que ensinasse o aluno a discernir, julgar, duvidar, inclusive, da autoridade dos clássicos (Doc. 14).

Cada vez que eu olho para os homens de hoje e os comparo aos do passado, considero completamente absurda a opinião daqueles que creem não poder louvar as proezas e a sabedoria dos Antigos sem denegrir o seu próprio tempo, condenar os seus talentos, desvalorizar os seus homens e deplorar o infortúnio que os fez nascer num século tão desprovido de honestidade, tão vazio de indústria e tão completamente arredado do desenvolvimento das artes liberais¹.

Quanto a mim, orgulho-me por ter nascido num tempo que produziu uma tal quantidade de homens tão excelentes em toda a espécie de atividades, que bem podem ser comparados aos Antigos [...].

Alamanno Rinuccini (1426-1499), humanista florentino

¹ As artes liberais compreendiam o estudo do trívio (gramática, retórica e dialética) e do quadrívio (aritmética, geometria, astronomia e música). Desde a Antiguidade que se considerava serem estas as matérias que formavam o homem culto.

Questões pág. 51

Doc. 14 O professor ideal, segundo Montaigne

Não quero que só ele invente e fale, quero que escute o seu discípulo falar por seu turno [...]. Que se não limite a pedir-lhe conta das palavras da sua lição, mas do sentido e da substância, e que avalie dos progressos que ele tenha feito, não pelo testemunho da sua memória, mas pelo da sua vida [...]. Que tudo lhe faça passar pela peneira, e nada aloje na sua cabeça por simples autoridade e crédito; os princípios de Aristóteles não lhe sejam princípios, nem os dos Estoicos¹ ou Epicúrios¹. Que se lhe proponha esta diversidade de juízos: ele escolherá, se puder; se não, ficará na dúvida.

Montaigne – *Ensaíos*, 1580

¹ Filósofos que perfilharam o estoicismo e o epicurismo.

Questões pág. 51

A



Erasmo de Roterdão (1469-1536), retrato de Hans Holbein, o Jovem.

Erasmo é considerado o "pai" do humanismo cristão, já que harmonizou o legado clássico com as virtudes do cristianismo. Pela vasta correspondência que trocou com príncipes e humanistas europeus, tornou-se um distinto membro da "república das letras" renascentista.

B

Que direi agora dos cortesãos? Não há nada de mais vil, servil e idiota do que a maioria dessa gente, que, apesar disso, pretende em toda a parte o primeiro lugar. [...]

A sua felicidade consiste em ter o direito de tratar o rei por «meu senhor», em sabê-lo saudar com duas ou três palavras, em prodigalizar títulos oficiais em que se fala de Serenidade, Majestade, Magnificência. Têm sempre um sorriso na cara e adulam com satisfação. Tais são os talentos essenciais do nobre e do cortesão. [...] Dormem até ao meio-dia. Ao acordar, um padrego da casa, que esperava junto ao leito, avia-lhes uma missa num instante. Mal acaba o almoço, chega a hora do jantar. Vêm depois os dados, o xadrez, os adivinhos, os bobos, as mulheres, os divertimentos e as graçolas. Entretanto, uma ou duas refeições, até que voltam à mesa para a ceia, a que se seguem abundantes libações¹. Eis como passam, sem qualquer risco de enfado, as horas, os dias, os meses, os anos, os séculos [...].

Erasmo - *Elogio da Loucura*, 1511

¹ Bebidas de vinhos.

Questões pág. 51

Questões

- 1 Como é expressa, no DOC. 8, a paixão pela Antiguidade?
- 2 De que tarefas foram os humanistas incumbidos pelos papas Nicolau V e Sisto IV (DOC. 10A, B)?
- 3 Quem foi Vittorino da Feltre (DOC. 11)? Complemente os dados da pág. 49 com uma breve pesquisa.
- 4 Que géneros literários praticou Luís de Camões (DOC. 12)?
- 5 Para A. Rinuccini a superioridade dos Antigos era absoluta (DOC. 13)? E para Montaigne (DOC. 14)? Justifique.
- 6 Compare a opinião de Erasmo (DOC. 15B) com a de Castiglione (DOC. 3A) acerca da figura do cortesão.

Extremamente atentos ao mundo que os rodeava, os humanistas procuraram torná-lo melhor e mais perfeito. Fazendo uso da razão e de um aguçado **espírito crítico**, denunciaram comportamentos indignos e imaginaram sociedades ideais – as **utopias**.

No *Elogio da Loucura*, Erasmo de Roterdão criticou o Papa e o clero corrupto, abrindo caminho à reforma da Igreja. Mas também reis, cortesãos e mercadores não escaparam à sua indignação (Doc. 15). Profundamente crente, Erasmo procurou recuperar os valores de humildade, caridade, fraternidade e tolerância do cristianismo primitivo, conciliando-os com os clássicos, que considerava exemplos de verdade e de virtude.

A crítica social conduziu, frequentemente, à construção de **utopias**. Muitas obras literárias do Renascimento perspectivaram mundos de perfeição e harmonia, onde se praticava um novo ideal de vida centrado nos valores humanos. Aponta-se, como exemplo, a *Utopia*, de Thomas More, que nos fala de um mundo ideal, racionalizado, com paz espiritual, igualdade, fraternidade e tolerância¹.

¹ Consulte o doc. A da pág. 106 (Dossiê "A difícil convivência religiosa no século XVI: do antagonismo à tolerância").

Ser mulher no tempo do Renascimento

No Ocidente dos séculos XV e XVI, a condição feminina apresenta-se diversificada, dependendo do estatuto social e das funções/ocupações desempenhadas.

Que papéis competiram à mulher nos círculos aristocráticos e burgueses? E nos estratos populares? De que forma os novos padrões culturais e hábitos comportamentais influenciaram a condição feminina?

III. A Esposas e companheiras



1. Bernardino Pinturicchio, *Casamento do Imperador Frederico III com D. Leonor de Portugal* (pormenor), fresco na Biblioteca Piccolomini, Catedral de Siena, 1505-1507

D. Leonor era irmã do rei D. Afonso V e o seu casamento com o imperador da Alemanha testemunha o prestígio da corte portuguesa na Europa do Renascimento. As princesas europeias constituíam um verdadeiro instrumento nas mãos de seus pais e irmãos: através dos casamentos contratados, selavam alianças entre Estados e garantiam, pelos filhos gerados, a perpetuação de dinastias.



2. Quentin Metsys, *O Prestamista e a sua Mulher*, óleo sobre madeira, 1514

Nas cidades da Época Moderna, a mulher tem um papel a desempenhar na economia familiar: ajuda o marido nos negócios, emprega-se no serviço doméstico ou em oficinas têxteis.

III. B Cortesãs e camponesas



1. Francesco del Cossa, *Triunfo de Vénus* (pormenor), fresco no Palácio Ducal de Ferrara, c. 1470

Éis um testemunho da elegância e da sofisticação que envolviam o convívio amoroso numa corte renascentista.



2. Paolo Veronese, *As Bodas de Caná* (pormenor), fresco na Abadia San Giorgio Maggiore (Veneza), 1563. Em ambientes cortesãos, as personagens surgem idealizadas e nunca são representadas a comer. Ninguém leva uma colher aos lábios, ninguém toca na comida. Apenas a dama ao fundo parece escapar às regras de etiqueta, ao palitar os dentes com um palito, de ouro todavia.



3. Pieter Bruegel, o Velho, *Dança de Camponeses* (pormenor), óleo sobre madeira, 1568

4. Ocupações femininas no campo

As mulheres estão encarregadas de tudo o que respeita às lides domésticas: elas ordenham as vacas, fazem a manteiga e o queijo; também se deitam mais tarde e levantam-se mais cedo do que os homens. Quando a neve recém-caída cobre o caminho da fonte, a mais forte de entre elas encarrega-se de abrir um novo caminho. Então, protegendo as pernas com polainas, calçando pesados socos e arregaçando a saia o mais que pode, ela vai e vem, vem e volta várias vezes seguidas até que tenha aplainado um caminho para as suas companheiras.

Abel Hugo (escritor francês) - *La France Pittoresque*, 1835



5. Pieter Bruegel, o Velho, *A Ceifa do Feno* (pormenor), óleo sobre madeira, c. 1565

Beleza, moda, saber estar



1. Ticiano, *Flora*, óleo sobre tela, 1515-1517

2.

A mulher renascentista usa a arte da cosmética e dedica-se com particular atenção ao cabelo (é uma arte refinada, sobretudo em Veneza), pintando-o de um louro que frequentemente tende para o vermelho. O seu corpo é feito para ser exaltado [...].

Umberto Eco (dir. de) - *História da Beleza*, Difel, Algés, 2004

3.

Não vos apercebeis vós de que tem muito mais graça uma mulher que, embora se arranje, o faz parcamente e tão pouco, que quem a vê fica em dúvida se ela está ou não maquilhada, do que outra, muito empastada que parece ter uma máscara na cara e não ousa rir-se para não a gretar e [...] fica o resto do dia como uma estátua de madeira imóvel [...].

Baltasar Castiglione - *O Cortesão*, 1528



4. Agnolo Bronzino, *Retrato de Leonor de Toledo e do seu filho João de Médicis*, óleo sobre madeira, c. 1545

Belas jóias e ricos tecidos de veludo, damasco ou seda, ornados de renda e bordados a fio de ouro e prata, compunham o arranjo das damas renascentistas.

A moda ditava os decotes quadrados e aberturas nos vestidos que deixavam ver corpetes e saias interiores. Quando, em 1957, se procedeu à abertura dos túmulos dos Médicis, pôde ver-se que Leonor de Toledo fora amortalhada com as mesmas vestes com que posa no retrato de Bronzino.

BIC D Cultura e poder

1.

O Renascimento é um período de empreendimento e atividade para a mulher que, na vida da corte, dita leis na moda, se adequa ao fausto imperante, mas não esquece de cultivar a sua mente, participa ativamente nas belas artes, tem capacidades discursivas, filosóficas e polémicas.

Umberto Eco (dir. de), *ob. cit.*



2. *Retrato miniatura de D. Maria de Portugal*, atribuído a Francisco de Holanda, meados do século XVI

Filha de D. Manuel, a infanta D. Maria (1521-1577) foi uma mulher de grande inteligência, considerada "a mais rica e culta da Cristandade". Aprendeu latim, grego, francês e castelhano e, no seu paço privado, manteve uma corte frequentada pelas damas mais instruídas do reino. Pensa-se que terá sido uma das musas inspiradoras da lírica camoniana.

5.

O Renascimento foi um período em que as mulheres das classes dominantes se distinguiram das que lhes eram socialmente inferiores pelas suas formas mais nutridas e pela brancura imaculada da roupa interior [...]. As mulheres manifestavam uma tendência para se vestirem de uma forma mais púdica. Os seus vestidos compridos e volumosos revelavam uma cintura tornada ainda mais delgada pelo uso de um espartilho e, quando os costumes mais liberais o permitiam, podiam mesmo exibir um peito leitoso e adequadamente empoado e pintado com rouge.

G. Duby e M. Perrot (dir. de) - *História das Mulheres*, vol. 3 - *Do Renascimento à Idade Moderna*, Porto, Ed. Afrontamento, 1994

6.

Considero que uma mulher não deve, de forma alguma, parecer-se com o homem, na sua conduta, nas suas maneiras, palavras, gestos ou atitudes. Assim como é próprio do homem apresentar um certo ar másculo, de robustez e energia, também é desejável que a mulher mostre uma ternura suave e delicada, dando um toque de doçura feminina a todos os seus movimentos.

Baldassare Castiglione, *ob. cit.*

7.

Com a Reforma e a mudança dos costumes entre Quinhentos e Seiscentos, assistimos a uma transformação progressiva da imagem feminina: a mulher torna-se dona de casa, educadora e administradora.

Umberto Eco (dir. de), *ob. cit.*

3.



Sala de música de Isabel d'Este, no palácio ducal de Mântua.

Isabel d'Este (1474-1539), retratada por Ticiano, 1534-36.

Quando Ticiano pintou este retrato, Isabel contava já mais de 60 anos. A fim de esconder as marcas da idade, o modelo não foi a própria Isabel mas um retrato seu de juventude. Em carta dirigida ao pintor, a marquesa de Mântua expressou a sua admiração pela qualidade do retrato, duvidando ter sido tão bela quanto nele aparece.

Isabel d'Este, filha do duque de Ferrara, esposa do senhor de Mântua e cunhada de Ludovico Sforza, de Milão, foi o protótipo da mulher culta do Renascimento. Dominava o grego e o latim e era capaz de manter conversas eruditas com o bibliotecário ducal. Presidia às festas da corte, dançava, tocava, protegia artistas, como Rafael ou Ticiano, e estudiosos como Ariosto.

Sob a direção de Isabel e Francisco Gonzaga, a corte de Mântua converteu-se numa das mais refinadas de toda a Itália.

Quando o marido foi feito prisioneiro, em 1509, no decurso das guerras com a França, Isabel assumiu a governação de Mântua, mostrando-se uma estadista eficaz.

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. A que estratos sociais pertencem as mulheres em destaque no Doc. A1, 2?
2. Qual lhe parece ser o papel das cortesãs [Doc. B1, 2]? Encontraram elas um ambiente favorável no Renascimento? Porquê?
3. Estabeleça três diferenças entre as mulheres das imagens 1 e 2 do Doc. B e aquelas que estão representadas nas imagens 3 e 5 do mesmo documento [leia, também, o texto 4].
4. Identifique duas qualidades atribuídas às camponesas por Abel Hugo [Doc. B4].
5. Identifique três preocupações/cuidados com a beleza por parte da mulher renascentista [Doc. C1, 2, 3].
6. Descreva o vestuário de uma dama renascentista [Doc. C4, 5].
7. Em que consistia o saber estar de uma dama renascentista, segundo Castiglione [Doc. C6]?

8. Esclareça o Doc. C7 apoiando-se na comparação entre as gravuras 1. e 4. do mesmo documento.

9. Destaque as características da Infanta D. Maria e de Isabel d'Este que nos permitem considerá-las damas perfeitas do Renascimento [Doc. D1, 2, 3].

SÍNTESE

10. Redija, com base nos Docs. A a D, um pequeno texto em que caracterize a situação da mulher europeia no Renascimento. Deverá ter em consideração os seguintes tópicos:

- ocupações das mulheres dos estratos aristocráticos, burgueses e populares;
- preocupações com a beleza e a moda nos vários estratos sociais;
- possibilidades de destaque social e cultural que o Renascimento proporcionou às mulheres.

3.



Sala de música de Isabel d'Este, no palácio ducal de Mântua.

Isabel d'Este (1474-1539), retratada por Ticiano, 1534-36.

Quando Ticiano pintou este retrato, Isabel contava já mais de 60 anos. A fim de esconder as marcas da idade, o modelo não foi a própria Isabel mas um retrato seu de juventude. Em carta dirigida ao pintor, a marquesa de Mântua expressou a sua admiração pela qualidade do retrato, duvidando ter sido tão bela quanto nele aparece.

Isabel d'Este, filha do duque de Ferrara, esposa do senhor de Mântua e cunhada de Ludovico Sforza, de Milão, foi o protótipo da mulher culta do Renascimento. Dominava o grego e o latim e era capaz de manter conversas eruditas com o bibliotecário ducal. Presidia às festas da corte, dançava, tocava, protegia artistas, como Rafael ou Ticiano, e estudiosos como Ariosto.

Sob a direção de Isabel e Francisco Gonzaga, a corte de Mântua converteu-se numa das mais refinadas de toda a Itália.

Quando o marido foi feito prisioneiro, em 1509, no decurso das guerras com a França, Isabel assumiu a governação de Mântua, mostrando-se uma estadista eficaz.

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. A que estratos sociais pertencem as mulheres em destaque no Doc. A1, 2?
2. Qual lhe parece ser o papel das cortesãs [Doc. B1, 2]? Encontraram elas um ambiente favorável no Renascimento? Porquê?
3. Estabeleça três diferenças entre as mulheres das imagens 1 e 2 do Doc. B e aquelas que estão representadas nas imagens 3 e 5 do mesmo documento [leia, também, o texto 4].
4. Identifique duas qualidades atribuídas às camponesas por Abel Hugo [Doc. B4].
5. Identifique três preocupações/cuidados com a beleza por parte da mulher renascentista [Doc. C1, 2, 3].
6. Descreva o vestuário de uma dama renascentista [Doc. C4, 5].
7. Em que consistia o saber estar de uma dama renascentista, segundo Castiglione [Doc. C6]?

8. Esclareça o Doc. C7 apoiando-se na comparação entre as gravuras 1. e 4. do mesmo documento.

9. Destaque as características da Infanta D. Maria e de Isabel d'Este que nos permitem considerá-las damas perfeitas do Renascimento [Doc. D1, 2, 3].

SÍNTESE

10. Redija, com base nos Docs. A a D, um pequeno texto em que caracterize a situação da mulher europeia no Renascimento. Deverá ter em consideração os seguintes tópicos:

- ocupações das mulheres dos estratos aristocráticos, burgueses e populares;
- preocupações com a beleza e a moda nos vários estratos sociais;
- possibilidades de destaque social e cultural que o Renascimento proporcionou às mulheres.



Sandro Botticelli, *A Primavera*, têmpera sobre madeira, c. 1482.

A *Primavera*, cena pintada para a casa de campo de um familiar dos Médicis, evoca o poético reino da deusa Vênus, que aparece ao centro, ordenando a Cupido que a todos contagie com o Amor.

À direita, o vento Zéfiro prepara-se para raptar a ninfa Clóris (Frio) que transformará na deusa Flora (Primavera), a qual surge espalhando cravinas, miosótis e anêmonas. Na parte esquerda, as Três Graças (Alegria, Abundância, Beleza) dançam, enquanto o deus Mercúrio, com um bastão, empurra as nuvens para que a Primavera seja eterna.

De salientar que as figuras femininas reproduzem o ideal de beleza da época: são altas, longilíneas e ostentam uma tez muito branca e cabelos louros.

3.3 A reinvenção das formas artísticas - imitação e superação dos modelos da Antiguidade

A par do florescimento da produção literária, proporcionado pelo movimento humanista, o Renascimento assistiu a uma autêntica **revolução no campo da arte**.

A nova estética irradiou da Itália¹ e, tal como o Humanismo, apresentou-se marcada pelo **classicismo** (Doc. 16). Se os humanistas procuravam avidamente manuscritos, os artistas deleitavam-se com as estátuas e os monumentos descobertos pelas escavações arqueológicas levadas a cabo em Roma. Papas e outros mecenas colecionavam peças antigas, que veneravam como relíquias. Imitar as formas e as temáticas clássicas tornou-se corrente entre os artistas renascentistas, que, na arte greco-romana, viam o exemplo da harmonia, proporção e suprema beleza.

Porém, a admiração pelos clássicos jamais conduziu a uma imitação servil. Assim como os humanistas tiveram consciência dos seus talentos e se

Conceitos

Classicismo* – Tendência estética característica do Renascimento que considera os valores clássicos latinos e gregos (nas artes e na literatura) como modelos a imitar.

Naturalismo – Teoria e atitude filosófica e estética que valoriza a observação e a imitação da Natureza.

* Conceito estruturante

¹ A cidade de Florença foi dinamizadora da revolução artística do Renascimento durante o chamado Quattrocento (1420-1500).

No Cinquecento, esse papel coube à Roma dos Papas, entre 1500-1530. Veneza liderou, a seguir, o movimento de renovação artística italiano.

B

Com dois mestres se abraçará ele [o pintor]: de cada um dos quais, quem quer que se aparta, erra: o primeiro será o *próprio e santo vivo e natural das coisas*. Convém a saber: trasladará pintura pelo natural, que Deus e a Natureza com grande invenção criaram [...].

O segundo mestre, por onde aprender deve, e o segundo a abraçar-se, será com a *mui discreta e mui formosa e magnânima Antiguidade*, a qual de louvar nunca serei satisfeito. Com esta se aconselhará em todas as cousas; esta imitará em mui antigas novidades e galantarias jamais nunca vistas e imaginadas, nem feitas senão então. Dali aprenda a grandeza e severidade da invenção; dali a simetria e prudentíssima proporção de cada parte e membro das suas obras; dali a perfeição e decoro, dando a cada coisa o que seu é. Dali aprenda a repartir e a eleger e a fugir de mostrar tudo confusamente.

Francisco de Holanda, artista plástico e ensaísta (1517-1584) – *Da Pintura Antiga*

C



Ticiano, *Francesco Maria della Rovere*, óleo sobre tela, 1536-38.

Em pose marcial, o duque de Urbino surge representado com a sua armadura de capitão da liga papal. Este retrato de Ticiano é rico em efeitos naturalistas, desde a expressão do rosto ao brilho da armadura.

Questões pág. 57

Questões

- 1 Identifique os dois mestres que, segundo F. de Holanda, devem orientar o pintor (DOC. 16B).
- 2 O que aprende o pintor com esses dois mestres (DOC. 16B)?
- 3 Qual desses mestres influenciou Botticelli (DOC. 16A)? E Ticiano (DOC. 16C)? Justifique.



revelaram pessoas críticas e interventivas, também os artistas souberam superar os modelos da Antiguidade. Demonstraram uma notável **capacidade técnica** ao conceberem espaços perspectivados e ao pintarem a óleo. Ultrapassaram, decididamente, os clássicos com o seu **naturalismo** na representação de seres humanos, animais, paisagens (DOC. 16). Pela Europa fora, aliás, produziu-se uma arte rica e inovadora, resultado, tantas vezes, de curiosas sínteses das influências clássicas com as tradições nacionais.

3.3.1 A pintura

Como atrás dissemos, a pintura renascentista comungou da **paixão pelos clássicos**. Tal fez-se sentir no gosto pela *representação da figura humana*, quer se tratasse de *temas profanos* – retirados da Antiguidade Clássica e do quotidiano –, quer de *assuntos religiosos*, inspirados no Antigo e no Novo Testamento. Deste modo, a pintura refletia, também, a **redescoberta do Homem e do indivíduo**, o que foi uma imagem de marca da cultura renascentista.

Porém, o que mais vinca a pintura do Renascimento é a sua **originalidade e criatividade**. Com propriedade, podemos falar na existência de um **novo espaço pictórico**. Para ele contribuíram diversos progressos e inovações.

A



B



Roger van der Weyden, *Santa Madalena*, óleo sobre madeira, c. 1452.

Jan van Eyck, *A Virgem com o chanceler Rolin*, óleo sobre madeira, 1434-36. Ajoelhado e com as mãos em posição de oração, o chanceler Rolin surge representado como o *doador*, recordando-nos que foi ele a encomendar o quadro. Rica em pormenor descritivo, a cena prolonga-se para o exterior através de amplas arcadas que se abrem para um parapeito ameado, de onde se avista um rio e montanhas longínquas. A visualização da paisagem panorâmica a partir de um interior surge na primeira metade do século XV, permitindo obter efeitos de *perspetiva*.

A pintura a óleo

Esta invenção flamenga do século XV é atribuída ao pintor Jan van Eyck (Doc. 17A). Realizada sobre madeira ou tela, a pintura a óleo conheceu uma grande aceitação. Não só pela durabilidade e possibilidades de retoque que conferia às obras de arte, mas também pela variedade de matizes e de gradações de cor, que garantiam representações pormenorizadas e efeitos de luz e sombra jamais conseguidos¹.

A terceira dimensão (Dossiê, pp. 62-66)

A descoberta da terceira dimensão ficou a dever-se aos estudos matemáticos sobre a **perspetiva** dos arquitetos Brunelleschi e L. B. Alberti e do pintor Piero della Francesca.

De acordo com tais estudos, o **campo de visão do observador** é estruturado por linhas que tendem a unificar-se no horizonte, confluindo no ponto de fuga. É esse campo de visão, também chamado *pirâmide visual*, que os artistas do *Quattrocento* exploram. Servindo-se, entre outros processos, do cruzamento de oblíquas e de horizontais com verticais, de efeitos de luzes e cores, de aberturas rasgadas nos fundos arquitetónicos, construíram um

Conceitos

Perspetiva – Processo de representar objetos com três dimensões numa superfície plana.

Na *perspetiva linear*, as linhas do quadro ou do desenho convergem para o fundo, para o chamado ponto de fuga, de modo a criar-se um espaço geométrico no qual as figuras mais afastadas têm menores proporções.

Na *perspetiva aérea*, a percepção de afastamento é dada por uma atmosfera nebulosa, conseguida através de um esbatimento das cores que envolvem os objetos. É o chamado *sfumato* [do italiano *sfumare* = esfumar, esbater].

¹ A pintura a óleo (óleo de linhaça e de outras sementes) era anteriormente utilizada para dar brilho às esculturas e às pinturas a tempera. A proeza de Van Eyck consistiu em misturar pigmentos coloridos no próprio óleo, o que permite uma secagem mais rápida da tinta. Na pintura a tempera, era a gema de ovo misturada com água que servia de elemento de ligação aos pigmentos.



Pormenor.

Hieronymus Bosch, *Tentações de Santo Antão* (painel central do tríptico), óleo sobre madeira, c. 1500.

Bosh (c. 1450-1516) ocupa um lugar à parte na pintura flamenga. A sua obra causa-nos estranheza e inquietação, com as figuras de monstros e demónios que a povoam.

Neste quadro, o *Mol* anda à solta e toma várias formas para tentar Santo Antão, ajoelhado ao centro.

O mundo enigmático e fantástico que Bosh criou serviu de inspiração, séculos mais tarde, à corrente surrealista.

Questões pág. 59

Questões

- 1 Dê três exemplos de pormenor descritivo no quadro de J. van Eyck (DOC. 17A).
- 2 Que têm de comum as obras de Van Eyck e de Van der Weyden (DOC. 17A e B)?
- 3 O que distingue Bosh (DOC. 17C) dos outros pintores flamengos? O que o aproxima?
- 4 Que tipos sociais estão representados nas figuras que tentam o santo [DOC. 1C, pormenor]? Que visão tinha H. Bosh do mundo do seu tempo?

espaço tridimensional marcado pela profundidade, pelo relevo e pelo volume das formas. Deste modo, concretizaram a perspetiva linear, que lhes permitiu compor cenas de invulgar monumentalidade.

No século XVI, Leonardo da Vinci tornou-se um grande teórico da **perspetiva aérea**, que praticava nos seus quadros. Para o efeito, utilizava o *sfumato*, gradação ou esbatimento da luz e da cor, que nos permite ver os objetos locais com maior nitidez, enquanto os mais afastados se transformam em sombras azuladas.

Relacionada com o novo olhar que a Humanidade tinha do Mundo, a **perspetiva** representou uma autêntica **desmontagem do conceito medieval de espaço**. Na verdade, poder-se-á dizer que o espaço renascentista se apoiou na observação, na experiência, no real, logo na verdade. Tal não acontecia nas representações medievais, onde a disposição e o tamanho dos objetos eram determinados pela hierarquia social e pelo simbolismo religioso.

A geometrização

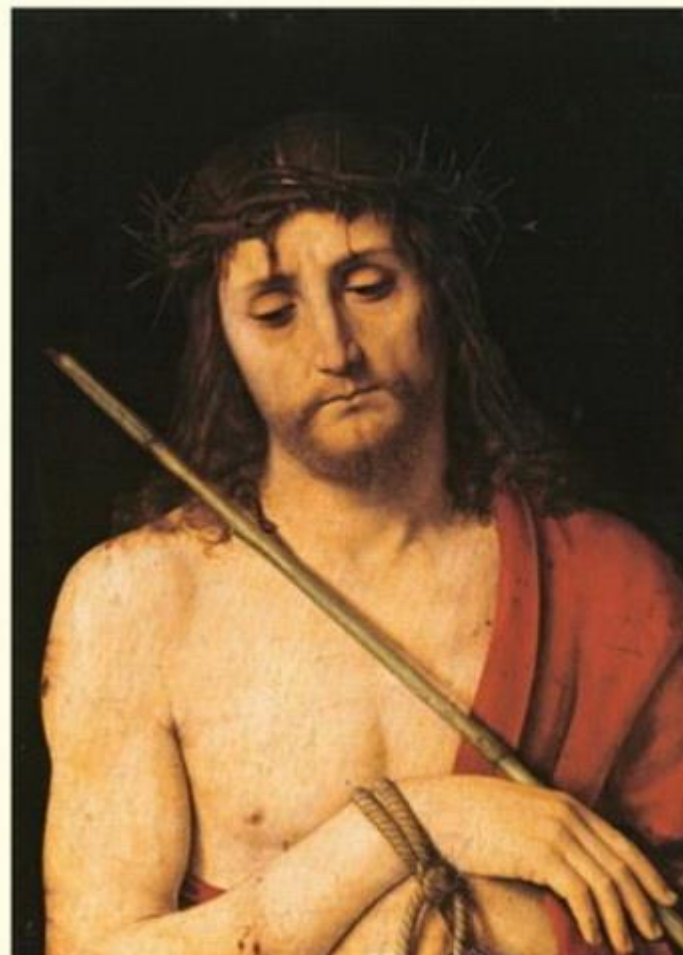
Para a composição das cenas, os pintores renascentistas adotaram formas geométricas, com preferência pela piramidal (Dossier, Doc. 63). Considera-se que perspetiva e geometria foram os grandes fundamentos da composição artística no Renascimento.

A – A figura humana



1. Lucas Cranach, *o Velho, Uma princesa da Saxônia*, óleo sobre madeira, c. 1517

Esta pintura constitui uma das imagens de criança com maior impacto na história da arte ocidental. O pintor não se limitou a retratar a dignidade da princesa; procurou, igualmente, captar a personalidade de uma criança invulgar.



2. Andrea Solano, *Ecce Homo*, óleo sobre madeira, 1505-1506

Ecce Homo (Eis o Homem) foi a expressão utilizada pelo governador Pilatos quando apresentou Cristo aos Judeus e lhes perguntou se queriam a sua condenação ou absolvição. O retrato é de uma humanidade tocante.

A proporção

A procura da **proporção** entre as dimensões preocupou os pintores renascentistas. Se bem que o sentido da ordem e do equilíbrio seja um legado da Antiguidade, a verdade é que só no Renascimento o espaço pictórico foi construído com um rigor matemático, indo-se ao ponto de o projetar a partir de uma medida-padrão (**módulo**), que servia de referência para as diferentes dimensões.

As representações naturalistas

As representações naturalistas enquadram-se no movimento de descoberta da Natureza e de valorização do real, numa época em que despontava uma nova conceção de Homem. Atento ao espetáculo da Natureza, o artista esforçava-se por compreender as leis que a regiam. A sua minúcia e o seu espírito analítico permitiram-lhe várias conquistas pictóricas.

Em primeiro lugar, a **expressividade dos rostos**, aos quais não se inibia



3. Filippo Mazzola, *Retrato do capitão Leonardo Baiardi*, óleo sobre madeira, c. 1490-1505



3. Pieter Bruegel, *o Novo, Paisagem de Inverno*, óleo sobre madeira, 1601

Tal como o seu pai, Bruegel, o Novo, distinguiu-se na representação exímia da paisagem, que deixa de ser um mero elemento decorativo para se transformar no tema central da obra. Neste quadro, por exemplo, a nossa atenção é mais desperta pelas extensões de neve e árvores desfolhadas do que pelas personagens que nela figuram.

Questões pág. 61

Questões

- 1 Diga como Lucas Cranach, o Velho captou (DOC. 18 A1):
 - a dignidade da princesa;
 - a personalidade de uma criança invulgar.
- 2 Identifique duas características naturalistas em *Ecce Homo* (DOC. 18 A2).
- 3 Porque é o quadro de Bruegel, *o Novo*, uma obra original (DOC. 18B)?

de apontar imperfeições, e que eram, frequentemente, de figuras coevas, quando não autorretratos (Docs. 5A, 18C, 17A,B, 18A). Não lhe bastou, porém, a veracidade dos traços fisionómicos. A grandeza dos retratos renascentistas residiu na sua capacidade de exprimir sentimentos e estados de alma (alegria, tristeza, ternura) e de refletir os traços da personalidade (firmeza, doçura, bondade). Ressalta, também, a **espontaneidade dos gestos** e a **verosimilhança das vestes e dos cenários**, que eram de casas e paisagens da época, em lugar dos fundos dourados das pinturas góticas.

Por sua vez, o corpo, de humanos ou animais, foi pintado com verdadeiro **rigor anatómico**, que resultou, muitas vezes, de pesquisas e dissecações em cadáveres.

Quanto à variedade de rochas, plantas, rios, lagos, montanhas e cidades, foram consequência de um conhecimento experimental do mundo envolvente, que permitiu fazer da **paisagem um elemento essencial da composição pictórica** (Doc. 18B).

A perspectiva na pintura italiana do Renascimento

A busca da perspectiva foi a preocupação dominante da pintura italiana do Renascimento, permitindo efeitos de tridimensionalidade na representação do espaço e das figuras. Tal impacto teve a perspectiva na pintura que nenhum artista ousou pô-la em causa durante mais de quatro séculos. Pelo contrário, representações de tempos anteriores ao Renascimento e de outras culturas eram consideradas feias e inábeis, por não contemplarem as três dimensões.

Masaccio, um precursor



1. Masaccio, *São Pedro a distribuir a esmola e a morte de Ananias*, fresco da Capela Brancacci (Florença), c. 1426-27

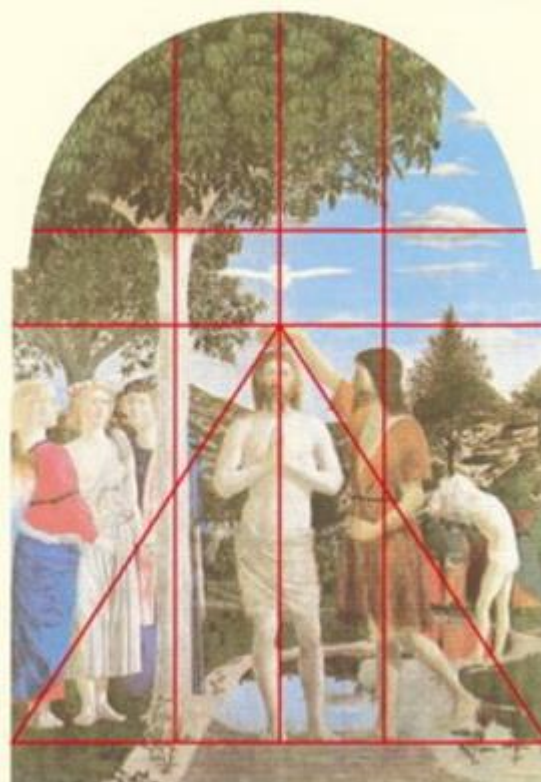
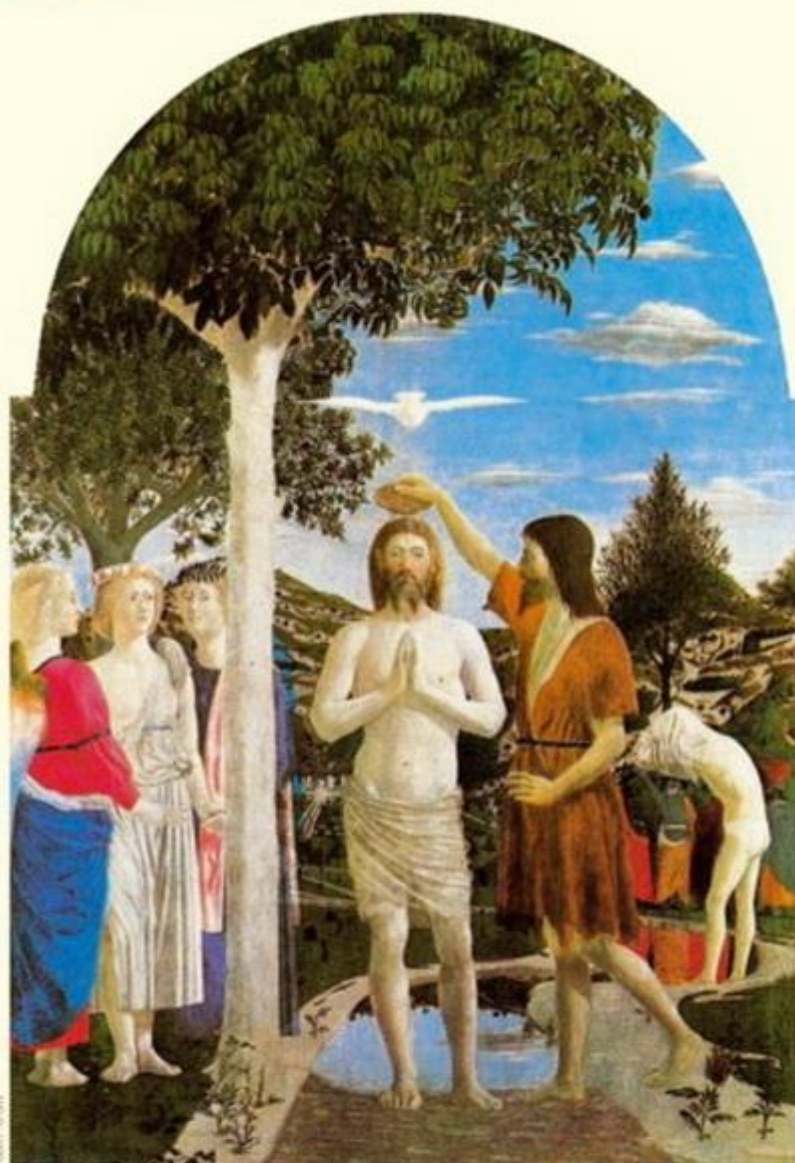
No fresco que pintou na Capela Brancacci, Masaccio pareceu esculpir as figuras, dando-lhes volume e destacando-as com naturalidade de um fundo onde arquiteturas dispostas em "zigzague" se abrem para uma paisagem montanhosa. A cena compõe-se, pois, de vários planos.

A tridimensionalidade obtida por Masaccio é tanto mais espantosa quanto, à época, muitos eram os pintores que ainda seguiam as regras do Gótico Internacional: fundos dourados, onde as figuras, rígidas e com diferenças simbólicas de tamanho, parecem estar coladas. Podemos, assim, concluir que Masaccio pintava já como um artista do Renascimento, o qual, nas palavras da especialista Valérie Aucclair, "se desinteressa das representações simbólicas do mundo que prevaleciam até então. Representa-o como o vê e não como o concebe".



2. Jacobello del Fiore, *Triptico da Madona da Misericórdia (parte central)*, têmpera sobre madeira, 1415-1436

ML B Perspectiva linear (ou geométrica)



Esquema de composição do quadro.

1. Piero della Francesca, *O Batismo de Cristo*, têmpera sobre madeira, c. 1440-1450. As primeiras teorizações sobre a perspectiva remontam aos arquitetos F. Brunelleschi e L. B. Alberti. Em inícios do século XV, Brunelleschi definiu a perspectiva como a "ciência que mostra racionalmente as diminuições e os aumentos conforme as coisas estão afastadas ou próximas". Alberti, que também foi teórico de arte, chamou, em 1435, a atenção para o ponto de fuga situado na linha do horizonte, para o qual deveria incidir o olhar do pintor e do observador. Ao pintor Piero della Francesca (1416-1492) coube estabelecer, no tratado *De Prospectiva Pingendi* (c. 1482), as regras que permitem **perspetivar o espaço** através de uma **geometrização** baseada em **três tipos de linhas**: paralelas à base do quadro, paralelas à sua altura; convergentes para o ponto de fuga.

2. Paolo Uccello, *A Caçada na Floresta*, têmpera e óleo sobre madeira, c. 1470

Eis uma hábil execução da técnica da perspectiva, pela qual Uccello era um apaixonado. O movimento dos caçadores e dos cães traduz-se em linhas que fazem o nosso olhar convergir para um ponto central — o **ponto de fuga**, por onde o veado desaparece na floresta.

C Perspetiva aérea (ou *sfumato*)

1. Efeitos de cor

Existe uma outra perspetiva a que eu chamo de *aérea*, pois as diferenças de cor do ar podem-nos fazer discernir as respetivas distâncias [...]. Os objetos mais distantes [...] como, por exemplo, as montanhas, parecem azulados, quase como a cor do ar quando o Sol se levanta. Portanto, darás ao edifício mais próximo [...] a sua própria cor e, àquele que é mais longínquo, fá-lo-ás menos nítido [*sfumato*] e mais azul. E aquele que queres mostrar mais longe ainda, tu o farás ainda mais azul; e aquele que deve estar cinco vezes mais longe, fá-lo-ás cinco vezes mais azul.

Leonardo da Vinci (1473-1518) – *Tratado sobre a pintura*

2. Efeitos de luz/sombra

Uma luz demasiado viva não permite belas sombras. Ao crepúsculo ou no nevoeiro, quando o Sol está ainda velado pelas nuvens, repara na graça e na delicadeza dos homens e das mulheres [...]. Esta é a perfeita iluminação. Que a tua sombra, desaparecendo pouco a pouco na luz, se esbata como o fumo, ou os sons de uma doce música.

Leonardo da Vinci (1473-1518) – *Tratado sobre a pintura*



Detalhe de A Virgem, o Menino e Santa Ana.



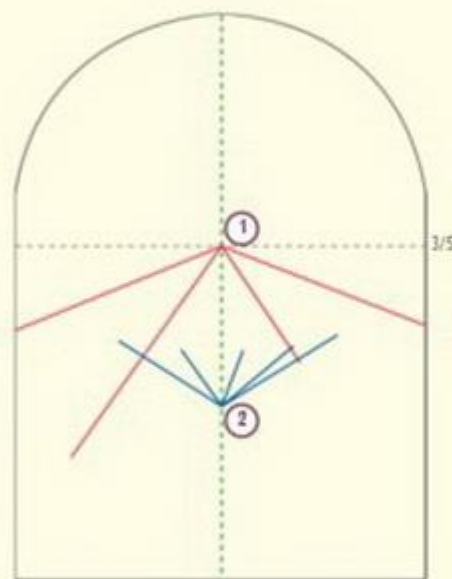
Linhas da composição geométrica.

3. *A Virgem, o Menino e Santa Ana*, óleo sobre madeira, c. 1508. Neste quadro, Leonardo aplicou a perspetiva aérea, tal como a enuncia nos textos acima transcritos. A cena surge inscrita numa pirâmide triangular – a composição geométrica preferida no Renascimento. A cabeça de Santa Ana forma o vértice e os pés das três personagens a base do triângulo.

O culto de Santa Ana estava, à época, bastante disseminado, vendo-se na mãe da Virgem o anúncio da perfeição de Maria. A idealização das Santas Mães levou o pintor a representá-las no auge da sua beleza, como se fossem da mesma idade: de tão puras e perfeitas jamais poderiam envelhecer.

O cordeiro com que o Menino Jesus brinca simboliza o sacrifício futuro do filho de Deus, de que a mãe e a avó parecem ter já consciência. Assim, a Virgem denota alguma ansiedade ao puxar o Menino, enquanto Santa Ana sorri, conformada com a paixão de Cristo. Todo o quadro expressa a visão pessoal do pintor relativamente a um tema religioso. Aliás, a pintura era, para Leonardo, um exercício intelectual do pintor que, de forma semelhante ao Criador divino, insuflava vida, sentimentos, às personagens e conferia a ilusão das três dimensões numa superfície plana.

MIL D Rafael, um mestre



Esquema de composição do quadro.

Linhas da perspectiva linear:

- a partir dos ladrilhos do pavimento
- a partir dos olhares das personagens
- ... eixo vertical (ligação entre os dois pontos de fuga)
- ... eixo horizontal (a 3/5 da altura do quadro)

Pontos de fuga:

- ① Entrada do Templo
- ② Troca de alianças

1. Rafael, *O casamento da Virgem*, têmpera com óleo sobre madeira, 1504. Natural de Urbino, Rafael (1483-1520) representa o auge da pintura renascentista ao produzir obras de grande perfeição técnica e humanidade. Segundo o contemporâneo Vasari, Rafael não copiava a Natureza, mas melhorava-a, idealizando-a. A tal ponto considerado sublime, o seu estilo resultou em moda acadêmica: pintar “à maneira” de Rafael.

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. Porque é Masaccio considerado um precursor da perspectiva na pintura italiana? Como a consegue ele transmitir [Doc. A1]?
2. Onde se situa o ponto de fuga na pintura de P. della Francesca [Doc. B1]? Porque confluem as linhas de fuga para esse ponto? Porque se prolonga o ponto de fuga para a figura da pomba?
3. Trace as linhas da perspectiva e obtenha o ponto de fuga no quadro de P. Uccello [Doc. B2], aplicando os princípios da perspectiva de Piero della Francesca.

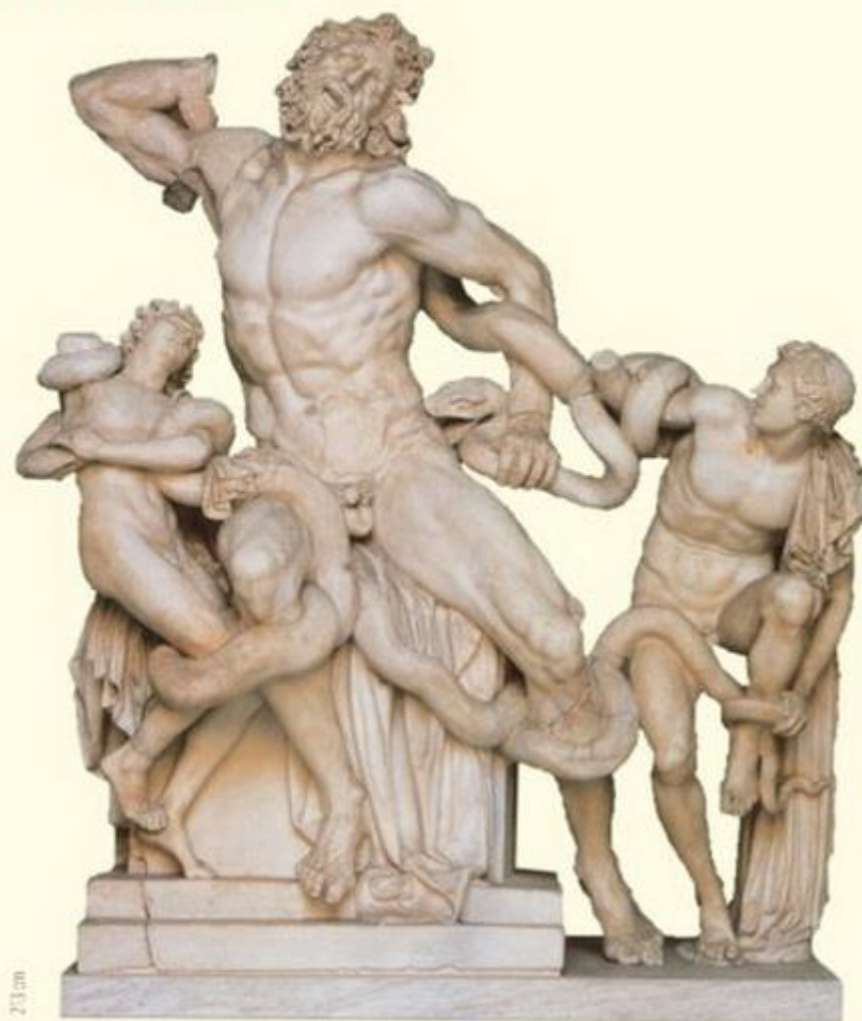
4. O que distingue a perspectiva aérea da linear [Doc. C1, 2]?

5. Exemplifique a aplicação da perspectiva aérea no quadro de Leonardo [Doc. C1, 2, 3].

6. Por que se considera Rafael um mestre da pintura renascentista [Doc. D]?

SÍNTESE

7. Mostre que o Renascimento revolucionou o espaço pictórico.



1. Laocoonte e seus filhos, escultura em mármore do séc. I a. C. (cópia romana do original grego)

Esta obra, descoberta em 1506 e que o Papa Júlio II se apressou a comprar, exerceu uma grande influência na escultura renascentista. Miguel Ângelo considerou-a a mais bela escultura jamais criada.



2. Donatello, David, escultura em bronze, c. 1430-40

Esta obra foi o primeiro nu da arte ocidental depois da queda do Império Romano. Com o rosto sereno e a pose sensual, onde sobressai o movimento ondulado, David evoca a escultura grega.

3.3.2 A escultura



No Renascimento, a escultura recuperou a grandeza alcançada na Antiguidade Clássica. Para tal contribuíram, sem dúvida, as campanhas arqueológicas, levadas a cabo em Roma, que deram a conhecer muitas das obras-primas da estatuação greco-romana (Doc. 19A). Nelas se inspiraram os escultores do Renascimento para traçar os novos caminhos da sua arte. Por outro lado, ao deixar de ser uma simples decoração de edifícios, como acontecia na Época Medieval, a escultura ganhou autonomia e naturalidade. O corpo nu readquiriu a dignidade perdida e a estátua equestre voltou a triunfar na praça pública (Doc. 19 2, 3, 4). Os próprios túmulos tornaram-se local de exaltação dos feitos e da superioridade do Homem.

Humanismo e naturalismo são, efetivamente, as grandes características da escultura do Renascimento, que teve uma forte base de dinamização em Florença. Inspirados na Bíblia, na mitologia ou nos seus contemporâneos, os escultores renascentistas interessaram-se pela **figura humana**, pelo indivíduo dotado de ossos, músculos e personalidade (Doc. 19A4). Foram excelentes no rigor



3. A. del Verrocchio, Estátua equestre do «condottiero» Bartolomeo Colleoni, bronze, Veneza, 1488

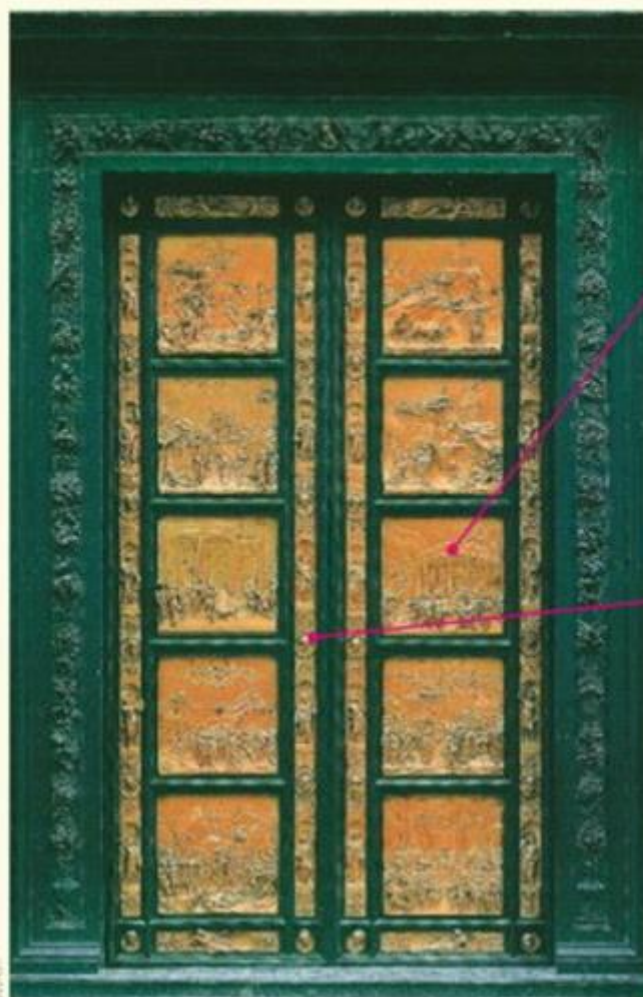
Esta obra retoma o modelo da estátua equestre romana.

B – A busca da perspectiva



4. Miguel Ângelo, *Vitória*, escultura em mármore, c. 1520-25

Segundo alguns testemunhos, esta estátua teria sido feita para o túmulo do Papa Júlio II, que o artista terminou em meados do século XVI.



1. L. Ghiberti, *As Portas do Paraíso* (lado oriental do Batistério de Florença), bronze, 1425-1452



2. Painel onde se evoca *A História de José*



3. Autorretrato de Ghiberti, próximo dos seus 70 anos

Os relevos dos painéis contêm cenas bíblicas tratadas em três dimensões com uma tal mestria e sensibilidade que Miguel Ângelo considerou as portas dignas de abrirem o Paraíso. Receberam, por isso, o nome de *Portas do Paraíso*.

Questões pág. 67

Questões

1. Que características clássicas existem na obra *David* (DOC. 19A 2.)?
2. Identifique duas influências exercidas por *Laocoonte e seu filho* (DOC. 19A 1.) na *Vitória* (DOC. 19A 4.) de Miguel Ângelo.
3. Que efeitos escultóricos resultam da "busca da perspectiva" (DOC. 19B)?

anatômico e na expressão fisionômica que produziram nas suas obras. As formas rígidas da escultura medieval deram lugar à **espontaneidade** e à **ondulação das linhas**. Se a Natureza era fonte de inspiração, havia, com toda a legitimidade, lugar para as linhas curvas e sinuosas.

O **equilíbrio** e a **racionalidade** marcaram, igualmente, a escultura renascentista, que mostrou uma especial predileção pela composição geométrica, nomeadamente pela piramidal. Acrescentamos, finalmente, o elevado **aperfeiçoamento técnico** de que os escultores do Renascimento mostraram ser capazes. Dominaram com perícia os materiais utilizados – mármore, pedra, bronze, madeira ou terracota – e criaram novos processos na projeção e na execução das suas obras. Salientam-se os **estudos de perspectiva**, baseados em rigorosos desenhos prévios, que permitiram a proporção e o naturalismo da escultura, quer nos baixos-relevos quer na estatuária (Doc. 19B).

Entre os grandes escultores do Renascimento, devemos citar: Lorenzo Ghiberti (1378-1455), Donatello (c. 1386-1466), Bernardo Rossellino (1409-1464), Andrea del Verrocchio (1435-1488) e Miguel Ângelo (1475-1564).

A

Ele [Brunelleschi] reparou no modelo de construção dos Antigos e na sua simetria [...] ficou sensibilizado com o tipo de construção completamente diferente do que então se praticava. Ao mesmo tempo que observava as esculturas, prestava atenção aos edifícios. Interessava-se tanto pela estrutura, pelas partes, pelas suas semelhanças e finalidades como pela decoração.

Vendo tanta maravilha e tanta beleza, procurou descobrir o processo antigo de construir com excelência, génio e proporções musicais [...].

António Manetti (1423-1497), *Vida de Brunelleschi*

B

Os monumentos do tempo dos Godos¹ carecem de toda a graça e belas formas; diferem completamente dos Antigos e dos Modernos.

Os Romanos, para além da disposição harmoniosa dos seus edifícios, inventaram belas cornijas, frisos, arquitraves e colunas com capitéis graciosos, e bases, tudo de uma beleza perfeita. Pelo contrário, [...] a arquitetura [dos Godos] inspirou-se no aspeto que tomam as árvores quando crescem desordenadamente e os seus ramos, ao se inclinarem e ligarem uns aos outros, formam ogivas.

Rafael (1483-1520), pintor e arquiteto

¹ Povos germânicos que estão na génese da Época Medieval.

C



O Panteão, Roma, século II depois de Cristo. A fachada data do tempo de Augusto. Dedicado aos deuses romanos, o Panteão deve a sua grandiosidade ao corpo central circular coberto por uma cúpula com 40,3 metros de diâmetro, que inspirou os arquitetos renascentistas.

3.3.3 A arquitetura

Foi na Itália, primeiro em Florença, depois em Roma e em Veneza, entre outras cidades, que a arquitetura renascentista se afirmou e definiu as suas principais características.

Simplificação e racionalização da estrutura dos edifícios

De costas voltadas para o estilo gótico¹ e influenciada pela Antiguidade e pelo românico da Toscana, a arquitetura procedeu, antes de mais, a uma simplificação e racionalização da estrutura dos edifícios. Com efeito:

- a) Procurou-se a **simetria absoluta**, que o florentino Filippo Brunelleschi (1377-1466) considerava ser a responsável pela harmonia e pela beleza das construções dos Antigos (Clássicos).

Nas fachadas, por exemplo, a simetria é visível no rigoroso enquadramento que preside às portas e janelas (Doss. 20E, 21C e 23).

¹ Recorde as características da arquitetura gótica (2.ª Parte, pp. 102-109).

D



A Catedral de Notre-Dame de Reims, construção iniciada em 1211. Nesta catedral teve lugar a sacralção de vinte e seis reis de França.

E

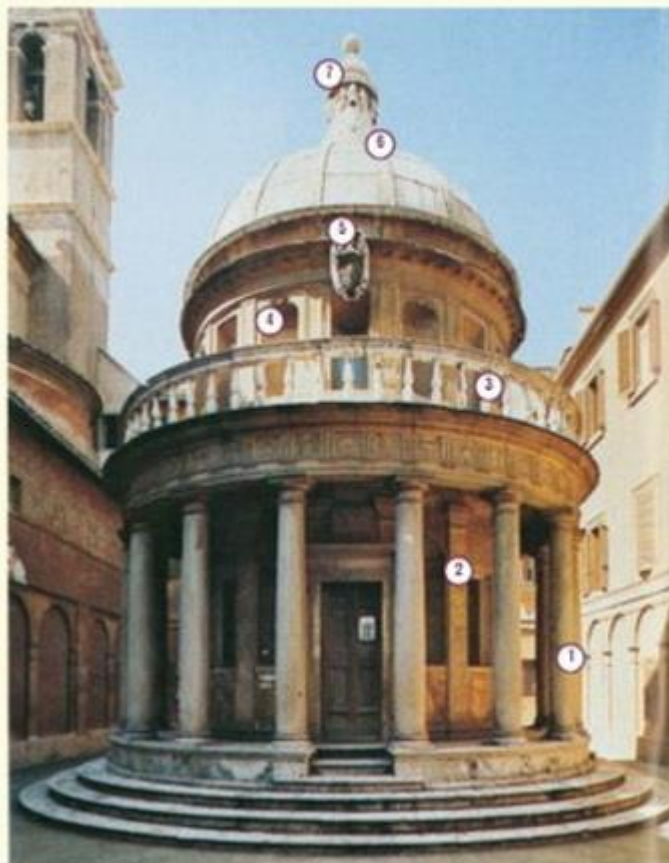


Andrea Palladio, Igreja de Cristo Redentor, Veneza, 1576-1592.

Legenda:

- 1 Pólio 2 Frontão 3 Semifrontão 4 Porta com a forma de arco do triunfo romano 5 Colunas coríntias 6 Pilastras coríntias 7 Nichos 8 Cúpula maior 9 Cúpula menor 10 Estátua

F



Bramante, Tempietto, Roma, 1502.

Esta pequena igreja foi construída no local da crucificação de São Pedro.

Legenda:

- 1 Colunas dóricas 2 Pilastras dóricas 3 Balaustrada 4 Nichos 5 Escudo 6 Cúpula semiesférica que remata o edifício 7 Pequena cúpula

PISO SUPERIOR

PISO INFERIOR

PÓDIO

Questões pág. 69

Questões

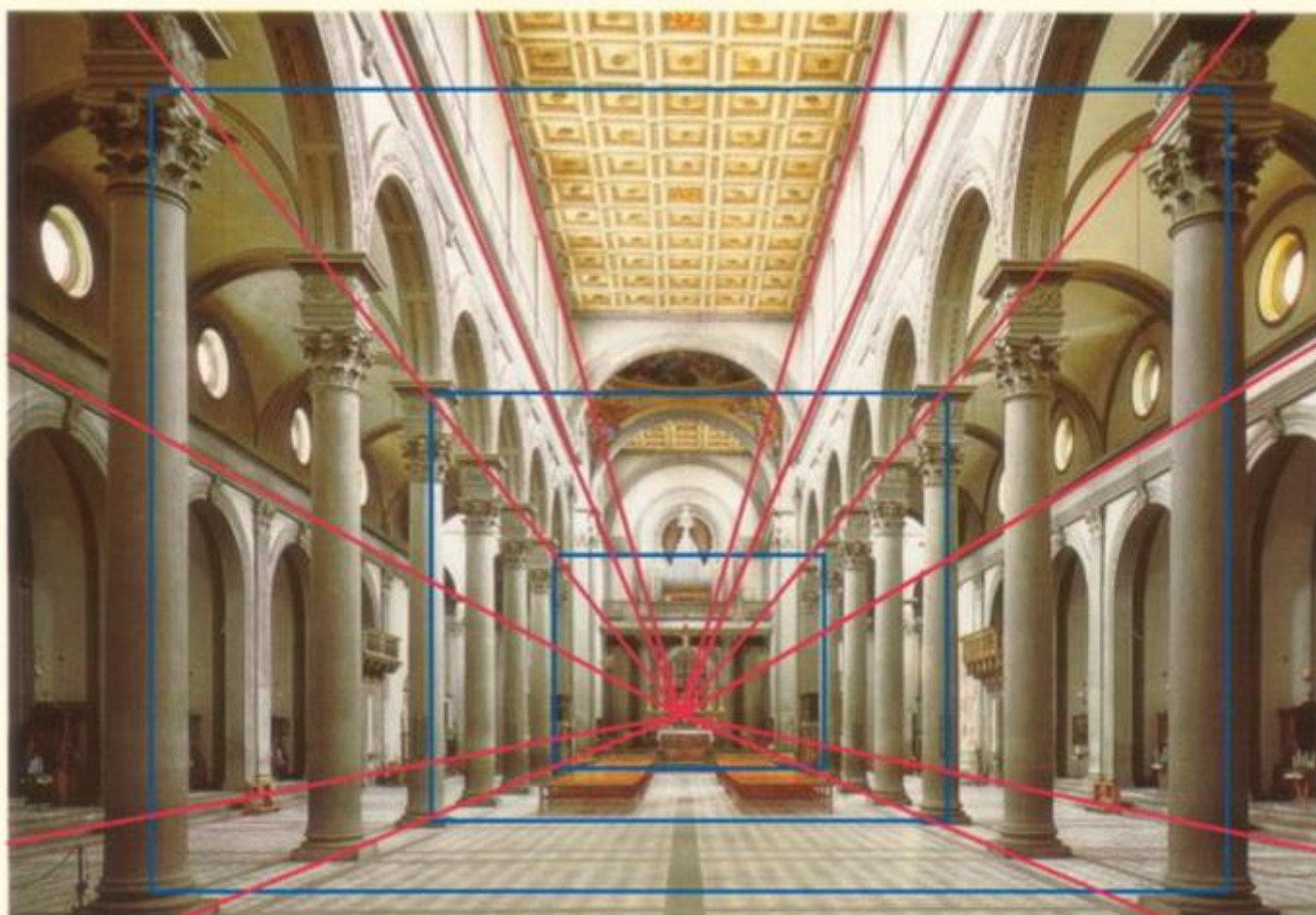
- Identifique, no DOC. 20A e B:
 - virtudes da arquitetura dos Antigos;
 - defeitos da arquitetura dos Godos.
- Faça corresponder os termos Antigos, Godos e Modernos aos edifícios C, D, E e F.
- Indique três características da arquitetura dos Antigos presentes nos edifícios dos Modernos.

As portas têm dimensões próximas umas das outras, tal como os intervalos entre elas. O mesmo se passa com as janelas.

O gosto pela simetria levou o arquiteto Leon Battista Alberti (1404-1472) a defender a **planta circular** ou derivada do círculo (quadrada, hexagonal, octogonal) (Doc. 21B). Entendia-se que o círculo era a figura geométrica mais perfeita e natural, qual símbolo da perfeição divina, sem início e sem fim. Adeptos da planta central vieram a ser Bramante (1444-1514) (Doc. 20F) e Miguel Ângelo (Dossiê, pág. 79).

- b) Verificou-se uma **matematização rigorosa do espaço arquitetônico** a partir de múltiplos de uma **unidade-padrão** (Doc. 21B). As **relações proporcionais**, estabelecidas entre as várias partes do edifício (nave central, nave lateral, transepto, cruzeiro, capela-mor, capelas laterais), estenderam-se, igualmente, às suas medidas principais: altura, largura e profundidade (comprimento). Se estas coincidissem, o edifício inscrever-se-ia num cubo. **Cubos e paralelepípedos** eram, aliás, as formas ideais para a integração das estruturas arquitetônicas.

A



F. Brunelleschi, interior da Igreja da São Lourenço, Florença, iniciada em 1419.

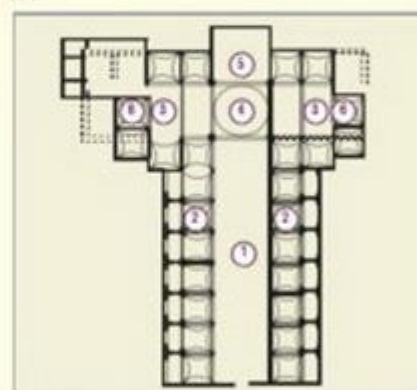
O interior da [Igreja de São Lourenço] confirma a nossa expectativa [...]. Depois de entrarmos damos-nos por satisfeitos ao pé da porta, porque a nossa vista parece abarcar toda a estrutura, quase como se, daquela posição privilegiada, enfrentássemos uma demonstração especialmente clara e convincente da perspectiva científica.

H. W. Janson - *História da Arte*, Lisboa, F. C. Gulbenkian, 1989

c) Aplicou-se a **perspetiva linear**, segundo a qual os edifícios ou o espaço se assemelham a uma *pirâmide visual*, em cuja base se encontra o observador e em cujo vértice está o ponto para onde se deve olhar (ponto de fuga) e para o qual convergem as linhas de fuga (Doc. 21A). Brunelleschi foi o grande teorizador da perspectiva e o seu primeiro praticante. Na Igreja de S. Lourenço, a nave central é considerada uma "demonstração convincente da perspectiva".

Tal como na pintura, também na arquitetura o espaço surge concebido em função do observador, que ocupa um lugar central na perceção da obra. Seja o observador um artista ou um simples leigo, a verdade é que, de uma posição fixa, o seu olhar deve abarcar o conjunto para se deter no ponto fulcral que mais não é do que o *ponto de fuga*.

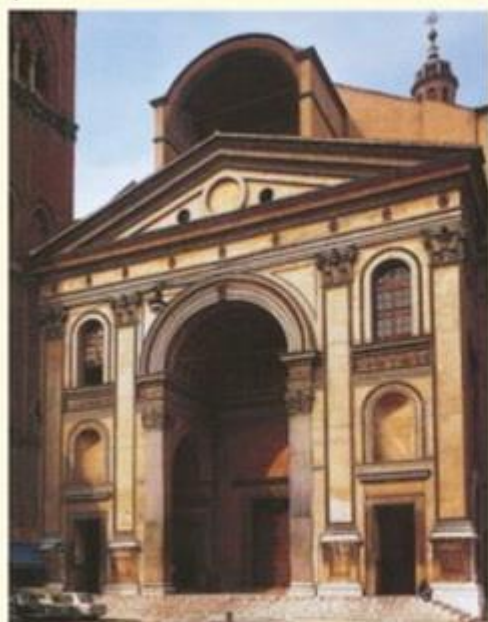
B



A planta da Igreja de São Lourenço, em Florença, foi estruturada a partir de múltiplos de pequenos quadrados, que funcionam como unidade-padrão.

Legenda: ① Nave central ② Nave lateral
③ Transepto ④ Cruzeiro ⑤ Capela-mor
⑥ Capela lateral

1



Leon B. Alberti, *Igreja de Santo André*, em Mântua, iniciada em 1470 (exterior e interior).

A fachada contempla duas ordens arquitetônicas: a ordem coríntia, nos pilares que suportam o arco central, e a ordem colossal, nas restantes pilastras.

2



D – Principios estéticos de Alberti

1

O Homem de Vitruvius – desenho de Leonardo da Vinci (c. 1492). Segundo Vitruvius, no corpo humano masculino ideal, a cabeça teria 1/8 da altura total, a mão 1/10 e o pé 1/6; o comprimento dos braços abertos deveria ser igual à altura total do corpo, pelo que este surge inscrito num círculo, a figura geométrica com maior simetria.

2

Leon Battista Alberti distinguiu-se como arquiteto, pintor, escultor, músico, acrobata, jurista, filósofo, escritor, personificando o ideal do "homem universal" do Renascimento. Como teórico da arte, deixou-nos vários tratados, entre eles o *De Re Aedificatoria*, que permaneceu, durante séculos, como a maior referência para os arquitetos. Nesse tratado, Alberti, que era um apaixonado pela Antiguidade Clássica, apoiou-se em Vitruvius, um arquiteto romano do século I a.C. Tal como Vitruvius, também Alberti acreditava na harmonia das proporções matemáticas do corpo humano, cujas regras se deveriam aplicar na construção dos edifícios.

3

Penso que nenhum homem prudente, ao construir a sua própria casa, deve propositamente fazê-la demasiado diferente da dos seus vizinhos, suscitando a inveja pelo excesso de ostentação; por outro lado, também não deve ficar zangado se alguém o exceder em elegância do gosto, beleza da composição e harmonia, o que constitui o principal ornamento de qualquer edifício.

Leon Battista Alberti - *De Re Aedificatoria*,
Livro IX, 1443-1452

Questões pág. 71 ■

Questões

- 1 Como conseguiu Brunelleschi efeitos de perspectiva na Igreja de São Lourenço (DOC. 21A)?
- 2 Que preocupação revela a planta da Igreja de São Lourenço (DOC. 21B)?
- 3 Distinga três influências da Antiguidade na fachada da Igreja de Santo André (DOC. 21C).
- 4 Compare o tipo de cobertura usado nas igrejas de São Lourenço e de Santo André (DOC. 21 A, C).
- 5 Indique três princípios estéticos de Alberti influenciados pela arte clássica (DOC. 21D).

- d) Retomaram-se as **linhas e os ângulos retos**, característicos da estética clássica, tal como o predomínio da horizontalidade dos edifícios, numa clara oposição à verticalidade do estilo gótico.
- e) Preferiram-se as **abóbadas de berço** (Doc. 210 2) e **de arestas**, em vez das de cruzaria ogival, mais difíceis de erguer e visualmente mais complicadas. Casos houve em que se renunciou à abóbada, substituída por uma cobertura plana em madeira que permite paredes de sustentação mais delgadas (Doc. 21A).
- f) Fez-se da **cúpula**, símbolo do Cosmos, um elemento dominante em quase todas as igrejas renascentistas, tomando como fonte de inspiração a grande cúpula do **Panteão** de Roma¹ (Docs. 20C, E, F, 22 e 23).

1 Coroando os edifícios, a cúpula seria, também, uma espécie de evocação da glória da criação artística, que deseja igualar a obra de Deus.

A



Cúpula da Catedral de Santa Maria das Flores. É considerada a primeira obra arquitetônica do Renascimento e deve-se a Filippo Brunelleschi, que nela trabalhou entre 1418 e 1436. Com os seus 114,5 m de altura e 42 m de diâmetro, domina há quase seis séculos a cidade. Brunelleschi surpreendeu pelas proporções da cúpula e pelos métodos utilizados: dois cascos em vez de um só e máquinas para içarem os materiais de construção.

B



Cúpula da Catedral de São Pedro do Vaticano. Deve-se a Miguel Ângelo, que nela trabalhou entre 1547 e 1564, ano da sua morte. Tal como Brunelleschi o fizera em Florença, Miguel Ângelo projetou a cúpula de São Pedro em dois grandes cascos, um dentro do outro. Imprimiu-lhe, no entanto, uma maior verticalidade, mercê das colunas duplas no tambor alto, das nervuras e da curva elevada da cúpula. Com os seus 137 m de altura e 42,5 m de diâmetro, a cúpula de São Pedro é a maior da Cristandade.

Novas soluções foram, no entanto, ensaiadas na construção das novas cúpulas, cabendo a Brunelleschi, mais uma vez, um papel precursor ao projetar a primeira cúpula renascentista, na **Catedral de Santa Maria das Flores**, em Florença (666. 22A). Embora tenha aproximadamente o mesmo diâmetro da do Panteão, a verdade é que a do templo romano é de uma só peça semiesférica e está embebida na enorme parede cilíndrica, enquanto a de **Santa Maria das Flores**, erguida sobre um tambor octogonal, tem por suporte arcos e pilares, parecendo suspensão. A inovação de Brunelleschi residiu na repartição do peso entre uma cúpula interior, mais baixa, e uma cúpula externa, ficando as duas unidas por nervuras. O impulso para o exterior da primeira equilibra o peso exercido em sentido contrário pela segunda cúpula, permitindo uma construção tão imponente como esbelta. Pela sua audácia, a cúpula de **Santa Maria das Flores** bastou para imortalizar Brunelleschi, a quem não foram poupados os mais rasgados elogios.

C



A cúpula de São Pedro do Vaticano vista do interior.

Questões pág. 73



A fachada principal de São Pedro do Vaticano concilia a gramática decorativa greco-romana dos frontões ① e das colunas ② e pilastras coríntias ③ com a balaustrada encimada por esculturas ④. Mais uma vez estamos perante um edifício onde a horizontalidade das linhas é vencida, o que significa uma clara aproximação à estética clássica e um afastamento da verticalidade gótica. A catedral, que se ergue no local onde o apóstolo Pedro foi sepultado, contou com a colaboração de insígnies arquitetos, como Bramante, Rafael, Sangallo, o Jovem, Carlo Maderno. A este último coube a realização da fachada principal, bem como a alteração da planta, inicialmente projetada em cruz grega, para cruz latina. Em meados do século XVII, Bernini completou o conjunto arquitetónico com a edificação da monumental colonata ⑤.

DOC. 24 Os grotescos



Fresco com grotescos numa *loggia* do Palácio do Vaticano (1515-1519).

O nome *grotesco* deriva de gruta e está relacionado com a descoberta arqueológica do palácio do imperador Nero, repleto de pinturas semelhantes.

DOC. 25 As cinco ordens clássicas



As ordens dórica, jônica e coríntia devem-se aos Gregos; as duas restantes aos Romanos. O Renascimento utilizou, também, a chamada ordem colossal, na qual as colunas e as pilastras atingem a altura de dois ou mais andares.

Questões pág. 73

Questões

- 1 Que monumento da Antiguidade inspirou as cúpulas renascentistas? Que inovação trouxeram estas últimas (DOC. 22)?
- 2 Destaque as características estruturais e decorativas que fazem da *Catedral de São Pedro* uma obra renascentista (DOC. 23).

- g) Utilizou-se preferentemente o arco de volta perfeita, visto a sua forma depender apenas do raio, facilmente ligado com relações geométricas ao resto da construção.

A gramática decorativa greco-romana

Para além dos aspetos estruturais, a influência da Antiguidade fez-se também sentir na adoção da gramática decorativa greco-romana. Assim:

- a) Empregaram-se as colunas (base, fuste e capitel) e os entablamentos (arquitraze, friso, cornija) das ordens clássicas, com preferência pelas coríntia e compósito (Docs. 20E, F, 21A, C1, 23, 25).
- b) Retomaram-se os frontões triangulares, a coroar fachadas ou simplesmente janelas (Docs. 20E, 21 C1, 25).
- c) Utilizaram-se os grotescos, ornamentação parietal inspirada na de monumentos da época imperial romana (Doc. 24). Aplicava-se sob a forma de frescos ou de baixos-relevos, tendo como motivos formas vegetais, volutas e carrancas, associadas a figurinhas humanas e animais.

Doc. 26 O palácio ducal de Urbino, iniciado em 1444 – vista do pátio interior, projeto de L. Laurana



O palácio foi a residência principal dos duques de Urbino, que nele tiveram a sua famosa corte renascentista. Os corredores delimitados por arcadas apoiadas em colunas constituem as loggias.

Doc. 27 O palácio Strozzi em Florença, projeto de G. da Sangallo, entre outros, 1489-1501



Os Strozzi foram uma poderosa família florentina que rivalizava com os Médici. Na fachada do palácio, podem ver-se as grossas pedras esquadriadas que formavam uma espécie de almofadado.

Doc. 28 O palácio de Carlos V em Granada, projeto de Pedro Machuca, iniciado em 1526



Fachada exterior.



Vista do pátio interior circular.

Arquitetura civil e urbanismo

Para além de igrejas, o Renascimento construiu **palácios** e **villae**, habitações destinadas ao conforto terreno de nobres e da rica classe de mercadores. Um dos tipos mais frequentes de palácio tem no seu interior um grande pátio central, em torno do qual se distribuem as dependências (Doc. 26 e 28). Quanto às fachadas podem ser revestidas de almofadados ou apresentar colunas e entablamentos clássicos (Doc. 27 e 28).

A villa era, por sua vez, uma casa de campo caracterizada pela simetria das fachadas, a que não faltava um toque de classicismo (Doc. 29). Decoradas com magníficos frescos, as villae faziam-se rodear de aprazíveis jardins, onde sobressaíam as fontes e os jogos de água, tal como estátuas decorativas.

Pela Europa fora, os palácios italianos serviram de modelo a reis, príncipes e elites sociais (Doc. 28). Em França, por exemplo, os castelos do Vale do Loire, erguidos nas primeiras décadas do século XVI, testemunham o gosto francês pela arte italiana (Doc. 6, Unidade 1, p. 15).

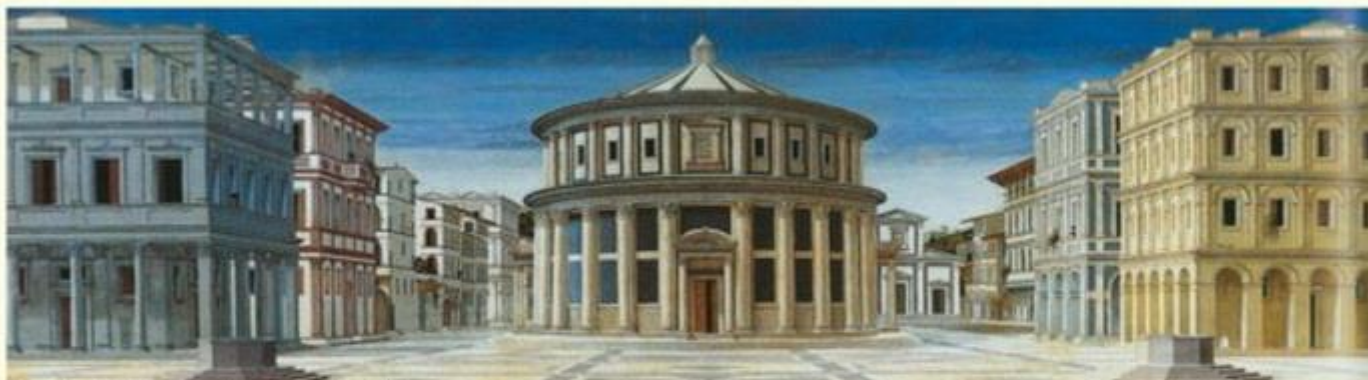
A racionalidade no urbanismo

Adeptos da perfeição, harmonia e proporção – princípios absorvidos da Antiguidade Clássica –, os intelectuais e artistas do Renascimento conceberam projetos de mundos e cidades ideais e racionalizados.

Doc. 29 A Villa Farnesina, em Roma, detalhe de uma loggia pintada por Rafael, 1515-1517



A



Uma cidade ideal (artista desconhecido, século XVI).

B

A atividade urbanística durante os séculos XV e XVI consiste, em grande parte, em alterações no interior das velhas cidades que modificam muito pouco a estrutura geral. [...] A abertura de algumas ruas novas, com edifícios solenes e uniformes, e sobretudo a criação de novas praças, regulares ou quase regulares, para enquadramento de um monumento destacado, uma estátua para louvar um rei ou um príncipe, ou para representações ou festejos públicos, são os empreendimentos urbanos mais apoiados, que o período barroco irá continuar ainda em maior escala.

Fernando C. Goitia – *Breve História do Urbanismo*, Lisboa, Ed. Presença, 1982

C



A Praça do Capitólio, em Roma, segue um plano concebido por Miguel Ângelo. As obras da praça iniciaram-se em 1536.

Questões pág. 75

Questões

- 1 Identifique três influências do Renascimento italiano no palácio de Carlos V (DOCS. 26, 27 e 28).
- 2 O que têm de comum o palácio e a *villa* renascentistas? O que os distingue (DOCS. 26, 27, 28 e 29)?
- 3 Indique três preocupações urbanísticas dos artistas e intelectuais do Renascimento (DOCS. 30A, B e C).

Falámos já das **utopias**, criação dos humanistas, locais onde o bem, a virtude, a beleza e a justiça guiavam as relações sociais, económicas, políticas e religiosas. Até o urbanismo neles era criteriosamente regulamentado. As 54 cidades da *Utopia* de T. More, por exemplo, seguem o mesmo plano, apresentam casas “belas” com 3 andares e 2 portas, têm ruas “atraentes” e todas se fazem rodear de uma útil muralha de pedra.

Um **urbanismo regular e racionalizado** brotou, igualmente, do génio de artistas e arquitetos do Renascimento, a quem repugnava a desordem e a assimetria da cidade medieval. Projetaram, por isso, planos urbanísticos retilíneos, submetidos a regras de higiene, funcionalidade e beleza (Doc. 30A). Alberti defendeu que as ruas principais fossem amplas, com edifícios da mesma altura de ambos os lados. Leonardo da Vinci mostrou-se favorável ao levantamento de várias praças públicas, todas dotadas de fontes, concebeu esgotos e desviou carroças e coches da parte alta das cidades.

Porém, os projetos urbanísticos dos artistas do Renascimento quase nunca saíram do papel. As poucas obras realizadas ficaram-se pela abertura de ruas novas, mais largas e retilíneas, e de praças de traçado geométrico (Doc. 30B e C).

Miguel Ângelo Buonarroti, um artista genial

Ainda era vivo e já Miguel Ângelo merecia honras cimeiras pelos talentos artísticos de que deu provas: esculpiu como nenhum outro, pintou obras de invulgar monumentalidade, inovou como arquiteto, foi músico e poeta e até como anatomista se distinguiu.

Tal como Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo encarnou o ideal antropocêntrico do Renascimento: em tudo foi exímio, em tudo se aproximou do Criador.

VIDA A Vida e obra de Miguel Ângelo

1475	Nasce em Caprese; mudança da família para Florença.
1488	Aprende pintura a fresco na oficina de Ghirlandaio.
1489-94	Estuda escultura sob a proteção dos Médicis.
1494-1505	Trabalha em Florença, Bolonha e Roma. Esculpe o <i>David</i> para a República de Florença.
1505-1513	Trabalha, em Roma, para o Papa Júlio II. Esculpe o <i>Moisés</i> e pinta os frescos da abóbada da Capela Sistina.
1513-1534	Trabalha em Roma e Florença ao serviço dos papas Leão X e Clemente VII, da família Médicis. Projeta a Biblioteca Laurenciana.
1535-1564	Nomeado arquiteto e escultor do Papa Paulo III. Pinta o <i>Juízo Final</i> na Capela Sistina. Projeta o arranjo da Praça do Capitólio. Dirige os trabalhos da Catedral de São Pedro.
1564	Morre em Roma.



Ottavio Vannini, *Miguel Ângelo oferece a Lourenço, o Magnífico, um fauno esculpido por si*. Fresco no Palácio Pitti (Florença), 1635.



Marcello Venusti, *Retrato de Michelangelo*, óleo sobre madeira, 1535.

Apesar de ser um exímio pintor e arquiteto, Miguel Ângelo sentia-se, acima de tudo, um escultor, atribuindo o seu à-vontade com o cinzel ao facto de a sua ama de leite ser filha e esposa de pedreiros. Ao contrário de Leonardo, para quem a pintura era a mais nobre das artes, Miguel Ângelo via na escultura uma forma de criação divina, pois só ela permitia libertar corpos reais, tridimensionais, do material. À escultura se deveriam subordinar a pintura, dando formas esculpidas, e a própria arquitetura, possuindo as qualidades orgânicas da figura humana.

VIDA B O testemunho de Vasari

Na sua infinita bondade, o Senhor do Céu voltou os Seus olhares clementes sobre a Terra [...] e para ela enviou um espírito apto em todas as artes e disciplinas, mostrando a perfeição da arte do desenho [...], o efeito de relevo na pintura, as operações meticulosas na escultura e a produção arquitetónica de edifícios cómodos e sólidos, higiénicos, agradáveis, com belas proporções e ricamente adornados [...].

Miguel Ângelo triunfava, quaisquer que fossem as

difficultades [...]. Para chegar à perfeição absoluta, ele praticou abundantes dissecações anatómicas para determinar as posições dos ligamentos dos ossos, dos músculos e dos nervos [...]. O seu génio foi reconhecido em vida [...]. Isto só acontece a um Homem de mérito elevado, em que a conjugação das três artes cria um estado de perfeição; só a ele Deus concedeu este mérito.

Giorgio Vasari - *Vida dos mais excelentes pintores, escultores e arquitetos*, 1550

MIL C Entre Florença e Roma

1. *Pietà do Vaticano, mármore, 1499*

A *Pietà do Vaticano*, cujas formas se inscrevem na geometria de uma pirâmide, testemunha a primeira fase da obra de Miguel Ângelo. Mãe e filho surgem idealizados, no auge da sua beleza, como se, entre eles, não existissem diferenças de idade. Na faixa que atravessa o corpo da Virgem, Miguel Ângelo gravou o seu nome, numa manifestação de individualismo francamente renascentista.

2. *A Sagrada Família com o pequeno São João, têmpera sobre madeira, cerca de 1503-04*

Esta obra, também conhecida por *Tondo Doni* [quadro redondo] *Doni*, pertenceu à poderosa família florentina *Doni* e terá sido feita para celebrar o casamento de Agnolo Doni com Maddalena Strozzi, membro de outra família de mercadores banqueiros. Os nus masculinos, representados no último plano, constituem uma homenagem do artista à Antiguidade.

3. *David, mármore, 1504*

David testemunha o fascínio que os corpos musculosos da escultura helenística exerceram em Miguel Ângelo. A estátua foi talhada num bloco de mármore de cinco metros e meio de altura, que vários artistas tinham tentado, em vão, esculpir.

4. *Perspetiva do salão e da escadaria da Biblioteca Laurenciana*
O Papa Clemente VII atribuiu a Miguel Ângelo o projeto da obra, que só ficou concluída em 1578.

D Em Roma



1. A Capela Sistina, no Vaticano, e os frescos de Miguel Ângelo na abóbada (cenais do Gênesis, 1508-1512) e na parede do altar-mor (cenais do Juízo Final, 1536-1541)

① ② ③ A Criação da Terra ④ A Criação de Adão ⑤ A Criação de Eva ⑥ Expulsão de Adão e Eva do Paraíso

Ⓐ Cristo e a Virgem Ⓑ Os escolhidos para a salvação Ⓒ Os condenados Ⓓ A pele de São Bartolomeu Ⓔ A entrada do Inferno



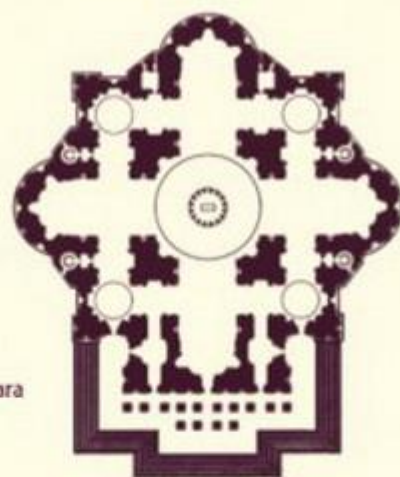
2. Moisés, mármore (1516)

A tensão que emana do rosto e dos braços de Moisés integra-se na segunda fase artística de Miguel Ângelo, de forte cunho dramático. A escultura encontra-se na Igreja de S. Pietro in Vincoli, fazendo parte do túmulo do Papa Júlio II.



3. Desenho do projeto de Miguel Ângelo para a Catedral de São Pedro do Vaticano

As obras da catedral arrastavam-se desde 1506 quando, em 1547, o Papa Paulo III chamou Miguel Ângelo para as prosseguir. Com a frontalidade que lhe era habitual, o artista começou por criticar o anterior projeto de Sangallo, o *Jovem*, dizendo-o próprio de ovelhas e bois que nada percebem de arte. A planta escolhida por Miguel Ângelo foi a de cruz grega, com os quatro braços da igreja de igual dimensão, que acabou por ser desvirtuada por Carlo Maderno, quando a conduziu em cruz latina. A alta e esbelta cúpula bem como as fachadas secundárias mantiveram-se, no entanto, tal como Miguel Ângelo as concebeu.



4. Planta de Miguel Ângelo para São Pedro do Vaticano.

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. Identifique três mecenas de Miguel Ângelo [Doc. A].
2. De que talentos deu Miguel Ângelo provas [Doc. B]? A que artes se refere Vasari no Doc. B? Que imagens dos Docs. C e D correspondem a cada uma dessas artes?
3. Explique o sentido do último período do Doc. B.
4. Como representava Miguel Ângelo os corpos humanos [Docs. C3 e D2]? Como conseguia ele uma boa execução técnica [Doc. B]?

5. Sobre o Doc. D1 pesquise:

- o significado do termo "Sistina";
- a descrição de um dos episódios do *Gênesis* da abóbada da Capela.

6. Identifique três características renascentistas nos projetos arquitetónicos de Miguel Ângelo [Docs. C4 e D3, 4].

SÍNTESE

7. Porque foi Miguel Ângelo considerado um génio ainda em vida?

31 Abóbadas manuelinas

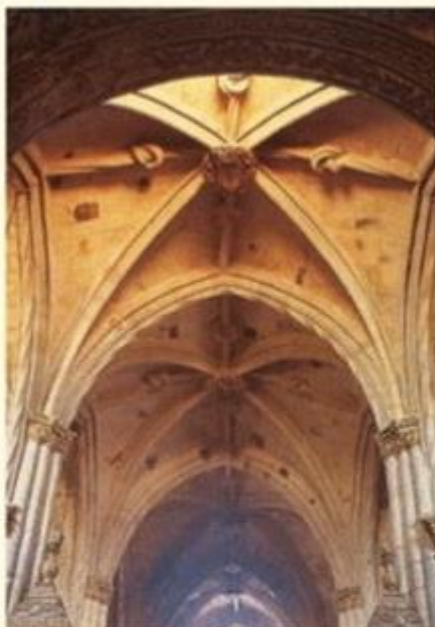
A



Abóbada da capela-mor do Convento de Jesus de Setúbal (1490-c. 1500).

A sua edificação deve-se a Diogo Boutaca e apresenta um desenho floreado que lhe é conferido pelas nervuras curvas, talvez das primeiras a serem usadas em solo português.

B



Abóbada da Sé de Viseu (1513).

Atribuída a João de Castilho, esta abóbada de cruzaria repousa em arcadas ogivais, sustentadas por pilares, estendendo-se pelas três naves à maneira das igrejas-salão. Cordas com nós substituem as tradicionais nervuras; uma decoração vegetalista preenche capitéis e mísulas.

C



Abóbada da nave central do Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa (c. 1517-c. 1525).

João de Castilho é o autor da abóbada unificada de nervuras curvas que cobre toda a igreja e que é considerada uma das maiores realizações do gótico europeu. Ao mesmo arquiteto/escultor se devem os altos pilares octogonais decorados com motivos platerescos.

Questões pág. 83



3.3.4 A arte em Portugal: o gótico-manuelino e a afirmação das novas tendências renascentistas

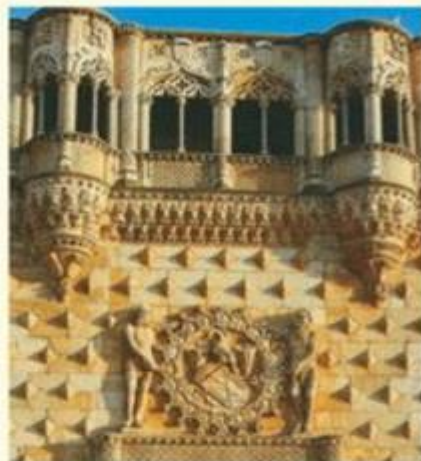
A força artística do Renascimento ultrapassou as fronteiras de Itália. No entanto, e do ponto de vista arquitetónico, a Renascença cingiu-se, de início, a aspetos decorativos aplicados à velha arquitetura gótica. Vimo-lo já em França, nos castelos do Loire (Unidade 1, Doc. 8). Também na Espanha, o renascimento artístico começou por se manifestar numa decoração exuberante, conhecida por **plateresco**, na qual a folhagem fantasista, os medalhões e os arabescos preenchem as superfícies arquitetónicas, lembrando a arte dos ourives que cinzelam a prata (Doc. 32).

A mesma tendência decorativa verificou-se em **Portugal**. Entre a última década do século XV e o primeiro quartel do século XVI, a arquitetura gótica renovou-se e multiplicou os motivos ornamentais, dando origem a um estilo denominado **Manuelino**.

O gótico-manuelino

Desde o século XIX, o Manuelino foi considerado um estilo artístico vinicamente português, com fortes ligações às Descobertas marítimas. Atualmente, os especialistas encaram com reservas esta interpretação nacionalista. Mais do que um estilo original, o Manuelino é uma **arte heterogénea**. Manifesta-se na **arquitetura** e na **decoração arquitetónica** e nela se misturam:

32 O plateresco



Pormenor decorativo da fachada do palácio dos duques do Infantado, em Guadalajara (Castela), século XV.

Questões pág. 83

Conceitos

Manuelino — Arquitetura e decoração arquitetónica do gótico final, existente em Portugal entre finais do século XV e o primeiro quartel do século XVI. Caracteriza-se pela mescla de vários subestilos (gótico flamejante, plateresco, mudéjar ou mourisco), com elementos naturalistas, símbolos régios e cristãos.



A



Pórtico das Capelas Imperfeitas no Mosteiro da Batalha (1509).

Este pórtico deve-se a Mateus Fernandes, que preencheu uma estrutura arquitetónica gótica com naturalismo vegetalista.

B



Capela de S. Miguel, Universidade de Coimbra (1510).

Este portal geminado, da autoria de Marcos Pires (que trabalhou com Diogo de Boutaca), apresenta alguns dos elementos decorativos mais caros ao Manuelino: os pilares torsos (1), os arcos polilobado (2), trilobado e conopial (3), o vegetalismo (4), a cruz de Cristo (5), o escudo régio (6) e a esfera armilar (7).

C



Janela ocidental da Casa do Capítulo do Convento de Cristo, Tomar (1510-12).

Com as raízes de um carvalho (que um velho sustenta no lado inferior), caules, algas, conchas, nós e emblemas régios construiu Diogo de Arruda um autêntico bordado de pedraria.

Questões pág. 82

DEC 34 Arcos manuelinos



Questões pág. 82

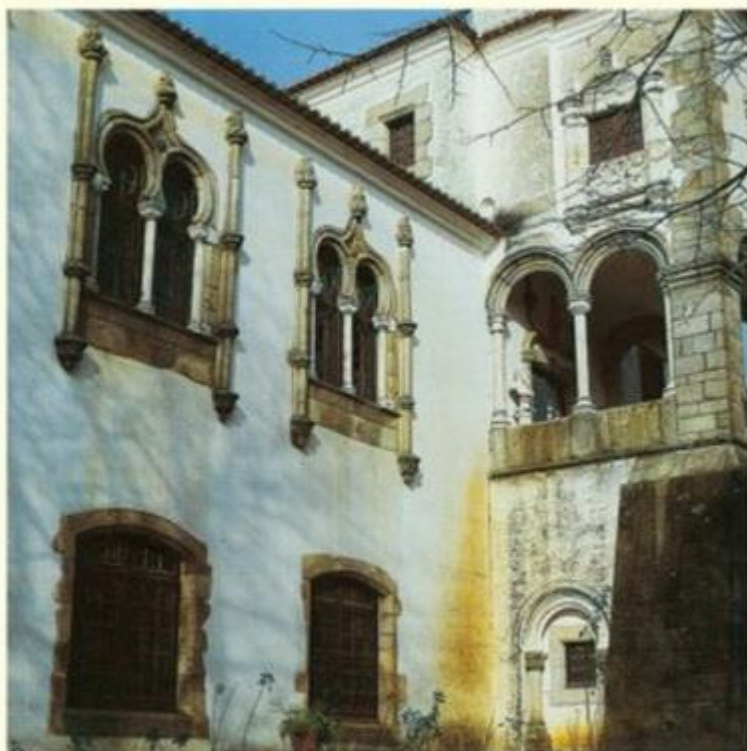
- o gótico final, o plateresco e o mudéjar¹ hispânicos;
- o naturalismo (troncos, ramagens, flores, conchas, algas, corais, boias, cordas);
- o exotismo das colunas e colunelos torsos ou espiralados;
- a heráldica régia de D. Manuel I (escudo real, esfera armilar, cruz da Ordem de Cristo);
- a simbólica cristã (instrumentos da Paixão de Cristo e até as próprias conchas).

Do ponto de vista estrutural, o estilo gótico foi mantido, embora se introduzissem algumas alterações. Os arcos quebrados (em ogiva) deixam de ter a exclusividade, associando-se a uma **profusão de arcos** de carena ou conopiais, de asa de cesto, abatidos, tri e polilobados, de ferradura, redondos (Dec. 34). As **abóbadas** apresentam **redes complexas de nervuras**, algumas delas **curvas**, denominadas "combados" (Dec. 31A). A **abóbada rebaixada** e única para as três naves surge como um avanço tecnológico relativamente ao Gótico, estando na origem da chamada igreja-salão, que se espalhará pelo século XVI adiante. João de Castilho deixou-nos um exemplar na Igreja do Mosteiro dos Jerónimos (Dec. 31C).

No que se refere à **decoração**, o Manuelino caracteriza-se pela **exuberância das formas naturalistas**, em que os motivos marinhos se conjugam com a vegetação terrestre. Arcos e pilares interiores, janelas, arquivoltas de portais e rosáceas são preenchidos de uma forma concentrada e exaustiva que anuncia o futuro "horror ao vazio" do estilo barroco (Dec. 33).

¹ Estilo mourisco com ornatos de linhas retas e entrelaçadas.

DEC. 35 Um paço régio



Palácio de D. Manuel, em Évora (1525).

As janelas de vão geminado com arco ultrapassado revelam influência mudéjar. Diogo de Arruda foi o mestre de obras do palácio.

DEC. 36 Uma fortaleza



A construção da **Torre de Belém** iniciou-se em 1515, sob a direção de Francisco de Arruda. Erguida na barra do Tejo, esta torre defensiva é uma obra de grande beleza e originalidade.

No canto superior esquerdo, pode ver-se um pormenor da heráldica manuelina, com a cruz da Ordem de Cristo, o escudo real e a esfera armilar.

Embora o Manuelino esteja maioritariamente representado na arquitetura religiosa de Portugal continental, ilhas atlânticas e, até, na Índia, não devemos esquecer os progressos verificados na **arquitetura civil**. Quer os **paços régios** (DEC. 35) quer os **solares nobres** apresentam-se como belos exemplares da decoração manuelina.

A arquitetura civil manuelina legou-nos, ainda, **fortalezas** defensivas e ofensivas, de que o exemplo mais belo e original é a Torre de Belém, com os seus merlões, balcões salientes e cúpulas de gomos das guaritas, associados à emblemática manuelina (DEC. 36).

Entre os grandes **arquitetos** da arte manuelina, devemos citar: Mateus Fernandes, Diogo Boutaca, os irmãos Diogo e Francisco de Arruda e João de Castilho.

A arquitetura renascentista

A estética clássica só se manifestou verdadeiramente em Portugal a partir do reinado de D. João III. O austero espírito do monarca e a contração de despesas régias levaram ao abandono da exuberância manuelina, substituída pela maior simplicidade das linhas clássicas.

Podem considerar-se manifestações do Classicismo na arquitetura portuguesa:

- a simplificação das nervuras das abóbadas de cruzaria;
- a utilização de abóbadas de berço redondo (DEC. 40) e das coberturas planas de madeira;

DEC. 37 Casa dos Bicos, Lisboa (1523)



DEC. 38 Palácio da Bacalhoa, Azeitão (1528)



Questões pág. 83

DOC. 39 Igreja e Convento de Nossa Senhora da Graça, Évora



Obra de Miguel de Arruda (c. 1535-1542), a *Igreja de Nossa Senhora da Graça* apresenta um pórtico de colunas toscanas e pilastras encimadas por uma dupla arquitrave, coroada por um duplo frontão. Pormenores decorativos de realce são, também, as estátuas de quatro gigantes e os discos com rosetas do primeiro andar.

DOC. 40 Ermida de Nossa Senhora da Conceição, Tomar



A construção da ermida decorreu entre 1530 e 1540, nela trabalhando João de Castilho e Diogo de Torralva. Trata-se de um belo exemplar de arquitetura renascentista, com três naves, colunas coríntias, frontões a encimar janelas e porta e uma elegante abóbada de berço ornada de motivos geométricos.

DOC. 41 Claustro de D. João III, no Convento de Cristo, Tomar



Projetado por João de Castilho e continuado por Diogo de Torralva em meados do século XVI, o *Claustro* combina influências italianas. Apresenta a sobreposição de colunas dóricas e jónicas e a coexistência de grandes e pequenas colunas.

Questões pág. 83

Questões

- 1 Identifique no DOC. 31A, B, C:
 - um exemplo de persistência do estilo gótico;
 - dois exemplos de renovação do Gótico.
- 2 Em que consistiu a exuberância decorativa manuelina (DOCS. 33 e 34)?
- 3 Indique duas semelhanças entre o *plateresco* da fachada do Palácio dos Duques do Infantado (DOC. 32) e o manuelino do Palácio de D. Manuel (DOC. 35) e da Torre de Belém (DOC. 36).
- 4 Compare os exemplos de arquitetura manuelina e renascentista dos DOCS. 31, 33, 39, 40 e 41 quanto a:
 - tipo de abóbadas;
 - tipo de arcos;
 - tipo de decoração;
 - fontes de inspiração.
- 5 Identifique duas influências renascentistas na Casa dos Bicos (DOC. 37) e no Palácio da Bacalhoa (DOC. 38).

- a substituição de contrafortes por pilastras laterais;
- a delimitação das naves por arcadas redondas, assentes em colunas toscanas;
- a multiplicação dos frontões, das colunas e dos capitéis clássicos, assim como dos respetivos entablamentos (Docs. 39, 40 e 41);
- a expansão do modelo de igreja-salão;
- o aparecimento da planta centrada.

No que se refere à **arquitetura civil**, destacamos a *Casa dos Bicos*, em Lisboa, cujas pedras da fachada são esquadriadas em “ponta de diamante”, como se fazia na Itália (Doc. 37); e o *Palácio da Quinta da Bacalhoa*, em Azeitão, que associa elementos mouriscos a uma galeria do tipo da *loggia* florentina (Doc. 38).

João de Castilho, seu irmão Diogo de Castilho, Miguel de Arruda e Diogo de Torralva contam-se entre os arquitetos que mais se esforçaram por aplicar o Classicismo entre nós.

A escultura

A persistência do Gótico e a sua renovação decorativa explicam que a escultura portuguesa do Renascimento continuasse fortemente ligada ao enquadramento arquitetónico, impedindo-a da emancipação e monumentalidade verificadas na Itália.

Todavia, entre fins do século XV e a primeira metade do século XVI, podemos falar num **surto escultórico**, seja na **decoração** de púlpitos, pias

Doc. 42 A estatuária tumular



Os *Túmulos de João da Silva e Aires da Silva* (1522) têm como autor Diogo Pires, o Moço. Apresentam uma decoração plateresca e um tratamento «ondeado» das estátuas jacentes, de influência renascentista.

Doc. 43 *Virgem Anunciada*, atribuída ao círculo de Nicolau Chanterenne, pedra calcária (c. 1518-28)



Esta obra destinar-se-ia a integrar um retábulo, revelando um elevado grau de autonomização da escultura de vulto inteiro.

Questões pág. 85

batismais, seja na **estatuária** de túmulos, portais e altares. A artistas nacionais e estrangeiros (flamengos, franceses, espanhóis, mudéjares) devemos uma **obra multifacetada**, de crescente capacidade técnica, onde o Gótico, o Manuelino e o Classicismo se fundem harmoniosamente. Nomes famosos da escultura foram os de:

- Diogo Pires, o Moço, que dirigiu uma florescente oficina em Coimbra (Doc. 42);
- João de Castilho e Diogo de Arruda;
- Nicolau Chanterenne (Doc. 43), João de Ruão e Filipe Hodarte, os três de nacionalidade francesa.

A pintura

Entre meados do século XV e a primeira metade do século XVI, verifica-se uma **renovação na pintura portuguesa**, que se aproxima do Renascimento europeu. A tal facto não foram alheios os **contactos culturais**, patrocinados pela dinastia de Avis, com a Flandres, a Itália e a Alemanha. Artistas estrangeiros visitaram-nos ou estabeleceram-se no país; importaram-se tábuas; artistas nacionais, por sua vez, praticaram nas oficinas dos Países Baixos e da Itália. De todas estas influências a mais marcante foi a do Norte da Europa.

Nuno Gonçalves (c. 1425-c. 1491) e a sua oficina destacaram-se, no século XV, pela aplicação dos valores renascentistas na pintura portuguesa. Pintor régio de D. Afonso V, a sua atividade estendeu-se ao longo da

Doc. 44 Jorge Afonso



Aparição de Cristo à Virgem, óleo sobre madeira (1515), é uma obra de grande apuro técnico, com influências flamengas (cor, perspectiva, vestuário, correção anatómica) e italianas (atmosfera de serenidade).



São João Evangelista em Patmos, óleo sobre madeira (c. 1515-20), é uma obra de desenho seguro e requinte cromático. A figura do apóstolo integra-se numa paisagem tratada com a técnica do *sfumato*. A imagem retrata São João no seu exílio em Patmos, a redigir o Apocalipse. Uma águia — que perdurará como o símbolo do apóstolo — transporta-lhe o tinteiro. Registe-se a influência do tempo em que a pintura é executada com os navios dos Descobrimentos a sulcarem as águas do Egeu.



São Pedro, óleo sobre madeira (1530-35), é considerado uma obra-prima de Grão-Vasco. O apóstolo, de olhar humano e cuja vida nos é lembrada nas duas cenas laterais do fundo («A Vocação do Pescador» e «Quo Vadis?»), surge sentado num trono renascentista com uma magnificência que acentua a ideia do primado papal. Do ponto de vista plástico, devemos realçar o geometrismo da composição, o tratamento escultórico da figura humana e dos panejamentos, a sábia utilização da perspectiva linear (convergindo para a figura do santo) e aérea (diluindo as formas em manchas de luz, nos fundos).



Virgem com o Menino e Anjos, óleo sobre madeira (1.º terço do século XVI).

Questões pág. 85

Questões

- 1 Pesquise outras obras atribuídas a Nicolau Chanterenne.
- 2 Indique três características renascentistas da pintura de Frei Carlos (DOC. 47).

segunda metade de Quatrocentos. Os famosos *Painéis de S. Vicente* (Dossiê, pp. 86-88), que lhe são atribuídos, testemunham a abertura da nossa pintura à inovação pictórica do tempo.

No panorama da pintura portuguesa do século XVI, sobressaíram várias escolas ou oficinas. Destacamos:

- Em Coimbra, a oficina do Mestre do Sardoal, cuja pintura, de forte sentido decorativo, se mostra ainda demasiado vinculada aos cânones góticos.
- Em Lisboa, as oficinas do Mestre da Lourinhã, que fez da paisagem um elemento fundamental da composição pictórica (DOC. 45), e de Jorge Afonso, que nos deixou uma obra de grande apuro técnico (DOC. 44), influenciada pelo renascimento flamengo e italiano. Entre os seus discípulos mais famosos contam-se Gregório Lopes e Cristóvão de Figueiredo.
- Em Évora, a oficina de Francisco Henriques, onde Frei Carlos (DOC. 47), fortemente ligado à estética flamenga, foi relevante.
- Em Viseu, a oficina de Vasco Fernandes (c. 1475-c. 1542), conhecido por Grão-Vasco, autor dos retábulos das sés de Viseu e de Lamego, da Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta e das capelas colaterais da Sé de Viseu. A sua obra, situada entre 1501 e 1542, revela uma trajetória curiosa, onde se fundem as influências flamengas com a arte de Dürer e, até, o maneirismo italiano (DOC. 46).

Nuno Gonçalves e os *Painéis de São Vicente*

Entre os pintores portugueses do tempo do Renascimento, Nuno Gonçalves merece lugar de destaque pelo valor da obra que lhe é atribuída. Pouco se sabe da vida do artista e muitas são as interrogações que os *Painéis* levantam. Mas, seguramente, bastaria esta pintura para colocar Portugal ao nível do que melhor se produziu na Europa renascentista.

INC. A Nuno Gonçalves (1425?-1491?)

1450	Contratado como pintor régio de D. Afonso V, com o ordenado de 12 mil reais brancos
1452	O rei aumenta a tença [pensão] do pintor
1463	Escritura de aforamento de uma casa, em Lisboa, em nome do pintor
1470	Pinta um retábulo para a capela do Espírito Santo, no Paço Real de Sintra
1471	Pinta as obras da cidade de Lisboa
1492	Último documento que se refere, a título póstumo, a "nuno gilz pintor" como proprietário que fora de um "quintall da cidade"

1. Cronologia

2. O testemunho de Francisco de Holanda

"[...] quero fazer menção de um pintor português que sinto que merece memória, pois em tempo muito bárbaro quis imitar de alguma maneira o cuidado e a discrição dos Antigos e italianos pintores. E este foi Nuno Gonçalves, pintor do rei D. Afonso [V], que pintou na Sé de Lisboa o altar de S. Vicente [...]."

Francisco de Holanda, *Da Pintura Antiga*, 1548



3. Assinatura de Nuno Gonçalves, sob a forma de monograma, com o N e o G entrelaçados na bota do pé direito da figura ajoelhada no *Painel do Infante* (em Jorge Filipe de Almeida e Maria Manuela Barroso de Albuquerque, *Os Painéis de Nuno Gonçalves*, Edit. Verbo, Lisboa, 2000).

INC. B Os *Painéis de São Vicente*, óleo e têmpera sobre madeira de carvalho (1445?-1471?), Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa



Painel dos Frades
(207,2 x 64,2 cm)

Painel dos Pescadores
(207,2 x 60,5 cm)

Painel do Infante
(206,4 x 128 cm)

Painel do Arcebispo
(206 x 128 cm)

Painel dos Cavaleiros
(206,6 x 64,2 cm)

Painel da Reliquia
(206,5 x 63,1 cm)

1. Disposição e identificação de José de Figueiredo

2. Um achado polémico

Descobertos em 1882, no Paço Patriarcal de São Vicente de Fora, as seis tábuas sofreram um restauro em 1909-10 e motivaram, desde então, uma das maiores polémicas da História da Arte portuguesa.

Se parece haver aceitação generalizada de se tratar de uma manifestação piedosa da família real de Avis e da sociedade portuguesa do século XV, já o motivo de tal devoção bem como a identificação das personagens principais não são consensuais. O mesmo se passa com a datação da obra. Assim, e de acordo com José de Figueiredo, os *Painéis* datarão de 1471 e a figura principal nas duas tábuas centrais será São Vicente, o padroeiro de Lisboa, a cujo altar na capela-mor da Sé Catedral a obra se destinaria. Família real e representantes dos vários grupos sociais convergem no agradecimento a São Vicente pelo sucesso das conquistas territoriais que o monarca D. Afonso V obtivera em Marrocos.

Depois de muitas outras interpretações que se sucederam ao longo do século XX, investigações mais recentes (2000 e 2001) antecipam a datação da obra para 1445. Baseiam-se na leitura paleográfica desta data e das iniciais do pintor num botim do adolescente e numa bota da figura ajoelhada no *Painel do Infante*, o que a análise dendrocronológica¹ às tábuas confirma.

Na sequência das novas investigações, Jorge Filipe de Almeida e Maria Manuela Barroso de Albuquerque concluíram que a figura do santo não seria São Vicente mas o Infante D. Fernando, filho de D. João I e irmão de D. Duarte, feito prisioneiro durante a tentativa de conquista de Tânger (1437) e morto no cativeiro, em Fez (1443), a quem a família real estaria a homenagear e santificar. Eis mais uma interpretação que nos vem provar que o conhecimento histórico, como qualquer outra ciência, é sempre susceptível de revisão. Mas, se a verdade histórica dos *Painéis* nos continua a desafiar, já o seu valor artístico merece reconhecimento unânime da parte dos especialistas.

¹ A dendrocronologia (do grego *dendron* = árvore) é a ciência que possibilita determinar o período em que ocorreu a vida de uma árvore pela análise da espessura e densidade dos anéis de crescimento.

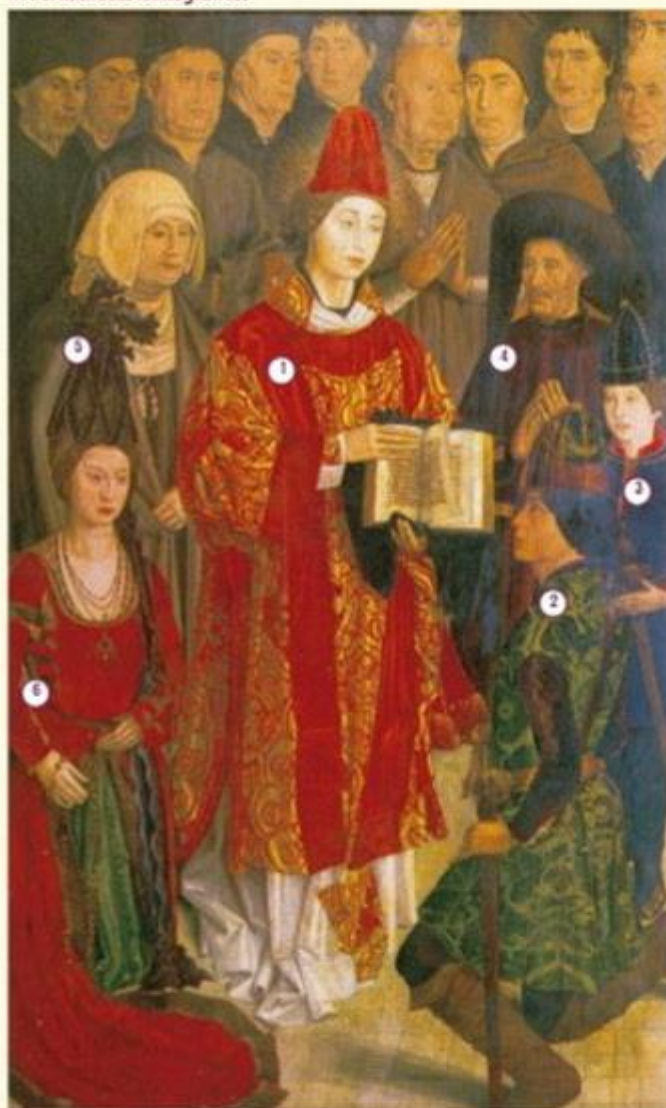
3. Valor artístico

Nos seis painéis do *Retábulo de São Vicente*, atribuído a Nuno Gonçalves, pintor do rei D. Afonso V, revela-se um dos mais notáveis retratos coletivos da pintura europeia. [...] A partir da simétrica representação de um santo diácono nas tábuas centrais – *Painel do Infante* e *Painel do Arcebispo*, a composição desenvolve-se para ambos os lados num esquema que vai contrapondo e alternando volumes, luz e cor sustentados por firme desenho. Na horizontal sucedem-se três planos que evoluem desde as

figuras ajoelhadas até ao friso de múltiplas cabeças que remata a encenação, enquanto as linhas convergentes do mosaico do chão sublinham a construção perspetiva. Reconhecem-se grupos sociais, nobres e cavaleiros, frades, clérigos e pescadores; distinguem-se trajas e tecidos; identifica-se a armaria e as joias e examina-se a relíquia e os livros abertos. Nos rostos silenciosos e singulares de cada figura ou de cada grupo estampa-se a atmosfera de testemunho e devoção que envolve a serena dramatização que esta excecional pintura invoca.

Em <http://www.mnarteantiga-ipmuseus.pt/pt-PT/exposicao/%20permanente/obras/%20referencia/ContentDetail.aspx?id=213>

4. Pormenores iconográficos



Painel do Infante

- ① São Vicente/Infante D. Fernando (Infante Santo)
- ② D. Duarte/D. Afonso V
- ③ D. Afonso V/D. João II
- ④ Infante D. Henrique/D. Duarte
- ⑤ D. Isabel de Borgonha (irmã de D. Duarte e do Infante D. Henrique)/D. Leonor de Aragão (esposa de D. Duarte)
- ⑥ D. Leonor de Aragão ou D. Isabel de Coimbra (esposa de D. Afonso V).

4. Pormenores iconográficos (cont.)

**Painéis dos Frades**

- ① Monges cistercienses de Alcobaça
② Madeiro (instrumento de martírio)

**Painéis da Relíquia**

- ① Procurador à Câmara de Lisboa com osso de São Vicente/Santo António/Infante D. Fernando
② Judeu com Bíblia hebraica (?)
③ Catão que transportou as relíquias de São Vicente ou os restos mortais do Infante D. Fernando

**Painéis dos Pescadores**

- ① Pescador com rede
② Franciscano que segura entre as mãos um rosário de vértebras de peixe

**Painéis dos Cavaleiros**

- ① Nobres
② Guerreiro mouro (?)
③ Representantes das ordens religioso-militares

**Painéis do Arcebispo**

- ① Cavaleiros que tomaram parte nas conquistas marroquinas
② Arcebispo de Lisboa e clérigos (proteção da Igreja à guerra contra os muçulmanos)
③ Corda enrolada (alusão ao martírio de São Vicente ou do Infante D. Fernando)

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. A que "tempo bárbaro" se refere Francisco de Holanda [Doc. A2]? Tenha presentes os dados da cronologia.
2. Que inovações encontra F. de Holanda na pintura de Nuno Gonçalves [Doc. A2]?
3. Justifique o título do Doc. B2, tendo em consideração o teor do texto, bem como as informações iconográficas [Doc. B4].
4. Identifique três qualidades artísticas dos *Painéis de São Vicente* [Doc. B3].
5. Identifique diferentes grupos sociais nos *Painéis* [Doc. B4].

SÍNTESE

6. Resuma a importância artística e histórica dos *Painéis de São Vicente*.

A produção cultural

3

Distinção social e mecenato

- Nos palácios e nas cortes do Renascimento, fossem de papas, reis, príncipes ou duques, as elites sociais (aristocráticas ou burguesas) sobressaíam pelo luxo, pelas boas maneiras (*civilidade*), pelas aptidões físicas e pelos talentos culturais. Estas deveriam ser as virtudes do chamado homem de corte ou *cortesão*.
- As cortes do Renascimento foram, igualmente, estimulantes para os intelectuais e artistas, que recebiam proteção e encomendas dos soberanos e das elites sociais. Chamada de *mecenato*, esta prática testemunha o alto apreço pela criação intelectual e artística.

Humanismo

- Nos domínios literário e artístico, anunciou-se, na Itália e pela Europa fora, uma verdadeira *revolução cultural*: contestaram-se os modelos medievais e defendeu-se o regresso à Antiguidade Clássica.
- Os intelectuais ou letrados do Renascimento – escritores, moralistas, filósofos, historiadores, pedagogos – são conhecidos pelo nome de *humanistas*. Apaixonados pelos textos gregos e latinos, procederam à sua recuperação, comentário, divulgação e imitação. Absorvendo os valores antropocêntricos da cultura greco-romana, exaltaram a grandeza do indivíduo e a crença no progresso, que os tempos modernos confirmavam. Tiveram, pois, a chamada *consciência da modernidade*.
- Preocupados com a construção de um mundo melhor, os humanistas não deixaram de criticar os erros do presente, aos quais contrapuseram as *utopias*.

Arte

- A paixão pelos Clássicos animou também os artistas. Deles recolheram o gosto:
 - pela representação da figura humana, que se destaca mesmo nos temas sacros;
 - pela perfeição e racionalidade das composições;
 - pela simplicidade e equilíbrio das linhas arquitetónicas.
- Não se limitando aos Antigos, os artistas do Renascimento foram capazes de os ultrapassar:
 - inventaram a pintura óleo e praticaram a perspetiva;
 - conceberam cenas pintadas e esculpidas com grande naturalismo;
 - fundiram influências artísticas, criando soluções inovadoras.

A cultura portuguesa no Renascimento

- Em Portugal, o ambiente cultural da corte régia revelou-se favorável ao surto das letras e das artes. A erudição humanista fez-se sentir no ensino e na produção de notáveis obras literárias. Quanto à arte, apesar da pujança do Gótico, que se renovou na exuberância do Manuelino, haveria também de registar influências do Classicismo.

3.3



NOTA: A arte do Renascimento em Portugal é caracterizada pela síntese das influências góticas e renascentistas.



Lucas Cranach, *a Jovem, A Verdadeira e a Falsa Igreja*, gravura sobre madeira, 1546

Condenação da
heresia luterana
(1415)

Fino do Cisma
do Ocidente
(1417)

Thomas de Kempis,
*Imitatio de
Jesus Cristo*
(1427)

Inquisição
em Castela
(1478)

Unidade

A renovação da espiritualidade e da religiosidade

Conteúdos

4.1 A Reforma protestante *

4.2 Contrarreforma e Reforma católica *

* Conteúdos de aprofundamento

Aprendizagens

- Identificar manifestações de crise na Igreja nos fins da época medieval/início dos tempos modernos
- Relacionar a questão das indulgências com o início da Reforma Protestante
- Reconhecer a inovação teológica do luteranismo
- Comparar o calvinismo com o luteranismo
- Explicar o contexto histórico em que se processou a Reforma na Inglaterra
- Caracterizar o anglicanismo
- Exemplificar o clima de intolerância religiosa vivido nos séculos XVI-XVII
- Reconhecer a resposta da Igreja Católica como uma Contrarreforma e uma Reforma católica
- Indicar as conclusões do Concílio de Trento
- Avaliar a ação exercida pelo Index e pela Inquisição
- Interpretar as reformas – Protestante e Católica – como um movimento de humanização e individualização das crenças e de rejuvenescimento do cristianismo, não obstante a violência das manifestações de antagonismo religioso durante a Época Moderna*
- Reconhecer o cristianismo como matriz de identidade dos Europeus e referente na apreciação qualitativa de outras culturas/civilizações

* Aprendizagem estruturante



1500

1550

1 O Cisma do Ocidente (c. 1390) e principais heresias medievais



Questões pág. 95

2 O individualismo religioso da *Devotio Moderna*

Bem-aventurado é o homem que ouve nele o Senhor e as suas palavras consoladoras proferidas pela sua boca. Bem-aventuradas são as orelhas que escutam a voz apaziguadora de Deus e troçam dos sussurros do mundo. Santos são os ouvidos que não ouvem as vozes exteriores mas sim a verdade interior. [...] Bem-aventurados são os homens que atingem a vida interior e se exercitam em cada dia para compreender os segredos do céu. Santos são os homens que apenas ao Senhor se entregam e desprezam todos os obstáculos temporais.

Thomas de Kempis - *Imitação de Jesus Cristo*, c. 1427

Questões pág. 95

4.1 A Reforma protestante

4.1.1 Individualismo religioso e críticas à Igreja Católica

Nos fins da época medieval, a Cristandade e a Igreja de Roma atravessaram tempos bem difíceis. As fomes, pestes e guerras dos séculos XIV e XV e a terrível mortandade que se lhes seguiu fizeram crer estar-se na proximidade do fim do mundo e em presença de castigos divinos pelos pecados dos homens. Como salvar as almas? – perguntava-se.

Em vez de apoiar os crentes nesses momentos de angústia, a Igreja oferecia uma triste imagem de desunião. De 1378 a 1417, o Cisma do Ocidente manteve a Cristandade dividida na obediência a dois papas: um residia em Roma, o outro estava em Avinhão (Doc. 1). A qual obedecer?

O fim do Cisma não significou o fim da crise da Igreja. Os papas do Renascimento não foram modelos de virtudes nem de concórdia cristã. Inocêncio VIII e Alexandre VI nunca esconderam os seus filhos, que acumularam de honras e riquezas (Doc. 3). Júlio II imiscuiu-se nas guerras de Itália, desejoso de aumentar o poderio temporal do Vaticano. Leão X escandalizou com o luxo da sua corte¹.

Os maus exemplos frutificavam há muito no seio da hierarquia religiosa. Bispos e prelados acumulavam benefícios e ausentavam-se das paróquias. O clero regular revelava-se ignorante e relaxado.

A reação da Cristandade não se fez esperar. Desde o século XIV, há alterações nas práticas religiosas e violentas críticas à Igreja.

As práticas religiosas

Sentindo que a Igreja e os seus ministros não prestavam o auxílio adequado, muitos caíram na superstição e no fanatismo. A feitiçaria ganhou adeptos e as procissões de flagelantes², aquando da Peste Negra (1348), foram frequentes na Alemanha, nos Países Baixos e em certas regiões da França.

¹ Os seus pontificados sucederam-se entre 1484 e 1521.

² Eram procissões de encapuzados, que realizavam estranhos rituais de autopunição com cilícios. Desse modo, esperavam penitenciar-se e apaziguar a cólera de Deus.

3 Alexandre VI, um Papa do Renascimento (fresco de Pinturicchio, no Vaticano)



O aragonês Rodrigo de Bórgia cingiu a tiara pontifícia de 1492 a 1503, com o nome de Alexandre VI. Constava que tinha subornado o Sacro Colégio que o escolheu. Ninguém desconhecia a sua vida mundana e pouco escrupulosa, tal como os escândalos que os seus filhos César e Lucrecia protagonizaram.

Questões pág. 95

A – De Savonarola

Os prelados empertigam-se na sua dignidade e desprezam os outros; [...] eles querem ocupar os primeiros lugares nas escolas e nas igrejas de Itália; os seus pensamentos são unicamente para as coisas terrenas, a preocupação com a alma não os aflige. Nos primeiros tempos da Igreja, os cálices eram de madeira e os prelados de ouro; hoje a Igreja tem cálices de ouro e prelados de madeira.

Jerônimo Savonarola,
monge dominicano (1452-1498)



Execução na fogueira do monge Savonarola, na Praça da Senhoria, em Florença, 1498.

B – De Erasmo

Rivais dignos dos príncipes, os soberanos pontífices, os cardeais e os bispos, chegam mesmo a ultrapassá-los. [...] Os bispos apenas se preocupam em apascentar-se a si próprios, deixam o cuidado do rebanho a Cristo e aos que chamam irmãos e seus vigários. Esquecem que a palavra bispo significa trabalho, vigilância, solicitude. [...] Vede quantas riquezas, honras, troféus, ofícios, dispensas e impostos, indulgências, cavalos, mulas, guardas e prazeres, em poucas palavras, que oceano de bens eu [a Loucura] lhes faço conservar. Ora, tudo deveria ser substituído pelos jejuns, vigílias, lágrimas, orações, sermões, estudos, penitências e mil outros incômodos enfadonhos.

Erasmo – *Elogio da Loucura*, 1511

Questões pág. 95

Outros protagonizaram formas de piedade bem mais intimistas e individualistas. Nos Países Baixos desenvolveu-se, nos inícios do século XV, um movimento religioso que apelava à espiritualidade interior e à relação mística do Homem com Deus. Ficou conhecido pelo nome de *Devotio Moderna* e reunia clérigos e leigos numa vida de desapego dos bens materiais, de devoção a Deus e de ajuda ao próximo.

Os princípios da *Devotio Moderna* podem ser apreciados na obra *Imitação de Cristo* (Doc. 2), que exerceu uma forte influência no individualismo religioso dos finais da Idade Média.

As críticas à Igreja

As críticas à Igreja começaram por assumir uma faceta herética. Na Inglaterra, por volta de 1380, Wiclif, professor em Oxford, pôs em dúvida a utilidade do clero e o valor dos sacramentos. Apelou para o estudo direto da Bíblia, que considerava a única fonte de Fé. Associado a esta heresia esteve o movimento dos *lolardos*, padres pobres que se aliaram aos camponeses na sua luta contra os senhores.

As ideias de Wiclif receberam um bom acolhimento, na Boémia, por parte de Jan Huss, reitor da Universidade de Praga, que defendeu a criação de uma Igreja nacional, desligada da obediência ao Papa. Jan Huss mereceu a condenação do Concílio de Constança, em 1415, acabando na fogueira.

Condenado como herético, surge-nos o monge Savonarola, que também morreu na fogueira, em 1498. Estava-se em Florença e Savonarola atrevera-se a denunciar os vícios do clero e do Papa Alexandre VI, além de instigar à revolta contra a família Médicis (Doc. 4A).

Ninguém melhor que os humanistas soube, no entanto, traçar o quadro dos abusos da Igreja. Criticaram a corrupção e a hipocrisia do clero em geral, não poupando a ambição dos papas, cardeais e bispos. Com a palavra de humanistas como Erasmo (Doc. 4B) preparou-se o terreno para a Reforma.

Conceitos

Heresia – É a negação ou dúvida de algumas das verdades da Fé católica por um cristão batizado.

Questões

- 1 Que efeitos teve o Cisma do Ocidente na Cristandade (DOC. 1)?
- 2 Que comportamentos devia ter um seguidor da *Devotio Moderna* (DOC. 2)?
- 3 Porque não foi o Papa Alexandre VI um modelo de virtudes cristãs (DOC. 3)?
- 3 Quem são os alvos das críticas de Savonarola e Erasmo? Por que motivos (DOC. 4A, B)?

5 A rutura luterana (1517-1521)

A – Martinho Lutero (1483-1546)



Nesta pintura de 1520, da autoria de Lucas Cranach, o Velho, Lutero surge ainda com o hábito de frade agostinho, que vestira aos 22 anos em Erfurt. “Mestre” em Filosofia e doutor em Teologia, Lutero ensinava na Universidade de Wittenberg quando deu início à Reforma Protestante.

B – A venda das indulgências (pormenor da gravura de Lucas Cranach, o Jovem – ver pp. 92-93)



Embora a pregação das indulgências estivesse a cargo dos dominicanos, nesta gravura são os franciscanos o alvo das críticas. No cartaz apresentado pelo Papa, pode ler-se: “Logo que a moeda tilinta, a alma vai para o céu”.

Questões pág. 99

4.1.2 A rutura teológica

A questão das indulgências

A Reforma da Igreja concretizou-se no século XVI devido à ação de **Martinho Lutero** (Doc. 5A), um monge agostinho alemão. Lutero vivia obcecado pela salvação da alma. Dotado de elevada espiritualidade e desejoso do contacto próximo com Deus, colocava a si próprio permanentemente a questão: “Como pode alguém levar uma vida perfeita perante Deus?”.

Várias leituras bíblicas, entre elas a das *Epístolas de São Paulo*, permitiram a Lutero encontrar a solução para o problema da salvação da alma, inspirando-lhe uma verdadeira **rutura teológica** no seio do cristianismo. Ficou conhecida por **Reforma Protestante** e foi despoletada pela **Questão das Indulgências**.

As indulgências consistiam no perdão (ou remissão) das penas devidas pelos pecados perdoados. Entre estas penas (ou penitências) contavam-se as orações, os jejuos, as peregrinações ou, no caso de a saúde dos crentes não o permitir, a oferta de somas de dinheiro, o que deu origem à expressão *venda/compra de indulgências*. Acontece que, nos fins da Idade Média, a compra de indulgências se vulgarizou, pois constituía uma forma cómoda, para muitos, de remir as penas devidas.

Ora, necessitando de dinheiro para prosseguir as obras da Basílica de São Pedro do Vaticano, o Papa Leão X autorizou, em 1515, a pregação da venda de indulgências na Alemanha do Norte. E, atraídos pela campanha dos dominicanos (a quem foi confiada a venda de indulgências) que

Conceitos

Reforma* – Cisma (ou divisão) ocorrido na Igreja Católica durante a primeira metade do século XVI, que conduziu ao aparecimento das doutrinas protestantes – o luteranismo, o calvinismo, o anglicanismo, entre outras. Embora com particularismos, os credos protestantes têm, como pontos comuns, a justificação pela Fé, a exclusividade da Bíblia como fonte da Fé, o sacerdócio universal e a não aceitação da supremacia do Papa. São genericamente conhecidos pelo nome de protestantismo.

Dogma* – Verdade religiosa considerada irrefutável e, como tal, não podendo ser criticada nem analisada. Ex.: os sete sacramentos, a Imaculada Conceição.

* Conceito estruturante



C – As “95 Teses Contra as Indulgências” (1517)

1. Ao dizer “Façam penitência...”, o nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo quis que toda a vida dos fiéis fosse uma penitência.
2. O Papa não quer, nem pode, perdoar alguma pena, exceto aquelas que ele tenha imposto por sua própria vontade [...].
21. Erram, pois, os pregadores das indulgências que dizem que, pelas indulgências do Papa, o homem fica livre de toda a pena e fica salvo. [...]
27. Pregam doutrina puramente humana [não divina] os que dizem que “logo que o dinheiro cai na caixa a alma se liberta [do Purgatório]”. [...]
32. Serão eternamente condenados com os seus mestres aqueles que pensam que as indulgências lhes asseguram a salvação [...].
36. Todo o cristão verdadeiramente arrependido tem direito à remissão plena da pena e da culpa, mesmo sem as indulgências. [...]
43. Deve-se ensinar aos cristãos que aqueles que dão aos pobres ou emprestam aos necessitados fazem melhor do que comprar as indulgências. [...]
86. Por que é que o papa, cujas riquezas são hoje maiores do que as dos Crassos¹ mais opulentos, não constrói a Basílica de São Pedro com o seu próprio dinheiro, em vez de fazê-lo com o dinheiro dos seus pobres fiéis?

Martinho Lutero, *Oeuvres*, em L. Gothier e A. Troux (dir.) – «Recueil de Textes d'Histoire», Tome III, *Les Temps Modernes*, 1967

¹ Família rica da Roma republicana, que desempenhou funções políticas e militares.

D – Lutero e a bula papal



Em dezembro de 1520, Lutero queimou a bula papal que condenava as suas teses e o ameaçava de excomunhão. Esta atitude acabou por determinar, em janeiro de 1521, uma nova bula papal que o expulsou, efetivamente, da Igreja de Roma.

Questões pág. 99

DOC. 6 O Papa Leão X e os seus sobrinhos, pintura de Rafael (c. 1517-1519)



Nascido como João de Médicis, **Leão X** era filho de Lourenço, o Magnífico. Com 14 anos apenas, foi feito cardeal e com 38 assumiu o cargo de Sumo Pontífice. Apreciador de festas e de teatro, Leão X comportou-se como um mecenas do Renascimento. Para prosseguir as obras de São Pedro do Vaticano, autorizou, na Alemanha, um escandaloso tráfico de indulgências, que esteve na origem da Reforma protestante.

garantiam que as almas saíam do Purgatório¹ “mal o dinheiro tilintasse nos cofres”, os crentes acorreram a comprar as indulgências em seu próprio benefício e no das almas de falecidos (Doc. 58).

Contra essa situação insurgiu-se Lutero quando, no dia 31 de outubro de 1517, afixou na porta da Catedral de Wittenberg as «95 Teses Contra as Indulgências» (Doc. 50). Nelas acusava o Papa e os **dogmas** da Igreja, pois afirmava que a **salvação depende da Fé** e não de boas obras, como as penitências ou a compra de indulgências.

Face à hostilidade encontrada, Lutero extremou as suas posições. Recusou reconhecer-se culpado perante os superiores da Ordem de Santo Agostinho, o enviado papal e o imperador Carlos V, senhor do Santo Império, onde se incluía a Alemanha.

Excomungado pelo Papa e banido do Império em 1521 (Doc. 50), restou a Lutero reunir forças para impor a doutrina que acabava de criar – o luteranismo.

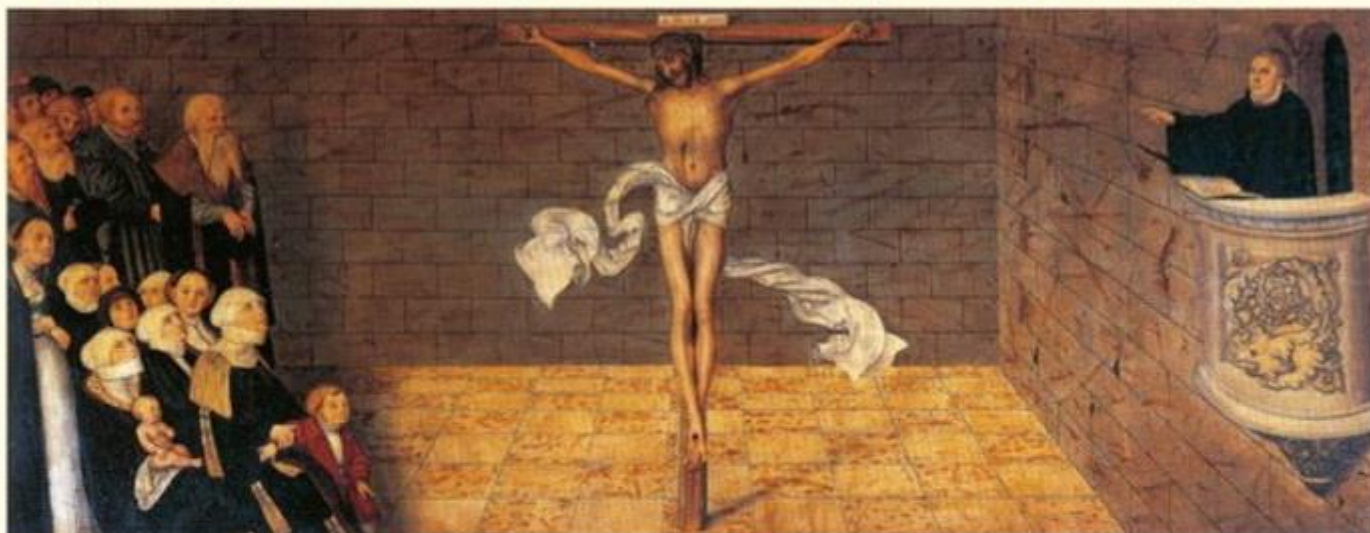
A justificação pela Fé e a doutrina da predestinação

A **justificação pela Fé** é a grande base doutrinária da reforma praticada por Lutero, equivalendo a uma **nova doutrina da salvação**. Considerava o Homem um ser irremediavelmente inclinado para o pecado, pelo que as suas obras seriam sempre maculadas e não o poderiam salvar. Só a Fé da Humanidade na infinita misericórdia de Deus tornava o Homem justo e o conduzia à salvação (Doc. 78).

¹ O Purgatório é, para os católicos, local de expiação de culpas e cumprimento de penas para as almas dos que faleceram em pecado.

Doc. 7 A justificação pela Fé

A – Pregação de Lutero, por Lucas Cranach, o Velho – parte inferior de um retábulo na Igreja de Santa Maria, em Wittenberg, 1548



B

É a Fé apenas, sem qualquer recurso a obras, que confere a justiça, a liberdade, a felicidade. Se tu crês, obterás, se não crês, não obterás. Tu deves abandonar-te com uma Fé robusta e ter confiança; então, por causa desta Fé, todos os teus pecados serão perdoados.

Martinho Lutero – *La Liberté du Chrétien*, 1520

Questões pág. 99

Acontece que, para Lutero, a Fé era uma questão de eleição, de graça divina. E como apenas alguns mereciam da parte de Deus a Fé ardente que os salvaria, independentemente das ações praticadas, diz-se que o luteranismo abriu caminho à **teoria da predestinação**. De facto, ao determinar quem seriam os merecedores da Fé, Deus escolhia uns para a salvação, destinando os outros à condenação.

Primazia da Palavra sobre o rito; sacerdócio universal; desvalorização dos sacramentos; a relação do crente com Deus

Era no contacto com a *Palavra de Deus*, presente nas Sagradas Escrituras, que a Fé do ser humano se robustecia. Por isso, Lutero considerava a **Bíblia como única fonte de Fé e autoridade doutrinal**, rejeitando as publicações dos Padres da Igreja¹ e as decisões dos concílios que, como simples palavras humanas, estavam sujeitas à crítica e à revisão. Negou o monopólio papal na interpretação das Escrituras, proclamando que qualquer crente as poderia ler sem a intervenção do clero. Bastava, para isso, que a Bíblia fosse traduzida (Doc. 8).

Lutero advogou que a **missa** em latim desse lugar a uma cerimónia litúrgica em alemão, com orações, cânticos e sermões acompanhados da Comunhão em lembrança da Santa Ceia. O culto da Virgem e dos santos foi abandonado, pois nenhum mediador entre Deus e os homens se tornava necessário.

Conceitos

Predestinação* – Vontade de Deus sobre a salvação de cada um. A teologia reformista dá-lhe grande relevo, sendo a forma mais fatalista de predestinação a apresentada por Calvino.

Sacramento* – Sinal sensível instituído por Jesus Cristo e confiado à Igreja, por meio do qual se presta culto a Deus e se obtém a santificação dos homens.

A Igreja Católica consagra, como dogma, a existência de sete sacramentos. Segundo a doutrina protestante, os sacramentos são apenas dois (Batismo e Comunhão), produzindo uma relação pessoal com Deus sem criar um estado de graça.

Rito – Manifestação exterior da fé religiosa através de atos (como sacrifícios), palavras (como orações) e gestos (como genuflexões), praticados uniformemente.

* Conceito estruturante

¹ Os Padres da Igreja são os escritores da Antiguidade cristã (séculos II-VIII), cujas obras constituem autoridade em matéria de fé. Exemplos: Sto. Ambrósio, Sto. Agostinho, S. Jerónimo, S. João Crisóstomo.

A

Ao traduzir a Bíblia, esforcei-me em falar um alemão puro e inteligível. Procurei falar alemão, não grego ou latim. [...] A mulher na vida doméstica, as crianças nos seus jogos, os burgueses na praça pública, [...] caros amigos, tendes agora a vossa Bíblia em alemão. Fazei bom uso dela após a minha morte.

Martinho Lutero - *Lettre ouverte sur l'art de traduire*, 1522

Questões pág. 99

B



Reedição de início do século XVIII da famosa tradução da Bíblia que Lutero efetuou entre 1522 e 1534. Nos quarenta anos que se seguiram a 1534, foram impressos cerca de 100 mil exemplares.

Todos os cristãos têm uma condição verdadeiramente espiritual e entre eles não há distinções além da que se relaciona com as funções de cada um. E isso é assim porque temos um só Batismo, uma só Fé, um só Evangelho e somos iguais como cristãos. Qualquer um que tenha emergido das águas do Batismo pode orgulhar-se por já ter sido ordenado sacerdote, bispo ou papa, embora nem todos possam exercer tais ofícios. Portanto, deixemos que cada congregação eleja um cidadão devoto para ser sacerdote.

Martinho Lutero - *Manifesto à Nobreza Alemã*, 1520

Questões pág. 99

Questões

- 1 O que é uma indulgência? Indique três motivos pelos quais Lutero se opunha à compra de indulgências para a salvação da alma (DOC. 5C).
- 2 Como procurava o Papa convencer os crentes a comprarem indulgências? A que se destinava o dinheiro obtido? Como se apresenta o frade que vende as indulgências (DOC. 5B)?
- 3 Segundo Lutero, como se obtém a salvação da alma (DOCS. 5C e 7B)?
- 4 Porque traduziu Lutero a Bíblia para alemão (DOC. 8A)?
- 5 O que se entende por sacerdócio universal (DOC. 9)? Que efeitos resultaram deste princípio?
- 6 Mostre, com base na análise do DOC. 7A, três aspetos reveladores do luteranismo.

Rejeitada foi, igualmente, a distância entre clero e leigos, pela proclamação do **sacerdócio universal**: “O Batismo consagrou-nos a todos, sem exceções, e fez-nos padres” (DOC. 9). O celibato e as ordens religiosas deixaram de existir e Lutero deu o exemplo, casando-se. Defendeu a renúncia da Igreja sobre os bens materiais, que passariam para a posse dos fiéis luteranos.

No que se refere à **organização eclesiástica**, Lutero negou o primado do Papa, que, como qualquer cristão, considerava submetido à autoridade da Escritura. Propôs às autoridades temporais que, nos países luteranos, o chefe de Estado desempenhasse a função de “chefe da Igreja”. Criaram-se, então, as **Igrejas Nacionais Evangélicas**, que engrandeceram os príncipes com a secularização dos bens eclesiásticos.

Quanto aos **sacramentos**, Lutero só reconheceu dois: o **Batismo** e a **Eucaristia** (ou comunhão), os únicos verdadeiros porque sinais externos de uma graça instituída por Cristo. Considerou os restantes como falsos, porque prescritos pelo papado, uma instituição humana e não divina. No que se refere à Eucaristia, Lutero rejeitou a **transubstanciação**, isto é, o milagre operado pelo sacerdote católico de transformar o pão e o vinho na carne e no sangue de Cristo. Propôs a **consubstanciação**, segundo a qual, na Eucaristia, o sangue e o corpo de Cristo coexistem com o vinho e o pão.

Em conclusão, para Lutero a prática cristã define-se pela relação pessoal do crente com Deus e não pelo comprometimento com regras, leis e **ritos** estabelecidos pelos homens. Para o reformador alemão, a vida religiosa é, acima de tudo, uma ação de amor fraternal e incondicional a Deus, a quem se devia expressar uma fé profunda.

DIC. 10 A expansão do luteranismo na Alemanha

A – A adesão dos príncipes



Graças à adesão dos príncipes, a expansão do luteranismo foi fulgurante no Norte e Centro da Alemanha. De entre eles destacou-se **Frederico III da Saxônia** (1), em cujo Castelo de Wartburgo **Lutero** (2) se refugiou quando foi expulso do Império pela Dieta de Worms. Traduziu, então, o Novo Testamento, criando a primeira obra da literatura alemã. À direita da gravura, encontra-se o humanista **Melanchton** (3), redator do credo protestante.

B – O testemunho do embaixador de Veneza

Parece que estas gentes tomaram tais liberdades que lhes parece lícito poder-se falar e pregar sobre a Fé e formar novas seitas, o que causa uma grande confusão por toda a parte. E como não se pode pregar livremente em muitos locais, pois é proibido, acontece que aqueles sedutores escreveram e imprimiram as suas opiniões em língua vulgar, estando estes escritos espalhados por toda a Alemanha.

E. Alberi - *Relations des ambassadeurs vénitiens au Sénat au XVI siècle*

Questões pág. 101

DIC. 11 Resposta do imperador Carlos V a Lutero, na Dieta de Worms (1521)



O imperador Carlos V (de uma pintura de Ticiano).

É claro que um irmão está errado quando sozinho contradiz a opinião de toda a Cristandade, caso contrário seria a Cristandade que estaria errada desde há mil ou mais anos.

Em *História da Europa* - Coimbra, Ed. Minerva, 1992

Questões pág. 101

4.1.3 As igrejas reformadas



A expansão do luteranismo

O luteranismo rapidamente se expandiu na Alemanha (Dic. 10A e B). Os **burgueses** das cidades entusiasmaram-se com os princípios mais simples da nova religião. Os **príncipes** e a **pequena nobreza** aderiram tanto por convicção como por interesse, já que a doutrina luterana permitia que se apoderassem dos bens da Igreja alemã, que deveriam ser secularizados. Quanto aos **camponeses**, também esperaram vir a obter alguns desses bens, vendo na pregação de Lutero o anúncio do reino de Deus sobre a Terra. Em 1524-25, a Alemanha do Sul assistiu, inclusivamente, a uma autêntica guerra civil, provocada pela revolta dos camponeses contra os seus senhores.

Até do ponto de vista cultural, o luteranismo contou com preciosos apoios. A **imprensa**, invenção alemã, auxiliou na expansão dos escritos de Lutero e da nova Bíblia traduzida. **Humanistas** justificaram as ideias luteranas, como o teólogo Philipp Melanchton que argumentou nas discussões religiosas com os católicos e redigiu o credo protestante conhecido por *Confissão de*



Questões pág. 101

Questões

- 1 Identifique dois fatores que facilitaram a expansão do luteranismo na Alemanha (DOC. 10A e B).
- 2 O que pensava o imperador Carlos V do luteranismo (DOC. 11)?
- 3 Que imagem nos apresenta a Europa do ponto de vista religioso na segunda metade do século XVI (DOC. 12)?
- 4 Como reagiu a Igreja Católica ao cisma protestante (DOC. 12)?

Augsburgo (1530). E artistas, como Dürer ou os Cranach (pai e filho), colocaram os seus talentos ao serviço da propaganda luterana (Docs. 5B, 7A).

No contexto atrás referido, o católico Carlos V, que em 1519 ascendera ao trono do Santo Império Romano, defrontou-se com sérias dificuldades para manter a unidade da Igreja (Doc. 11). Tão depressa reconheceu a liberdade religiosa aos estados alemães reformados, como lhes retirou esse privilégio¹ ou se decidiu a enfrentá-los pelas armas. Em 1555, finalmente, o imperador rendeu-se à divisão religiosa e aceitou a Paz de Augsburg, na qual se declarava a liberdade de credo na Alemanha.

Fora do Santo Império, a expansão do luteranismo foi, também, um êxito (Doc. 12). Em 1525, Alberto de Hohenzollern criou um novo Estado luterano – o ducado da Prússia –, em território da Ordem Teutónica, de que era grão-mestre. E, ainda o século XVI não findara, já a Suécia, a Finlândia, a Dinamarca e a Noruega se haviam convertido à nova religião.

¹ O protesto de 6 príncipes e 14 cidades da Alemanha em 1529 contra a eliminação da liberdade religiosa está na origem da designação de protestantes aos partidários da reforma luterana e das posteriores igrejas reformadas.

Doc. 13 O calvinismo

A – João Calvino (1509-1564)



Nascido em França, na região da Picardia, **Calvino** estudou Humanidades, Direito e Teologia. Brilhante latinista, fez parte de um círculo de humanistas que defendia a leitura do Evangelho e a celebração do culto em língua vulgar. A hostilidade do rei Francisco I a estes ideais reformadores levou Calvino a abandonar a França e a fixar-se em Genebra.

C – Princípios de Calvino

Nós chamamos predestinação à decisão eterna de Deus pela qual determinou o que queria fazer com cada homem. Pois Ele os cria a todos em condições semelhantes, mas ordena uns à vida eterna e outros à eterna condenação. Assim, conforme o fim para o qual o Homem foi criado, dizemos que ele está predestinado para a morte ou para a vida. [...] Os que Ele chama para a salvação dizemos que os recebe de sua misericórdia gratuita, sem ter relação alguma com a própria dignidade. [...]

Os homens construíram imagens visíveis em madeira, pedra, ouro, prata e toda a matéria corruptível, para representar Deus. Cada vez que se representa Deus através de uma imagem, a sua glória é maldosamente corrompida. Deus, na sua Lei, disse: “tu não farás imagem ou estátua alguma”.

Calvino – *L'institution de la religion chrétienne*, 1536

Questões pág. 103

B – Uma igreja calvinista em Utreque



Pieter Saenredam, *Interior da Igreja de Santiago*, óleo sobre madeira, 1642.

O calvinismo

O protestantismo de Calvino foi o mais significativo dos movimentos reformistas que se seguiram à rutura luterana.

Em 1536, o francês João Calvino (Doc. 13A) fixou-se em **Genebra**, onde publicou a tradução francesa de “*Da instituição da religião cristã*”, que redigira anteriormente em latim e que contém o essencial da sua doutrina – o **calvinismo**.

Tal como Lutero, Calvino baseava o cristianismo na **justificação pela Fé**, no **sacerdócio universal** e na **autoridade exclusiva da Bíblia**. Introduziu, porém, algumas alterações que dotaram a nova doutrina de um maior rigor.

Em primeiro lugar, Calvino entendeu a **predestinação** como **absoluta** ao afirmar que o ser humano jamais perderia a *graça da Fé* se nascesse com ela.

Já Lutero considerava que, se uma pessoa deixasse de crer, a sua salvação deixaria de estar garantida. Da predestinação absoluta de Calvino resultou uma acentuada intolerância para com outros credos, uma vez que os fiéis calvinistas, seguros da salvação, sentiam-se parte de um grupo de eleitos – os **predestinados** (Doc. 13C). E logo em vida a marca da eleição divina se fazia sentir. Por exemplo, um homem de negócios bem-sucedido era, para os calvinistas, um predestinado.

Doc. 14 Destruição das “frivolidades”, gravura de uma crônica suíça, 1548



Em Genebra, a vida social foi rigorosamente regulamentada por Calvino, que apreciava a austeridade dos costumes. Proibiu o jogo a dinheiro, “canções desonestas”, mascaradas e danças, apenas tolerando estas últimas em cerimónias de casamento.

Questões pág. 103



DOC. 16 Extratos do catecismo calvinista

- Quantos sacramentos existem na Igreja de Jesus Cristo? Existem dois, nos quais toda a comunidade de fiéis participa: o batismo e a comunhão. [...]
- Os pastores podem distribuir os sacramentos a qualquer um? [...] No que se refere à comunhão, o pastor deve evitar dá-la a quem não for digno.

Catecismo de Genebra, 1545

Questões

- 1 Segundo Calvino, em que consiste a predestinação (DOC. 13C)?
- 2 Explique o aspeto da igreja calvinista, tendo em conta os princípios de Calvino (DOC. 13B e C).
- 3 Que "frivolidades" são destruídas na gravura do DOC. 14? Porquê?
- 4 Interprete a gravura do DOC. 15:
 - Como e onde estão os católicos e os protestantes calvinistas representados?
 - Que símbolos os identificam?
 - Que mensagem transmite a gravura?
- 5 Destaque três princípios comuns ao luteranismo e ao calvinismo (DOCS. 13C, 15 e 16).

No que se refere ao papel da **Bíblia** como única fonte de Fé (Doc. 15), Calvino defendeu só a ele competir a interpretação do Evangelho. Quanto aos **sacramentos**, reconheceu o *Batismo* e a *Eucaristia* (Doc. 16), esta com a simples presença espiritual de Cristo. Recorde-se que Lutero admitia a presença real de Cristo na Eucaristia.

Outra especificidade do calvinismo diz respeito à sua conceção de **Igreja**. Embora defendesse, como Lutero, a possibilidade de todos os crentes exercerem o sacerdócio, sem qualquer hierarquia entre eles, Calvino não aceitou que a chefia da Igreja fosse entregue aos chefes de Estado, como acontecia com os luteranos. Pelo contrário, Calvino defendia a supremacia da Igreja sobre o Estado, o que o levou a transformar Genebra (apelada de "Roma do calvinismo") numa **sociedade teocrática** dirigida por um consistório eclesiástico, através do qual Calvino perseguiu católicos e protestantes.

De Genebra, o calvinismo propagou-se à França, aos principados renanos da Alemanha, às Províncias Unidas, Hungria, Boémia, Polónia, Inglaterra e Escócia (Doc. 12). Obteve o apoio de nobres, mas também de burgueses, homens dos ofícios e eruditos.

Doc. 17 A Reforma no tempo de Henrique VIII

A – Henrique VIII (1491-1547), retratado por H. Holbein, o Jovem, com a idade de 49 anos



C

Todo o cura¹ deve obter a Bíblia em latim e em inglês e colocá-la no coro da sua igreja, para permitir a todos a sua leitura, e [...] encorajará, exortará e obrigará todos os homens a lê-la, pois é a palavra de Deus e o alimento espiritual da alma.

Declaração do bispo Thomas Cranmer, 1536

1 Sacerdote.

D – A Grande Bíblia de Henrique VIII (1539)



Pormenor do frontispício, mostrando o rei a apresentar a Palavra de Deus ao clero.

B – O Ato de Supremacia (1534)

O rei é o único chefe supremo da Igreja da Inglaterra. [...] Nesta qualidade, o rei tem o poder de examinar, reprimir, emendar tais erros, heresias, abusos, ofensas e irregularidades que devem ou podem ser reformados legalmente pela autoridade espiritual, a fim de garantir a paz, a unidade e a tranquilidade do reino, não obstante todos os usos, costumes e leis estrangeiros, toda a autoridade estrangeira.

Em L. Gothier e A. Troux, *ob. cit.*

Questões pág. 105

A Reforma na Inglaterra: o anglicanismo

A Reforma implementou-se na Inglaterra de uma forma original, evoluindo de uma rutura com a Igreja romana para uma faceta calvinista e desta para o anglicanismo.

Tudo começou com Henrique VIII (Doc. 17A) que, sem um filho varão do seu casamento com Catarina de Aragão e apaixonado por Ana Bolena, solicitou ao Papa Clemente VII, em 1529, a anulação do matrimônio. Face à recusa papal, o monarca rompeu com Roma e proclamou-se chefe da Igreja na Inglaterra, ficando com o poder de anular o seu próprio casamento. Em 1534, o Parlamento ratificou a decisão real, através do *Ato de Supremacia* (Doc. 17B).

Embora autorizasse a tradução da Bíblia para a língua inglesa (Doc. 17C e D) e secularizasse os bens dos conventos, Henrique VIII manteve-se fiel ao dogma católico, lembrando-se do título de *Defensor fidei* (Defensor da Fé) que recebera do Papa por ter criticado Lutero. Só no reinado do seu filho Eduardo VI (Doc. 18) a Reforma se aproximou do calvinismo, ao contemplar apenas os sacramentos do Batismo e da Eucaristia (com presença espiritual de Cristo), ao proibir o culto das imagens e suprimir os altares, entre outras mudanças.

Depois do breve reinado de Maria Tudor (Dossiê, p. 107), que se reconciliou com o catolicismo e perseguiu ferozmente os protestantes, subiu ao trono Isabel I. Com ela se consolidou o protestantismo, sob a forma de **anglicanismo**, cuja carta doutrinária é a *Declaração dos Trinta e Nove Artigos*, adotada em 1563 (Doc. 18A e B).

Doc. 18 Eduardo VI (1537-1553)



Único filho varão de Henrique VIII, era fruto do casamento do monarca com Jane Seymour. Subiu ao trono ainda não tinha completado 10 anos.

Questões pág. 105



Filha de Henrique VIII e de Ana Bolena, Isabel I era, por conseguinte, meia-irmã de Eduardo VI e de Maria Tudor.

Art.º 6.º As Sagradas Escrituras contêm tudo o que é necessário para a Salvação. Por isso, tudo o que não se lê aí, ou que não se pode provar por elas, não deve ser exigido a nenhum homem como artigo de fé, nem reputado como requisito necessário à salvação. [...]

Art.º 11.º Somos considerados justos diante de Deus somente pelos méritos de Nosso Senhor e salvador Jesus Cristo e pela Fé, e não por causa das nossas próprias obras e méritos. [...]

Art.º 22.º A doutrina dos Romanos quanto ao Purgatório, as indulgências, o culto e a adoração tanto de imagens como das relíquias, assim como a invocação dos Santos, é uma invenção frívola que não é apoiada em nenhum texto das Escrituras, mas mesmo contrária à palavra de Deus. [...]

Art.º 24.º É uma coisa evidentemente contrária à palavra de Deus e aos costumes da Igreja primitiva fazer orações públicas na Igreja ou administrar sacramentos numa língua incompreensível para o povo.

Art.º 25.º Os sacramentos instituídos por Cristo não são apenas símbolos e sinais da confissão dos Cristãos, são antes testemunhos seguros e certos e sinais eficazes da graça e da boa vontade de Deus para conosco [...]. Há dois sacramentos instituídos por Cristo, Nosso Senhor, no Evangelho: o Batismo e a Ceia do Senhor.

Declaração dos Trinta e Nove Artigos (1563), em Benedita Vieira e Emília Borges - «Materiais de apoio aos novos programas - Tema 5», DGEBS, 1991-92

Questões pág. 105

Questões

- 1 Identifique os princípios reformistas presentes no DOC. 17B, C e D.
- 2 Explique o contexto em que Henrique VIII se tornou "o único chefe supremo da Igreja de Inglaterra" (DOC. 17B).
- 3 Compare a evolução religiosa da Inglaterra nos reinados de Eduardo VI e de Maria Tudor.
- 4 Identifique os princípios doutrinários do anglicanismo (DOC. 19).

Podemos definir o anglicanismo como um compromisso entre o catolicismo e o calvinismo. De facto, defendia a justificação pela Fé (não aceitando, porém, a predestinação absoluta) e a autoridade eclesiástica da Bíblia em matéria de Fé; reconhecia exclusivamente o Batismo e a Eucaristia com a presença espiritual de Cristo; negava o culto dos santos, imagens e relíquias. Mas, apesar de o celibato dos padres ter sido abolido como consequência do sacerdócio universal, a verdade é que a Igreja anglicana possuía uma hierarquia eclesiástica que fazia lembrar a católica com os seus bispos, prelados e diáconos. E, embora com menos ornamentos, os templos anglicanos mantinham os altares e os órgãos e neles se continuavam a entoar salmos.

Os esforços conciliadores do anglicanismo não pouparam dissabores a Isabel I. Os católicos sempre a consideraram uma "bastarda" e o Papa, em 1570, excomungou-a e depô-la. Quanto aos calvinistas, queixavam-se de as igrejas anglicanas lhes parecerem igrejas católicas, não vendo com bons olhos o papel tutelar que a rainha exercia sobre a Igreja. O seu rigorismo valer-lhes-ia a designação de puritanos. A oposição sistemática de católicos e puritanos seria motivo para Isabel I os perseguir e fazer executar.

Dotada de invulgar capacidade política, Isabel I fez da Reforma um instrumento do reforço da autoridade real, ao mesmo tempo que promoveu o desenvolvimento marítimo e colonial da Inglaterra, elevando-a à categoria de grande potência europeia.

A difícil convivência religiosa no século XVI: do antagonismo à tolerância

Não foi fácil ao europeu confrontar-se com a rutura reformista. Da Alemanha à Grã-Bretanha, da Suíça aos Países Baixos e à França, estalaram as perseguições entre católicos e protestantes e entre as próprias igrejas reformadas; saquearam-se e destruíram-se templos; as execuções sucederam-se e as “matanças” ensombraram a História europeia.

Quem se atreveu, nesse mundo ensanguentado, a defender a tolerância? Foi ela implementada?

NATHAN FINE/PHOTODISC

■ A O exemplo da Utopia (1516)

A ilha da Utopia contém 54 cidades vastas e magníficas [...]. As religiões da Utopia variam [...]: estes adoram o Sol, aqueles divinizam a Lua ou qualquer outro planeta, alguns veneram como Deus supremo um homem [...]. Esta variedade de superstições tende a desaparecer [...]. O que, segundo a minha opinião, sobretudo contribuiu para lhes inspirar estas felizes disposições de alma foi o relato da vida dos primeiros apóstolos [...]. O certo é que muitos deles abraçaram a nossa religião [...]. Os utopianos contam no número das suas instituições mais antigas a que prescreve não perseguir ninguém pelos seus credos religiosos.

Thomas More, *Utopia* (1516)



Thomas More (1478-1535) – pormenor de uma pintura de H. Holbein, *o Jovem*, 1527. Humanista afamado e amigo de Erasmo, o inglês T. More seguiu a carreira política. Em 1529, ascendeu a chanceler de Henrique VIII, cargo que abandonou três anos depois por não concordar com a anulação do primeiro casamento do monarca. Tal atitude veio a custar-lhe a prisão e a condenação à morte.

■ B Nos Estados alemães



1. A gaita de foles, gravura da propaganda católica, mostrando Lutero, de Erhard Schoen (1521)



2. O nascimento do Anticristo, gravura da propaganda luterana de Lucas Cranach, *o Jovem*. Pertence a uma série intitulada *A Descrição do Papado*, que o próprio Lutero legendou com versos injuriosos.



3. Gaiolas suspensas na torre da Igreja de S. Lambert, em Münster (Alemanha do Norte), onde foram supliciados os chefes da revolta anabatista, em 1536

O **anabatismo** foi uma outra confissão protestante, perseguida por católicos e luteranos. Os seus membros apenas recebiam o batismo em adultos e eram, habitualmente, pacíficos e rigorosos do ponto de vista moral. Tal não impediu o radicalismo de alguns anabatistas que tomaram de assalto a cidade de Münster e a transformaram numa república teocrática. Após um cerco de catorze anos, a cidade foi reconquistada pelo bispo, a que se seguiu o massacre dos revoltosos.

III. C Na Inglaterra

1. Perseguições no tempo de Henrique VIII (1540)

Seguiu-se a execução de seis doutores, dos quais três foram enforcados [...], acusados de ter outrora falado a favor do Papa... Os outros três foram queimados como heréticos (luteranos) [...], tendo sido maravilhoso ver morrer no mesmo dia e hora aqueles que aderiam a dois partidos contrários [...]. Toda a gente, Senhor, entrou numa extraordinária perturbação, por causa do temor que todos podem ter, sem jamais estarem seguros na sua inocência, dada a possibilidade oferecida aos malevolentes de se vingarem facilmente daqueles a quem querem mal e a ocasião oferecida àqueles que, por corrupção ou por qualquer má paixão, queiram ser testemunhas falsas...

Charles de Marillac (prelado e diplomata francês, 1510-1560)
Correspondência



2. Maria Tudor (1516-1558), retratada por A. Moro em 1554

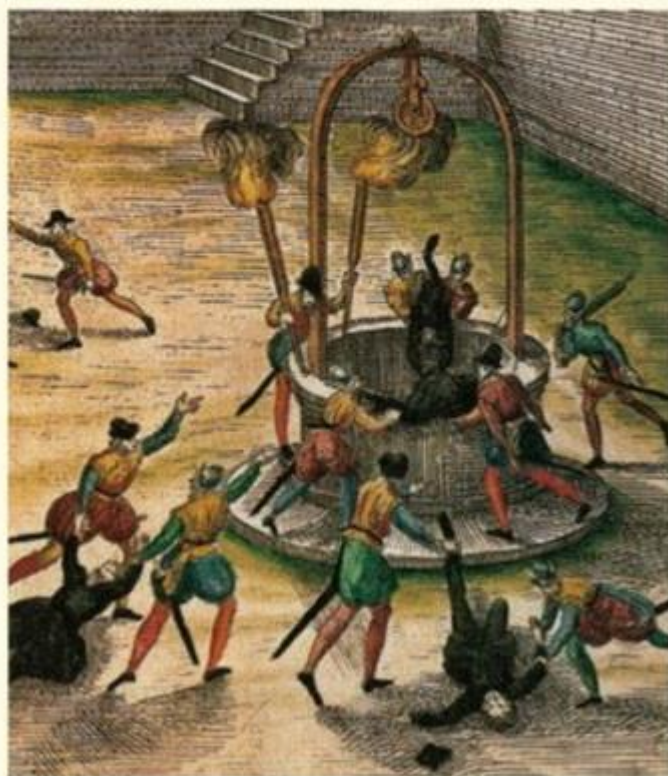
Primogénita de Henrique VIII, **Maria Tudor** foi a única sobrevivente dos filhos nascidos do casamento com Catarina de Aragão. Ao entrar na adolescência, Maria defrontou-se com a separação conflituosa de seus pais. A mãe (filha dos Reis Católicos) educou-a no mais fervoroso catolicismo que ela se apressou a restaurar quando subiu ao trono da Inglaterra, em 1553. No seu curto reinado, moveu impiedosas perseguições aos protestantes, que lhe valeram o cognome de Maria, a *Sangrenta*.

3. Um processo no reinado de Isabel I (1558-1603)

– *Margaret Clitherow, sois ou não culpada daquilo de que sois acusada? Haveis dado asilo e subsistência a jesuítas e padres, inimigos de Sua Majestade.*
– Não me considero culpada de nenhum crime. Nunca dei asilo nem subsistência a nenhum padre. [...]
– *Aceitais comparecer perante um júri?*
– Recuso, não cometi nenhum crime.
– *Então sereis reconhecida culpada e cúmplice da vossa própria morte. Se vos obstinais assim, a lei reserva-vos uma morte horrível. [...]*

Minutas do processo de Margarida Clitherow, em Gustavo de Freitas – 800 textos e documentos de História, vol. II, cit.

D Na França



1. O massacre de S. Miguel, em Nîmes (1567). A gravura evoca o massacre de cerca de 120 a 200 católicos, muitos deles membros do clero, ocorrido na cidade de Nîmes, onde os huguenotes (calvinistas) contavam com grandes apoios, quer entre os notáveis quer entre os populares.

3. O Editto de Nantes (1598)



Henrique IV (1553-1610).
O monarca morreu assassinado às mãos de um católico fanático.

Art.º 3.º Ordenamos que a religião católica, apostólica e romana seja restabelecida em todos os locais deste reino e regiões sob o nosso domínio. [...]

Art.º 6.º Permitimos aos membros da dita religião reformada [protestantes] viver e habitar em todos os locais deste reino e regiões sob o nosso domínio, sem serem interrogados, vexados, molestados, nem obrigados a cometer atos religiosos contra a sua consciência. [...]



2. A matança de S. Bartolomeu, em Paris (23 e 24 de agosto de 1572). Neste episódio trágico das guerras religiosas sucedidas na França (1562-1598), morreram cerca de 3 mil huguenotes que tinham acorrido a Paris para celebrar o casamento do seu chefe, Henrique de Navarra, com a irmã do rei Carlos IX. Tratou-se de uma conjura preparada pela rainha-mãe, Catarina de Médicis, que temia a preponderância calvinista. Os massacres estenderam-se à província, provocando, nos três meses próximos, cerca de 20 mil vítimas. Em 1594, e depois de abjurar do credo protestante, Henrique de Navarra tornou-se rei de França, com o nome de Henrique IV. Quatro anos mais tarde, o monarca proclamou o Editto de Nantes.

Art.º 11.º Ordenamos que, nos arredores das cidades, o exercício da dita religião reformada se possa fazer publicamente. [...]

Art.º 25.º Os membros da dita religião reformada são obrigados a pagar as dízimas aos padres.

Proclamação de Henrique IV, reunido em Conselho Real, em Nantes, abril de 1598

DOC. E Na Suíça



A "expulsão dos ídolos" de uma igreja em Zurique (1524) – gravura da época.

Em Zurique, o humanista e padre **Ulrico Zúínglio** (1484-1531) empreendeu uma reforma semelhante à de Lutero. Defendeu a predestinação, a livre interpretação da Bíblia, suprimiu a missa católica, extinguiu os mosteiros e a hierarquia sacerdotal.

DOC. G Tolerância e pacifismo

1. Erasmo¹ perante as perseguições aos luteranos (1526)

Os servos que querem arrancar o joio antes do tempo pensam que os falsos apóstolos e heresiarcas devem ser suprimidos pela espada e pelo castigo corporal. Mas o dono do campo deseja antes que o joio seja tolerado se puder vir a tornar-se em trigo.

1 Apesar de ter "posto o ovo que Lutero chocou", como diziam os seus inimigos, Erasmo manteve-se sempre católico.

2. Sebastião Castellio, protestante francês, perante as perseguições movidas por Calvino (1554)

Nós, que somos cristãos, não nos condenemos uns aos outros mas, se formos mais sábios, sejamos também melhores e mais misericordiosos. Quanto melhor um homem conhecer a verdade, menos estará inclinado a condenar. [...] Ó príncipes, não prestéis atenção àqueles que vos aconselham a derramar o sangue por causa da religião. O mal nunca será vencido com o mal.

Em H. Kameny – *O Amanhecer da Tolerância*, Ed. Inova Limitada

DOC. F Nos Países Baixos



Execução de calvinistas em Harlem, às ordens do duque de Alba, enviado de Filipe II de Espanha (1567). Em 1566, estalou a revolta dos Países Baixos contra o domínio político e religioso de Espanha. Apesar da sangrenta repressão, as Províncias Unidas (Países Baixos do Norte), atual Holanda, consumaram a sua independência e aderiram ao calvinismo. Já os Países Baixos do Sul, atual Bélgica, acabaram por se manter fiéis a Filipe II e ao catolicismo.

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. Por que era a ilha de Utopia um exemplo a seguir do ponto de vista religioso [Doc. A]?
2. Compare a mensagem transmitida pelas gravuras 1 e 2 do Doc. B. Em que contexto surgiram estas gravuras?
3. Indique as manifestações de intolerância ou de tolerância religiosas patentes nos Docs. B, C, D, E e F.
4. Identifique, no Doc. G1, quem são os servos, os falsos apóstolos e heresiarcas, o dono do campo, o trigo e o joio.
5. Porque são Erasmo e S. Castellio exemplos de tolerância e pacifismo no século XVI [Doc. G1, 2]?

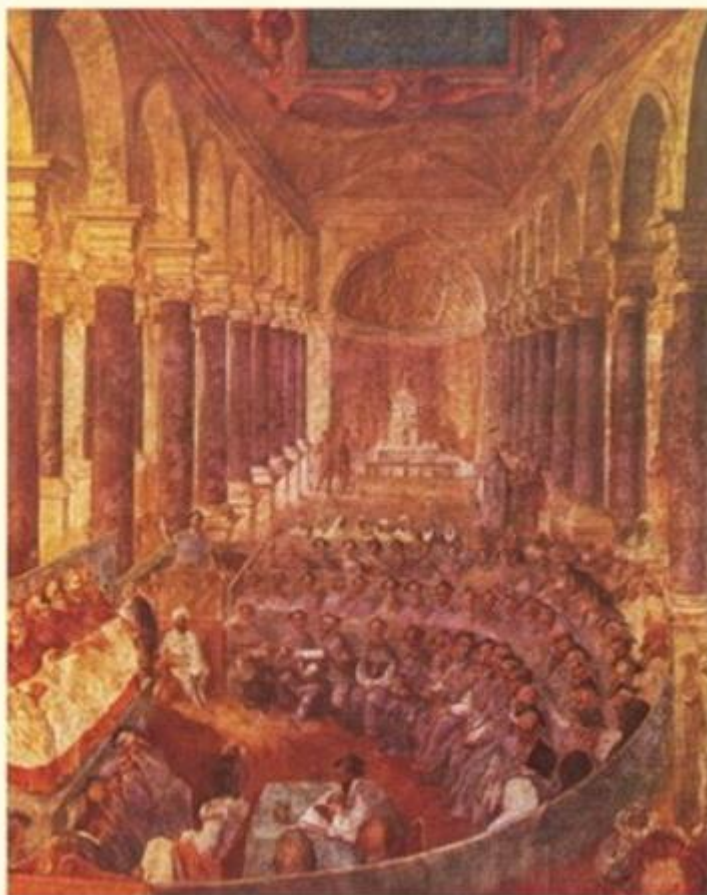
SÍNTESE

6. Justifique a frase: "A sociedade imaginada por Thomas More, na ilha da Utopia, não se concretizou no século XVI".

Tenha presente:

- a mensagem de T. More na obra *Utopia*;
- as manifestações posteriores de intolerância religiosa;
- o contexto em que essa intolerância irrompeu;
- os apelos à tolerância.

A



Uma representação do concílio na nave da Igreja de Santa Maria Maior, em Trento.

B – Decisões relativas ao dogma

Em primeiro lugar, o santo concílio ensina e reconhece aberta e simplesmente que no augusto sacramento da eucaristia, depois da consagração do pão e do vinho, Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, se contém verdadeira, real e substancialmente sob a espécie dessas coisas sensíveis [...].

Se alguém diz que o ímpio se justifica unicamente pela fé, [...] e que não é necessário que se prepare e se disponha por um movimento da sua própria vontade – que seja excomungado [...].

Se alguém diz que os sacramentos da nova Lei não foram todos instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo, ou que há mais ou menos de sete, a saber: o batismo, a confirmação, a eucaristia, a penitência, a extrema-unção, a ordem e o casamento; ou que algum destes sete não é própria e verdadeiramente um sacramento – que seja excomungado [...].

Se alguém diz que todos os cristãos têm o poder de anunciar a palavra [de Deus] e de administrar os sacramentos – que seja excomungado.

A. Michel – *Os Decretos do Concílio de Trento*, em G. de Freitas, *ob. cit.*

4.2 Contrarreforma e Reforma católica

A resposta da Igreja Católica à dissidência protestante assumiu-se, em simultâneo, como uma contrarreforma e uma reforma católica.

Contrarreforma porque efetuou um combate doutrinário, ideológico e repressivo ao protestantismo. **Reforma católica** porque procurou responder às expectativas dos crentes, renovando-se e restaurando o catolicismo.

As resoluções do *Concílio de Trento*, o proselitismo de novas congregações religiosas, como a *Companhia de Jesus*, e a ação repressiva e vigilante da Inquisição e do *Índex* foram os instrumentos que permitiram operacionalizar a Contrarreforma e a Reforma católica.

4.2.1 Reafirmação do dogma e do culto tradicional.

A reforma disciplinar

O Concílio de Trento

Em 1545 reuniu-se, finalmente, o **concílio**, que pretendia debelar a crise da Cristandade. Convocado por iniciativa do Papa Paulo III (1534-1549), o **Concílio de Trento** teve lugar nesta pequena cidade imperial, situada no Tirol italiano (Dcc. 20A). Depois de várias interrupções e de outros tantos recomeços, o concílio terminou os seus trabalhos, em 1563, com uma **condenação inequívoca do protestantismo**.

Conceitos

Concílio – Assembleia de eclesiásticos, geralmente bispos e cardeais, presidida pelo Papa; destina-se a regulamentar ou a determinar a doutrina, a liturgia e a disciplina cristãs. É uma reunião solene, capaz de levar a decisões importantes; neste aspeto distingue-se do sínodo, cuja autoridade é menor.



C



D – Decisões relativas à disciplina do clero

Que ninguém seja recebido em regime de igreja catedral se não for recebido [proveniente] de casamento legítimo, de idade madura, de costumes austeros, e sábio nas letras [...].

Ninguém, de qualquer dignidade, grau de preeminência que seja, presuma receber ou reter várias igrejas metropolitanas ou catedrais a título de comenda ou sob outras formas [...]. Que os bispos sejam obrigados a visitar em cada ano todas as igrejas [da sua diocese]. [...] Que aqueles que forem promovidos à dignidade episcopal recebam a ordem do sacerdócio dentro do tempo [idade] ordenado pelo direito [canônico].

Os bispos devem ser irrepreensíveis, sábios, castos e bons dirigentes de seus bispados; o Concílio pede que cada um seja sóbrio na sua mesa, e coma pouca carne. É também preciso que se acostumem a não falar de assuntos ociosos durante as refeições: o Concílio ordena leituras santas e [...] que nas roupas e no vestuário e em todos os atos eles sejam honestos, como convém a um ministro de Deus.

A. Michel – *Os Decretos do Concílio de Trento*, cit.

1 Regime de igreja catedral significa o exercício de funções eclesiais superiores.

Titiano, *A Assunção da Virgem*, 1516.

Embora nunca tenha sido considerado um dogma, o mistério da Assunção da Virgem aos Céus, que a Igreja Católica comemora a 15 de agosto, foi rejeitado pelos protestantes.

Questões pág. 111

Questões

- 1 Identifique quatro princípios protestantes que foram rejeitados pelo Concílio de Trento (DOC. 20B).
- 2 Porque rejeitaram os protestantes o mistério da Assunção da Virgem aos Céus (DOC. 20C)?
- 3 Identifique três princípios a que o clero ficou obrigado (DOC. 20D).
- 4 Que decisões relativas à disciplina do clero tiveram efeito em Roma, em finais do século XVI (DOCS. 20D e 21A)?

Com efeito, em **matéria de dogmas e de culto** (Doc. 20B) nenhuma concessão se fez às igrejas reformadas (igrejas protestantes):

- Condenaram-se os princípios da predestinação e da justificação pela Fé, reafirmando-se o papel das **obras humanas** na salvação das almas.
- Confirmou-se a existência do **Purgatório**, onde as almas cumpririam as penas devidas pelo perdão dos pecados.
- Manteve-se a **Bíblia em latim** (a dita *Vulgata* de São Jerónimo), rejeitando-se, por isso, as traduções para língua vulgar.
- Proclamou-se, como fontes de Fé, a Bíblia e a tradição, presente nas obras dos Padres da Igreja, nas decisões dos concílios e nos relatos dos milagres dos santos.
- Aos dois sacramentos dos protestantes opuseram-se os **sete sacramentos**: *Batismo* dos recém-nascidos; *Confissão* auricular; *Eucaristia* com presença de Cristo na hóstia consagrada e repúdio pela comunhão sob as duas espécies (pão e vinho); *Crisma*; *Matrimônio*; *Penitência*; *Extrema-Unção*.
- Reforçou-se o poder do **Papa** relativamente aos concílios: foi considerado “Pastor universal da Igreja”, reconhecendo-se-lhe competências deliberativas em matéria de Fé.
- Legitimou-se o **culto dos santos e da Virgem Maria** (Doc. 20C), cabendo ao clero a instrução cuidadosa dos fiéis no que se refere à invocação dos santos e ao culto das relíquias.

A – Em Roma (fins do século XVI)

Já não se veem os cardeais disfarçados, passeando-se a cavalo ou de coche, em Roma, com as damas, como acontecia não assim há tanto tempo; hoje, dificilmente se veem de coche, mesmo sós. Por toda a parte, acabaram os festins, as caçadas e todo o luxo. Por conseguinte, num rápido relance sobre a multidão, reconhece-se a Reforma na vida de Roma.

Testemunho de um embaixador de Veneza em Roma, fins do século XVI

B – São Francisco Xavier cura um enfermo em Goa – pormenor, óleo sobre tela de André Reinoso, c. 1619



Francisco Xavier (1506-1522), um dos fundadores da Companhia de Jesus, distinguiu-se como missionário no Império Português do Oriente, onde ganhou fama de santo, pela vida virtuosa, fervor religioso e empenho evangelizador. Vários milagres lhe foram atribuídos, sendo canonizado em 1621. Sacerdotes como São Francisco ajudaram, sem dúvida, a Igreja Católica a recuperar a confiança dos crentes nos tempos conturbados da Reforma Protestante.

Questões pág. 111

Paralelamente às questões do dogma e do culto, o Concílio de Trento pôs em prática uma **reforma disciplinar** (Docs. 200 e 21A), pois sabia ser necessário acabar com os abusos e as condutas erradas do clero. Para o efeito decretou:

- A proibição da **acumulação** de benefícios eclesiásticos.
- A **residência obrigatória** dos padres e dos bispos nas paróquias e dioceses, respetivamente.
- As **visitas pastorais** dos bispos às paróquias das dioceses.
- A manutenção do **celibato eclesiástico**.
- A proibição da **ordenação** de sacerdotes e de bispos com idades inferiores a 25 e a 30 anos, respetivamente.
- A fundação de **seminários** diocesanos para a formação moral, intelectual e religiosa dos futuros clérigos, tornando-os mais aptos à transmissão da Fé.

Pio V (1566-1572), Gregório XIII (1572-1585) e Sisto V (1585-1590) foram três grandes papas reformadores a quem coube a implementação das decisões do Concílio. Entre as medidas tomadas, conta-se a redação de um **Catecismo Romano** (1566), onde se compilaram os princípios religiosos definidos em Trento, de um **breviário** (1568) e de um **missal**, destinados a regular a oração e o culto. Mais do que nunca se tornava necessário disciplinar a sociedade espiritual dos fiéis, impondo-lhes uma doutrina unânime e alimentando a sua religiosidade com práticas devotas e edificantes.

Conceitos

Seminário – Instituição estabelecida em quase todas as dioceses católicas para a formação espiritual, científica e literária dos futuros sacerdotes. A sua criação foi imposta pelo Concílio de Trento, em 1563.

Catecismo – Resumo sistemático das principais verdades da doutrina cristã, elaborado com objetivos pedagógicos para mestres ou alunos de todas as idades (crianças, jovens, adultos). Publicado em 1566, o *Catecismo Romano*, que o arcebispo de Milão, São Carlos Borromeu, redigiu, destinava-se a ajudar os párocos a porem em prática as disposições do Concílio de Trento.



Questões pág. 115

Demos ao nosso bem amado filho João Caraffa¹ [...] inquisidores gerais, jurisdição sobre toda a Cristandade, compreendendo a Itália e a Cúria romana. Por meio da Inquisição, eles deverão procurar todos aqueles que se afastam da via do Senhor e da fé católica, assim como os suspeitos de heresia, com seus discípulos e seus cúmplices [...]. Os culpados e os suspeitos serão presos e processados até que seja pronunciada a sentença final. Os que forem reconhecidos culpados serão punidos com os castigos canônicos. Os bens dos condenados à morte serão vendidos. Os inquisidores poderão recorrer à ajuda civil para executar as medidas decididas. Aquele que entravar a boa execução destas medidas incorrerá na indignação de Deus Todo-Poderoso e dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo.

Atas Pontificias, em Gustavo de Freitas, *ob. cit.*

¹ Trata-se do cardeal Caraffa, futuro Papa Paulo IV.

Questões pág. 115

Pedro Berruguete, *São Domingos lança à fogueira livros heréticos* (último terço do século XV). São frequentes as representações de São Domingos a zelar pela ortodoxia católica, queimando livros heréticos ou presidindo ao julgamento e execução dos hereges. Tal se deve ao facto de os primeiros inquisidores pertencerem à Ordem dos Dominicanos (fundada por São Domingos em 1215).

Conceitos

Índex – Catálogo de obras e autores proibidos pela Igreja Católica. A sua elaboração integra-se no contexto da Contrarreforma, estando a cargo da Congregação do Índex. Só em 1966 esta instituição seria suprimida pelo Papa Paulo VI, na sequência do Concílio Vaticano II.

4.2.2 O combate ideológico

O Índex

Segundo a Igreja Católica, o combate à heresia protestante deveria passar pela **prevenção e vigilância intelectual da Cristandade**, de quem seriam afastadas leituras prejudiciais. Entre estas encontravam-se, naturalmente, os escritos dos reformadores, mas também as obras de conteúdo humanístico e científico que poderiam fazer perigar os dogmas do catolicismo. Uma apertada censura pendeu, então, sobre aquelas publicações.

Coube à Congregação do Índex, criada em 1543, elaborar a lista das obras perigosas para a ortodoxia católica (Doc. 22). A lista, conhecida por **Índex**, tinha atualizações periódicas. Particularmente severa foi a relação publicada em 1564 pelo Papa Pio IV – o *Index Librorum Prohibitorum* –, onde figurava Erasmo (falecido em 1536) e toda a sua obra. Elaborado para todo o espaço católico, este Índex acabou por ser aplicado apenas na Itália, nos Países Baixos, na Baviera e em Portugal.

Com todas as consequências nocivas no panorama cultural europeu, a condenação do Índex haveria, mais tarde, de recair sobre personalidades-chave da ciência e da filosofia modernas, como Galileu, Descartes, Newton e Leibniz.

A

Após a publicação do edito de fé (convite à autodenúncia ou à delação¹ do herético) e feito o sermão doutrinal do inquisidor na catedral ou na igreja principal, abre-se o período de informação em que qualquer um confessará no tribunal o que saiba de quem quer que seja. [...] As denúncias são secretas. O acusado não saberá quem o denunciou ou de que o acusam. [...] Nos interrogatórios [...] somente o instam a que declare as suas faltas contra a fé. O acusado dá voltas à cabeça e declara todos os seus pecados; porém, se se esquece daquele de que o acusam, talvez um comentário imprudente, pensarão que o oculta e aplicar-lhe-ão a tortura para forçá-lo a confessar. No final, desesperados com a dor, muitos acusam-se do que não cometeram para abreviar o interrogatório.

Juan Eslava Galán – *La herejía, un delito capital e Fanatismo al servicio del poder*, em «Historia y Vida», 2003

1 Denúncia, neste caso heterodenúncia.

B



Interrogatório da Inquisição, com recurso à tortura da polé – pormenor de uma pintura de Alessandro Magnasco (1667-1794). Tal como outras torturas, a polé destinava-se a fazer o réu confessar os delitos de que o acusavam, sempre que havia dúvidas quanto à sua culpabilidade. Era praticada nos tribunais civis, de onde a Inquisição a importou. Consistia em içar o réu, com os braços atados atrás das costas, mantê-lo suspenso por vários minutos e deixá-lo cair abruptamente sem que tocasse o solo. Produzia um sofrimento terrível.

Questões pág. 115

A Inquisição

A **Inquisição** remonta ao século XIII quando o Papa se decidiu pela repressão dos focos de heresia que assolavam a Europa católica. Na altura, os *albigenses* (ou *cátaros*) e os *valdenses* foram as vítimas das grandes perseguições efetuadas no Reino de França.

Apesar de os hereges não faltarem (recordem-se as condenações de Huss e Savonarola), a atividade inquisitorial abrandou nos fins da época medieval. Uma exceção abriu-se para Castela, onde o Papa autorizou, em 1478, a criação do temível tribunal. Respondia ao pedido insistente dos soberanos Isabel e Fernando, empenhados em castigar a «traição» de judeus e mouros que se haviam convertido ao catolicismo e, depois, voltado secretamente às suas antigas práticas religiosas.

Ora, tão eficiente fora a atuação da Inquisição espanhola (de Castela estendera-se à Espanha unificada pelos *Reis Católicos*) que, meio século volvido, Paulo III entendeu que o **Tribunal da Inquisição** seria o instrumento ideal de erradicação do protestantismo. Para o efeito, encarregou, em 1542, o cardeal Caraffa (futuro Papa Paulo IV) de reorganizar, em Roma, o Tribunal da Inquisição, ao qual o próprio pontífice presidia (Dec. 23).

Embora a perseguição aos protestantes estivesse na mira do Papa quando restaurou a Inquisição romana, a verdade é que, nos países católicos onde o tribunal se instalou, outros alvos, como os cristãos-novos, os homens de ciência ou até os feiticeiros mereceram a perseguição inquisitorial¹. Do caso português, muito em particular, falaremos mais adiante.

1 A própria Inquisição romana se deve a perseguição movida ao matemático e astrónomo Galileu que, em 1633, foi levado a abjurar das suas concepções. Pior destino tivera o filósofo e cientista Giordano Bruno, torturado e condenado à fogueira em 1600.

Conceitos

Inquisição – Tribunal da Igreja Católica instituído para combater e punir heresias, bruxaria e quaisquer manifestações de carácter público ou privado contrárias ao catolicismo. Também foi chamado de Santo Ofício, em virtude de o combate à heresia constituir uma causa santa.

Proselitismo – Atividade religiosa exercida com extremo zelo e fervor, no sentido de angariar adeptos. Os padres da Companhia de Jesus deram um grande exemplo de proselitismo, através da missão, da pregação, do ensino e da direção de consciência. Por isso, aquela ordem religiosa é considerada um dos instrumentos da Contrarreforma e da Reforma católica.

A – A “Regra” da Companhia de Jesus

Todos se exercitarão em obedecer com grande cuidado e nisso sobressairão, não somente nas coisas obrigatórias, mas também nas outras, quando, sem ordem formal, um Superior se limita a exprimir a sua vontade. [...] Todas as forças devem aplicar-se a esta virtude que é a obediência, devida primeiro ao Papa, em seguida ao Superior da Ordem. [...] Renegaremos, pela nossa parte, toda outra maneira de ver e toda outra opinião, numa forma de obediência cega, e isto em tudo o que não seja pecado. Cada um deve estar convencido de que quem quer que viva na obediência deve deixar-se guiar e dirigir pela Divina Providência, por intermédio dos seus superiores, como se fosse um cadáver que se pode transportar não importa onde e tratar não importa como, tal ainda como o bordão do velho que serve em toda a parte e para todos os usos.

Inácio de Loyola – *Constituições da Companhia de Jesus*, VI parte, capítulo I, em G. de Freitas, *ob. cit.*, 1540

B



Inácio de Loyola entrega ao Papa Paulo III a “Regra” da nova ordem religiosa (quadro na Igreja do Gesù, em Roma).

Inácio de Loyola (1491-1556) foi um fidalgo basco que seguiu a carreira das armas antes de professar. O abandono da vida militar ficou a dever-se a um ferimento numa perna por um projétil de canhão, durante o cerco de Pamplona.

Questões pág. 117

Questões

- 1 Que leituras eram proibidas pela Igreja Católica no século XVI (DOC. 22)?
- 2 O que foi a Inquisição? Como se explica a sua reorganização pelo Papa Paulo III (DOC. 23)?
- 3 Explícite com base no DOC. 23:
 - quem eram os alvos do Tribunal da Inquisição;
 - as penas que recaíam sobre os culpados;
 - o significado de “recorrer à ajuda civil para executar as medidas decididas”.
- 4 Indique, com base no DOC. 24A e B, três aspetos reveladores de falta de respeito pelos direitos humanos na forma como a Inquisição lidava com as heresias.

Mas, quaisquer que tenham sido as suas vítimas ou o país onde atuou, a Inquisição distinguiu-se tristemente pelos seus métodos cruéis, se bem que usuais no tempo (Doc. 24A e B). Instruía os processos com base em denúncias anónimas. Não dava a conhecer aos réus as faltas de que eram acusados – eles tinham simplesmente que as confessar, muitas vezes sob a ameaça de tortura. Decretava a prisão para os arrependidos e reconciliados com a fé católica e entregava à justiça civil os impenitentes, para que os condenasse à morte¹. Confiscava sempre os bens dos declarados culpados.

O proselitismo das novas congregações: a Companhia de Jesus

A Companhia de Jesus foi uma das muitas congregações religiosas que, surgidas no contexto da Contrarreforma, contribuíram para a renovação do catolicismo. Nasceu em Paris, em 1534, por iniciativa de Inácio de Loyola e mais seis companheiros. Reconhecida pelo Papa Paulo III em 1540 (Doc. 25B), a Companhia de Jesus não cessou de crescer, distinguindo-se das demais pela ação empenhada e militante. O seu **proselitismo** em muito ajudou à **expansão do catolicismo**.

O funcionamento da Companhia de Jesus fazia lembrar o de um exército, o que se relacionava com a formação militar de Inácio de Loyola. Para começar, a ordem chamava-se *Companhia* e era dirigida por um *general*, ou *geral*, que superintendia nas *províncias* (países ou regiões onde estava implantada). Submetidos a uma dura disciplina, os **jesuítas** consideravam-se “**soldados de Cristo**”, acrescentando aos três votos tradicionalmente

¹ Na qualidade de tribunal da Igreja, a Inquisição estava interdita de exercer a chamada justiça de sangue.

A – A “Regra” da Companhia de Jesus

Todos se exercitarão em obedecer com grande cuidado e nisso sobressairão, não somente nas coisas obrigatórias, mas também nas outras, quando, sem ordem formal, um Superior se limita a exprimir a sua vontade. [...] Todas as forças devem aplicar-se a esta virtude que é a obediência, devida primeiro ao Papa, em seguida ao Superior da Ordem. [...] Renegaremos, pela nossa parte, toda outra maneira de ver e toda outra opinião, numa forma de obediência cega, e isto em tudo o que não seja pecado. Cada um deve estar convencido de que quem quer que viva na obediência deve deixar-se guiar e dirigir pela Divina Providência, por intermédio dos seus superiores, como se fosse um cadáver que se pode transportar não importa onde e tratar não importa como, tal ainda como o bordão do velho que serve em toda a parte e para todos os usos.

Inácio de Loyola – *Constituições da Companhia de Jesus*, VI parte, capítulo I, em G. de Freitas, *ob. cit.*, 1540

B



Inácio de Loyola entrega ao Papa Paulo III a “Regra” da nova ordem religiosa (quadro na Igreja do Gesù, em Roma). Inácio de Loyola (1491-1556) foi um fidalgo basco que seguiu a carreira das armas antes de professar. O abandono da vida militar ficou a dever-se a um ferimento numa perna por um projétil de canhão, durante o cerco de Pamplona.

Questões pág. 117

Questões

- 1 Que leituras eram proibidas pela Igreja Católica no século XVI (DOC. 22)?
- 2 O que foi a Inquisição? Como se explica a sua reorganização pelo Papa Paulo III (DOC. 23)?
- 3 Explícite com base no DOC. 23:
 - quem eram os alvos do Tribunal da Inquisição;
 - as penas que recaíam sobre os culpados;
 - o significado de “recorrer à ajuda civil para executar as medidas decididas”.
- 4 Indique, com base no DOC. 24A e B, três aspetos reveladores de falta de respeito pelos direitos humanos na forma como a Inquisição lidava com as heresias.

Mas, quaisquer que tenham sido as suas vítimas ou o país onde atuou, a Inquisição distinguiu-se tristemente pelos seus métodos cruéis, se bem que usuais no tempo (Doc. 24A e B). Instruía os processos com base em denúncias anónimas. Não dava a conhecer aos réus as faltas de que eram acusados – eles tinham simplesmente que as confessar, muitas vezes sob a ameaça de tortura. Decretava a prisão para os arrependidos e reconciliados com a fé católica e entregava à justiça civil os impenitentes, para que os condenasse à morte¹. Confiscava sempre os bens dos declarados culpados.

O proselitismo das novas congregações: a Companhia de Jesus

A Companhia de Jesus foi uma das muitas congregações religiosas que, surgidas no contexto da Contrarreforma, contribuíram para a renovação do catolicismo. Nasceu em Paris, em 1534, por iniciativa de Inácio de Loyola e mais seis companheiros. Reconhecida pelo Papa Paulo III em 1540 (Doc. 25B), a Companhia de Jesus não cessou de crescer, distinguindo-se das demais pela ação empenhada e militante. O seu **proselitismo** em muito ajudou à **expansão do catolicismo**.

O funcionamento da Companhia de Jesus fazia lembrar o de um exército, o que se relacionava com a formação militar de Inácio de Loyola. Para começar, a ordem chamava-se *Companhia* e era dirigida por um *general*, ou *geral*, que superintendia nas *províncias* (países ou regiões onde estava implantada). Submetidos a uma dura disciplina, os **jesuítas** consideravam-se “**soldados de Cristo**”, acrescentando aos três votos tradicionalmente

¹ Na qualidade de tribunal da Igreja, a Inquisição estava interdita de exercer a chamada justiça de sangue.

C – Os jesuítas e a educação

Mais do que entre outros remédios que convém utilizar contra o mal muito difundido que grassa na Alemanha, procurar o que oferecem as universidades que, pelo seu exemplo de vida religiosa e integridade da sua doutrina católica, conduzem outrem ao bem, parece não apenas coisa prudente, mas completamente necessária e realmente inspirada por Deus. Queira a Providência que possa isso acontecer em parte, com a ajuda da clemência divina, graças ao colégio da nossa Companhia, que Vossa Majestade erigirá em Viena.

Carta de Santo Inácio a Carlos V, em *História da Europa*, cit.

D – Os jesuítas e a missão



André Reinoso, *São Francisco Xavier despedindo-se de D. João III antes da partida para a Evangelização da Índia*, óleo sobre tela, c. 1619.

pronunciados (pobreza, castidade, obediência ao superior), um quarto voto de **obediência incondicional ao Papa**, sob cuja tutela a ordem foi colocada (Doc. 25A).

Senhores de uma grande preparação intelectual, nomeadamente no âmbito da teologia e da oratória, e vestidos como seculares, os jesuítas viveram no meio da população, onde desempenharam um papel fortemente interventivo.

Como **missionários**, chegaram aos confins da Ásia, da África e da América. Quando Santo Inácio morreu, em 1556, a Companhia contava já mais de 100 missões (Doc. 25B). Como **professores**, os jesuítas distinguiram-se pela sua rede de colégios que forneciam um excelente ensino secundário e uma sólida formação cristã (Doc. 25C). Este ensino de qualidade permitiu aos padres da Companhia de Jesus uma influência notável sobre a juventude. Na Alemanha, na Bélgica, na Áustria e na Hungria verificaram-se, inclusive, conversões de alunos oriundos dos meios protestantes.

Foi, no entanto, como **pregadores** que os jesuítas se notabilizaram na recuperação para o catolicismo de regiões que haviam caído sob a influência protestante (Doc. 25E). Fazendo dos seus sermões belas peças de oratória, fascinavam os crentes e persuadiram luteranos e calvinistas a abdicarem das ideias reformadoras.

E – Os jesuítas e a pregação



Igreja jesuíta de St. Inácio, em Praga (1665-1687). Os padres jesuítas desempenharam um papel ativo na recatolização da cidade e da Boémia, verificada no século XVII. Tal ficou, em grande parte, a dever-se aos brilhantes sermões que os padres jesuítas pronunciavam no púlpito das igrejas.

Questões pág. 117

4.2.3 O impacto da Reforma católica na sociedade portuguesa

O Concílio de Trento e a Companhia de Jesus

Com uma eficiência notável, Portugal integrou-se no movimento da Reforma católica e da Contrarreforma.

O **Concílio de Trento** contou com a presença de distintos membros da Igreja portuguesa, os quais, regressados ao país, se apressaram a cumprir os

A

Diabo: Essa dama há d'entrar cá?
[...] ela é vossa?
Frade: Por minha a tenho eu,
e sempre a tive de meu.
Diabo: Fizeste bem, que é formosa [...] E não vos punham lá grossa¹
no vosso convento santo?
Frade: E eles fazem outro tanto!

Auto da Barca do Inferno, versão original, 1516

Diabo: [...] ela é vossa?
Frade: Eu não sei
por minha a trago eu cá.
Diabo: E não vos punham lá grossa,
nesse convento sagrado?
Frade: Assim fui bem açoutado.

Auto da Barca do Inferno, versão de 1562

1 Corretivo.

B



Gil Vicente representando na Corte, aguarela de Roque Gameiro.

Embora gozasse da estima da família real, Gil Vicente (1471?-1537?) quebrou-se no seu último auto (*Floresta de Enganos*) de as suas observações mordazes sobre o clero lhe causarem problemas. A primeira compilação das suas obras, de 1562, atesta, na verdade, os efeitos da censura sobre a sátira vicentina.

Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda ou Luís de Camões foram outros dos autores cujos livros sofreram cortes ou mesmo proibições pela censura inquisitorial. A opressão intelectual vivida no país ficou bem expressa nos *Poemas Lusitanos*, onde António Ferreira confessou que: "A medo vivo, a medo escrevo e falo / hei medo do que falo só comigo / mas ainda a medo cuido, a medo calo".

Questões pág. 117

Questões

- 1 A quem prestavam dever de obediência os padres jesuítas? Explique a insistência da Companhia de Jesus no dever de obediência (DOC. 25A).
- 2 Identifique o meio de que se serviam os jesuítas para combaterem "o mal... que grassa na Alemanha" (DOC. 25C e E).
- 3 Elabore curtas biografias de St. Inácio de Loyola e São Francisco Xavier.
- 4 Em que consistiu a censura no extrato do *Auto da Barca do Inferno* (DOC. 26A)?

ditames aprovados. Os bispos passaram a residir nas dioceses e a supervisionar, em *visitas pastorais* periódicas, a religiosidade, a moral e os costumes da população.

Melhor instruído e disciplinado, em virtude da esmerada formação recebida nos novos seminários, o clero português soube, de uma forma geral, responder às dúvidas e inquietudes das populações, confortá-las e aproximá-las de Deus.

Muito em particular, impressionou o zelo religioso dos **padres jesuítas**. Ciente da sua utilidade, D. João III fê-los entrar em Portugal no próprio ano (1540) em que o Papa aprovou os estatutos da Companhia de Jesus. A missão do Oriente e do Brasil foi o grande campo de intervenção dos jesuítas no nosso país, ficando célebres os nomes de Francisco Xavier, Manuel da Nóbrega e António Vieira (Doc. 25D).

Aos jesuítas se deveu, também, uma *rede escolar* de assinalável envergadura, com colégios espalhados no continente e nos domínios ultramarinos.

A Inquisição e o Index

Na segunda metade de Quinhentos, o **clima de intolerância religiosa** instalava-se no país. O Tribunal da Inquisição, introduzido em 1536, instituiu a **censura prévia** em 1540 e, em 1547, fez publicar o **primeiro index de livros proibidos**.

Os indexes portugueses revelaram-se de grande rigor e violência. Atinjam obras e respetivos autores (Doc. 26A e B), bem como impressores, livreiros ou simples possuidores de livros proibidos. Todos eles eram passíveis de denúncia e condenação pelo tribunal. Neste ambiente de atrofia intelectual surgiram as acusações a humanistas, como Damião de Góis¹, e a professores do Colégio das Artes. O facto de admirarem e conhecerem Erasmo (que, apesar das críticas ao Papa e ao clero, permaneceu católico) ou algum dos reformadores tornava-os imediatamente suspeitos de simpatia protestante.

1 Consulte o Dossier dedicado a Damião de Góis (pp. 120-121).

A – A matança de 1506



Panfleto alemão alusivo à matança de cristãos-novos sucedida em Lisboa, em 1506.

A ocorrência teve, como motivo próximo, o facto de um cristão-novo, que assistia à missa no Domingo de Pascoela, no Convento de São Domingos, ter duvidado da natureza divina de uma luz que brilhava no crucifixo. Com a cidade assolada pela peste e os perturbados ânimos a exultarem perante o "milagre", a atitude do cristão-novo souu a provocação herética. Por isso, foi prontamente chacinado e ao grito de "morte aos judeus" frades dominicanos instigaram à matança da população cristã-nova. Em três dias de terror (19, 20 e 21 de abril), pereceram mais de 2 mil cristãos-novos lisboetas! Quando soube do sucedido, D. Manuel I castigou severamente a cidade: mandou executar os frades causadores do massacre e meia centena de amotinados; confiscou bens aos envolvidos; retirou privilégios ao município.

Para além das acusações de **heresia protestante**, a **bruxaria**, a **bigamia**, a **sodomia** e a **blasfémia** constituíram motivos fortes para se incorrer na ira da **Inquisição**.

As maiores vítimas do Tribunal, durante a sua longa vigência em Portugal (1536-1821), contam-se, porém, entre os **cristãos-novos**, isto é, todos os judeus (e seus descendentes) que, ameaçados pelo edito de expulsão de D. Manuel em dezembro de 1496, optaram pela conversão ao catolicismo. Ora, foi com o facto dos conversos continuarem secretamente a judaizar que D. João III argumentou para que o Papa introduzisse o Santo Ofício em Portugal.

Naturalmente, os falsos cristãos abundavam, em particular nos anos que se seguiram à conversão forçada. Outra coisa não seria de esperar de quem não aderira por convicção à nova fé. Mas também é verdade que a opinião pública preconceituosa, que sempre responsabilizara os judeus pela morte de Cristo e lhes invejava os negócios bem-sucedidos e a superioridade cultural, não via com bons olhos a integração dos cristãos-novos na sociedade. A matança verificada em Lisboa, em 1506, documenta bem o quão traumática se estava tornando essa integração (Doc. 27A). Muito em particular, os cristãos-velhos receavam ser ultrapassados no acesso às ordens militares, à docência universitária, aos benefícios eclesiásticos, aos governos municipais.

Por isso, os cristãos-novos viviam permanentemente espiados pelos

B – Um processo inquisitorial

Aos dez dias do mês de fevereiro de mil quinhentos e sessenta e cinco anos, em a cidade de Braga, nas casas onde reside o Santo Ofício da Inquisição, estando aí o senhor licenciado Pero Álvares de Paredes, inquisidor, perante ele apareceu, sendo chamada, Isabel D'Abreu, mulher de Jordão Roriz, morador nesta cidade, abaixo de São Marcos. E pelo juramento dos Santos Evangelhos, em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade, foi perguntada: Se sabia de alguma pessoa ou pessoas que tivessem feito, dito, alguma cousa contra a nossa Santa Fé católica e contra o que tem e crê a Santa Madre Igreja? Que dissesse a verdade. E por ela foi dito: Que não sabe outra cousa, somente que, acima de São Marcos, vive uma cristã-nova, que se chama Grácia Dias, mulher de Inácio da Costa, a qual é mulher que vai mal à Igreja e, quando lá vai a vê ela, declarante, estar como mulher que não olha pera os santos, mas para gente que na Igreja está. E quando ela, declarante, olha para ela, bole com os beijos. E ela,

C



Figura de um judeu (pintura de Vasco Fernandes, século XVI).

declarante, a tem em conta de má cristã. E indo um seu filho, da dita Grácia Dias, a sua casa, buscar uns pequenos de grelos, que será de 8 ou 9 anos, e por ser o dinheiro pouco, ela, declarante, perguntou ao dito menino: Como tão poucos grelos haveis mister¹ para a vossa casa? E o dito mocinho disse: Que os grelos não eram senão para os moços, por seu pai e mãe e eles tinham galinha cozida para jantar. E isto era em dia de sexta-feira ou sábado e da Quaresma. E do costume disse nada. E assinei por ela, a seu rogo, juntamente com ele, senhor Inquisidor. E lhe foi mandado ter segredo e ela o prometeu. Manuel Cordeiro o escrevi.

Em Livro da Visitação que [a Inquisição] fez na cidade de Braga e seu Arcebispado [1565], em "Bartholomeus Monumenta", compilação de Frei António do Rosário

1 Necessidade.

D – O auto de fé (saída da procissão da sede da Inquisição de Lisboa, no Rossio, segundo gravura do século XVIII)



O auto de fé era a cerimónia pública em que se liam e executavam as sentenças inquisitoriais de um número avultado de presos. Realizava-se ao domingo e começava com uma grande procissão. À frente iam os frades dominicanos com a bandeira da Inquisição. Seguiam-se os penitentes, descalços, com uma vela de cera e vestes em que se pintava a natureza do castigo. Chamas com pontas para cima significavam a morte na fogueira; se viradas para baixo, queriam dizer que o preso escapara por pouco à morte.

Ao lado dos presos, desfilavam com grande pompa os familiares do Santo Ofício (pessoas que colaboravam com o Tribunal, recebendo em troca privilégios), os inquisidores e, por último, o inquisidor-geral acompanhado de nobres. Espetáculo mórbido e moralizante, o auto de fé atraía multidões, a quem eram concedidas indulgências. Nem o rei faltava. Das janelas do Paço da Ribeira, assistia à execução das sentenças, incluindo a da morte na fogueira.

Questões pág. 119

Questões

- 1 Defina *cristão-novo*.
- 2 Identifique as acusações feitas à cristã-nova Grácia Dias (DOC. 27B). Porque eram graves, aos olhos da Inquisição, essas acusações?
- 3 Que nos revelam o DOC. 27A e B sobre a atitude generalizada da população para com os cristãos-novos?
- 4 Dê a sua opinião sobre a atuação da Inquisição, à luz dos Direitos Humanos hoje reconhecidos (DOC. 27A, B e D).

vizinhos cristãos-velhos. Vestir roupa lavada aos sábados, recusar comer carne de porco ou não jejuar na Quaresma, por exemplo, eram motivos mais que suficientes para a denúncia à Inquisição, pois indiciavam sinais de apego ao antigo credo¹ (DOC. 27B). Vinham, depois, os procedimentos habituais: a tortura para arrancar confissões e apurar a verdade quando havia dúvidas²; a condenação em auto de fé, cerimónia humilhante que podia terminar com a morte na fogueira³ (DOC. 27D); o confisco de bens, que revertia a favor da Inquisição.

Não estranha que vagas de cristãos-novos tenham deixado o país. Principalmente os ricos homens de negócio, cujas fortunas faziam deles alvos apetecidos. Dirigiram-se com os seus bens para a Síria, Turquia, Holanda, Itália, Inglaterra, França. Bem falta fizeram os seus capitais e os seus talentos a Portugal, que se viu devorado pela inveja, pela intriga e pela denúncia.

No conjunto da sociedade portuguesa, a Inquisição deixou fortes marcas. Impôs severos padrões morais e doutrinários, que modelaram as consciências e os comportamentos⁴. Inculcou um angustiante sentimento de pecado e culpa. Instalou o medo da punição, terrestre e divina.

1 A denúncia era incentivada pela Inquisição, que castigava todo aquele que não relatasse os casos conhecidos (ou de que "ouvísse falar") de desvio à ortodoxia católica.

2 A partir do século XVII os inquisidores portugueses fizeram um uso mais sistemático de tortura, independentemente de terem ou não dúvidas quanto à culpabilidade dos réus.

3 Se o condenado pretendia morrer na Fé de Cristo, era previamente asfiliado pelo garrote.

4 Um exemplo é o facto de as blasfémias, que a Inquisição reprimia, terem praticamente desaparecido no último quartel do século XVI.

O processo de Damião de Góis na Inquisição

Damião de Góis (1502-1574) viveu na corte dos reis D. Manuel I e D. João III, onde desempenhou funções ligadas à administração, à diplomacia e à cultura. Fascinou-se com as riquezas da Índia, que afluíam ao reino e ao paço, e com as novidades dos povos, mares e terras dados a conhecer. Estudioso da cultura clássica, Damião de Góis percorreu a Europa, fez amizade com Erasmo e Melancton e travou conhecimento com T. More e Lutero. Prezou a liberdade de pensamento, como outros humanistas do seu tempo, o que lhe custou dissabores com o Tribunal da Inquisição.

■ Vida e obra de Damião de Góis

1502	Nascimento em Alenquer
1513	Pajem, com 11 anos, no Paço
1517	"95 Teses" de Lutero
1518	Morador da corte de D. Manuel
1523	Secretário na Feltria de Antuérpia
1528	Na corte de Henrique VIII (Londres). Relacionamento com Thomas More
1529	Missão oficial no Báltico (Danzigue, Viena). Na corte do rei da Polónia (Cracóvia). Participação na festa do nascimento do príncipe D. Manuel, na embaixada portuguesa, em Bruxelas
1531	Viagem à Dinamarca e Polónia. Encontro com Lutero e Melancton em Vitemberga
1532-33	Estudante em Lovaina. Visita a Friburgo, na Suíça. Início da amizade com Erasmo. Regresso a Lisboa e recusa do cargo de tesoureiro da Casa da Índia. Peregrinação a Santiago de Compostela
1534	Hóspede de Erasmo em Friburgo
1534-38	Estudante em Pádua
1536	Inquisição em Portugal
1539	Estudante em Lovaina. Constituição de família. Publicação de vários epículos históricos em latim
1540	Autorização papal para a Companhia de Jesus. Sua admissão em Portugal. Primeiro auto de fé em Lisboa. Censura prévia em Portugal
1541	Apreensão, na alfândega de Lisboa, de obras de Damião de Góis, impressas em Paris
1542	Refém no cerco de Lovaina, por Francisco I, de França. Nobilitação por Carlos V, rei de Espanha, dos Países Baixos e Imperador do Santo Império
1545	Regresso a Portugal. Denúncia na Inquisição pelo jesuíta Simão Rodrigues, colega de estudos em Pádua
1547	Primeiro Index português
1548	Guarda-mor interino da Torre do Tombo
1566	"Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel"
1567	"Crónica do Príncipe D. João o Segundo"
1571	Denúncia na Inquisição
1572	Condenação a cárcere perpétuo e prisão
1574	Morte na casa de Alenquer com suspeitas de assassinato

■ A. Dürer, Retrato de Damião Góis, século XVI



Senhor de uma vasta cultura, o humanista Damião de Góis interessava-se também pela música (compunha e tocava alazêde e clavicórdio) e pela arte, tendo adquirido uma notável coleção de que se desfez quando foi preso pela Inquisição. Dela fazia parte o retrato executado por Dürer, com quem privou durante a sua estadia em Antuérpia.

Assinatura de Damião de Góis.

DOC. C Acusações a Damião de Góis

Eis os factos que os inquisidores consideraram e que não são todos aqueles de que foi acusado:

- 1.º Em 1531, Damião de Góis fez um desvio numa viagem para passar pela cidade de Wittenberg a fim de ver Martinho Lutero, heresiarca de renome, e Filipe Melanchton, seu partidário, e falou, comeu e bebeu com eles e ouviu um sermão de Lutero. Para mais, escreveu-lhes cartas e recebeu algumas deles.
- 2.º Nesse mesmo ano e nos anos seguintes falou com Martinho Butzer, um grande herético, comeu e bebeu com ele e com outros heréticos.
- 3.º E tudo isto depois de ter aceite, alguns anos antes,

durante a sua estada na Flandres¹, alguns erros da maldita seita luterana, isto é: que as indulgências não servem para nada, que a confissão oral não é necessária, mas que basta confessar-se unicamente a Deus, embora ele sempre se tenha confessado.

Considerado tudo isto, os inquisidores declaram que Damião de Góis foi luterano e que está abrangido pela pena de excomunhão maior e por todas as penas estabelecidas pelo Direito, inclusive o arresto de todos os seus bens a favor do fisco e da câmara real.

Contudo todas estas coisas se passaram no estrangeiro, quando o acusado tinha 21 anos, quando ainda não conhecia as Escrituras porque não sabia latim, mas, logo que aprendeu latim, falou com sábios e católicos, converteu-se, não falou mais dos seus erros e viveu como católico. Reconheceu as suas faltas, pediu perdão e misericórdia, com sinais de arrependimento.

Por isso, os inquisidores receberam-no na reconciliação com a Igreja e decidiram que abjurasse dos seus erros e que fosse condenado a prisão perpétua² no local onde o Cardeal Grande-Inquisidor determinasse. Foi isentado de todas as penas públicas, dada a qualidade da sua pessoa. [...]

Simão Rodrigues³ falou das conversas que tinha tido com Damião de Góis em Pádua durante seis meses [...]. Ele notou que Damião de Góis aprovava as doutrinas de Lutero, que aceitava a seita luterana e que se alegrava de falar disso. [...]

As outras testemunhas acusavam Damião de Góis:

- de não ir à missa;
- de comer carne numa sexta-feira ou num sábado (não estão de acordo quanto ao dia exato);
- de responder à sua sobrinha que pediu carne num desses dias porque estava grávida: “O que entra pela boca não faz mal ao Homem”;
- de não venerar as imagens e a prova era que dum armário da sua casa caía salmoura sobre um crucifixo da capela;
- de falar com entusiasmo de Lutero e Melanchton. [...]

Isaías da Rosa Pereira, 1982 – *Damião de Góis devant le Tribunal de l’Inquisition (1571-1572)*, em «Damião de Góis – humaniste européen»

¹ Quando desempenhou as funções de secretário na feitoria de Antuérpia.

² Não tem o significado atual. À data, equivalia a alguns anos de prisão.

³ Padre jesuíta; foi colega de estudos de Damião de Góis em Pádua.

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS**1. Sobre a “Vida e obra de Damião de Góis” (Docs. A e B):**

- Identifique as atividades desempenhadas em Portugal e na Europa pelo humanista.
- Assinale, num mapa da Europa, os países e cidades aonde Damião de Góis se deslocou.
- Identifique obras escritas por Damião de Góis.
- Identifique humanistas e reformadores com quem Damião de Góis se relacionou.
- Indique duas evidências de cultura humanista em Damião de Góis.
- Esclareça porque se considera Damião de Góis um “homem de cultura cosmopolita”.

2. Identifique três acusações feitas a Damião de Góis (Doc. C).

3. Tendo em conta os seus conhecimentos sobre a Reforma e a Contrarreforma, explique a “gravidade” dessas acusações aos olhos da Inquisição.
4. Refira as atenuantes que permitiram tornar menos gravosa a pena atribuída a Damião de Góis (Doc. C).

SÍNTESE

5. Mostre, com base no processo de Damião de Góis, que a Inquisição prejudicou o florescimento da cultura humanista em Portugal.

4

A renovação da espiritualidade e da religiosidade

Reforma protestante, Contrarreforma e Reforma católica

- A reforma da Igreja, verificada no século XVI, mergulhou as suas raízes no ambiente de inquietação espiritual e religiosa vivido desde finais da Idade Média. Fortes críticas ao Papa e ao clero – muitas da parte dos humanistas – fizeram sentir a necessidade de uma religião sincera, evangélica e mais intimista.
- Mas a Reforma foi além de uma purificação do cristianismo. Com a questão das indulgências, Lutero provocou uma rutura teológica.
- *A justificação pela Fé, a exclusividade da Bíblia como fonte de Fé, o sacerdócio universal e a negação da autoridade do Papa* são princípios comuns às Igrejas Reformadas – luterana, calvinista e anglicana –, que puseram em causa os dogmas católicos.
- Também a Igreja Católica fez a sua reforma. Amparada nas decisões do Concílio de Trento, na força da Inquisição e do Índice e na militância de novas congregações, a Igreja Católica reafirmou o dogma e o culto tradicional, corrigiu a disciplina do clero, vigiou e reprimiu, convenceu os crentes e conquistou adeptos.
- Apesar dos episódios de violência que marcaram as reformas protestante e católica, a verdade é que as transformações religiosas expressaram o exercício do espírito crítico e do individualismo renascentistas, contribuindo para a renovação do cristianismo.

4.1

Sínteses esquemáticas



AS IGREJAS REFORMADAS FACE AO CATOLICISMO

RELIGIÕES	LUTERANISMO	CALVINISMO	ANGLICANISMO	CATOLICISMO
Dogmas, culto				
Salvação da alma	Fé e predestinação	Fé e predestinação absoluta	Fé e predestinação	Fé e boas ações
Fontes de Fé	Bíblia	Bíblia	Bíblia	Bíblia; Tradição; Decisões dos Concílios
Bíblia: • versão • interpretação	• Tradução para língua nacional • Interpretação livre	• Tradução para língua nacional • Interpretação de Calvino	• Tradução para inglês • Interpretação dos bispos	• Versão latina (<i>Vulgata</i>) • Interpretação do Papa
Sacramentos	Batismo e Eucaristia	Batismo e Eucaristia	Batismo e Eucaristia	Batismo, Crisma, Eucaristia, Matrimónio, Penitência, Ordem, Extrema-Unção
Comunhão	Presença real sem transubstanciação	Presença espiritual	Presença espiritual	Presença real com transubstanciação
Culto da Virgem e dos santos	Abolido	Abolido	Abolido	Mantido
Organização eclesiástica: • Papa • Hierarquia sacerdotal • Celibato	• Negada a sua autoridade • Suprimida • Suprimido	• Negada a sua autoridade • Suprimida • Suprimido	• Negada a sua autoridade • Mantida • Suprimido	• Chefe da Igreja • Mantida • Mantido

4.2
REAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA À REFORMA PROTESTANTE




Chegada dos Portugueses ao Japão, num biombo de arte Namban. Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, 1590-1614

Conquista da
praça de Ceuta
(1415)

Gil Eanes
dobra o cabo Bojador
(1434)

Nuno Tristão no Senegal
Venda de escravos em Lagos
(1444)

Feitoria de Arguim
(1445)

Bala
litter Costeno, de
Calisto III
(1456)

Feitoria
da Mina
(1482)

Diogo Cão atinge o
rio Zaire (Congo)
(1483)

Colombo
nas Antilhas
(1492)

Unidade

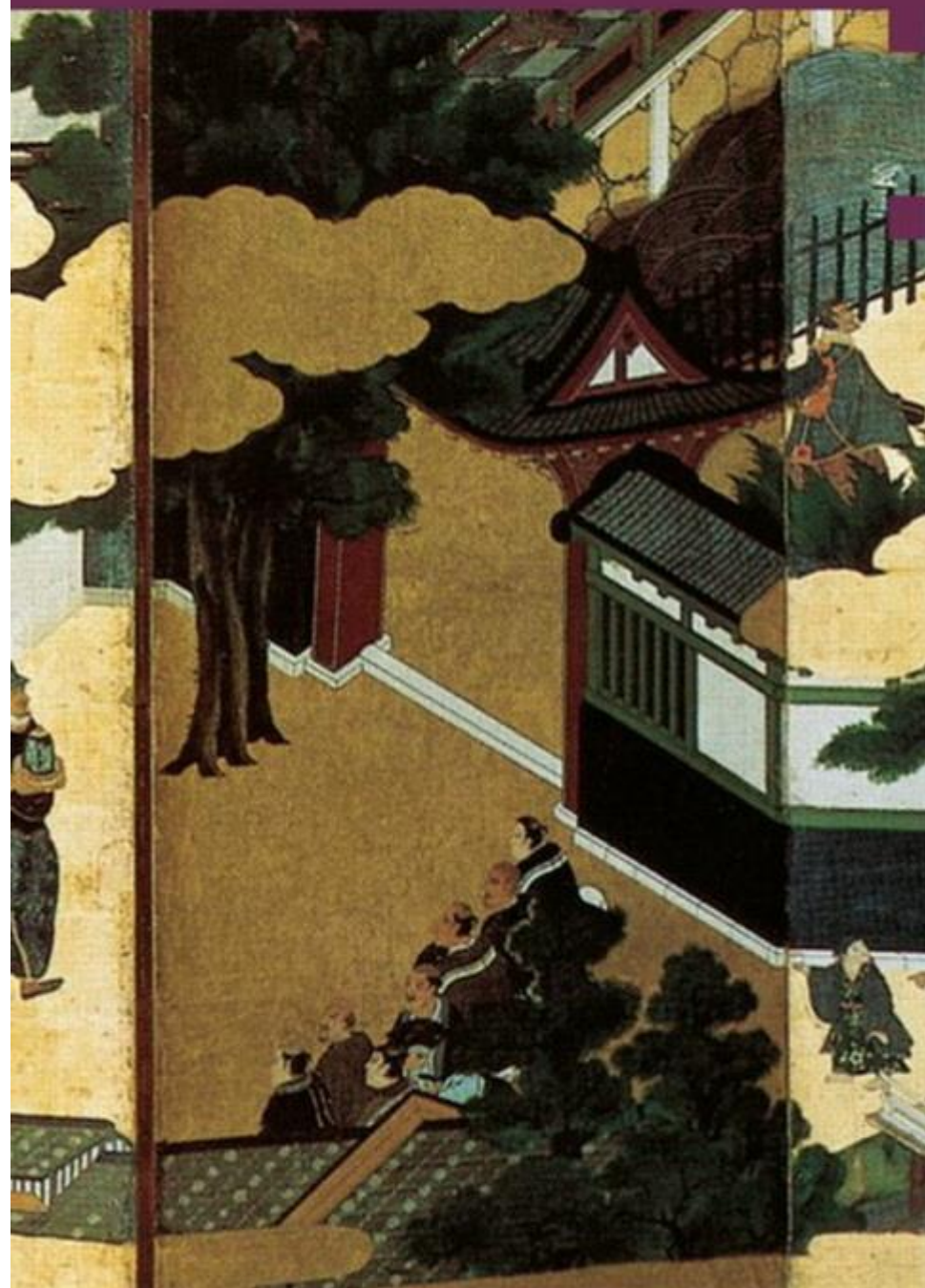
As novas representações da Humanidade

Conteúdos

5.1 O encontro de culturas e as dificuldades de aceitação do princípio da unidade do género humano

Aprendizagens

- Caracterizar a atitude dos Ibéricos face aos novos povos que as descobertas marítimas lhes desvendaram
- Exemplificar o confronto de culturas verificado
- Descrever o tráfico negreiro
- Explicar a primeira manifestação de defesa dos Direitos Humanos, sucedida na América espanhola, a propósito da escravização dos Índios
- Compreender o relativismo cultural decorrente dos contactos multicivilizacionais
- Analisar o processo de missionação posto em prática por Portugueses e Espanhóis
- Justificar a miscigenação levada a cabo pela colonização ibérica



A



Gravura inserida no *Livre das Maravilhas do Mundo*, de João de Mandeville (século XIV).

Nela estão representados diferentes seres humanos que, segundo a crença da época, se dizia habitarem a Terra. À esquerda, um *Blémio*, sem cabeça, com o rosto gravado no peito; ao centro, um *Giápode*, com um único e grande pé que o protege do Sol quando deitado; à direita, um humano de aparência normal. Se diferentes no aspeto, estes seres eram considerados humanos, pois descendiam de Adão.

B

Quem quer que nasceu seja onde for como ser humano, isto é, como criatura mortal racional, por muito estranho que possa parecer aos nossos sentidos em forma corporal ou cor ou movimento ou forma de falar, em qualquer faculdade, parte ou qualidade da sua natureza qualquer que ela seja, nenhum crente deve ter dúvida alguma que aquele indivíduo descende do homem que primeiro foi criado.

Santo Agostinho (354-430),
Da Cidade de Deus

Questões pág. 129

5.1 O encontro de culturas e as dificuldades de aceitação do princípio da unidade do género humano

As descobertas marítimas dos séculos XV e XVI deram um diferente significado às relações entre os povos e à **conceção de Humanidade**.

Segundo o **providencialismo** vigente na Idade Média, Deus criou Adão, o homem perfeito, no Jardim do Éden, dele fazendo descender toda a Humanidade. E se nem todos os homens falavam a mesma língua ou tinham os mesmos rituais religiosos ou ainda se alguns se assemelhavam a monstros, tal se devia ao facto de a Humanidade estar marcada, desde cedo, pelo pecado: o original, primeiro, e depois o de Caim, que assassinou o seu irmão Abel.

Acontece que, para o pensamento cristão, todos aqueles seres eram humanos, logo merecedores de receberem a palavra de Deus e o sacramento do batismo que a todos redime. Santo Agostinho assim o afirmava (Doc. 18).

Face a tais concepções, imagina-se a curiosidade e o assombro com que os navegadores europeus enfrentaram os novos povos. Em primeiro lugar, puderam constatar que a existência de “monstros humanos” não passava de uma mera fantasia. A estupefação e a decepção cedo deram lugar a **relatos antropológicos** pormenorizados sobre os Negros, os Asiáticos, os Ameríndios. O Europeu procurava descrever e interpretar o Outro (Doc. 2).

Cristóvão Colombo, por exemplo, tranquilizou os Reis Católicos, dizendo-lhes que os Índios eram «muito bem constituídos, com corpos muito



Conceitos

Providencialismo – Conceção segundo a qual Deus governa todos os acontecimentos do Mundo e da vida humana, com uma sabedoria inerente aos Seus eternos designios.

Racismo – Tipo de comportamento de pessoas, que se caracteriza por alimentar preconceitos e discriminações contra etnias e minorias, isto é, grupos antropológicos e socialmente diferenciados. Embora as atitudes racistas sempre tenham existido na Humanidade, muitas vezes como reação de defesa de uma comunidade contra a invasão pacífica de outra diferente dela, o fenómeno do racismo agudizou-se na Época Moderna, em virtude da política colonialista das potências europeias.

A – Na África



Representação de um cafre (negro não cristianizado, da costa sudeste de África), meados do século XVI

E a maior parte dos moradores desta terra [Serra Leoa] é gente belicosa que poucas vezes está em paz. E algumas vezes acontece estes negros comerem outros homens, ainda que isto não usem tão comumente como se usa em outras partes desta Etiópia. E estes todos são idólatras e feitiçeiros e por feitiços se regem [...]

E agora é para saber se todos são da geração de Adão.

Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, Livro II (1507)

B – No Brasil

[...] A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma coisa cobrir nem mostrar suas vergonhas. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto. Traziam ambos os beijos debaixo furados e metidos por eles ossos de osso branco de comprimento duma mão travessa [...]. Os cabelos seus são corredios e andavam tosquiados de tosquia mais alta que de repente, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas. [...]

Parece-me gente de tal inocência que, se os homens entendessem, e eles a nós, que seriam logo cristãos, porque eles não têm nem entendem em nenhuma crença, segundo parece. [...] E, portanto, Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar na santa fé católica, deve entender em sua salvação; e prazerá a Deus que, com pouco trabalho, será assim.

Carta de Pêro Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel, 1 de maio de 1500, segundo a transcrição de José Manuel Garcia, 1903 – “Viagens dos Descobrimentos”



Iluminura do mapa da costa do Brasil, de Lopo Homem-Reinéis, 1519. Contém elementos alusivos aos costumes e trabalho dos indígenas, tal como à fauna e à flora locais.

Questões pág. 129

perfeitos e excelentes caras». Um pouco mais tarde, Pêro Vaz de Caminha descreveu os indígenas brasileiros como «pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos» (Doc. 2B).

Para além das fisionomias, os costumes, as crenças, as atividades, as formas de organização eram, também, referidos. Nas regiões da Serra Leoa e da Guiné, mereceram reparo a nudez, a poligamia, a antropofagia, a feitiçaria (Doc. 2A). Na Índia, Duarte Barbosa dá conta do sistema de castas. Na China, este mesmo autor ficou impressionado com os pequenos olhos dos homens e mulheres e, numa época em que comer com as mãos era ainda regra na Europa, espantou-se com as tenazes de prata e de madeira que permitiam aos chineses levar a comida à boca.

Do encontro de povos depressa se passou ao confronto de culturas. Testemunhos vários dão-nos conta do olhar desconfiado e hostil com que o Outro via o Europeu (Doc. 3). Na África Ocidental, os Negros atribuíam à presença branca os efeitos negativos da guerra e da miséria. No Japão, encrava-se os Portugueses com estranheza, devido à sua falta de maneiras e ao modo de vida errante.

Quanto ao Europeu, revelou-se, desde sempre, preconceituoso e portador de racismo. Acreditava na superioridade dos brancos e da religião cristã. Os islâmicos, espécie de antimundo dos cristãos e seus inimigos comerciais, foram alvo de um repúdio total. Já os hindus e budistas, porque considerados suscetíveis de conversão cristã, mereceram alguma benevolência.

A – Do africano



Soldado português. Escultura em bronze, arte afro-portuguesa do Benim, século XVI.

"Um dia os homens brancos chegaram em navios com asas, que brilhavam como facas ao sol. Travaram duras batalhas com o N'gola e bombardearam-no. Conquistaram as suas salinas e o N'gola fugiu para o interior, para o rio Lucala. Alguns dos seus súbditos mais corajosos ficaram junto do mar e, quando os homens brancos vieram, trocaram ovos e galinhas por tecidos e contas. Os homens brancos voltaram outra vez ainda. Trouxeram-nos milho e mandioca, facas e enxadas, amendoim e tabaco. Desde então aos nossos dias, os brancos não nos trouxeram nada senão guerras e miséria."

Tradição oral da tribo Pende, em Angola, sobre a conquista feita pelos Portugueses no século XVI

B – Do japonês



Português, num pormenor de biombō japonês. Arte Namban, 1590-1614.

Designados por Namban ("estrangeiros do Sul"), os Portugueses surgiam, aos olhos dos japoneses, altos, com grandes narizes, olhos esbugalhados, fartas sobranceiras e cabelos negros, envergando umas calças largas (as bombachas).

Aos idólatras negros e ameríndios ora se lhes louvava a inocência, crendo-se ter encontrado o Paraíso, ora se lhes recriminava as «bestialidades» de «furar os beiços» e da antropofagia. Acentuava-se o seu barbarismo e a sua selvajaria.

Foi assim que, num tempo em que se pensava que todos os homens descendiam de Adão, o Europeu começou a duvidar da humanidade de Negros e Ameríndios. Nesta sua dúvida encontrou um motivo para justificar a escravatura (Doc. 2A).

5.1.1 A escravização. Os antecedentes da defesa dos direitos humanos

A escravização conheceu um elevadíssimo impulso com as descobertas marítimas e a construção dos impérios coloniais da Época Moderna. O recurso à escravatura foi, então, considerado o método mais eficaz para a obtenção de grandes quantidades de mão de obra. Nas plantações dos arquipélagos atlânticos, nas fazendas e nas minas americanas, o escravo tornou-se o suporte indispensável da colonização europeia.

Simultaneamente, na Europa, crescia a parcela de mão de obra escrava. Empregues nos trabalhos agrícolas, na pesca, nos ofícios, em serviços domésticos ou em atividades da vida urbana (limpeza de ruas, distribuição de água, transporte de mercadorias), quase não havia cidade europeia ou família de médias posses que pudesse dispensar os escravos. Em Lisboa e

Estes homens [os Portugueses] são comerciantes. Compreendem até certo ponto a distinção entre superior e inferior, mas não sei se existe entre eles um sistema próprio de etiqueta. Bebem em copo sem oferecerem aos outros. Comem com os dedos e não com pauzinhos como nós. Deixam-se arrastar pelas paixões. Não compreendem o significado dos caracteres escritos, são gente que passa a vida viajando de aqui para além, sem morada certa, e trocam produtos que têm pelos que não possuem, mas, no fundo, não são má gente.

Crónica japonesa *Teppo-Ki* (século XVI)

Questões pág. 129

MC 4 O tráfico negreiro para a América

A – Os quantitativos

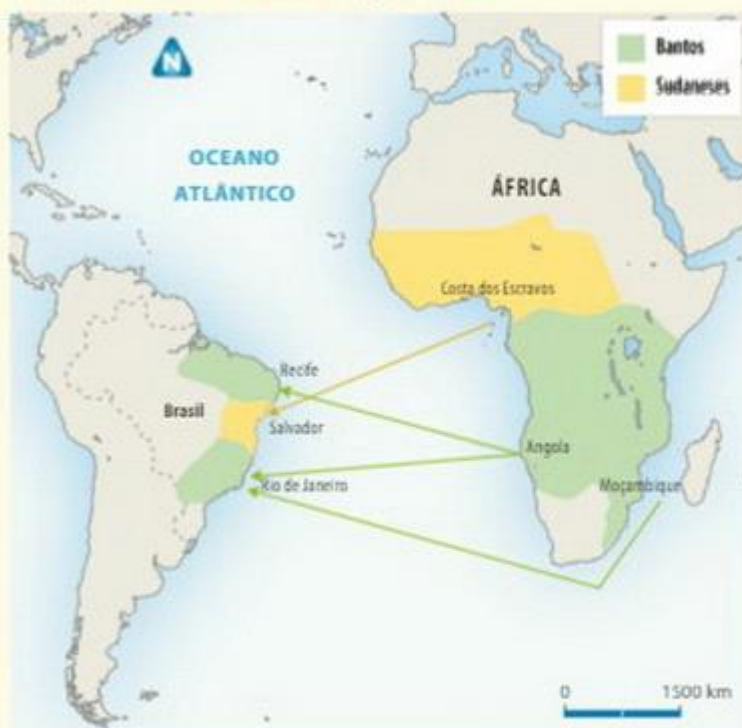
Entre 1450 e 1600	370 000
Entre 1601 e 1700	1 800 000
Entre 1701 e 1800	6 100 000
Entre 1801 e 1900	3 300 000

B



Transporte de escravos através da floresta africana (imagem do século XIX).

C – Origem e destino dos escravos negros no Brasil



Questões pág. 131

Questões

- 1 Explique o que é a "unidade do gênero humano", segundo o cristianismo (DOC. 1A e B).
- 2 Identifique a passagem do DOC. 2A que põe em causa essa unidade.
- 3 Sobre o olhar do Europeu sobre o Outro (DOC. 2A e B), identifique um aspeto positivo e um aspeto negativo.
- 4 Sobre o olhar do Outro sobre o Europeu (DOC. 3A e B), identifique um aspeto positivo e um aspeto negativo.

em Sevilha, em meados do século XVI, representavam 10% dos seus habitantes.

Em virtude do pioneirismo na empresa das Descobertas, coube a Portugal e depois à Espanha um importante papel no tráfico de escravos da Época Moderna. E, embora os ibéricos tivessem feito escravos em todas as parcelas dos seus impérios, foi em África que tiveram origem as grandes correntes do tráfico escravagista.

Em 1445, quando os Portugueses fundaram a feitoria de Arguim, na costa da atual Mauritânia, teve início o tráfico negreiro organizado. Desde então e durante aproximadamente quatro séculos e meio, a África viu-se amputada de cerca de 15 a 20 milhões de seres humanos. O continente americano foi o destino da maioria (Doc. 4C).

Todo o tráfico negreiro é uma história de violência e de desrespeito pela condição humana. Desde a captura ao transporte e à venda nos mercados. Prisioneiros das guerras intertribais ou negros esfomeados e sem recursos, eis a origem dos escravos traficados. Depois era a longa e penosa marcha através do sertão (Doc. 4B), até aos navios, apelidados de tumbeiros (Doc. 5). À chegada à América, mais de 1/3 dos escravos havia já perecido de fome, sede, doença, asfixia ou em consequência de acidentes, revoltas e sua repressão.

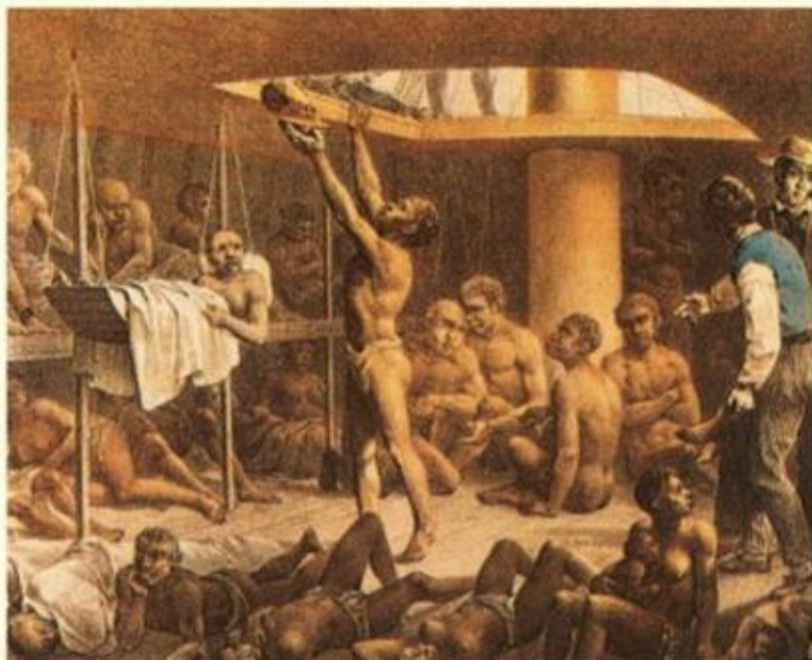
Nos mercados, a condição de homem-objeto dos negros era especialmente chocante. Não eram homens mas vulgares, apesar de valiosas, mercadorias, sobre as quais os colonos avidamente se precipitavam. Jamais

A

Os homens eram empilhados no fundo do porão, acorrentados, com receio de que se revoltassem e matassem todos os brancos que iam a bordo. Às mulheres reservavam a segunda entrecoberta. As que estavam grávidas eram reunidas na cabina de trás. As crianças eram amontoadas na primeira entrecoberta, como arenques no barril. Havia sentinas, mas como muitos tinham medo de perder o seu lugar, faziam aí mesmo as suas necessidades, principalmente os homens, de maneira que o cheiro e o calor se tornavam intoleráveis.

Descrição do Padre Carli, que acompanhou a viagem de 600 escravos, entre homens, mulheres e crianças, para o Brasil, em Frédéric Mauro – *Le Portugal et l'Atlantique au XVII^e Siècle (1570-1670)*, Paris, 1961

B



Escravos no interior de um navio negreiro (imagem do século XIX).

C



Disposição dos escravos no tumbreiro. Dava-se este nome aos navios negreiros em virtude do reduzido espaço reservado a cada escravo, que equivalia àquele que um morto ocupava no caixão.

Questões pág. 131

eram contados em número de pessoas, mas em **peças**. A peça equivalia a um negro com 1,75 m, de 15 a 25 anos, no auge da sua força física. Três peças equivaliam a uma tonelada, pois supunha-se ocuparem outro tanto espaço de carga ordinária.¹

Como mercadorias, os escravos eram loteados, vendidos a um dono (particular ou Estado) que, no seu corpo, marcava a posse com um ferro em brasa.

Em defesa dos índios americanos

Não se deveram, porém, aos cruéis sofrimentos dos escravos negros as **primeiras manifestações de defesa dos Direitos Humanos**. Foi na América espanhola que elas sucederam, a propósito da escravização dos Índios, vítimas dos abusos dos conquistadores e colonizadores. Senhores de extensas terras doadas pela Coroa (as *encomiendas*) e obrigados a evangelizar e a proteger os indígenas nelas residentes, a quem pagariam um salário, os

Conceitos

Direitos Humanos* – Conjunto de prerrogativas destinadas a estabelecerem o respeito pela pessoa humana. São, fundamentalmente, o direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança, à felicidade, à propriedade, à habitação, ao trabalho, à educação, à não discriminação racial, política ou religiosa.

* Conceito estruturante

¹ Se se tratasse de negros entre os 8-15 anos e os 25-35 anos, então eram necessários três indivíduos para equivalerem a duas peças. Acima dos 40-45 anos, as transações rareavam.

A



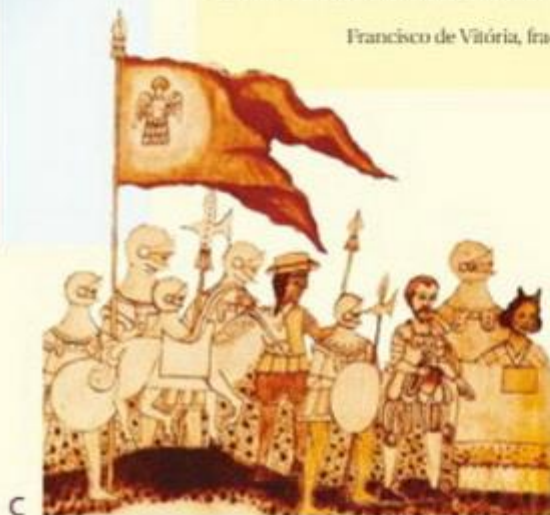
A América espanhola no século XVI.

B

Estes demónios devastaram, destruíram e despo-voaram mais de quatrocentas léguas de terras onde reinava a felicidade, grandes províncias, vales de quarenta léguas, regiões amenas e aldeias grandes e ricas em habitantes e em ouro. Eles mataram e massacraram totalmente nações grandes e diversificadas. Além disso, não deixaram qualquer sobrevivente para falar certas línguas, para além de alguns que tinham procurado refúgio nas cavernas e nas entranhas da terra, fugindo a tão cruel e abominável destino. Deste modo, eles mataram, destruíram e enviaram para o inferno – usando, de novo, diferentes e estranhas formas de cruel iniquidade e de impiedade – cerca de quatro a cinco milhões de almas destes povos inocentes.

Francisco de Vitória, frade dominicano espanhol
- *De Indis*, 1537-39

Questões pág. 131



Marcha de Cortez sobre o México (1519-20), *Codex Azcatitlan*, século XVI.

Questões

- 1 Em que consistiu e como se explica o tráfico negreiro para a América (DOC. 4A, B e C)?
- 2 Quando se intensificou o tráfico negreiro? Quando declinou (DOC. 4A)?
- 3 Expresse um comentário sobre as condições de transporte dos negros nos *tumbeiros* (DOC. 5A, B e C).
- 4 Identifique as "nações grandes" massacradas pelos conquistadores espanhóis (DOC. 6A, B e C).

encomenderos depressa esqueceram os seus deveres. Pelo contrário, argumentando com a «natural inferioridade dos índios», a quem apelidavam de «bestas estúpidas», impuseram-lhes pesados **trabalhos forçados** no cultivo da terra, na pesquisa de areias auríferas, na exploração de minas. Somados aos efeitos da conquista sangrenta do continente americano e às doenças que os brancos propagaram, os trabalhos forçados contribuíram para a **brutal queda demográfica da população ameríndia**¹.

Felizmente, vários clérigos foram sensíveis ao sofrimento dos índios, lançando do púlpito das suas igrejas um violento ataque aos colonos (DOC. 6B). Entre eles se destacou o frade dominicano **Bartolomeu de Las Casas**, que dedicou a sua vida e a sua obra à causa dos Índios¹.

Também Portugal teve, em terras brasileiras, o seu defensor dos direitos dos Índios contra a prepotência dos colonos. Foi o **Padre António Vieira**¹ (1608-1697), ilustre jesuíta, cujos sermões são considerados obras-primas da oratória cristã.

¹ Ver o Dossier (pp. 132-135).

A escravização dos índios americanos

A escravização dos índios por espanhóis e portugueses motivou, na Época Moderna, uma acesa polémica em torno de um conjunto de questões:

- São os índios seres humanos?
- É legítimo utilizar os índios como mão de obra escrava?
- É legítimo converter os índios ao cristianismo através da força das armas?

Clérigos, teólogos e até o próprio Papa intervieram na polémica, nem sempre a contento dos conquistadores e colonos que maltratavam os índios.

A A chegada de Américo Vespúcio ao Novo Mundo (segundo Théodore de Bry, *História da América*, século XVI)



1. O navegador italiano Américo Vespúcio realizou quatro expedições ao Novo Mundo entre finais do século XV e inícios do século XVI, tendo, inclusivamente, equipado as naus que Cristóvão Colombo levou na sua terceira viagem. Foi Américo Vespúcio quem compreendeu e afirmou, pela primeira vez, que as terras descobertas por Colombo faziam parte de um novo continente. Em sua honra, o cartógrafo alemão Martin Waldseemüller atribuiu-lhe o nome de América num planisfério de 1507.



2. Topo do planisfério de Waldseemüller

① A visão cartográfica de Ptolomeu ② O contributo de Américo Vespúcio

DOC. B A posição do Papa Paulo III

Cristo [...] disse aos pregadores da fé que Ele escolheu para esse mister: "Ide e ensinai todas as nações". Disse todas, sem exceção, porque todas são aptas a receber a doutrina da Fé. [...]

Nós consideramos que os índios são realmente homens, não só capazes de compreender a religião católica mas, segundo informações que temos, extremamente desejosos de a abraçar. No nosso zelo em os socorrer, declaramos, que os ditos índios, como todos os outros povos que os

cristãos poderão descobrir ainda, não devem ser privados em nada da sua liberdade nem dos seus bens (mesmo que estejam fora da religião de Jesus Cristo) e que eles podem e devem gozá-los livre e legitimamente. Não se deve escravizá-los de maneira nenhuma. [...] os ditos índios e os outros povos devem ser convertidos à religião de Jesus Cristo pela evangelização e pelo exemplo de costumes edificantes.

Bula Sublimis Deus, 1537

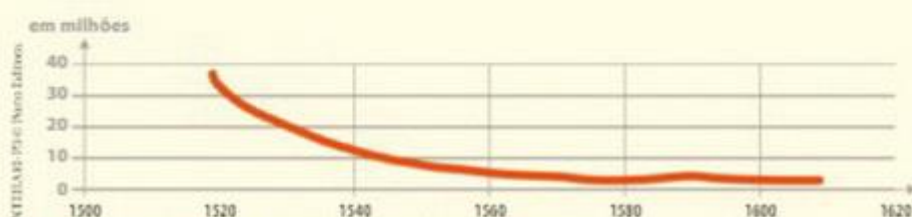
DOC. C Efeitos da conquista da América pelos Espanhóis

1. A tecelagem antes da conquista espanhola

(segundo o manuscrito peruano *El primer nueva corónica y buen gobierno*, de Felipe Guaman Poma de Ayala, 1615)



2. A tecelagem depois da conquista espanhola.



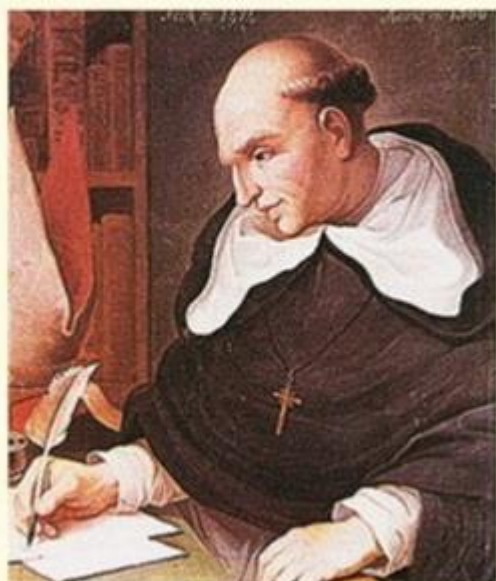
3. A evolução da população índia do México (cálculo por estimativa)

DOC. D A posição de Frei Bartolomeu de Las Casas¹

1.

[...] Toda a raça dos homens é uma e todos os homens, no que respeita à sua criação e às coisas naturais, são semelhantes e nenhum nasce instruído; e assim todos nós temos necessidade, de início, de ser guiados e ajudados por outros que nasceram antes de nós. De tal modo que, quando encontramos no mundo populações selvagens, elas são como a terra inculta, que produz facilmente ervas daninhas e espinheiros, mas têm em si tanta virtude natural que, trabalhando-a e cuidando-a, ela dá frutos comestíveis, são e úteis. [...]

Os índios são muito obedientes, fiéis aos seus donos naturais e aos cristãos que eles servem. São muito submissos, pacientes, pacíficos e virtuosos. Neles não há gosto por querelas, rancores nem vinganças. Por outro lado, mais delicados que príncipes, morrem facilmente de trabalho e de definhamento. Não têm fortuna nem a desejam. Certamente, esta gente receberia, entre todos, as maiores bênçãos se adorassem o verdadeiro Deus.

História de Las Índias, 1543

2. Nascido em Sevilha, em 1474, Bartolomeu de Las Casas partiu para a América em 1502. Como tantos outros espanhóis, tornou-se um grande proprietário de terras que recorreu à escravidão da mão de obra índia. Em 1512, recebeu ordens religiosas e, inspirado por leituras bíblicas, arrependeu-se profundamente do seu passado, iniciando uma vida de total dedicação à causa dos índios.

DOC. E A posição de Juan Ginés de Sepúlveda²

1.

É por isso que as feras são domadas e submetidas ao poder do homem. Por essa razão, o homem manda na mulher, o adulto na criança, o pai no filho: quer dizer que os mais poderosos e perfeitos levam a melhor sobre os mais fracos e imperfeitos. Esta mesma situação se verifica entre os homens, pois que há uns que, por natureza, são senhores e outros que, por natureza, são servos. [...] E será sempre justo e conforme com o direito natural que essas pessoas estejam submetidas ao poder dos príncipes e de nações mais cultivadas e humanas, de forma que, graças à virtude destas e à prudência das suas leis, abandonem a barbárie e se conformem com uma vida mais humana e o culto da virtude. E, se recusam esse poder, pode ser-lhes imposto por meio das armas e essa guerra será justa tal como o declara o direito natural. [...] Em conclusão: é justo, normal e conforme com a lei natural que os homens honestos, virtuosos e humanos dominem todos aqueles que não têm essas virtudes.

Dialogus de Justi Belli Causi, 1545

2. Execução ritual de um prisioneiro entre os Ameríndios, gravura de uma obra alemã de 1557. À execução seguia-se o banquete canibal.

1 e 2 As posições de Bartolomeu de Las Casas e de Juan Ginés de Sepúlveda foram alvo de um debate, em 1550, conhecido por "controvérsia de Valladolid". A iniciativa partiu do imperador Carlos V (rei de Espanha com o nome de Carlos I), que convocou uma assembleia de homens ilustres para ouvirem os argumentos de Las Casas e Sepúlveda e ajudarem a Coroa espanhola a repensar as estratégias utilizadas na colonização e na evangelização da América.

O debate teológico e filosófico arrastou-se por quase um ano, sem que a assembleia produzisse um parecer final. Todavia, até à sua abdicação em 1556, Carlos V revelou simpatia pelos argumentos de Las Casas.

DOC. F O Padre Antônio Vieira e os índios do Brasil

1.

Sabeis Cristãos, sabeis Nobreza e Povo do Maranhão, qual é o jejum que quer Deus de vós esta Quaresma? Que solteis as ataduras da injustiça, e que deixeis ir livres os que tendes cativos e oprimidos.

[...] Todo o homem que deve serviço, ou liberdade alheia, e podendo-a restituir não restitui, é certo que se condene [...]. Vejo que me dizeis: Bem estava isso (que não houvesse cativos), se nós tivéramos outro remédio. [...] Este povo, esta República, este Estado (do Maranhão) não se pode sustentar sem Índios. Quem nos há de ir buscar um pote de água ou um feixe de lenha? Quem nos há de fazer duas covas de mandioca? Hão de ir nossas mulheres? Hão de ir nossos filhos? [...] Quando a necessidade e a consciência obriguem a tanto, digo que sim, e torno a dizer que sim: que vós, que vossas mulheres, que vossos filhos, e que todos nós nos sustentássemos dos nossos braços; porque é melhor sustentar do suor próprio que do sangue alheio. Ah fazendas do Maranhão, que se esses mantos e essas capas se torcessem haviam de lançar sangue!

Sermão do 1.º Domingo da Quaresma, Maranhão, 1653

DOC. G Um colono do Estado de Maranhão (Brasil)

[Os índios são] verdadeiros seres inumanos, bestas da floresta incapazes de compreender a fé católica, [...] selvagens, ferozes e vis, parecendo-se a animais selvagens em tudo, menos na forma humana. [...]

Paulo da Silva Nunes, procurador do Estado do Maranhão (1724)



2. Padre Antônio Vieira (pormenor de uma tela seiscentista). Antônio Vieira nasceu em Lisboa, de condição modesta (sua avó paterna era mestiça). Apenas com 6 anos, foi com a família para o Brasil. Estudou no Colégio dos Jesuítas, na Baía, e, posteriormente, ingressou na Companhia de Jesus. Dono de brilhantes capacidades oratórias, foi tão firme a apoiar a causa da Restauração (D. João IV encarregá-lo-ia de missões diplomáticas na Europa), como a defender os indígenas brasileiros da escravização a que os colonos os submetiam. A sua apaixonada atividade missionária custou-lhe malquerenças e intrigas, que estiveram na origem do seu afastamento do Brasil e da prisão pela Inquisição.

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. Como está representado A. Vespúcio na gravura do Doc. A? Que elementos permitem concluir ser ele um descobridor? Como são apresentados os Índios? Que impressão quis causar o autor da gravura acerca do desenvolvimento civilizacional e do carácter dos Índios?
2. Segundo o Papa Paulo III, como deveriam os colonizadores tratar os Índios? O que não deveriam fazer? Porquê [Doc. B]?
3. Compare as gravuras 1 e 2 do Doc. C:
 - Foram seguidas as opiniões do Papa Paulo III? Porquê?
4. Compare as posições de Bartolomeu de Las Casas e de Juan Ginés de Sepúlveda [Docs. D e E]:
 - Quem vê nos índios seres pacíficos?
 - Quem incentiva o uso da guerra para os dominar? Justifique com excertos dos dois textos.

5. Que conselho dá o Padre Antônio Vieira aos colonos do Maranhão [Doc. F]?
6. Que conclui da atitude dos colonos do Maranhão, tendo presentes os Docs. F e G?
7. Identifique o efeito da divulgação de imagens, como a do Doc. E-2, na argumentação de J. G. de Sepúlveda [Doc. E-1] e do colono do Maranhão [Doc. G].

SÍNTESE

8. Redija, com outros colegas, um breve diálogo simulado entre Bartolomeu de Las Casas e J. G. de Sepúlveda. Faça a dramatização desse diálogo.

A

Por parte dos ditos rei D. Afonso¹ e Infante² nos foi representado, desejam eles grandemente que o espiritual³ nas ditas ilhas solitárias, terras, portos e lugares existentes na Guiné para as bandas do Sul do mar Oceano, as quais o referido Infante à força de armas arrancou do poder dos Sarracenos e conquistou para a religião cristã, como dito é, seja perpetuamente concedido à dita Ordem de Jesus Cristo, à custa de cujos rendimentos o mesmo Infante, segundo se diz, fez a referida conquista. [...]

[...] pela mesma autoridade e ciência, perpetuamente decretamos, estatuímos e ordenamos que o espiritual, a jurisdição ordinária omnímoda⁴, e o domínio e o poder, pelo menos em matéria espiritual, nas ditas ilhas, vilas, portos, terras e lugares adquiridos e a adquirir desde o cabo Bojador e o cabo Não, decorrendo por toda a Guiné e por toda a plaga⁵ meridional até os Indos, [...] toquem e pertençam pelos séculos adiante e para sempre à referida Ordem Militar. [...]

Bula de Calisto III, *Inter Caetera* (1456)

1 D. Afonso V.

2 Infante D. Henrique.

3 Domínio religioso.

4 Sem restrições.

5 Região.

B



O Infante D. Henrique (1394-1460) — iluminura da *Crónica da Descobrimto e Conquista da Guiné*. Filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, o Infante recebeu os títulos de Duque de Viseu e senhor da Covilhã. Como governador da Ordem de Cristo e em virtude da bula *Inter Caetera*, o Infante obteve vastos poderes eclesiásticos nos territórios descobertos e conquistados. Desde D. Manuel I, o cargo de governador da Ordem de Cristo ficou adstrito ao rei de Portugal.

Questões pág. 129

5.1.2 O esforço de enraizamento da presença branca: missionação e miscigenação

O encontro de povos, que as descobertas marítimas proporcionaram, é uma história de **práticas ambíguas**. Na verdade, ora se conquistava com brutalidade ou se escravizava, como tão depressa se salvavam almas, se missionava, se integravam povos.

A **religião** constituiu, efetivamente, uma das forças impulsionadoras das expansões portuguesa e espanhola. Defender a Cristandade de possíveis ataques dos não cristãos, aniquilar os infiéis ou salvar as almas dos descrentes foram motivos que animaram os navegadores, os conquistadores e os colonizadores. Não admira, por isso, o apoio e a **bênção calorosa da Igreja aos projetos expansionistas de Portugal e da Espanha**. Através de sucessivas bulas papais, os monarcas ibéricos ficaram senhores do chamado **padroado**, que lhes conferia um conjunto avultado de privilégios e deveres nos novos mundos descobertos (Doc. 7A). Legislavam em matéria religiosa, nomeavam bispos, abades e toda a hierarquia religiosa, autorizavam o envio de missionários, fundavam igrejas e capelas eclesiásticas, isto é, **usufruíam do chamado poder espiritual**.

Na costa ocidental africana, no Império Português do Oriente, nas Filipinas, nas Antilhas e no continente americano, Portugueses e Espanhóis levaram a cabo a grandiosa tarefa de acrescentarem o rebanho de Cristo. Tal foi

Conceitos

Missionação* — Expansão da fé cristã entre povos não crentes, mediante o envio de catequistas e pregadores, tanto do clero secular como das ordens religiosas. A ação catequética é, de um modo geral, reforçada com o exercício, pelos missionários, do ensino e da assistência social.

Miscigenação — Mistura de grupos étnicos diferenciados. Este facto adquiriu grandes proporções com a formação dos impérios coloniais da Época Moderna.

* Conceito estruturante

A



Dama goesa (miniatura moghole de 1750).

A fim de debelar a hostilidade local, D. Manuel I aconselhou Afonso de Albuquerque, governador da Índia, a promover casamentos inter-raciais de soldados portugueses com indianas. Muitas mulheres de Goa, de casta inferior, aceitaram, então, converter-se para desposar portugueses e aceder, por esse meio, a uma vida melhor, já que os novos matrimónios recebiam um auxílio monetário da parte do Governo.

B

Nesta ilha de Goa muitos cristãos foram até agora tão oprimidos e aniquilados, assim dos próprios brâmanes¹ [...], porque os brâmanes, como poderosos e ricos, trabalham sempre por os excluir e avexar e desacreditar quanto podiam. [...]

Neste inverno, dia dos bem-aventurados apóstolos São Pedro e São Paulo, 29 de junho, havendo já cento e dez almas aparelhadas para o batismo, assentou o governador com o padre Francisco Roiz a que, para mais consolação e fervor dos cristãos e confusão dos brâmanes e gentios, convinha fazerem-se esses batismos mui solenizados com grande aparato. [...] Os meninos pequenos adiante ajuntados com os meninos da casa e os pais após eles e as mulheres atrás e, metidos na procissão, vinham os meninos cantando salmos, hinos, com muitos instrumentos de flautas, charamelas², trombetas e atabales² que o governador mandou vir; a igreja muito embandeirada com todos os mais sinais de alegria; o governador tinha seus afilhados e os fidalgos cada um os seus e pelo gosto que tinha de os ver esteve quase todo o ofício em pé, à porta da igreja e à pia, que durou perto de três horas.

Carta do padre Luis Frois Pereira para as casas dos colégios dos Jesuítas na Europa, Goa, 30 de novembro de 1557

1 Elementos da casta superior do hinduísmo. 2 Instrumentos musicais.

Questões pág. 139

8 Missionação no Japão



Japonês cristão, numa pintura sobre madeira. Arte Namban, 1621.

conseguido com a ação missionadora empreendida por franciscanos, dominicanos, agostinhos, carmelitas, oratorianos e, especialmente, jesuítas. Na Ásia, coube a estes últimos um papel verdadeiramente hegemónico.

Exercida de forma **ostensiva** e **militante**, a **missionação** ibérica revelou-se uma poderosa estratégia de aculturação. Para o colonizador branco, portador de uma mentalidade eurocêntrica, pouco permeável à compreensão do Outro, a catequese revestia-se de uma dupla função: evangelizava e impunha padrões culturais.

Na Índia, ao mesmo tempo que se procedia a solenes batismos em massa de homens, mulheres e crianças, com evidentes fins propagandísticos (Dec. 88), os templos locais eram invadidos, profanados e destruídos, numa clara manifestação de **intolerância para com o hinduísmo**.

Na China, nos séculos XVII e XVIII, a **hostilidade europeia** para com os ritos cívicos da veneração dos antepassados e o culto de Confúcio¹ suscitou tensões e levou à **expulsão dos jesuítas**.

Também no Japão os missionários foram impiedosamente perseguidos a partir de 1614, não obstante o papel cultural que aí desempenharam na divulgação da imprensa e das línguas europeias.

1 Confúcio é um filósofo chinês (551-479 a. C.), fundador de uma doutrina ética, política e, em certo sentido, religiosa. O confucionismo pretende a realização individual harmoniosa e o bom governo da família, da sociedade e do Estado.

Questões pág. 139

A

O nosso principal fundamento é a doutrina das crianças, aos meninos ensino a ler, escrever e contar; trabalhamos para tê-los debaixo da nossa mão para que depois venham a suceder no lugar dos seus pais e ajam como povo de Deus.

Dia de S. Lourenço, deram-se, a alguns deles, algumas roupas de pano que o Sereníssimo Rei de Portugal nos dá e com isto cativam-se tanto, como se lhes dessem uma mui grande coisa. E assim estes, as mais das noites, se juntam a cantar cantares de Deus na sua língua ao contrário dos seus pais [...].

Alguns índios, de outras aldeias, vêm morar connosco, com toda a sua casa, e principalmente um que quer renunciar aos seus costumes e seguir o que lhe dissermos. Este e sua mulher são catecúmenos¹ [...].

Carta do Padre José de Anchieta ao Padre Inácio de Loyola²

1 Preparam-se para receber o batismo.

2 O jesuíta José de Anchieta foi para o Brasil em 1553, começando por ensinar no colégio de Piratininga, considerado o núcleo da atual cidade de São Paulo. A carta pertence aos seus primeiros tempos de permanência no Brasil, uma vez que Inácio de Loyola, o seu destinatário, faleceu em 1556.

B – Missão jesuíta no Brasil em finais do século XVII, em Arquivo Histórico Colonial



Questões pág. 139

Quanto às missões espanholas e portuguesas em território americano (Doc. 10), são de louvar, sem dúvida, os esforços dos frades franciscanos, beneditinos, jesuítas, que defendiam os índios da escravidão. As missões (chamadas de reduções na América espanhola) eram aldeamentos onde os indígenas recebiam educação religiosa, aprendiam a ler, a escrever, música e canto, trabalhavam nos ofícios e na agricultura. Mas, dizem os críticos da colonização europeia, o tratamento paternalista prolongava o estatuto de minoridade e de inferioridade dos índios, isolando-os do mundo.

Testemunhos, tão lúcidos como sentidos, dão-nos conta da frustração dos indígenas e dos limites da missionação. No Congo, o rei negro D. Afonso I¹, que se convertera e estava profundamente empenhado na cristianização do seu Estado, lamentava, em 1517, que o rei de Portugal quisesse desistir de receber os seus parentes que, na metrópole, aprendiam a educação religiosa, preparando-se para o sacerdócio (Doc. 11A).

Quer portugueses quer espanhóis, mais tarde, compreenderam, realmente, a vantagem de formarem, nas terras colonizadas, um clero indígena.

1 Trata-se de Mvemba-a-Nzinga, que reinou de 1509 a 1543 e, num esforço de aproximação a Portugal, se converteu e mudou o nome. Ainda em inícios do século XVIII, o rei do Congo apresentava um nome português.

C – Localização das missões ou reduções dos índios



A

Muito poderoso e muito alto príncipe e Rei meu irmão. Vi uma carta de vossa alteza em que me diz que os meus parentes que eu enviava a esses reinos a aprender que deles se não seguia proveito, do que sou muito desconsolado porque eu não os mando para outra coisa, somente para aprenderem o que for serviço de Nosso Senhor Jesus Cristo e para acrescentamento de nossa Santa Fé católica. [...]

Também será para mim grandíssima vergonha entre as minhas gentes porque sempre lhe disse que tinha grande ajuda de ensinança e acrescentamento de nossa Santa Fé em Portugal; porém parece-me que melhor foram e devem ser castigados que enfeitados porque por trabalho se ganha o reino dos céus. Para remédio disto devia-os vossa alteza espalhar pelo Reino de maneira que se não vissem uns aos outros por essas Casa de Religião, e desta maneira foram fruto que seja serviço de Deus, e o que fizer o que não deve seja muito bem castigado. Escrita no Congo a vinte e sete dias de maio, Rui Godinho a fez era de mil quinhentos e dezassete anos. Rei D. Afonso.

Carta de D. Afonso, rei do Congo, a El-Rei D. Manuel, 17 de maio de 1517

B



Retrato de um embaixador do Reino do Congo.

Questões pág. 139

Questões

- 1 Que poderes são atribuídos pelo Papa Calisto III à Ordem de Cristo? Que justificação é dada para a atribuição desses poderes (DOC. 7A)?
- 2 Que influências portuguesas revela a dama goesa (DOC. 8A)?
- 3 Identifique dois processos de integração de goeses na cultura portuguesa (DOC. 8A e B).
- 4 Que condição social tinha a maior parte dos goeses convertidos pelos portugueses (DOC. 8A)?
- 5 Que sinal identifica a figura do japonês como sendo um cristão (DOC. 9)?
- 6 Descreva o funcionamento de uma missão jesuíta no Brasil (DOC. 10A e B).
- 7 Que vinham os parentes do rei do Congo fazer a Portugal? De que se queixa o rei do Congo na carta ao rei D. Manuel I (DOC. 11A)?

Da sua ação, junto dos nativos, esperava-se uma maior recetividade e um maior êxito na missionação.

Acontece que a ordenação de sacerdotes indígenas e o ingresso nas ordens religiosas se viram progressivamente dificultados. Na Índia, o clero brãmane, apesar de recrutado entre as castas mais elevadas, era mantido numa posição subalterna, como catequistas e auxiliares dos padres europeus. No México, por sua vez, ameríndios e negros jamais acediam ao sacerdócio.

Subalternizados eram, igualmente, os mestiços e os mulatos, produto da **miscigenação**. Os primeiros resultavam da ligação de europeus com asiáticos e ameríndios, enquanto os mulatos derivavam do cruzamento de brancos com negros¹.

Apesar de as coroas portuguesa e espanhola incentivarem as uniões interétnicas como meio de enraizamento da presença branca na Índia e na América, o facto é que, mal os jovens mestiços e mulatos cresciam e se mostravam concorrentes dos brancos no acesso a cargos e heranças, o preconceito racista ditava a discriminação.

¹ No Brasil, terra de grande diversidade étnica, distinguiam-se os mamelucos ou caboclos (da união de brancos com índios), os mulatos (da união de brancos com negros) e os cafuzos (da união de índios com negros).

5

As novas representações da Humanidade

O encontro de culturas e as dificuldades de aceitação do princípio da unidade do género humano

- O encontro de povos e culturas, suscitado pelas descobertas, decorreu com algumas dificuldades. A curiosidade europeia pelas fisionomias, pelas formas de ser e de pensar dos novos povos sempre coexistiu com as atitudes mais intolerantes dos Europeus, que chegaram a duvidar da humanidade do Outro, tantas vezes chacinado, escravizado, desrespeitado.
- Coube ao padre dominicano espanhol Bartolomeu de Las Casas protagonizar, no século XVI, a primeira manifestação de defesa dos direitos humanos, a propósito da escravização dos índios americanos, que veemente condenou.
- A dificuldade em compreender o Outro transparece do carácter que a *missionação* revestiu. O cristianismo foi, frequentemente, imposto pela força; no melhor dos casos, transformou-se em instrumento da aculturação dos valores europeus pelos povos africanos, asiáticos e ameríndios.
- A própria *miscigenação*, em que os Ibéricos foram pródigos, não trouxe uma fácil nem pacífica integração à imensa variedade de mestiços.

NITELAB/Pro Novo Editores

Síntese esquemática



- ALBUQUERQUE, Luís de, 1985 – *Os Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: Publicações Alfa.
- ALBUQUERQUE, Luís de (dir.), 1989 – *Portugal no Mundo*. Lisboa: Publicações Alfa, vol. 3.
- ARIÈS, Ph. e DUBY, G. (dir.), 1990 – *História da Vida Privada*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. 3.
- ASTON, Margaret, s/d – *O Século XV*. Lisboa: Editorial Verbo.
- ASTON, Margaret, (dir.) – *Panorame de la Renaissance*. Paris: Thames & Hudson.
- BARRETO, Luís Filipe, 1983 – *Descobrimentos e Renascimento, Formas de Ser e Pensar nos Séculos XV e XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- BETHENCOURT, Francisco e CHAUDHURI, Kirti, 1998 – *História da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. 2.
- BOORSTIN, Daniel J., 1987 – *Os Descobridores*. Lisboa: Editorial Gradiva.
- BOXER, C. R., s/d – *O Império Marítimo Português (1415-1825)*. Lisboa: Edições 70.
- COELHO, António Borges, 2006 – *Ruas e Gentes na Lisboa Quinhentista*. Lisboa: Edições Caminho.
- BURCKHARDT, Jacob, 1984 – *A Civilização do Renascimento Italiano*. Lisboa: Editorial Presença, 2.ª edição.
- CARPENTIER, J. e LEBRUN, F., 1993 – *História da Europa*. Lisboa: Ed. Estampa.
- CHAUNU, Pierre, 1993 – *O Tempo das Reformas (1250-1550) – II. A Reforma Protestante*. Lisboa: Edições 70.
- DELORME, Jean, s/d – *As Grandes Datas dos Tempos Modernos (1494-1789)*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- DELUMEAU, Jean, 1968 – *Naissance et Affirmation de la Réforme, "Nouvelle Clio"*. Paris: PUF.
- DELUMEAU, Jean, 1984 – *A Civilização do Renascimento*. Lisboa: Editorial Estampa, vols. I e II.
- Descobrimento do Brasil*, 1998. Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- DRESDEN, S., s/d – *O Humanismo no Renascimento*. Porto: Editorial Inova.
- FEBVRE, Lucien, 1976 – *Martinho Lutero – Um Destino*. Amadora: Livraria Bertrand.
- FERRO, Marc, 1996 – *História das Colonizações, das Conquistas às Independências – Séculos XIII-XX*. Lisboa: Ed. Estampa.
- FERRONHA, António Luís, 1992 – *As Cartas do "Rei" do Congo D. Afonso*. Lisboa: G.T.M.E.C.D.P..
- FRAGA, Maria Tereza, 1976 – *Humanismo e Experimentalismo na Cultura do Século XVI*. Coimbra: Livraria Almedina.
- FREITAS, G., 1975 – *900 Textos e Documentos de História*. Lisboa: Plátano Editora, vol. II.
- GARIN, Eugénio, 1983 – *O Renascimento – história de uma revolução cultural*. Porto: Livraria Telos Editora, 2.ª ed.
- GARIN, Eugénio, 1991 – *O Homem Renascentista*. Lisboa: Editorial Presença.
- GODINHO, Vitorino Magalhães, 1977 – *A Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Editorial Arcádia.
- GREEN, V. H. H., 1984 – *Renascimento e Reforma*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- História da Arte em Portugal*, 1993. Lisboa: Publicações Alfa, vols. 5 e 6.
- HUYGHE, René, 1967 – *Sens et Destin de l'Art – De l'art gothique au XXe siècle*. Paris: Ed. Flammarion, vol. 2.
- KRISTELLER, Paul, 1995 – *Tradição Clássica do Renascimento*. Lisboa: Edições 70.
- JANSON, H. W., 1989 – *História da Arte*. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian.

- Lisboa e os Descobrimentos, 1415-1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses*, dir. da ed. portuguesa: Carlos Araújo, 1992. Lisboa: Ed. Terramar.
- LIVET, G. e MOUSNIER, R. (dir.), 1996 – *História Geral da Europa*. Mem Martins: Publicações Europa-América, vol. II.
- MORINEAU, Michel, 1980 – *O Século XVI (1492-1610)*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- MATTOSO, José (dir.), 1993 – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 3.º vol..
- MEDINA, João (dir.), 1996 – *História de Portugal*. Amadora: Clube Internacional do Livro, vol. VI.
- Oceanos, números vários*, 1989-1999. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- OLIVEIRA MARQUES, A. H. de, 1997 – *História de Portugal*. Lisboa: Edições Presença, vol. I.
- PEREIRA, Paulo (dir.), 1995 – *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, vol. II.
- PIJOAN, J. (dir.), 1972 – *História da Arte*. Mem Martins: Publicações Europa-América/Alfa, vols. 5 e 6.
- Portugal na Abertura do Mundo*, 1994. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- SARAIVA, António José, 1960-62 – *História da Cultura em Portugal*. Lisboa: Jornal do Foro, vols. I e II.
- SARAIVA, António José, 1969 – *Inquisição e Cristãos-Novos*. Porto: Editorial Inova.
- SARAIVA, J. Hermano (dir.), 1983 – *História de Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, vol. 4.
- SARAIVA, J. Hermano (dir.), 1985 – *História Universal*. Lisboa: Publicações Alfa, vol. VI.
- SERRÃO, Joel e Oliveira Marques, A. H. de (dir.), 1998 – *Nova História de Portugal*. Lisboa: Ed. Presença, vol. V.
- SERRÃO, Joel (dir.), 1975 – *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Iniciativas Editoriais/Liv. Figueirinhas, 6 vols..
- Sevilha, Século XVI, De Colombo a D. Quixote, entre a Europa e as Américas – o coração e as riquezas do Mundo*. Dir. da Ed. Portuguesa: Carlos Araújo, 1993. Lisboa: Ed. Terramar.
- SILVA, Rodrigo Banha e GUINOTE, Paulo, 1998 – *O Quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos*. Lisboa: G.T.M.E.C.D.P..
- STAUFFER, Richard, s/d – *A Reforma (1517-1564)*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.
- VIDAL-NAQUET, P. e BERTIN, J., 1994 – *Atlas Histórico – Da Pré-História aos Nossos Dias*. Amadora: Lexicultura.

Muita da documentação apresentada resulta de traduções feitas pelas autoras a partir de obras estrangeiras e de sites da Internet.